



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – PPED
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA- SEMEC JACOBINA**

Ana Lúcia Gomes da Silva

**RELATÓRIO FINAL- ATIVIDADES DA PESQUISA EM PARCERIA UNEB\SEMEC
JACOBINA**

Salvador, março de 2021

SUMÁRIO

1.	Apresentação	4
2.	Relatório final de atividades da pesquisa “PROFISSÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO PIEMONTE DA DIAMANTINA: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas” e no Colégio Municipal de Jacobina (COMUJA)	4
3.	Apêndices	23
3.1.	Apêndice 1- Trabalhos e/ou publicações decorrentes da pesquisa.....	23
3.2.	Apêndice 2 – Participação em eventos acadêmico-científicos.....	31
3.3.	Apêndice 3 - Sumário do livro Profissão docente na Educação Básica no Piemonte da Diamantina: cartografias docente em construção	35
3.3.	Apêndice 4 –Cronograma dos Ateliês de pesquisa 2020	36
3.4.	Apêndice 5 -Termo de autorização institucional	37
3.5.	Apêndice 6 -Termo de compromisso da pesquisadora	38
3.6.	Apêndice 7 -Termo de consentimento livre e esclarecido	39
3.7.	Apêndice 8 – Painel interativo: Cartografias das práticas pedagógicas dos docentes da educação básica participantes da pesquisa	42
3.8.	Apêndice 8 -Termo de autorização instituição coparticipante	43
3.9.	Apêndice 10- Padlet - Síntese dos resultados da pesquisa profissão docente no Piemonte da Diamantina	43
4.	Anexos	44
4.1	Anexo 1 - Capa do livro Profissão docente na Educação Básica no Piemonte da Diamantina: cartografias docentes em construção	44
4.2	ANEXO 2 – Capa do livro Ateliê de Pesquisa: formação de professores/as pesquisadores/as e método de pesquisa em educação	45
4.3	Anexo 2 - Relatórios de Iniciação Científica vinculados ao Projeto PROFISSÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO PIEMONTE DA DIAMANTINA: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas	46

Apresentação

Este relatório técnico tem como objetivo apresentar de modo conciso os resultados referentes às atividades de pesquisa e formação docente, realizadas no Colégio Municipal de Jacobina, bairro da Félix Tomaz de junho a agosto de 2019, e de julho e agosto de 2020 realizados via *plataforma meet* em virtude da pandemia do Covid 19 ¹que assolou o mundo. através da parceria Universidade do Estado da Bahia – Uneb, do Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade (PPED)/ Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade do Departamento de Educação I, Grupos de Pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos (DIFEBA/Uneb), em parceria com o grupo Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica-DIVERSO/Uneb e Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Jacobina-SEMEC.

RELATÓRIO FINAL DAS ATIVIDADES DA PESQUISA EM PARCERIA UNEB\SEMEC JACOBINA

Nome: Ana Lúcia Gomes da Silva

Área: Educação

Período de realização das atividades: 2019-2020

Período total de realização da pesquisa: 2015-2020²

Instituição onde se realiza a atividade de pesquisa-intervenção: Colégio Municipal de Jacobina (COMUJA)

Título do Projeto de Pesquisa: PROFISSÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO PIEMONTE DA DIAMANTINA: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas.³

Coordenadora: Prof^a Ana Lúcia Gomes da Silva

Vice-coordenadora: Jane Adriana Pacheco Vasconcelos Rios

Bolsistas de Iniciação Científica (IC) – Fernando Macedo da Silva, Ádina Nunes Rios e Renata Saane de Souza Cruz.

Total de Bolsistas de Iniciação Científica (IC) ao longo da pesquisa: quadro 1

¹ O coronavírus apareceu pela primeira vez na China em 2019. Responsável pelo surgimento de uma infecção respiratória se espalhou por todo o mundo matando milhões de pessoas. A doença pode variar de uma simples gripe a sintomas muito graves, colocando a vida em risco e causando óbito. Para saber mais, consultar: <https://www.tuasaude.com/coronavirus/>. Acesso em 13.03.2021.

²

³ Os dados cultivados em campo serão disponibilizados para a produção de artigos, relatórios, observatório da profissão docente do Projeto maior, intitulado:

Ano/quantitativo de IC	Curso	Modalidade de bolsa
2015- 2016 - 02	História e Geografia	PICIN/UNEB
2016- 2017* - 03	Letras com Inglês, História e Letras Vernáculas.	CNPQ/PIBIC/AF, FAPESB/IC e PICIN-UNEB.
2017- 2018 - 01	Letras	Bolsista voluntário (1).
2018-2019** - 03	Letras Vernáculas e História.	FAPESB/IC e CNPQ/PIBIC/AF.
2019-2020 - 02	História e Letras Vernáculas.	FAPESB/IC
Total: (1) – Perdemos a bolsa Capes- saída pro pós- doc *Indicação prêmio Capes e entre os dez melhores da Uneb em CH. ** Prêmio Melhor IC- Fernando Macedo.		11

Fonte: Relatórios IC.

ANO	SUBPROJETO E AUTOR/A
2015- 2016	<p>TÍTULO:CARTOGRAFIA DA PROFISSÃO DOCENTE DO TERRITÓRIO DO PIEMONTE DA DIAMANTINA- JACOBINA- BA AUTOR: Jobison dos Reis Bispo.[Curso de Geografia]</p> <p>TÍTULO: A EDUCAÇÃO SEXUAL NO LIVRO DIDÁTICO DE BIOLOGIA. AUTOR: Elson Cerqueira da Silva Junior [Curso de História]</p>
2016- 2017*	<p>TÍTULO: EDUCAÇÃO SEXUAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: FORMAÇÃO EM EXERCÍCIO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM CONTEXTOS DE DIVERSIDADE. AUTOR: Fernando Macedo da Silva</p> <p>TÍTULO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO INCLUSIVO: DIVERSIDADES EM FOCO AUTORA: Taine da Silva Pereira [Curso de Letras com Inglês]</p> <p>TÍTULO: CARTOGRAFIA DA PROFISSÃO DOCENTE NA CIDADE DE JACOBINA-BA: práticas pedagógicas em contextos de diversidade* AUTOR: Jobison dos Reis Bispo.[Curso de Geografia]</p>

ANO	SUBPROJETO E AUTORA/A
2017-2018	IC Voluntário - Fernando Macedo da Silva (1)
2018-2019**	<p>TÍTULO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE JACOBINA – BA EM CONTEXTOS DE DIVERSIDADE: INTERSECCIONALIDADES E RECURSOS MULTIMÍDIAS**</p> <p>AUTOR: Fernando Macedo da Silva [Curso de Letra Vernáculas]</p> <p>TÍTULO: A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS SUJEITOS SURDOS</p> <p>AUTORA: Ádina Nunes Rios</p> <p>TÍTULO: INTERSECÇÃO DA IDENTIDADE DE GENERO E SEXUALIDADES DAS MULHERES DO CAMPO.</p> <p>AUTOR: Diego Silva Leite [Curso de História]</p>

ANO	SUBPROJETO E AUTORA/A
2019-2020	<p>TÍTULO: INTERSECCIONALIDADE ENTRE SURDEZ E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SURDA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE JACOBINA/BAHIA.</p> <p>AUTORA: Ádina Nunes Rios Silva [Curso de Letras Vernáculas]</p> <p>TÍTULO: GÊNERO E FORMAÇÃO DOCENTE: CARTOGRAFIAS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE HISTÓRIA EM CONTEXTOS DE DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DE JACOBINA-BA</p> <p>AUTORA: Renata Saane de Souza Cruz [Curso de História]</p>

Fonte: Relatórios IC.

1. Estágio de desenvolvimento das atividades de pesquisa.

A fase 3 da pesquisa foi a organização e escrita final do livro de autoria da professora-pesquisadora Ana Lúcia Gomes da Silva com os resultados da pesquisa [boneca]. Realização e análise dos dados para fechamento dos capítulos referente às cartografias docente através dos Ateliês de Pesquisa no colégio Comuja.

A primeira fase da pesquisa foi a elaboração e aplicação do questionário cujos objetivos foram: **Geral:** Diagnosticar como a profissão docente vem/tem se configurado/configurando no território de identidade do Piemonte da Diamantina, particularmente na cidade de Jacobina, na perspectiva dos dados estatísticos sobre a formação, o trabalho e a profissão.

Objetivos Específicos:

- Identificar os perfis profissiográficos dos docentes que atuam na Educação Básica na rede estadual e municipal da cidade de Jacobina, a fim de organizar um banco de dados com a caracterização do docente da EB na cidade de Jacobina.
- Levantar dados estatísticos sobre a profissão docente na Educação Básica no Piemonte da Diamantina, Jacobina- BA, para contribuir na criação do Observatório da profissão docente.

Foi solicitado a responder o questionário o total de 233 docentes da rede aptos para a amostra. Apenas 47 questionários foram respondidos completamente. No item "Tendência de respostas", que traz o panorama geral da pesquisa, aponta que 91 questionários foram acessados, mas não foram totalmente respondidos. Como amostra válida para a pesquisa científica, precisávamos de 179 questionários respondidos haja vista que a amostra definida foi a representativa, cujo percentual da população seria significativo. Alteramos para a amostra por conveniência em virtude do baixo retorno aos questionários, mas ainda assim, não obtivemos êxito, mesmo com toda a força-tarefa entre SEMEC e Difeba.

1. Trabalhos e/ou publicações decorrentes da pesquisa.

Vide Apêndices 01, 02.

2. Atividades realizadas no colégio parceiro - COMUJA

Realização dos Ateliês de Pesquisa nos Ciclos de formação de professores/as-pesquisadores/as no período de junho a agosto de 2019 e de julho e agosto de 2020 via plataforma *meet*. A prof^a Ana Lúcia Gomes da Silva participou como coordenadora geral

do “Ateliê de Pesquisa” no colégio parceiro e contou com a constante parceria da coordenação pedagógica, através da ação colaborativa da coordenadora Fábria Alves, também sujeito da pesquisa. As docentes participantes Jaqueline Valois e Marleide Medeiros, atuaram com os desdobramentos das pesquisas realizadas do mestrado em Educação e Diversidade. (MPED). O resultado do desdobramento da pesquisa de Marleide Medeiros está registrado no artigo intitulado: *Relações étnico-raciais e de gênero em debate nos Ateliês de Pesquisa*⁴.

3. (Re)invenções nas Práticas Pedagógicas

Elaboração e realização de Sequências didáticas com os temas da Interseccionalidades de gênero, raça e sexualidade;

Elaboração das narrativas com a experiência de uma prática pedagógica escolhida, leitura entre os pares; reescrita da versão 1;

4. Elaboração e socialização do *Painel Integrativo das cartografias das práticas pedagógicas em contexto de diversidade* as quais estão registradas e publicizadas no *Padlet*, produzidas por docentes da Educação Básica nos Ateliês de Pesquisa Online (2020), através dos subprojetos de pesquisa “Gênero e formação docente: cartografias da prática pedagógica do professor de História em contextos de diversidade na Educação Básica de Jacobina-BA” e “Interseccionalidade no entrelace da surdez e sexualidade: o experimento das cartografias corporais na Educação Básica de Jacobina/Bahia”, que integram a pesquisa “Profissão docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas” coordenada pela Prof^a Dr^a Ana Lúcia Gomes da Silva. Acesse pelo link. <https://pt-br.padlet.com/adinarios/c37520n28e10i86c> , Vide apêndice

5. Avaliação global da pesquisa pela pesquisadora

Avalio como bastante significativo, produtivo, formativo e auto formativo a realização da pesquisa através da parceria efetivada com a Secretaria Municipal de Educação de Jacobina – SEMEC, considerando as principais atividades e resultados elencados a seguir:

⁴Artigo de autoria de Marleide Medeiros, Vaneza Oliveira e Ana Lúcia Gomes da Silva, em avaliação pela *Revista Odeere*, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, com previsão de lançamento, se aprovado, até final de junho.

- Fortalecimento da pesquisa em rede para os Programas de Pós-graduação em Educação (PPED), com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e para a rede de ensino municipal, através da parceria firmada com a SEMEC e o colégio COMUJA;
- Relação interpessoal estabelecida com novos colegas, ampliando a rede de trabalho colaborativo e novas amizades que foram constituídas, as quais transcendem aos resultados específicos da pesquisa e das atividades acadêmicas.
- Pela articulação profícua entre o Grupo de Pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos - DIFEBA, cadastrado na Universidade do Estado da Bahia - UNEB, sob a coordenação da Prof^a Dr^a Ana Lúcia Gomes da Silva e prof^a Dr^a Juliana Cristina Salvadori, cujos resultados dessa articulação se concretizaram nas seguintes parcerias: Formação em exercício realizada na escola municipal Armando Xavier de Oliveira – EMAXO, como piloto no período de novembro de 2017 a maio de 2018 e no CUMUJA de junho a agosto de 2019, conforme descrição a seguir:

Os subprojetos de pesquisa “A Educação Inclusiva na construção da identidade dos Sujeitos Surdos” e “Prática pedagógica em contextos de diversidade: Interseccionalidades e recursos multimídias” submetidos ao edital 026/2018 de iniciação científica, fazem parte da pesquisa da Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Gomes da Silva, intitulada “Profissão docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas”, ambos associados ao grupo de Pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos – DIFEBA.

O objetivo geral do subprojeto acerca da educação inclusiva é, sobretudo, compreender quais as contribuições da prática pedagógica docente na construção da identidade dos sujeitos surdos na rede pública municipal de ensino de Jacobina/Bahia. E objetivos específicos: Identificar as ações voltadas à educação inclusiva adotadas nas escolas municipais, após observação no espaço escolar, numa perspectiva cartográfica; Realizar levantamento do contexto sociocultural dos alunos envolvidos na pesquisa e suas implicações na construção identitária dos estudantes; Mapear o quantitativo de docentes com conhecimento da LIBRAS e/ou formação específica para atender às demandas de estudantes surdos nas instituições municipais da sede da cidade de Jacobina; Realizar levantamento de material didático-

pedagógico para subsidiar o coletivo docente na elaboração de atividades específicas para a aprendizagem do estudante surdo.

Os objetivos centrais do subprojeto das práticas pedagógicas interseccionadas foram: mapear as práticas pedagógicas dos professores da Educação Básica de Jacobina no trato com a diversidade, com ênfase nas interseccionalidades de gênero, raça/etnia e sexualidades. Realizar levantamento e categorização de material multimídia para subsidiar as práticas dos professores/as.

O método adotado foi a pesquisa colaborativa haja vista que esta pressupõe a colaboração, autoria e coautoria entre pesquisadores e colaboradores. Como resultado foi produzido inventário de um quadro multimídias para subsidiar o trabalho com a diversidade em sala de aula. Utilizou-se o dispositivo Ateliês de Pesquisa, nos subprojetos e projeto maior, como espaço formativo e autoformativo e neles foi realizada a produção para aplicação de sequência didática interdisciplinar na sala de aula do ensino fundamental 2, a fim de ressignificar as práticas pedagógicas no cenário atual, considerando as pluralidades dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem.

O presente relatório tem, portanto, o objetivo de organizar e expor os resultados alcançados pelos subprojetos e pesquisa realizada no decorrer de 12 meses. Sendo organizado da seguinte forma: O primeiro tópico situa o território em que se insere o objeto de estudo; O segundo descreve o percurso metodológico desenvolvido no decorrer da pesquisa, expondo as especificidades do método e os recursos adotados para conhecer o objeto desta pesquisa, (ateliê de pesquisa e diários de bordo), além de apresentar o lócus e os colaboradores; Por fim, é feita a cartografia do território escolar habitado através dos Ateliês de Pesquisa, em reflexão com a teoria sistematizada na fase inicial.

1. PERCURSO METODOLÓGICO:

Para alcançar os objetivos elencados na introdução, esta pesquisa utilizou o método Cartográfico, segundo o que propõe a cartografia social que é vista como linguagem e que visa a uma “Cartografia da Realidade” (WOOD, 1978) e uma “Cartografia Social” (PAULSTON; LIEBMAN, 1994) na sociedade brasileira.

Desse modo, a cartografia social dialoga com o método cartográfico ao buscar compreender as práticas pedagógicas dos professores, seus desafios, limites e potencialidades, visto que essas práticas são elaboradas em contextos marcados pela produção de subjetividades

marcadas pelas relações e jogos de poder. Esse procedimento proposto caracteriza-se como uma configuração textual híbrida, semiótica, cujos sentidos vão sendo cartografados pelos sujeitos da pesquisa e pesquisadores(as) envolvidos(as). Para a cartografia social: “Com o resultado dessa interação é possível mapear conceitos sociais como: problemas ambientais, situação de conflitos, transporte escolar, trabalho, lazer, histórias de vida e entre outros”. (LIMA; COSTA, 2012, p. 85).

Nesse sentido, o mapa com abertura e produção situada num contexto de diversidade, cuja interação com o coletivo gera os significados construídos pelo grupo. Mapear o espaço vivido, produzir subjetividades, ao habitar o território escolar na segunda etapa da pesquisa. Território nessa concepção da cartografia é espaço de tensões, jogos de poder, de conflitos, um espaço heterogêneo, tensionado, em que não há fronteiras rígidas, pois tudo se constrói no processo.

Destarte, os dispositivos metodológicos utilizados em diálogo com o método cartográfico e com os objetivos desta pesquisa, foram os seguintes:

1. Revisão sistemática; [a revisão sistemática elaborada não consta neste relatório em virtude de seu limite de páginas. A referida revisão resultou em capítulo de livro publicado conforme consta no ANEXO nº 01 deste relatório
2. Ateliê de Pesquisa;
3. Diário de bordo.

1.1 PERCURSO INICIAL PARA A CONSTRUÇÃO DOS ATELIÊS DE PESQUISA:

Visando apresentar a proposta de elaboração dos Ciclos de Formação à uma instituição de ensino da educação básica do município de Jacobina, com o objetivo de obter adesão por parte da gestão, docentes e comunidade escolar, foi realizada reunião em 26 de outubro de 2018, na Escola Municipal Núbia Maria Mangabeira Guerra, localizada no bairro Jacobina III.

A escolha da escola se deu, por compreendermos que a citada instituição já havia sido mapeada pela pesquisa de conclusão de curso de Taine Pereira (2017), com dados sistematizados sobre as escolas que possuem alunos com deficiência, quantificando os atendimentos nas salas de recursos multifuncionais, de acordo com cada instituição. O primeiro contato com a escola e o corpo gestor foi permeado por desencontro de informações, pois a gestora não se encontrava na escola para a reunião e os coordenadores pedagógicos disseram não ter conhecimento da proposta e do intuito da reunião. Estavam presentes professores,

coordenadores, orientadora e bolsistas de iniciação científica responsáveis por seus respectivos subprojetos.

Em 13 de março de 2019, foi realizada reunião entre a orientadora do presente subprojeto de pesquisa, Ana Lúcia Gomes da Silva, bolsistas, o então secretário municipal de Educação, André Sampaio, e coordenadoras. Na oportunidade, foi definido que a proposta de elaboração dos *Ciclos de Formação sobre a Profissão Docente em contextos de Diversidade* seria apresentada ao corpo gestor do Colégio Gilberto Dias de Miranda – COMUJA.⁵

Em 20 de março de 2019, realizou-se reunião com coordenadoras pedagógicas da unidade escolar, professores, orientadora e bolsistas, onde foram apresentados o projeto guarda-chuva, “Profissão Docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas”, seguido pelos subprojetos de pesquisa “A Educação Inclusiva na construção da Identidade do sujeito Surdo” e “Prática pedagógica em contextos de diversidade: Interseccionalidades e recursos multimídias”. Na ocasião, estiveram presentes 11 docentes e 03 coordenadoras.

Os docentes, compreendendo a relevância e necessidade dos ciclos formativos e Ateliês de Pesquisa, sinalizaram aderência à proposta, que foi planejada/organizada de acordo com os horários de AC disponibilizados pela coordenação escolar, considerando a disponibilidade de tempo dos/as colaboradores/as. A construção do cronograma com as temáticas a serem abordadas se deu através das emergências apontadas pelos docentes, que sinalizaram quais temas eram de seu interesse dentro da perspectiva das diferenças. As temáticas mais sugeridas foram “Educação Inclusiva” e “Alfabetização e Letramento”, conforme quadro abaixo:

Figura 1 – Sinalização dos docentes sobre as temáticas de interesse:

TEMÁTICA SUGERIDA	QUANTIDADE
--------------------------	-------------------

⁵Atualmente faço parte pelo Difeba da equipe de pesquisadores/as em rede colaborativa com os projetos: “Ensino Superior e Escola Básica em rede colaborativa: a formação de professores em pauta”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG - EDITAL 001/2018 - DEMANDA UNIVERSAL” PROCESSO N.: APQ-02950-18-(prazo: 36 meses – 2018-2021), vinculado à Rede de Pesquisa sobre a Profissão Docente, composta pelas seguintes instituições: Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Universidade do Estado da Bahia,(UNEB) Campus Jacobina, através do Grupo de Pesquisa Diversidade, Formação Educação Básica e Discursos – DIFEBA –UNEB, cuja rede colaborativa foi firmada como resultado dos meus estudos de pós- doutoramento na UFTM de 2017-2018; “Profissão Docente na Educação Básica da Bahia” desenvolvida pelos grupos Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica - DIVERSO, e Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos – DIFEBA, ambos os grupos vinculados a Programas de Pós-graduação de uma instituição pública do estado da Bahia.

Alfabetização e Letramento	8
Educação Inclusiva	7
Formação de professores	1
Gênero/Sexualidade	1

Fonte: Autora (2019)

Em 03 de abril de 2019, realizou-se reunião para apresentação do cronograma à coordenação pedagógica, propondo que em cada encontro fosse discutida uma temática levantada pelos próprios docentes. Em 05 de junho foram iniciados os Ateliês de Pesquisa.

Figura 2 – Cronograma com temáticas dos ciclos:

CICLO	TEMÁTICA
1° e 2° 05/06 e 12/06	- Apresentação do cronograma de formação; - Metodologia dos ciclos; Tema: Formação na/com a Diversidade para uma escola inclusiva.
3° 03/07	Tema: Práticas Pedagógicas no contexto da diferença Formação Docente para a Diversidade: Outros sujeitos, outras práticas pedagógicas.
4° 10/07	Tema: Interseccionalidades de gênero, raça e sexualidade
5° 24/07	Tema: Multiletramentos e letramento científico na Educação Básica
6° 07/08	Tema: Relações étnico-racial
7° 14/08	Elaboração de Sequências Didáticas - Levando em consideração todos os temas debatidos;
8° 28/08	Tema: Docência e diversidade: cartografias em aberto Encerramento e avaliação

Fonte: Elaboração dos pesquisadores e colaboradores (2019).

Devido à necessidade e compromisso em elaborar o presente relatório Final de Pesquisa até a data de 15/08/2019, os resultados do último Ateliê, que realizado em 28/08, foram descritos nos resultados apresentados na Jornada de Iniciação Científica no mês de outubro em Salvador.

ATELIÊ DE PESQUISA⁶⁶: PROFISSÃO DOCENTE EM CONTEXTOS DE DIVERSIDADE CRONOGRAMA DE ATIVIDADES – 2020

⁶⁶ Os Ateliês de pesquisa serão realizados on line através da *plataforma meet*. Receberão o convite no e-mail e clicam em aceitar. Podem baixar a plataforma no computador de vocês. A CH total desta etapa será 60h, sendo assim distribuídas 24h formação online pelo Difeba, 28 horas dos Ateliês, 8h de escrita das narrativas e cartografias das práticas pedagógicas. Somadas com 50 horas do ano de 2019, perfaz o total de 110h.

CARGA HORÁRIA CURSADA NO 1º CICLO DE FORMAÇÃO:

Ateliês presenciais (09 encontros) = 27h

Produção dos diários de bordo = 3h

Produção e aplicação das sequências didáticas = 20h

Total: 50h

CARGA HORÁRIA CURSADA NA FORMAÇÃO DO DIFEBA:

29/04 – 4H

12/05 – 4H

27/05 – 4H

02/06 – 4H

16/06 – 4H

30/06 – 4H

Total de 06 encontros (online): 24h

CARGA HORÁRIA - 2º CICLO DE FORMAÇÃO:

01/07 – 4h (Formação tema 1)

08/07 – 4h (Socialização da escrita sobre tema 1)

15/07 – 4h (Formação tema 2)

22/07 – 4h (Socialização da escrita sobre tema 2)

29/07 – 4h (Formação tema 3)

05/08 – 4h (Socialização da escrita sobre tema 3/ Início da produção das cartografias online)

12/08 – 4h (Encerramento com apresentação das cartografias)

Total de 07 Ateliês (online): 28h

Produção escrita dos diários de bordo (tempo gasto fora dos ateliês) = 8h

CARGA HORÁRIA CURSADA NA FORMAÇÃO DO DIFEBA:

29/04 – 4H

12/05 – 4H

27/05 – 4H

02/06 – 4H

16/06 – 4H

30/06 – 4H

Total de 06 encontros (online): 24h

Total: 36h

Total geral: 110 horas.

1.2 O LÓCUS, A PESQUISA E OS COLABORADORES

Dessa forma, o lócus dos Ciclos de Formação foi o Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda, situado no bairro Félix Tomaz, em Jacobina, cidade localizada no território do Piemonte da Diamantina, interior da Bahia. A instituição é responsável pela educação básica, abrangendo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental I e II, e a Educação de Jovens e Adultos, funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno.

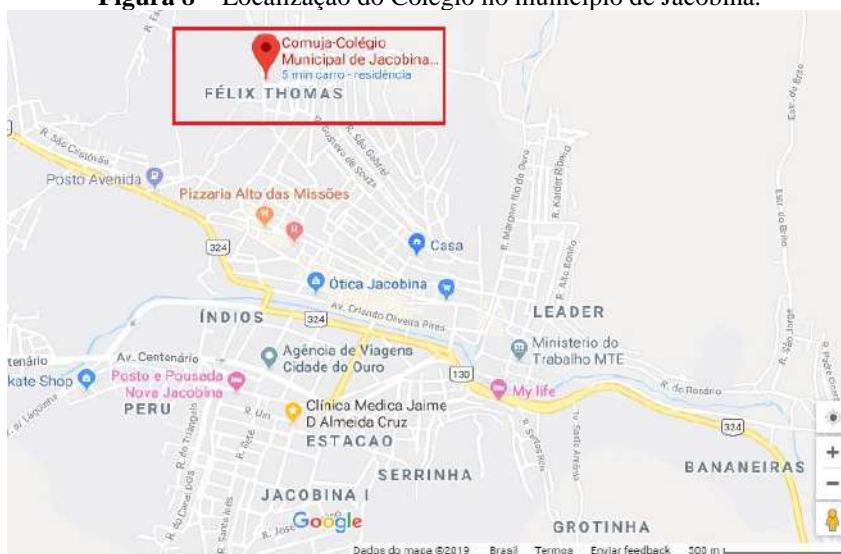
A seguir, apresentamos fotografias e a localização (através do recurso *google maps*) concernentes ao lócus de pesquisa:

Figura 7 – Imagem da entrada do Colégio.



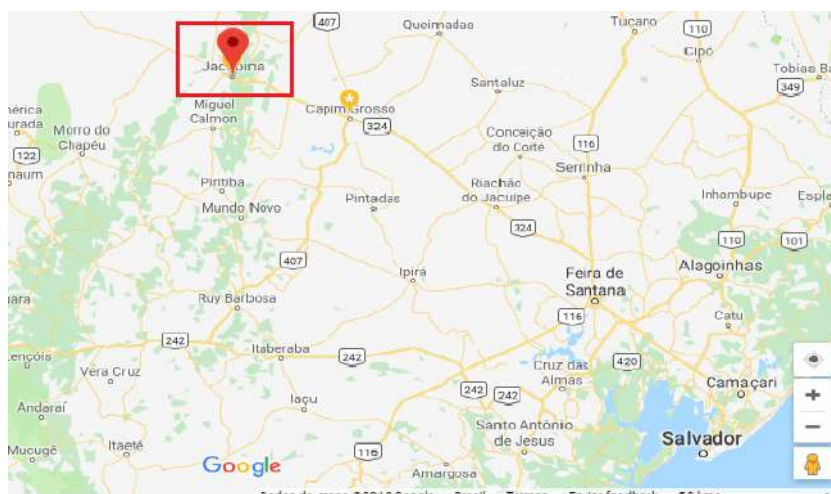
Fonte: Bahia Acontece (2019).

Figura 8 – Localização do Colégio no município de Jacobina.



Fonte: Google Maps (2019).

Figura 9 – Localização do município de Jacobina no estado da Bahia:



Fonte: Google Maps (2019).

Os critérios para a participação dos professores foram: aqueles que estivessem em regência de classe e desejassem colaborar por livre adesão. Dessa forma, inicialmente formou-se um grupo com 20 docentes interessados nos Ateliês de Pesquisa. Posteriormente, houve a participação de somente 09 colaboradoras, do sexo feminino, a saber: 01 docente do Fundamental I; 06 docentes do Fundamental II; 01 coordenadora pedagógica; 01 profissional atuante na administração escolar). Assim seguimos, compreendendo a disponibilidade e vontade dos docentes em participar. As colaboradoras serão apresentadas por nomes fictícios, por questões éticas de preservação de confidencialidade.

Figura 10 – Colaboradores/as da Pesquisa:

Nº	COLABORADOR/A (FUNDAMENTAL I e II)	FORMAÇÃO ACADÊMICA	DISCIPLINA DE ATUAÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA
01	Leidiane da Cruz Santos*	História	História/ Religião	Não informado
02	Gedna Cristiane Feitosa de S.	Letras Vern.	Artes/ Ed. Física	24 anos
03	Josiane Feitosa De S. Belém	História	História/Religião	24 anos
04	Orleane Oliveira Jambeiro	Letras c/ Ingles	Inglês/Artes	10 anos
05	Marleide Alves de O. Medeiros	História	História/Religião	25 anos
06	Cristiane M. de Jesus Agostinho	Geografia	Administração	-----
07	Iridiana Martins S. da Cruz Silva*	Não informada	Não informada	Não informado
08	Fábيا Alves		Coordenação	17 anos – coordenação, sendo 05 anos no Comuja e 24 anos na docência.
09	Jaqueline Valois Rios	Letras Vern.	Ciências	17 anos

* Não participaram do Ciclo de Formação em 2021. Fonte: Elaboração dos autores (2019).

As colaboradoras Marleide Medeiros e Jaqueline Valois Rios constituíram-se na pesquisa também como mediadoras, juntamente com os pesquisadores no 5º e 6º Ateliê, por isso, serão marcadas em determinados pontos do texto, em função de suas respectivas contribuições. Os “Ciclos de Formação” foram gestados como desdobramentos das pesquisas de mestrado de Marleide Medeiros, intitulada “Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Identidade: desafios e implicações nas Práticas pedagógicas”, concluída em 2018, investigou a efetivação da Lei 10.639/03 sobre a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e as implicações para as práticas pedagógicas, no Colégio Gilberto Dias Miranda (COMUJA), na cidade de Jacobina-Bahia e da pesquisa de autoria de Jaqueline Valois Rios, intitulada: “Textos no contexto de Ciências: letramento científico em pauta”. (2018). As pesquisas de mestrados em desdobramento após defesa encontram-se disponíveis no site do Programa. www.portal.uneb.br/mped e foram/estão sendo realizados de modo integrado em 2019 e 2020 com a pesquisa da Profª. Ana Lúcia Gomes da Silva, intitulada “Profissão docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas. Participaram também os bolsistas de Iniciação Científica (IC), Ádina Nunes, Fernando Macedo e 2020 também com a bolsista Renata Saane, que integrará a pesquisa, pois Fernando Macedo, já se graduou e estará na pesquisa como pesquisador colaborador.

Deste modo, a pesquisa guarda-chuva citada apresenta os dados emergentes dos subprojetos de iniciação científica cujos títulos são: “Práticas Pedagógicas na educação básica de Jacobina-Bahia em contextos de diversidade: interseccionalidades e recursos multimídias, de autoria de Fernando Macedo da Silva, “Intrereccionalidade entre surdez e sexualidade: um estudo sobre a construção da identidade surda na educação básica de Jacobina-BA”, de Ádina Nunes Rios Silva, e a pesquisa “Gênero e formação docente: cartografias da prática pedagógica do professor de história em contextos de diversidade na educação básica de Jacobina- BA”, de Renata Saane de Souza Cruz.

O objetivo central foi ampliar as ações em rede colaborativa, acerca da docência como profissão em contextos de diversidade e ainda aprofundar o uso do dispositivo Ateliês de Pesquisa e a temática étnico-racial como ação central das práticas pedagógicas; esta última, aqui compreendida como princípio formativo e epistêmico que interroga a docência e nos atravessa em nossos marcadores das diferenças, além de tomar a escola como lócus da formação, considerando as demandas do coletivo em todas as pesquisas aqui analisadas.

Salientarmos/elencamos ainda os principais benefícios da pesquisa, tendo em vista que ampliamos o escopo do objeto de estudo da profissão docente em Minas Gerais [Uberaba], com o pós-doc, com a pesquisa da qual participamos na equipe de pesquisadores/as, por entendermos que:

- Objeto de estudo - a profissão docente, está em consonância com os estudos dos grupos parceiros já citados, dialogando de modo consubstancial com os temas estudados, os quais se ocupam da área de formação de professores, com interesse nas temáticas de formação e trabalho docente e constituição da profissionalidade e identidade profissional do professor. Concebe à docência como prática social contextualizada envolvendo questões políticas, históricas e culturais, enfatizando as práticas como elementos basilares dos processos de ensino e de aprendizagem. Volta-se para as políticas e práticas escolares, atentando para as questões locais em conexão com as demandas globais e a *episteme* contemporânea da formação, tendo como questão central a problemática da profissionalização dos educadores para atuarem com as diversidades e singularidades socioeducativas e culturais da Educação Básica.

- Visa contribuir para o fortalecimento e fomento da rede de pesquisadores de distintas Instituições de Ensino Superior (IES) de regiões brasileiras em torno da temática da formação docente em ambos os Programas – Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade (PPED), Campus IV – Jacobina, o Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade- PPGeduc Uneb e o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFTM, cuja área de concentração, Formação de Professores, faz a interface com a área de concentração das instituições parceiras (IES e SEMEC), que é Diversidade e Profissionalização Docente. Ambas se dedicam ao desenvolvimento de pesquisas nos campos dos fundamentos e das metodologias educacionais, assim como das políticas, dos saberes e práticas educativas, da formação de professores e da identidade docente, visando à preparação profissional para atuarem com as diversidades e singularidades socioeducativas e culturais.

- Busca com a pesquisa em pauta, dar visibilidade e difundir o conhecimento produzido na área da profissão docente, ampliar experiências entre pesquisadores/as, fortalecer o intercâmbio entre Programas de Pós-graduação brasileiro e sua interface e compromisso social com a Educação Básica como prevê

a CAPES no seu Plano de Pós-graduação [2011- 2020] em consonância com a meta 16 do PNE (2014-2024) *qualificar a educação básica pela expansão dos Programas de Pós-Graduação stricto sensu na área da Educação.*

- Objetiva qualificar a formação de pesquisadores/as através da pesquisa em rede colaborativa, contribuindo para o fortalecimento da área da educação, considerando as orientações gerais do Plano Nacional de Educação (PNE), Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) e da Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação (ENCTI), as quais se encontram sintonizadas com vários diagnósticos relativos à sociedade brasileira, apontando para a necessidade de projetos comprometidos com a superação das desigualdades e assimetrias nos planos nacional e internacional. Para tanto, tais documentos delineiam um conjunto complexo de políticas de Estado, com metas ousadas para a década. Portanto, esta pesquisa se insere nesse contexto e visa dialogar com os desafios atuais e com as políticas e metas estabelecidas nos documentos referidos no que diz respeito à formação de novos profissionais, pesquisadores e técnicos para o conjunto do sistema educacional, de C&TI e para a sociedade de modo geral, em observância ao nosso compromisso na pós-graduação com a qualificação profissional dos docentes da educação Básica através da formação de mestres e doutores.

- Subsidiar com a pesquisa realizada a produção de conhecimento, contribuindo de modo ainda que pontual, na elaboração, implementação e avaliação das políticas educacionais e a elevação da qualidade da escola básica brasileira, em especial, da educação baiana e de algum modo da cidade mineira de Uberaba com os dados levantados, através da cartografia docente da Educação Básica de Jacobina-BA, e de Uberaba- MG, de modo a caracterizar a profissão, com os dados da pesquisa, conforme previsto no objetivo da pesquisa.

- Almeja-se também, que os resultados possam servir de referência para os estudos que se debruçam a compreender a problemática da profissão docente no âmbito da Educação Básica no Estado da Bahia, na cidade de Jacobina, escolhida como piloto da pesquisa, cujos dados serão materializados na pesquisa, na produção de uma cartografia da profissão docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina - cidade de Jacobina - BA, de modo a caracterizar a profissão e ainda contribuir para apontarmos as contribuições de uma ação parceria entre universidade e rede básica acerca das práticas pedagógicas refletidas e problematizadas, de modo

a contribuímos para ressignificarmos nossas práticas com intervenções gestadas pela demanda do coletivo da educação básica e da universidade.

- A pesquisa se revela relevante também pelo caráter original, pela lacuna existente quanto aos estudos sistematizados sobre a profissão docente na Bahia, em especial, em Jacobina no que tange à formação docente, o trabalho docente, o contexto da atuação docente na rede básica e universidade. Portanto, espera-se que os resultados advindos da pesquisa contribuam e preencham essa lacuna explicitada, as quais deverão ter ampliado/desdobrado seu escopo, para outros territórios de identidade do estado da Bahia e outras cidades mineiras.
- Publicação de livro resultante da pesquisa de pós-doc, intitulado :*Profissão docente na Educação Básica no Piemonte da Diamantina: cartografias docentes em construção* [Vide anexo 01 Capa e card do Lançamento a ser realizado dia 08.07.2021 19h no Canal do Youtube do Grupo Difeba.
- Publicação do livro resultante da pesquisa de pós-doc, intitulado *Ateliês de pesquisa: formação de professores/as-pesquisadores/as e métodos de pesquisa em educação*. [Aprovado em edital público 2019-2020- Vide anexo 02]
- Cartografia PROFISSÃO DOCENTE EM CONTEXTO DE DIVERSIDADE: Cartografias em aberto
- Síntese dos resultados da pesquisa profissão docente no Piemonte da Diamantina com ênfase no artigo intitulado: O MÉTODO CARTOGRÁFICO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: ATELIÊ DE PESQUISA COMO DISPOSITIVO FORMATIVO. Disponível em: <https://padlet.com/analucias12/9hi5yptqionw4t90>. Acesso em 06.06.2021. [Ver Apêndice 10]

6. Plano de Trabalho para 2020, na parceria UNEB /SEMEC.

- Apresentação do resultado parcial da pesquisa para equipe da SEMEC e COMUJA- docentes em geral, gestores/as, técnicos administrativos, representante discente e de pais, independente da parceria permanecer; [agendar melhor dia e horário para os parceiros envolvidos]. Local: Auditório do COMUJA [sugestão]
- Realizar os Ateliês de Pesquisa com os docentes do Ensino fundamental I e II com a participação efetiva dos coordenadores pedagógicos da escola parceira, a fim de acompanharem e subsidiarem os trabalhos encaminhados pelo coletivo e ampliar o número de docentes do fundamental I na pesquisa;

- Definir novo dia e horário de Atividade Complementar- AC destinada à realização dos Ateliês de pesquisa com 3h, de modo a assegurar a adesão dos 15 docentes que estavam na pesquisa-formação em 2020 e se possível, ampliar o grupo por livre adesão.

- Realizar de modo integrado nos *Ciclos de Formação* através dos Ateliês de Pesquisa, com os desdobramentos das pesquisas das mestras e docentes do Comuja Marleide Medeiros e Jaqueline Sena e /ou outros projetos de pesquisa de mestrados do Mped em articulação, assim como articular ao Pibid, caso tenha projeto na escola de modo a otimizar ações em prol das aprendizagens dos estudantes, considerando a formação docente em exercício;

- Outras atividades/demandas definidas pelo coletivo para implantar na escola que visem o fortalecimento das aprendizagens dos/as estudantes;

- Apresentar os resultados da pesquisa-intervenção em evento acadêmico-científico da área de educação e/ou do tema da pesquisa;

- Publicar em periódicos qualificados, coletânea com os resultados da pesquisa-narrativas das práticas pedagógicas cartografadas;

- Avaliação periódica das ações realizadas ou dificuldades e desafios encontrados, para redimensionamentos necessários.

Contrapartida SEMEC e UNEB/MPED/DIFEBA

- Subsidiar a formação docente na escola parceira, assegurando: Horário de Atividade Complementar destinado ao corpo docente com dia e carga horária previamente definida; [SEMEC e COMUJA];

- Divulgar amplamente as ações constantes no item 5 deste Relatório [Uneb e Semec];

- Apoiar a pesquisa através da compra de passagens aéreas nacionais e internacionais quando for apresentar os resultados da pesquisa em eventos acadêmico-científico da área de educação e/ou da temática da pesquisa, para pesquisador e bolsistas IC; [UNEB/MPED];

- Apoiar a pesquisa através da concessão de diárias quando a fim de apresentar os resultados da pesquisa em evento acadêmico-científico da área de educação e/ou da temática da pesquisa para pesquisador e bolsistas IC;

- Conceder material pedagógico, permanente e de consumo⁷ para a realização dos Ateliês de pesquisa [SEMEC e UNEB/MPED];
- Conceder lanche para os participantes da pesquisa no dia de realização do Ateliê de pesquisa. [SEMEC];
- Emitir certificado referente à formação docente como colaboradores da pesquisa para fins de gratificação [UNEB/MPED/DIFEBA];
- Viabilizar a apresentação da pesquisa numa sessão pública na Câmara de Vereadores [SEMEC/COMUJA];
- Passagens de ônibus para que a pesquisadora possa vir de Jacobina/Salvador e Salvador/Jacobina, realizar os Ateliês, de modo a viabilizar o andamento da pesquisa, caso o dia definido não seja o dia de trabalho na UNEB. [SEMEC]
- Organizar a biblioteca da escola e viabilizar acervos atuais, considerando o significado de uma biblioteca escolar e a faixa etária dos estudantes, os livros que subsidiem a pesquisa dos docentes nas diversas áreas do conhecimento, assegurando o funcionamento da mesma nos turnos de funcionamento da escola. [SEMEC].

Salvador, março de 2021



Ana Lúcia Gomes da Silva

Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia - Uneb.

Matrícula 74367305-1

⁷Caderno para o diário de bordo; lápis de cor, lápis de cera, papel metro [02 pacotes], caneta [20], pincel atômico[10], textos[cópias - xérox- quantidade conforme número de participantes], serviços gráficos, de impressão dos artigos a serem publicados, ofícios, impressão de certificados, tintas e pincéis para realizar a pintura das cartografias no muro da escola [definir as cores posteriormente com o grupo] etc. Material permanente: Máquina fotográfica profissional Grip de bateria para Câmera Fotográfica ; Notebook processador Core i5 2Ghz, Memória RAM, 4GB DDR, HD 500 GB;

APÊNDICES

Apêndice 1 - Trabalhos e/ou publicações decorrentes da pesquisa.

QUADRO DE ARTIGOS PUBLICADOS EM LIVROS, ANAIS E PERIÓDICOS NO PERÍODO DE ABRANGÊNCIA DA PESQUISA – 2016- 2020.

TÍTULO DO ARTIGO/CAPÍTULO/OBRA	AUTORES	NOME DA PUBLICAÇÃO	ANO	LOCAL E LINK DO ARTIGO, ISSN E ISBN
ARTIGO	Ana Lúcia Gomes da Silva, Elson Cerqueira da Silva Júnior, Roberto Santos Teixeira Filho	Cartografia da Profissão Docente de um município do Estado da Bahia: Cenas da educação sexual.	2016	Anais XVIII-Endipe, 2016, Cuiabá- MT. Didática e Prática de Ensino no contexto contemporâneo: cenas da educação brasileira, 2016. ISSN: 2177-336X https://www.ufmt.br/endipe2016/downloads/233_10360_37790.pdf
ARTIGO	Ana Lúcia Gomes da Silva, Jobison dos Reis Bispo, Roberto Santos Teixeira Filho	Cartografias da profissão docente do território de identidade do Piemonte da Diamantina do estado da Bahia: achados da pesquisa	2016	Anais XVIII-Endipe, 2016, Cuiabá- MT. Didática e Prática de Ensino no contexto contemporâneo: cenas da educação brasileira, 2016. ISSN: 2177-336X https://www.ufmt.br/endipe2016/downloads/233_10159_37121.pdf
ARTIGO	Ana Lúcia Gomes da Silva, Lucemberg Rosa de Oliveira, Fernando Macedo da Silva	Educação Sexual na Educação Básica: formação em exercício e práticas pedagógicas em contextos de diversidade.	2017	Anais: Com a diferença tecer a resistência: 3º Seminário Internacional Desfazendo Gênero.

				Campina Grande: Editora do CCTA, 2017. v. 1. p. 1-2946.
ARTIGO	Lucemberg Rosa de Oliveira, Ana Lúcia Gomes da Silva	Identidade de gênero na educação básica: convite como provocação e estímulo.	2017	PPGEduC/UNEB; DEDC – I/ UNEB/DIVE RSO, ISSN: 2446-5194
ARTIGO	Marleide Alves de Oliveira Medeiros, Ana Lúcia Gomes da Silva	Práticas pedagógicas, formação e o ensino da cultura afro-brasileira.	2017	PPGEduC/UNEB; DEDC – I/UNEB/DIVE RSO ISSN: 2446-5194
ARTIGO	Marleide Alves de Oliveira Medeiros, Ana Lúcia Gomes da Silva, Lucemberg Rosa de Oliveira	Mapeamento sistemático sobre feminicídio no Brasil (2015-2016)	2017	Editora Realize: V. 1, 2017, ISSN 2238-9008 http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA2_ID726_12072017_145857.pdf
ARTIGO	Lucemberg Rosa de Oliveira, Ana Lúcia Gomes da Silva, Marleide Alves de Oliveira Medeiros, Edilania de Paiva Silva.	Identidade de gênero e práticas pedagógicas: teias rizomáticas	2017	Editora Realize: V. 1, 2017, ISSN 2238-9008 http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA35_ID672_18062017151217.pdf
ARTIGO	Ana Lúcia Gomes da Silva, Ana Margarete Gomes da Silva, Fernando Macedo da Silva, Lucemberg Rosa de Oliveira.	Sexualidades enlaçadas no cotidiano da educação básica: estudantes em cena	2017	Editora Realize: V. 1, 2017, ISSN 2238-9008 Link do artigo nos Anais: http://www.editorarealize.com.br/revistas/e

				nlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA21_ID558_14062017113942.pdf
ARTIGO	Ana Lúcia Gomes da Silva, Taine Santos Pereira, Fernando Macedo da Silva.	Formação docente no território de identidade do Piemonte da Diamantina: diversidades em foco.	2017	Revista Profissão Docente Uniube-Uberaba MG.Qualis/Capes B3 Link do artigo completo: http://www.revistas.uniube.br/index.php/revista/articlos/view/fulltext/1128 ISSN: 1519-0919
ARTIGO	SILVA, A. L. G.; ARAUJO, Sandra. Regina, M. ; JESUS, Joselito Manoel.	Profissão Docente no Território de Identidade do Piemonte da Diamantina: Cartografias Iniciais	2017	Campinas- SP: Editora da Unicamp, 2017. v. 1. p. 1-600. ISSN – 22196854 http://anaisbr2017.redeestrado.org/trabalhos 6
ARTIGO	Ana Lúcia Gomes da Silva, Jobison dos Reis Bispo, Elson Cerqueira da Silva Junior	A Educação Sexual nos livros didáticos de Biologia	2017	Anais IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO IV CONGRESSO INTERNACIONAL

				<p>TRABALHO DOCENTE E PROCESSOS EDUCACIONAIS: DA POLÍTICA PÚBLICA EDUCACIONAL À DOCÊNCIA. Uberaba: Universidade de Uberaba, 2018. v. 1. p. 1-1006 https://www.uniube.br/eventos/epeduc/2017/arquivos/anais/Anais_IX_Epeduc_2017.pdf</p>
ARTIGO	Ana Lúcia Gomes da Silva, Jobison dos Reis Bispo, Elson Cerqueira da Silva Junior	Profissão docente na cidade de Jacobina-BA em contextos de diversidade	2017	<p>Anais IX ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO ... Uberaba: Universidade de Uberaba, 2018. v. 1. p. 1-1006 https://www.uniube.br/eventos/epeduc/2017/arquivos/anais/Anais_IX_Epeduc_2017.pdf</p>
ARTIGO	Ana Lúcia Gomes da Silva; Fernando Macedo da Silva; Elson Cerqueira da Silva Junior; Jobison dos Reis Bispo; Denise D. C. Sousa; Valdina G. Costa; Jedinei L. A. F. Freire	As interseccionalidades de gênero, raça- etnia e sexualidade na Educação Básica	2018	<p>Anais XIX Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino- ENDIPE., 2018, Salvador. Para onde vai a Didática? O enfrentamento às abordagens teóricas e desafios políticos da</p>

				atualidade. Salvador: Edufba, 2018. v. 1. p. 3-1143.
ARTIGO	Ana Lúcia Gomes da Silva, Váldina Gonçalves Costa	Formação de professores-pesquisadores: contribuições e implicações do método cartográfico para as pesquisas em educação	2018	Revista de Educação, Ciência e Cultura. Programa de Pós-graduação em Educação do Rio Grande do Sul. Canoas, RS: Editora UNILASALLE, 2018. Qualis Capes - B1 - Educação. B2 - Ensino.
ARTIGO	Ana Lúcia Gomes da Silva, Laís Oliveira Abreu, Ádina Nunes Rios, Diego Silva Leite e Fernando Macedo da Silva	Diálogos entre educação e diversidade: cartografias em aberto.	2019	Anais da IV Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação. Salvador(BA) UFBA, 2019. ISSN 2525-9571. https://www.ven3.com.br/anais/ivjorneduc/175252-dialogos-entre-educacao-e-diversidade--cartografias-em-aberto/
ARTIGO	Ana Lúcia Gomes da Silva	O método cartográfico na pesquisa em educação: ateliê de pesquisa como dispositivo formativo e auto formativo.	2019	Anais da IV Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação. Anais...Salvad

				or(BA) UFBA, 2019. https://www.ven3.com.br/anais/ivjorneduc/174807-O-METODO-CARTOGRAFICO-NA-PESQUISA-EM-EDUCACAO-ATELIE-DE-PESQUISA-COMO-DISPOSITIVO-FORMATIVO-E-AUTO-FORMATIVO
ARTIGO	Ana Lúcia Gomes da Silva, Ádina Nunes Rios, Renata Saane de Souza Cruz	A urgência de uma educação emancipatória: prática pedagógica em contextos de negação das diferenças	2019	Anais II SEMET, Brasil, jul. 2019. Disponível em: < http://conferencia.uneb.br/index.php/semet/SEMET/paper/view/327 >
ARTIGO	Ana Lúcia Gomes da Silva, Fernando Macedo da Silva, Diego Silva Leite	Profissão docente em contexto de diversidade: cartografias das pesquisas em gênero e sexualidade na Bahia;	2019	Nova Paideia : Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa Link : http://novapai.deia.org/ojs/ojs-2.4.8-3/index.php/RIEP/article/view/38/62
ARTIGO	Ana Lúcia Gomes da Silva, Ádina Nunes Rios, Fabrício Oliveira	Cartografia das produções sobre profissão docente em contextos de diversidade na Bahia	2021	SILVA, Ana Lúcia Gomes da; RIOS Ádina Nunes; DA SILVA, Fabrício Oliveira. Cartografia das produções sobre profissão docente em contextos de diversidade na

				Bahia. In: Revista de Estudos em Educação e Diversidade. v. 2, n. 3, p. 318-342. jan./mar. 2021. Disponível em: http://periodicos2.uesb.br/index.php/reed ISSN: 2675-6889. Acesso em 11 de abril, 2021.
ARTIGO	Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios Fabrício Oliveira da Silva; Ana Lúcia Gomes da Silva	Texto: Formação docente no ensino fundamental: interfaces com a diversidade. Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios, Fabrício Oliveira da Silva e Ana Lúcia Gomes da Silva In: RIOS, Jane Adriana V. Pacheco; SCHLINDWEIN, Luciane Maria. Educação Básica: Processos de Formação de Professores. Revista Faecba – Ed. E Contemp., Salvador, V. 29, N. 57, P. 109-124, Jan./Mar. 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.21879/faecba2358-0194.2020.v29.n57.p109-124 https://www.revistas.uneb.br/index.php/faecba/article/view/8273/5333	2020	Revista da FAEEBA Qualis - A 2
ARTIGO	Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios e Ana Lúcia Gomes da Silva	Profissão docente na Bahia: perfil sociodemográfico e cultural dos/as professores/as do ensino fundamental	2020	Revista Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) da PUCRS. (ISSN 1981-2582/0101-465X [em avaliação] Qualis/Capes A2
CAPÍTULO DE LIVRO	SILVA, Ana Lúcia Gomes da.; TEIXEIRA FILHO, Roberto. Santos.	Relações de gênero e geração: pistas de cartografias iniciais. In: Diferenças e desigualdades no cotidiano da educação básica.	2017	1 ed. Campinas SP: Mercado de Letras, 2017, v.1, p. 9-4- 101.
CAPÍTULO DE LIVRO	Ana Lúcia Gomes da Silva, Taine da Silva Pereira	Projeto Político Pedagógico das escolas com atendimento educacional especializado e a inclusão: a que será que se destina?	2018	Pesquisas e Práticas Educacionais Inclusivas. Osni Oliveira Noberto da

				Silva; Ricardo Franklin de Freitas Mussi; Juliana Cristina Salvadori. (Org.). 1ed.Goiânia: Kelps, 2018, v. 06, p. 123-148.
CAPÍTULO DE LIVRO	Ana Lúcia Gomes da Silva, Ádina Nunes Rios, Juliana Cristina Salvadori	Cartografias iniciais da prática pedagógica no processo de construção identitária do sujeito surdo	2019	Educação e direitos humanos. Série Ações afirmativas: Salvador: EDUNEB, 2019. v. 1. p. 81-110. ISBN: 978-85-7887-317-2
APRESENTAÇÃO/ PREFÁCIO REVISTA	Ana Lúcia Gomes da Silva COSTA, Váldina. Gonçalves.	Dossiê temático "Formação docente para a educação básica: Identidade docente e contextos de diversidade.	2017	Revista Profissão Docente Uberaba, v. 17, n.37, p.2-4, ago-dez., 2017. ISSN 1519-0919 Qualis B3
TOTAL DE ARTIGOS COMO CAP. LIVROS: 04		TOTAL DE ARTIGOS EM PERIÓDICOS: 07		
TOTAL GERAL: 26		TOTAL DE ARTIGOS EM ANAIS DE EVENTOS: 15		

Apêndice 2 – Participação em eventos acadêmico-científicos em diálogo com a pesquisa
Profissão docente

QUADRO DE IDENTIFICAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS [2017- 2020]

NOME DO EVENTO	AUTORES	NOME DA PUBLICAÇÃO	ANO	LINK DA PUBLICAÇÃO E ISSN Dado da LcoIdentificação EDITORA
V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades : Sexualidades e relações gênero: Produção e gestão do conhecimento	Marleide Alves de Oliveira Medeiros, Ana Lúcia Gomes da Silva, Lucemberg Rosa de Oliveira	Mapeamento sistemático sobre feminicídio no Brasil (2015-2016) de	2017	Editora Realize: V. 1, 2017, ISSN 2238-9008 Link do artigo nos Anais: http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_M D1_SA2_ID726_12072017145857.pdf
V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades : Sexualidades e relações gênero: Produção e gestão do conhecimento	Ana Lúcia Gomes da Silva, Ana Margarete Gomes da Silva, Fernando Macedo da Silva, Lucemberg Rosa de Oliveira	Sexualidades enlaçadas no cotidiano da educação básica: estudantes em cena	2017	Editora Realize: V. 1, 2017, ISSN 2238-9008 Link do artigo nos Anais: http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_M D1_SA21_ID558_14062017113942.pdf
V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades : Sexualidades e relações gênero: Produção e gestão do conhecimento	Lucemberg Rosa de Oliveira, Ana Lúcia Gomes da Silva, Marleide Alves de Oliveira Medeiros, Edilania de Paiva Silva.	Identidades de gênero e práticas pedagógicas: teias rizomáticas	2017	Editora Realize: V. 1, 2017, ISSN 2238-9008 Link do artigo nos Anais: http://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_M D1_SA35_ID672_18062017151217.pdf

I InterEdu: Seminário Perspectivas Interdisciplinares na educação, diálogos inovadores e compromisso social.	Ana Lúcia Gomes da Silva, Taine Santos Pereira, Fernando Macedo da Silva	Formação docente no território de identidade do Piemonte da Diamantina: Diversidades em foco	2017	Revista Profissão Docente Uniube-Uberaba MG. Link do artigo completo: http://www.revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/112 ISSN: 1519-0919
I Colóquio Internacional de Pesquisa Aplicada em Educação: diferentes olhares sobre abordagens metodológicas	Ana Lúcia Gomes da Silva	OUVINTE		
IX Encontro Brasileiro da Rede Latino-americana de Estudos sobre Trabalho Docente - REDESTRA DO - Trabalho docente no século XXI: conjuntura e construção de resistências	Ana Lúcia Gomes da Silva, Joselito Manoel de Jesus, Sandra Regina Magalhães de Araújo	Profissão Docente No Território De Identidade Do Piemonte Da Diamantina: Cartografias Iniciais	2017	Campinas- São Paulo: Editora da Unicamp, 2017. p. 1-600. ISSN – 22196854 http://anaibr2017.redeestrado.org/trabalhos
III Colóquio Educação e Diversidade na Educação Básica	MEDEIROS, M. A. O. ; SILVA, A. L. G.	PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, FORMAÇÃO E O ENSINO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA	2017	Eduneb, 2017. v. 1. p. 4-2156. Aguardando publicação
III Colóquio Educação e Diversidade na Educação Básica	OLIVEIRA ., L. R. ; SILVA, A. L. G.	IDENTIDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONVITE COMO PROVOCAÇÃO E ESTÍMULO	2017	Eduneb, 2017. v. 1. p. 4-2156. Aguardando publicação
III Seminário Internacional Desfazendo Gênero	Ana Lúcia Gomes da Silva	Educação sexual na educação básica: formação em exercício e práticas pedagógicas em contextos de diversidades	2018	Aguardando publicação
III Seminário Internacional Desfazendo Gênero	Lucemberg Rosa de Oliveira, Ana Lúcia Gomes da Silva	Identidade/performatividade de gênero na formação de professores: cartografias iniciais de experiências coletivas	2018	Aguardando publicação

Perspectivas interdisciplinares na educação: diálogos inovadores	Lucemberg Rosa de Oliveira e Ana Lúcia Gomes da Silva.	Identidade de gênero e práticas pedagógicas: tecendo diálogos sobre teoria e prática numa abordagem interdisciplinar.	2017	Aguardando publicação
X Encontro Internacional de Formação de Professores/ 11 Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional	SANTANA, C. C. M. ; SILVA, A. L. G.	FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA: CARTOGRAFANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA.		Editora da UT, 2017. v. 1. p. 2-534. Aguardando publicação
XX Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR)	OLIVEIRA, A. E. F. ; SILVA, A. L. G.	Práticas discursivas docentes sobre as performances de gênero no contexto escolar.	2018	São Paulo: Síntese Eventos, 2018. p. 1-13.
XX Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR)	ABREU, L. O. ; SILVA, A. L. G.	O papel da escola no enfrentamento da violência sexual infantil: pedagogias feministas e igualdade de gênero	2018	
XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPED (2018)	OLIVEIRA ., L. R. ; SILVA, A. L. G.	GÊNERO E EDUCAÇÃO: DEVIRES CARTOGRÁFICOS.	2018	
ANAIS DO XIX ENDIPE - PARA ONDE VAI	SILVA, A. L. G.; COSTA, V. G. ; BISPO, J. R. ; SILVA, F. M. ; SILVA JUNIOR, E. C. ; FREIRE, J. L. A. F. ; SOUSA, D. D. C.	A interseccionalidade de raça/etnia , gênero e sexualidade na Educação Básica.	2018	EDUFBA, 2018. v. 1.

A DIDÁTICA?				
IX ENCONTR O DE PESQUISA EM EDUCAÇÃ O IV CONGRESS O INTERNAC IONAL TRABALH O DOCENTE E PROCESSO S EDUCACIO NAIS: DA POLÍTICA PÚBLICA EDUCACIO NAL À DOCÊNCIA	SILVA JUNIOR, E. C. ; SILVA, A. L. G. ; BISPO, J. R.	A EDUCAÇÃO SEXUAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA	2018	v. 1. p. 1-1006.
IX ENCONTR O DE PESQUISA EM EDUCAÇÃ O IV CONGRESS O INTERNAC IONAIL	SILVA, A. L. G.; SANTANA, C. C. M. ; COSTA, V. G. .	A formação continuada de professores de matemática: cartografias das práticas pedagógicas do trabalho docente.	2018	2018. v. 1. p. 1- 1006.
IV Jornada Ibero- Americana de Pesquisas em Políticas Educacionai s e Experiências Interdiscipli nares na Educação	SILVA, A. L. G.	O método cartográfico na pesquisa em educação: ateliê de pesquisa como dispositivo formativo e auto formativo.	2019	v. 4. p. 451-463.
IV Jornada Ibero- Americana de Pesquisas em Políticas Educacionai s e Experiências Interdiscipli	RIOS, Ádina Nunes. SILVA, Ana Lúcia Gomes. LEITE, Diego Silva. SILVA, Fernando acedo. ABREU, Laís Oliveira.	DIÁLOGOS ENTRE EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: CARTOGRAFIAS EM ABERTO	2019	Disponível em: https://www.eventos.cnpq.br/anais/ivjorneduc/175252-dialogos-entre-educacao-e-diversidade--cartografias-em-aberto/

Apêndice 3 - Sumário do livro Profissão docente na Educação Básica no Piemonte da Diamantina: cartografias docentes em construção

PREFÁCIO - Profª Váldina G da Costa

APRESENTAÇÃO - Profª Jane Adriana V. P. Rios

INTRODUÇÃO - SOBRE VEREDAS E BIFURCAÇÕES

PRIMEIRA VEREDA - PROFISSÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA

1.1 A formação docente no contexto baiano: breve panorama

1.2 Profissão docente na Educação Básica no Piemonte da Diamantina

2.2.1 Ateliê de pesquisa como dispositivo de construção dos dados: passo a passo teórico-metodológico

2. SEGUNDA VEREDA - CARTOGRAFIA COMO CAMPO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO:
ALGUMAS PISTAS DAS ABORDAGENS TEÓRICAS

2.1 Abordagens metodológicas de Cartografia: revisão sistemática na área das Ciências Humanas, Sociais e Educação.

2.2 Cartografia como método na pesquisa em educação: pistas que orientam a emergência da experiência no território e a análise no percurso da investigação

3. TERCEIRA VEREDA - PERFIL PROFISSIOGRÁFICO DOS DOCENTES DE UBERABA/MG E JACOBINA/BA: APROXIMAÇÕES AFASTAMENTOS

3.1 Profissão docente: perfil profissiográfico dos docentes de Uberaba/MG e Jacobina/BA

CONSIDERAÇÕES FINAIS: Cartografias utopia-esperança no território habitado em Jacobina – BA

REFERÊNCIAS

Apêndice 4 – Cronograma dos Ateliês de pesquisa 2020



**ATELIÊ DE PESQUISA: PROFISSÃO DOCENTE EM CONTEXTOS DE DIVERSIDADE
CRONOGRAMA DE ATIVIDADES – 2020**

01/07 4h	Tema 1: A formação docente e as intersecções dos sujeitos surdos na sala de aula *Solicitar a produção de narrativa no diário de bordo sobre o tema discutido para 08/07.	Mediação: Ádina Rios	Texto: Gênero e Sexualidade: temas silenciados na Escola Para Alunos Surdos? - Márcia Beatriz Cerutti Müller; Maria Angela Mattar Yunes; Denise Regina Quaresma da Silva. Link: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1517919970_ARQUIVO_GENEROESEXUALIDADETEMASILENCIADOSNAESCOLAPARAALUNOSSURDOS.pdf Vídeo: [definir]
08/07 4h	Socialização da escrita e cartografia sobre tema 1. Escrita das narrativas com questões norteadoras;	Docentes envolvidos	Escrita individual e postagem na plataforma para leitura entre pares.
15/07 4h	Tema 2: Formação docente e a abordagem de gênero na educação básica *Solicitar a produção de narrativa cartográfica no diário de bordo sobre o tema discutido para 22/07.	Mediação: Renata Saane.	Texto: Gênero na sala de aula: a questão do desempenho escolar. Marília Pinto de Carvalho. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria. (orgs). <i>Multiculturalismo: diferenças e práticas pedagógicas</i> . Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 90-124.
22/07 4h	Socialização da escrita sobre tema 2. Escrita das narrativas com questões norteadoras;	Docentes envolvidos	Escrita individual e postagem na plataforma para leitura entre pares.
29/07 4h	Tema 3: Educação e Diversidade: cartografias em aberto *Solicitar a produção de narrativa cartográfica no diário de bordo sobre o tema discutido para 05/08.	Mediação: Ana Lúcia	Texto: Formação docente no ensino fundamental: interfaces com a diversidade. Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios, Fabrício Oliveira da Silva e Ana Lúcia Gomes da Silva In: RIOS, Jane Adriana V. Pacheco; SCHLINDWEIN, Luciane Maria. Educação Básica: Processos de Formação de Professores. Revista Faeeba – Ed. E Contemp., Salvador, V. 29, N. 57, P. 109-124, Jan./Mar. 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.21879/faeaba2358-0194.2020.v29.n57.p109-124 https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/8273/5333
05/08 4h	Socialização da escrita sobre tema 3 Início da produção das cartografias online;	Mediação: O coletivo	Textos das docentes e das bolsistas de IC
12/08 4h	Encerramento: Apresentação das cartografias.	Mediação: O coletivo	Cartografias das docentes e das bolsistas de IC

**Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH IV – Jacobina
Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda**

**ATELIÊ DE PESQUISA⁸: PROFISSÃO DOCENTE EM CONTEXTOS DE DIVERSIDADE
CRONOGRAMA DE ATIVIDADES – 2020**

CARGA HORÁRIA CURSADA NO 1º CICLO DE FORMAÇÃO:

Ateliês presenciais (09 encontros) = 27h

⁸⁸ Os Ateliês de pesquisa serão realizados on line através da plataforma meet. Receberão o convite no e-mail. A CH total desta etapa será 60h, sendo assim distribuídas 24h formação online pelo Difeba, 28 horas dos Ateliês, 8h de escrita das narrativas e cartografias das práticas pedagógicas. Somadas com 50 horas do ano de 2019, perfaz o total de 110h.

Produção dos diários de bordo = 3h
Produção e aplicação das sequências didáticas = 20h
Total: 50h

CARGA HORÁRIA CURSADA NA FORMAÇÃO DO DIFEBA:

29/04 – 4H
12/05 – 4H
27/05 – 4H
02/06 – 4H
16/06 – 4H
30/06 – 4H
Total de 06 encontros (online): 24h

CARGA HORÁRIA - 2º CICLO DE FORMAÇÃO:

01/07 – 4h (Formação tema 1)
08/07 – 4h (Socialização da escrita sobre tema 1)
15/07 – 4h (Formação tema 2)
22/07 – 4h (Socialização da escrita sobre tema 2)
29/07 – 4h (Formação tema 3)
05/08 – 4h (Socialização da escrita sobre tema 3/ Início da produção das cartografias online)
12/08 – 4h (Encerramento com apresentação das cartografias)

Total de 07 Ateliês (online): 28h
Produção escrita dos diários de bordo (tempo gasto fora dos ateliês) = 8h
Total: 36h

CARGA HORÁRIA TOTAL DOS CERTIFICADOS = 110h

Apêndice 5 - Termo de autorização institucional

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Autorizo o (a) pesquisador (a) Ana Lúcia Gomes da Silva a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado “Profissão docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas”, coordenado pela profª Dr. Ana Lúcia Gomes da Silva o qual será realizado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos.

Declaro estar ciente que a instituição proponente é responsável pela atividade de pesquisa proposta e que será executada pelos seus pesquisadores/as, além de dispormos da infraestrutura necessária para garantir o resguardo e bem-estar dos participantes da pesquisa.

Jacobina,de.....de 20.....

.....
Assinatura e carimbo do responsável institucional

Apêndice 6 - Termo de compromisso da pesquisadora



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA HUMANAS – CAMPUS IV - JACOBINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE (MPED)**

TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Eu, **Ana Lúcia Gomes da Silva**, declaro estar ciente das normas e resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos e que o projeto “Profissão docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas”, no município de Jacobina-BA, sob minha responsabilidade será desenvolvido em conformidade com a Resolução 510/16, do Conselho Nacional de Saúde, respeitando a autonomia do indivíduo, a beneficência, a não maleficência, a justiça e equidade. Garantindo assim o zelo das informações e o total respeito aos indivíduos pesquisados. Ainda, nestes termos, assumo o compromisso de:

- Apresentar os relatórios e/ou esclarecimentos que forem solicitados pelo Comitê de Ética (CEP) da Universidade do Estado da Bahia;
- Tornar os resultados desta pesquisa públicos seja eles favoráveis ou não;
- Comunicar ao CEP/UNEB qualquer alteração no projeto de pesquisa em forma de relatório, comunicação protocolada ou alterações encaminhadas via Plataforma Brasil.
- Reconduzir a pesquisa ao CEP/UNEB após o seu término para obter autorização de publicação.

Jacobina, 16 de novembro de 2017.

Ana Lúcia Gomes da Silva

Pesquisadora Responsável

Apêndice 7 - Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA OU LEGAL RESPONSÁVEIS

1. Dados de Identificação

Nome do (a) Participante:

Documento de Identidade Nº :..... Sexo: () M () F

Data de Nascimento:...../...../.....

Endereço:.....Nº:.....Apto:.....

Bairro:.....Cidade:.....

CEP:.....Telefone:.....

II – DADOS SOBRE A PESQUISA

Título Pesquisa: “Profissão docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas”.

Pesquisador: Ana Lúcia Gomes da Silva

Documento de Identidade Nº: 2422980060 Sexo: () M (X) F

Cargo/Função: Pesquisador e líder do Grupo de Pesquisa DIFEBA

Departamento: DCH-IV (Departamento de Ciências Humanas IV – Jacobina) da UNEB (Universidade Estadual da Bahia)

1. Avaliação de Risco da Pesquisa

() Sem Risco (x) Risco Mínimo () Risco Médio

() Risco Baixo () Risco Maior

(Probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo.

2. Duração da Pesquisa: 02 anos [2018-2020]

III – REGISTRO DAS EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO SUJEITO DA PESQUISA OU SEU REPRESENTANTE LEGAL SOBRE A PESQUISA, CONSIGNANDO:

1. Justificativa:

A experiência como docente tem apontado que alguns entraves se fazem presentes no contexto do tema de pesquisa, considerando: ausência de formação docente, falta de material adequado, ausência de tempo disponível para a formação em exercício na própria escola, tomando a escola como lócus significativo para a formação, desconhecimento ou desatualização que pressupõem discutir a problemática em sala de aula acerca das práticas pedagógicas em contexto de diversidade. Estes fatos além de me inquietar como pesquisadora e professora formadora de professores observo pelos discursos, nas reuniões de planejamento nas jornadas pedagógicas, nos

diálogos com os gestores/as, entre outros espaços formativos, que os debates sobre a profissão docente em contextos de diversidade não estão sendo realizados conforme sua amplitude, necessidade fundante e em caráter permanente na formação docente. Esta amplitude diz respeito à capacidade que esta instituição tem de fomentar diálogos que estimulem o pensamento crítico, engajando ações que subvertam o preconceito contra aqueles tidos como “diferentes” segundo a lógica de uma sociedade heteronormativa, sexista e patriarcal, além do exercício da reflexividade sobre a nossa prática pedagógica junto ao coletivo, buscando intervenções que nos possibilite contribuir para transformar a realidade investigada como ponto de partida-chegada.

2. Objetivos da pesquisa:

2.1 - OBJETIVO PRIMÁRIO

Diagnosticar como a profissão docente vem/tem se configurado/configurando no território de identidade do Piemonte da Diamantina, particularmente na cidade de Jacobina, na perspectiva dos dados estatísticos sobre a formação, o trabalho e a profissão.

2.2 OBJETIVOS SECUNDÁRIOS

- Identificar os perfis profissiográficos dos docentes que atuam na Educação Básica na rede estadual e municipal da cidade de Jacobina, a fim de organizar um banco de dados com a caracterização do docente da EB na cidade de Jacobina.
- Levantar dados estatísticos sobre a profissão docente na Educação Básica no Piemonte da Diamantina, Jacobina- BA, para contribuir na criação do Observatório da profissão docente.
- Mapear o nível (da profissão/) da formação escolar/acadêmica dos docentes que atuam na Educação Básica da cidade de Jacobina por meio dos bancos de dados do questionário on-line aplicado;
- Mapear estatisticamente a presença das interseccionalidades de gênero, sexualidades e raça/etnia nos documentos de Orientação Curricular estadual e municipal, além dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas estaduais e municipais da cidade de Jacobina- BA;
- Produzir uma cartografia da profissão docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina- cidade de Jacobina- BA, de modo a caracterizar a profissão;
- Contribuir na construção do memorial de práticas docentes do território do Piemonte da Diamantina, a partir das narrativas e dos acervos e documentos didático-pedagógicos identificados/ utilizados pelos docentes cotidianamente.

3. Dispositivos de pesquisa:

- a. Questionário online
- b. Diário de bordo;
- c. Ateliê de pesquisa.

4. Desconfortos e riscos esperados;

O pesquisador salienta a possibilidade de identificação e mal-estar com a temática em decorrência de valores, crenças e ideologias provenientes da frequência das Instituições sociais que não dialogam com o objeto em questão, e que pode causar desconforto.

Exposição na escola em que atua em decorrência da identificação na pesquisa

5. Benefícios que poderão ser obtidos para o sujeito da pesquisa e/ou coletividade;

A pesquisadora compreende que a participação dos docentes, gestores, representantes discente, de pais na pesquisa, oportuniza discutir, debater, maturar os conhecimentos com base na apresentação dos estudos realizados no coletivo e da interação entre participantes bem como a construção de um resultado/produto coletivo em decorrência da pesquisa. A pesquisa se revela relevante e com caráter original pela lacuna existente quanto aos estudos sistematizados sobre a profissão docente na Bahia, em especial, no que tange à formação docente, o trabalho docente, o contexto da atuação docente no cenário da diversidade. Portanto, espera-se que os resultados advindos da pesquisa contribuam e preencham essa lacuna explicitada.

Almeja-se também, que os resultados possam servir de referência para os estudos que se debruçam a compreender a problemática da profissão docente no âmbito da Educação Básica no Estado da Bahia, no território de identidade escolhido e justificado neste projeto de pesquisa, os quais serão materializados na produção de uma cartografia da profissão docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina - cidade de Jacobina - BA, de modo a caracterizar a profissão e ainda contribuir para a construção do Observatório da Educação Básica na Bahia, através da pesquisa mais ampla “Profissão docente na Educação Básica da Bahia”. Além disso, dentre os principais benefícios da pesquisa destacamos também:

Contribuir para o desenvolvimento profissional docente.

Contribuir para a melhoria da atuação em sala de aula considerando as reflexões sobre as práticas pedagógicas ao longo da participação na pesquisa.

Contribuir para intervir pedagogicamente na realidade pesquisada tendo a mesma como ponto de partida-chegada, junto com o coletivo.

Subsidiar a gestão pública da secretaria de educação e da escola parceira quanto aos dados levantados, categorizados, analisados e apresentados como resultado da pesquisa acerca da profissão docente, sobretudo no tocante as políticas públicas de formação docente em contexto de diversidade.

IV – ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS DO SUJEITO DA PESQUISA

1. Acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas (fornecer endereço e telefone para contatos do(s) pesquisador(es) e do Comitê de Ética.
2. Liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e de deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo à continuidade da assistência;
3. Salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade;

V – OBSERVAÇÕES COMPLEMENTARES:

.....
.....
.....

VI- CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após convenientemente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa.

Jacobina – BA, _____ de _____ de _____.

Assinatura dos(o) participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora.

Assinatura da gestora da escola

Apêndice 8 – Painel interativo: Cartografias das práticas pedagógicas dos docentes da educação básica participantes da pesquisa

Painel interativo

Painel composto por cartografias da prática pedagógica em contextos de diversidade e, produzidas por docentes da Educação Básica nos Ateliês de Pesquisa Online (2020), através dos subprojetos de pesquisa: "Gênero e formação docente: cartografias da prática pedagógica do professor de História em contextos de diversidade na Educação Básica de Jacobina-BA" e "Intersecção na idade e no entrelace da surdez e sexualidade: o experimento das cartografias corporais na Educação Básica de Jacobina/Bahia", que integram a pesquisa "Profissão docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas" coordenada pela Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Gomes da Silva.

Cartografia dos afetos – a arte de narrar de si para alcançar o outro

No dia primeiro de julho de 2020 demos início ao projeto Ciclos de Formação, da Universidade do Estado da Bahia. Estudamos textos diversos que compreendem o universo da diversidade, deficiência, gênero, sexualidade, entre outros temas de necessária e urgente discussão, para reflexão do ato de ser docente. De início o que se imagina de um grupo de estudos – são pessoas reunidas

Cartografia da 2ª etapa dos Ateliês de Pesquisa:
Autora: Jaqueline Sena.

Cartografia da 2ª etapa dos Ateliês de Pesquisa:
Autora: Fábria Alves.

Cartografia da 2ª etapa dos Ateliês de Pesquisa:
Autora: Marleide Medeiros.

Nuvem de Palavras
Autora: Cecília

Ciclos de Formação:
Narrativa – Jaqueline Sena

formação acolhimento respeito

Cartografia da 2ª etapa dos

Fonte: <https://pt-br.padlet.com/adinarios/c37520n28e10i86c>. Acesso em: 06 de junho, 2021.

Apêndice 9 - Termo de autorização instituição coparticipante



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE – PPED
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA- SEMEC JACOBINA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE

Eu, André Luiz Mota Sampaio, Secretário de Educação do município de Jacobina, estou ciente e autorizo a realização da pesquisa **PROFISSÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DA BAHIA**, sob coordenação das Professoras Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios e Ana Lúcia Gomes da Silva. Declaro conhecer as normas e resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos, em especial a Resolução CNS 196/96, e estar ciente das coresponsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa bem como do compromisso da segurança e bem estar dos sujeitos de pesquisa.

Jacobina (BA), _____ de _____ de 2017.

André Luiz Mota Sampaio Secretário Municipal de Educação e Cultura

Apêndice 10- Padlet - Síntese dos resultados da pesquisa profissão docente no Piemonte da Diamantina

PROFISSÃO DOCENTE EM CONTEXTO DE DIVERSIDADE: Cartografias em aberto
Síntese dos resultados da pesquisa profissão docente no Piemonte da Diamantina com ênfase no artigo intitulado: O MÉTODO CARTOGRÁFICO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO: ATELIE DE PESQUISA COMO DISPOSITIVO FORMATIVO.

- Experiência pedagógica**
- PRIMEIRA PAISAGEM -** Conceitos aprendidos e ressignificados na minha profissionalidade - Paisagens - territórios:
- TERCEIRA PAISAGEM -** a universidade e as minhas formas-professoralidade: uno no diverso. Itinerância na Universidade: professora que forma professores/as
- A ESCOLA**
TERRITÓRIO EXISTENCIAL
- QUE CAMINHOS TOMAMOS NESTES DESLOCAMENTOS?** Leitora de mundo, de ouvido, líia para além da decodificação das palavras! Ela fazia a leitura da palavravmundo, como assinala a premissa freireiana, A etno-pesquisa me representa
- Habitar outro território e desterritorializar-se**
Jacobina-BA
- SEGUNDA PAISAGEM**
• A ESCOLA E SEUS DEVIRES QUE TRANSBORDAM NO/EM: ESCREVER, PINTAR, LER, FALAR, BRINCAR.
- VILA DE ITAPEIPIU - JACOBINA**
Intensidade dos afetos e da experiência.
- LEITURA; LEITORES; FORMAÇÃO DE LEITORES/AS**
• A diversidade que me interpela na/com a docência
Trajetória na Uneb - início em maio de 2001.

Fonte: <https://padlet.com/analucias12/9hi5yqtqionw4t90>. Acesso em 06.06.2021

ANEXOS

Anexo1 - Capa do livro Profissão docente na Educação Básica no Piemonte da Diamantina: cartografias em construção.



Card de lançamento do livro

LANÇAMENTO DA OBRA 

PROFISSÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO
PIEMONTE DA DIAMANTINA:
CARTOGRAFIAS DOCENTE EM CONSTRUÇÃO 

 08/07

 19:00

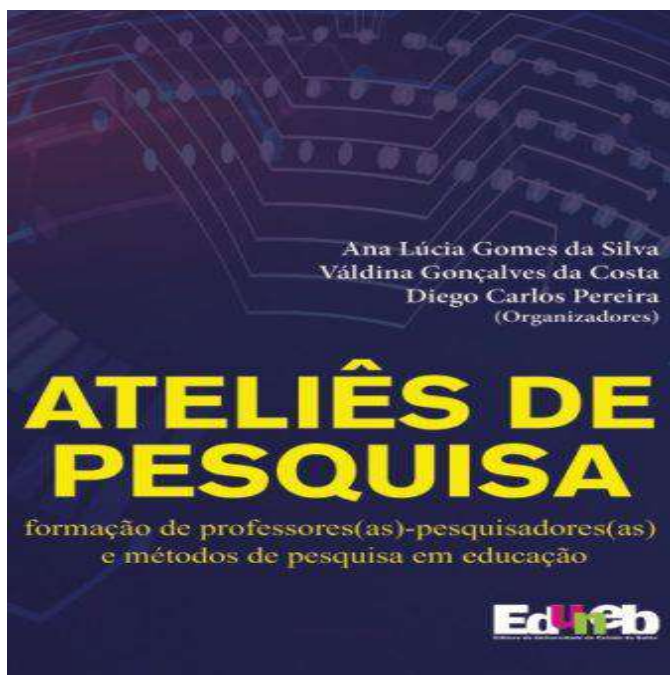
 **Grupo de pesquisa DIFEBA**
[youtube.com/channel/UCPQrkUjFHZ7ESYp_675NjLg](https://www.youtube.com/channel/UCPQrkUjFHZ7ESYp_675NjLg)



**DISPONÍVEL EM:
EDITORACRV.COM.BR**



ANEXO 2 – Capa do livro Ateliê de Pesquisa: formação de professores/as pesquisadores/as e método de pesquisa em educação



Salvador, março de 2021.

Ana Lúcia Gomes da Silva

Prof^a Titular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB- Jacobina.
Matrícula 74367305-1

Bolsa de Iniciação Científica Relatório Técnico Final

IDENTIFICAÇÃO

Instituição: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

Nome do bolsista: JOBISON DOS REIS BISPO

CPF: 060.176.565-56

Orientador(a): ANA LUCIA GOMES DA SILVA

Período abrangência relatório: 01/08/2016 - 31/07/2017

Título do projeto de pesquisa: (DCHIV-31) PROFESSÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO PIEMONTE DA DIAMANTINA: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas (Importação de 2015 DCHIV-138)

EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

Cronograma de metas e atividades previstas no plano de trabalho

Descrição 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

Meta: Construção dos dados iniciais

Atividade: Aplicação dos questionários				X	X							
Atividade: Elaboração e pré testagem dos questionários		X	X									
Atividade: Tabulação, análise e interpretação dos dados construídos após aplicação dos questionários					X	X						

Meta: Levantamento de dados/Revisão bibliográfica

Atividade: Levantar dados sobre formação continuada dos professores da rede estadual e municipal de ensino.				X	X	X						
Atividade: Levantar informações sobre o tempo de serviço de cada professor.				X	X	X	X					
Atividade: Mapear estatisticamente a presença das interseccionalidades de gênero, sexualidades e raça/etnia nos documentos de Orientação Curricular estadual e municipal, além dos Projetos Políticos Pedagógicos.	X	X	X									

Meta: Elaboração e entrega do relatório parcial

Atividade: Elaboração do relatório parcial					X	X						
Atividade: Entrega do relatório parcial						X						

Meta: Construção dos dados

Atividade: Análise dos resultados obtidos através dos questionários							X	X				
Atividade: Interpretar e tabular os dados obtidos.		X	X	X	X	X	X	X	X			

Meta: Elaboração e entrega do relatório final

Atividade: Elaboração do relatório final											X	X
Atividade: Entrega do relatório final												X

Meta: Participação no grupo de pesquisa DIFEBA

Atividade: Encontros e reuniões de formação no grupo de pesquisa DIFEBA	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Dificuldades encontradas: Falta de subsídio para os IC irem a eventos da área e apresentarem os artigos produzidos;
Falta de sala para o grupo de pesquisa realizar os encontros;

Houve alteração no plano de trabalho: Não.

Justificativa da alteração: Não houve necessidade de fazer alterações no plano.

Resumo (aproximadamente 250 palavras):

Este trabalho investigativo se ocupa da cartografia da profissão docente na cidade de Jacobina - BA quanto aos contextos de diversidade. O objetivo geral da pesquisa consistiu em diagnosticar como a profissão docente vem/tem se configurado/configurando no território de identidade Piemonte da Diamantina, na cidade de Jacobina, na perspectiva de formação docente em contextos de diversidades. Como objetivos específicos: mapear estatisticamente a presença das diversidades considerando as interseccionalidades de gênero, sexualidades e raça/etnia nos documentos de Orientação Curricular Estadual e Municipal, além dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas estaduais e municipais da cidade de Jacobina- BA; elaborar dados sobre formação continuada dos professores da rede estadual e municipal de ensino para utilizá-los na configuração crítica de nosso diagnóstico da profissão docente; levantar informações sobre tempo de serviço de cada professor; realizar levantamento do número de docentes do sexo feminino e masculino nas escolas municipais e estaduais da cidade de Jacobina (BA). A pesquisa foi realizada em três etapas: Na primeira etapa foi realizado o levantamento das questões de raça/etnia, gênero e sexualidades nos Planos Nacional, Estadual e Municipal de educação, além dos Projetos Políticos Pedagógicos - PPP. A segunda parte consistiu no levantamento quantitativo desses professores objetivando um diagnóstico da profissão, dados como: número de professores atuando na sede (por escola), professores por sexo. Os dados foram obtidos através da parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), dados como: carga horária de cada professor; tempo de serviço; formação inicial; disciplina que atua; formação em exercício; raça/etnia (presente no último censo escolar), os quais só foram obtidos e analisados em duas das onze escolas, de modo a construir um perfil profissiográfico desses profissionais. A terceira e última etapa analisou a relação entre os dados obtidos e o que traziam os documentos referenciais de educação a respeito das diversidades, concluindo que as interseccionalidades de raça/etnia gênero e sexualidades nesses documentos aparecem no geral de forma tímida e generalista ou desassociada com outras questões. Além disso 85% dos professores são do sexo feminino, constatando que a feminização da profissão é um fator que precisa ser levado em consideração principalmente nos debates sobre gênero. Quanto a equivalência formativa os dados apontaram que ainda não há um número elevado de professores formados em determinada área, atuando em outra diferente da sua formação. Não foi identificada nenhuma formação continuada/em exercício relacionada a essas diversidades especificamente, deixando claro que existe uma distância entre o que rezam os documentos referenciais e a formação docente no contexto da rede municipal.

Palavras Chave:

profissão docente; educação básica ; diversidade ; interseccionalidade

Introdução (tema/objetivos/hipóteses/justificativa):

O presente trabalho se ocupa da cartografia da profissão docente na cidade de Jacobina –BA no que tange as questões das práticas pedagógicas em contextos de diversidade. Tendo em vista o debate crescente em torno da inclusão dos temas das diversidades no âmbito da educação apresentados de maneira relativamente nova nos documentos referenciais como temática obrigatória como afirma, por exemplo, Silva Junior et al (2016) com relação aos temas de gênero e sexualidade:

No que tange à educação, nota-se a inclusão desses assuntos nos currículos, sobretudo a partir da década de 1990, quando os espaços escolares são “conclamados” a lidar com os pressupostos e conexões que abarcam sexualidade e gêneros. Todavia, o tratamento a essas temáticas nas aulas limitou-se à “biologização” da sexualidade e do sexo, ao priorizar, simples e unicamente, conteúdos formais concernentes à reprodução e à prevenção de DST (doenças sexualmente transmissíveis). (SILVA JUNIOR. 2016)

Os autores afirmam que a “biologização” é na verdade a forma que a sociedade encontrou para descaracterizar a sexualidade, tirando o foco de um debate sobre Diversidade Sexual levando a discussão para um âmbito fundamentalista heteronormativo. Os autores afirmam ainda que:

O ministério da Educação o preceitua nos parâmetros nacionais (PCN) para que todas as escolas possam ter acesso e possibilidades de se envolverem com o tema. Os meios de comunicação de massa se valem da oportunidade para vicejar informações a respeito de sexo, de modo que todos tenham a capacidade de lidar com distintos mecanismos de abordagem e discussão acerca dessa problemática. (SILVA JUNIOR et al. 2016, p.52)

Mas esses temas estão sendo trabalhados no contexto escolar como rezam os documentos referenciais? Se sim, de que forma, e quais os mecanismos de formação docente estão sendo ofertados?

Este estudo restringiu-se a interseccionalidade de **raça/etnia**, **sexualidade** e **gênero**, temas estes, que devem estar presentes nos documentos referenciais. O nosso interesse investigativo é identificar de que forma eles aparecem, e qual a importância de interseccionalizar cada uma das categorias supracitadas. Para esclarecer tais indagações apresentaremos o conceito de interseccionalidade apresentado por Pochay (2011) diz:

A interseccionalidade transpõe soma das dominações ou arranjos de identidades e diferenças, possibilitando-nos avançar em perspectiva e prática de problematização rizomática de “uma teoria transdisciplinar visando apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais, através de uma abordagem integrada. Ela [a interseccionalidade] refuta a partição e a hierarquização dos grandes eixos de diferenciação social [...] assumindo a própria produção discursiva das categorias identitárias. (POCAHY p.70)

Surgido no movimento feminista a interseccionalidade é um mecanismo que visa a análise de

vários elementos (integrados) para se compreender determinada questão, de forma rizomática, tensionando a ideia de se discutir questões complexas de forma “isolada”. Considerando esse princípio esta pesquisa discute como a diversidade de raça/etnia, sexualidade e gênero, estão apresentados nos planos Nacional, Estadual e Municipal de Educação, apontando através da cartografia, na imagem de uma “pirâmide” partindo do macro para o micro, tensionando as linhas de fugas, pistas, entre os Planos de Educação analisados e os Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das unidades escolares da sede do município de Jacobina-BA.

No que diz respeito a cartografia desses temas nos documentos referências de educação e a profissão docente utilizamos o método cartográfico abordado nas obras nas quais são trabalhadas uma cartografia como método para acompanhar processos, Barros e Kastrup (2015) definem que:

A pesquisa cartográfica consiste no acompanhamento de processos, e não na representação de objetos. Ao compartilhar aqui o caminho do pesquisar elos na rede, acreditamos que a ação de acompanhar processos será detectada pelo leitor. Barros e Kastrup (2015)

Método (sujeitos/instrumentos/procedimentos):

“A cartografia como estratégia metodológica parece criar inflexões de acordo com os terrenos múltiplos que o pesquisador encontra, desdobrados e por esferas e caminhos que oferecem material para a produção de sentidos e composições diversos”. (OLIVEIRA, MOSSI, 2014, p.186). Em outras palavras, buscaremos em terrenos diversos, material que nos permita encontrar pistas e conexões entre os efeitos a serem gerados com os “dados” levantados.

Fizemos, pois, o recorte utilizando material quali-quantitativo para traçar nossa cartografia inicial. Daí nos reportamos a pesquisa bibliográfica realizada pelos autores Souza; Francisco (2016), os quais apontam que no Brasil as pesquisas com o método cartográfico na pesquisa qualitativa são recentes e datam de 2005, sobretudo, quando os objetivos dos estudos apontam para o acompanhamento de processos e de produção de subjetividades.

Por se tratar de uma pesquisa exploratória, com características qualitativas e quantitativas dividimos em três partes, a primeira de cunho muito mais qualitativo se fez com base na busca nos planos Nacional, Estadual e Municipal de educação e PPP de escolas da cidade de Jacobina-BA no que se refere ao tratamento das diversidades de raça/etnia, sexualidade e gênero, buscou-se perceber se esses temas foram apresentados e como cada um é apresentado/abordado em determinados documentos traçando/adotando um esquema de pirâmide, fazendo assim a interseccionalidade das questões mencionadas conforme esquemas a seguir:

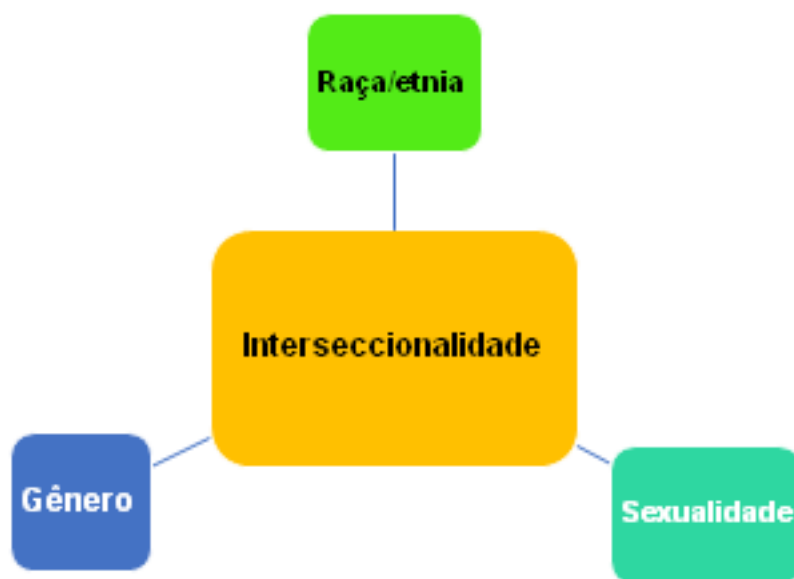


Figura 1: Elaborado pelo autor. Figura 2: Elaborado pelo autor.

A partir do levantamento dos planos Nacionais, Estaduais e Municipais, realizamos a busca dos Projetos Políticos Pedagógicos de três (3) escolas municipais de Jacobina tendo em vista que a grande maioria das escolas estão em fase de reescrita/atualização dos seus PPP, o que inviabilizou a análise. Por esta razão analisamos apenas dois PPP: o mais recente analisado e já disponibilizado e o da maior escola (em número de professores e alunos) para realizarmos a análise e a triangulação das informações. A segunda parte do trabalho de campo foi a cartografiarealizada quanto ao corpo docente da cidade de Jacobina-BA. Dados estes, fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) e pelas secretarias das unidades escolares. Realizamos para tal, o levantamento dos seguintes dados: Quantitativo de professores atuando na sede (por escola); carga horária de cada professor; tempo de serviço; formação inicial; disciplina que atua; formação em exercício; professores por sexo; raça/etnia (presente no último censo escolar). Infelizmente das onze (11) escolas pesquisadas apenas duas (destacadas em vermelho na tabela a seguir, possuíam tais dados e puderam disponibilizar.[1]:

RELAÇÃO DE UNIDADES ESCOLARES MUNICIPAIS COM SEUS RESPECTIVO DIRETOR
Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda- COMUJA/ Diretor: Carlos Glerdiston Nunes Silva
Colégio Municipal Luís Alberto Dourado de Carvalho- Jacobina III / Diretora: Jaqueline Costa de Carvalho
Escola Municipal Amado Barberino- Caixa D'água / Diretora: Maria Celeste dos Santos Ribeiro
Escola Municipal Armando Xavier de Oliveira - Leader / Diretora: Margarida Moura de Carvalho
Escola Municipal Carlos Gomes da Silva/ Diretora: Vera Lúcia da S. Barbosa Andrade
Escola Municipal Agnaldo Marcelino/ Diretora: Gardênia Brasileiro
Escola Municipal Beatriz G. M. de Freitas/ Diretora: Eunilde Lima de Souza
Escola Municipal Núbia Maria Mangabeira Guerra/ Diretora: Arlene Moreira Meneses
Escola Municipal Adalice Ferreira/ Diretor: Juliano Amorim de Carvalho
Escola Municipal Maria da Gloria- Serrinha/ Diretora: Maria Inês Lages Matos
Escola Municipal Maria da Gloria- Serrinha/ Diretor

Fonte: Secretaria Municipal da Educação e Cultura, Jacobina-BA. 2017.

A terceira e última parte foram a análises das questões apresentadas nos planos com as informações quantitativas (do que foi possível levantar) dos docentes da cidade de Jacobina, fazendo assim, uma correlação no que diz respeito a formação e atuação dos professores nos contextos das diversidades, exercendo o método norteador desta pesquisa, visto que o método cartográfico visa acompanhar o processo de investigação, cuja definição é apresentada por Kastrup (2015):

A cartografia é um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, trata-se sempre de investigar um processo de produção. De saída, a ideia de desenvolver o método cartográfico para utilização em pesquisas de campo no estudo da subjetividade se afasta do objetivo de definir um conjunto de regras abstratas para serem aplicadas. Não se busca estabelecer um caminho linear para atingir um fim. A cartografia é sempre um método ad hoc. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo. (KASTRUP, p. 32).

Nesse sentido guiamos nosso trabalho investigativo a fim de cartografar e categorizar os dados para melhor compreendermos o cenário da educação básica em sua cartografia inicial.

[1] As escolas municipais de Jacobina estão passando por um levantamento/atualização de informações a respeito dos docentes, com base em questionários e nenhuma escola finalizou este levantamento até o momento (segundo semestre de 2017). Cada unidade escolar emitirá um relatório final contendo todos estes dados que buscamos levantar mas que ainda não foi possível.

Resultados Propostos/Alcançados:

Interseccionalidade de raça/etnia, sexualidade e gênero no Plano Nacional de educação:

Para compreendermos em quais contextos de diversidade os docentes da cidade de Jacobina está inserido vamos aqui elencar como a interseccionalidade de raça/etnia, sexualidade e gênero, aparecem nos documentos referencias norteadores. Seguimos a lógica da pirâmide para realizar a análise dos documentos oficiais, tais como: Plano Nacional de educação, Plano Estadual de Educação e Plano Municipal de Educação. O Plano Nacional foi o primeiro a ser abordado, conforme a ordem estabelecida na pirâmide do macro para o micro. Ou seja, do maior para o menor. Considerando nesse bojo, que os Planos dos estados e municípios, tomam como referência os documentos norteadores do Ministério de Educação (MEC), o Conferência Nacional da Educação Básica (CNEB), as diretrizes e legislação da educação para elaborarem seus planos de educação. A própria explicitação do MEC no texto de apresentação sobre o conceito do PNE, afirma que:

O Plano Nacional de Educação (PNE), Lei nº 13.005/2014, é um instrumento de planejamento do nosso Estado democrático de direito que orienta a execução e o aprimoramento de políticas públicas do setor. Neste novo texto, fruto de amplos debates entre diversos atores sociais e o poder público, estão definidos os objetivos e metas para o ensino em todos os níveis infantil, básico e superior – a serem executados nos próximos dez anos. (PNE, 2014, p.12)

Como a discussão dos achados da pesquisa são muitos densos e amplos procuramos minimizar o aprofundamento sobre os planos em si (processo de elaboração, dificuldades, histórico...) e iremos nos deter apenas no nosso objetivo central da pesquisa já apresentado.

No capítulo que diz respeito a “A HISTÓRIA DO PNE E OS DESAFIOS DA NOVA LEI”, logo após a Apresentação, no item 6, intitulado: “POLÊMICAS EM DESTAQUE” destaca-se logo de início a questão de diversidade de gênero, sexual e raça/etnia como uma “ruidosa polêmica”:

A mais ruidosa polêmica diz respeito à alteração da diretriz que previa a superação das desigualdades educacionais (inciso III do art. 2º do substitutivo da Câmara). O Senado alterou esse dispositivo, retirando a ênfase na promoção da “igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual”, expressão substituída por “cidadania, e na erradicação de todas as formas de discriminação”. A contenda terminou favorável ao Senado, com a aprovação do destaque para manter seu texto.

Ao substituir a promoção da “igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual”, por “cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”, a invisibilização dos temas tidos como “tabu” é efetivada e ratifica e legitima o discurso de uma falsa e generalizada igualdade racial, cidadania abstrata e genérica, tomando todas as categorias analíticas supracitadas como “combate a toda as formas de discriminação”. Neste contexto, Silva Junior et. al (2016) afirma que:

Rizzato (2013) afiança que entende as dificuldades relacionadas com a inclusão de assuntos ligados à sexualidade, educação sexual e às relações de gênero na escola, porque a maioria dos espaços de

formação – incluindo as universidades - ainda lutam contra a inserção destes temas nos cursos de licenciatura, razão pela qual fica a cargo da formação continuada – que nem sempre acontece - a responsabilidade de completar esta lacuna.(SILVA JUNIOR, (2016)

O plano Nacional como já mencionado abarca a educação em todos os níveis, conforme a citação supracitada se percebe a dificuldade da inclusão desses temas principalmente na educação básica, portanto, não seria diferente num âmbito político ainda conservador. Com relação à formação continuada se percebe a importância desta para tentar sanar essa resistência ao tema.

No Art. 2º sobre as diretrizes do PNE: é apresentada nos parágrafos III e X respectivamente o mais próximo que seria de uma diretriz para a “igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual”,

III - Superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”.

X - promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental. (BRASIL.2014)

Nas vinte (20) metas que o Plano visa alcançar dentro de dez (10) anos, nenhuma visa ou cita diretamente discussão das questões ligadas a raça/etnia, sexualidade e gênero. O silenciamento e apagamento das categorias citadas evidenciam o quanto o contexto educacional e político atual são representativos para que essa tentativa de proibição velada, implícita, toma as questões relativas a diversidade e suas interseccionalidades, forjando um discurso de neutralidade e homogeneidade das diferenças, de modo a transformar todas em desigualdades. De fato, o autor Boaventura Santos (2006, p.31) afirma com muita propriedade que “Temos o direito a ser iguais sempre que a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes sempre que a igualdade nos descaracteriza”.

No que concerne ao trato das diversidades de raça/etnia, gênero e sexualidade e aos profissionais da educação e principalmente a exclusão desses temas dos planos Carreira (2016) aponta que:

Além de constituir um instrumento fundamental para fortalecer as bases de uma política educacional como política de Estado – com financiamento adequado, planejamento, avaliação, valorização de profissionais de educação e gestão democrática – o Plano significava naquele momento a possibilidade de avançar em estratégias que contemplassem os desafios da promoção da igualdade de gênero, raça e sexualidade na educação, na perspectiva que essas questões ocupassem outro “lugar de poder” na agenda das políticas educacionais. Apesar de em 2013, o texto atualizado do Informe já alertar para o crescimento da força política de grupos conservadores refratários às agendas de gênero, raça, sexualidade e direitos humanos nas políticas educacionais, não se imaginava na ocasião a dimensão que isso alcançaria na tramitação do PNE no Senado Federal e dos Planos Municipais e Estaduais nas respectivas casas legislativas em 2014 e 2015. Situação que levou à exclusão de qualquer referência a gênero e à sexualidade do texto do PNE e em muitos Planos de Educação

no país. (CARREIRA ,2016)

A autora retrata a difícil batalha que existiu (e ainda existe) para a inclusão desses temas nos documentos referenciais, principalmente no cotidiano escolar, demonstrando um completo desacordo com políticas que vinham sendo feitas com relação ao combate a homofobia, machismo e racismo nas escolas. A força fundamentalista e conservadora é um dos principais fatores para esse impedimento, Costa e Teles (2011) cita o programa “Brasil sem homofobia” defendendo que:

Em 2004, foi criado, pelo governo federal, o programa “Brasil Sem Homofobia” (BRASIL, 2004), uma estratégia de organização e mobilização social que se propõe a criar mecanismos e condições para a transformação dessa realidade. Envolvendo diversos ministérios – Saúde, Educação, Justiça, dentre outros – enfatiza, de maneira especial, a Educação, prevendo, entre outras atividades, a formação de professores(as), através de ações apoiadas pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Com isso, pretende-se estimular e apoiar a realização de cursos de formação abordando o tema diversidade sexual, direcionado para professores(as), buscando fortalecer a perspectiva de direitos sexuais como direitos humanos, situando a sexualidade entre os direitos fundamentais para o livre e pleno exercício da cidadania. (BORGES; MEYER, 2002).

Com esta forte recrudescência acerca da violação dos direitos tona-se imprescindível que educadores/as, pesquisadores e sociedade civil possa fortalecer as redes de apoio em prol de uma educação antirracista e antihomofóbica, visando o fortalecimento dos direitos dos sujeitos.

Interseccionalidade de raça/etnia, sexualidade e gênero no Plano Estadual de educação:

Art. 1º - Fica aprovado o Plano Estadual de Educação - PEE-BA, com vigência de 10 (dez) anos, a contar da publicação desta Lei, em consonância com o disposto no art. 214 da Constituição Federal, no art. 250 da Constituição Estadual e na Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprovou o Plano Nacional de Educação – PNE[1](PEE, 2015).

Na análise do Plano Estadual de Educação - PEE, nos detivemos nas diretrizes e no que diz respeito ao ensino fundamental (p. 10 - 12). Já no Art. 2º- (Diretrizes orientadoras do PEE-BA) o parágrafo III está em concordância clara com o também parágrafo III do Art. 2º do Plano Nacional:

III - Superação das desigualdades educacionais, com ênfase no desenvolvimento integral do sujeito, na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;(PEE, p.1-12).

Mais uma vez não especifica as formas de discriminação, invisibilizando pontos que deveriam aparecer nesta diretriz, tais como, o combate a homofobia, racismo, machismo, entre outras formas graves de discriminação.

Art. 3º no parágrafo II o texto traz questões étnico/raciais, de forma dissociada de outros preceitos, sem uma interseccionalidade. “II - o atendimento das necessidades específicas das

Cód. de Validação: C44E.F97A.2F6A.A98A

populações do campo, das comunidades indígenas e quilombolas e de grupos itinerantes, asseguradas a equidade educacional e a diversidade cultural;”

No que tange o ensino fundamental duas estratégias podem ser destacadas para a promoção da diversidade ainda que de forma não aprofundada, são essas:

2.5) estimular a oferta do Ensino Fundamental para as populações do campo, indígenas e quilombolas, comunidades tradicionais nas próprias comunidades, garantindo condições de permanência dos estudantes nos seus espaços socioculturais;

[...]

2.16) estimular que o respeito às diversidades seja objeto de tratamento transversal pelos professores, bem como pelas Instituições de Ensino Superior nos currículos de graduação, respeitando os Direitos Humanos e o combate a todas as formas de discriminação e intolerância, à luz do conceito de suprallegalidade presente no ordenamento jurídico brasileiro; (PEE, p. 12)

Considerando os dados apresentados podemos perceber a emergência em se reconhecer a diversidade como um tema cada vez mais urgente na contemporaneidade, ainda que de forma relativamente tímida (ou de forma generalizada, não especificada nos documentos referenciados) objetivando assim, a igualdade de direitos e oportunidades. O ambiente escolar, portanto, é chamado para este debate, discutindo essas questões para que estratégias de combate à discriminação possam ser traçadas, com relação a este debate e a importância de se promover esta discussão Gomes (2012, p. 687) afirma:

Não se pode negar, nesse debate, os efeitos da desigualdade socioeconômica sobre toda a sociedade e, em especial, sobre os coletivos sociais considerados diversos. Portanto, a análise sobre a trama das desigualdades e diversidade deverá ser realizada levando em consideração a sua interrelação com alguns fatores, tais como: os desafios da articulação entre políticas de igualdade e políticas de identidade ou de reconhecimento da diferença no contexto nacional e internacional, a necessária reinvenção do Estado rumo à emancipação social, o acirramento da pobreza e a desigual distribuição de renda da população, os atuais avanços e desafios dos setores populares e dos movimentos sociais em relação ao acesso à educação, à moradia, ao trabalho, à saúde e aos bens culturais, bem como os impactos da relação entre igualdade, desigualdades e diversidade nas políticas públicas.

O autor reafirma a importância do debate considerando os efeitos maléficos das desigualdades, do acesso aos bens e usufrutos culturais para as populações historicamente excluídas e negligenciadas pelas políticas públicas e sociais. Assim, a educação se reveste de responsabilidade numa luta que é de toda a sociedade e que nos convoca a estabelecer redes e ações estratégicas num constante movimento de emancipação a favor de uma sociedade que prime pela justiça social.

Interseccionalidade de raça/etnia, sexualidade e gênero no Plano Municipal de educação

O Plano Municipal de Educação de Jacobina-BA[2] aparece em consonância com o Plano

Nacional (PNE) e o Estadual (PEE) apresentando as mesmas diretrizes.

Apenas um fragmento pode ser citado no que diz respeito ao objetivo dessa etapa do trabalho, presente no Art. 8º § 1º.:

II. Consideram as necessidades específicas da população do campo e das comunidades quilombolas e a cultura cigana, assegurando a equidade educacional e a diversidade cultural; (PME, 2014)

Mas uma vez a dissociação da raça/etnia de outros elementos (não há uma interseccionalidade entre as categorias investigadas neste estudo citadas anteriormente), falta de “vontade política” em inserir temas relacionados a gênero, e sexualidade é o mais notório na análise deste plano, o que nos faz inferir que de modo devidamente orquestrado e planejado essa ação conjunta e com “efeito dominó”, promove o retrocesso no tocante aos avanços alcançados quanto a educação

Debates semelhantes com as “polêmicas” do Plano Nacional de Educação foram travados na câmara de vereadores de Jacobina no ano de 2014, o resultado foi a retirada das questões de gênero e sexualidade do plano, comunidade religiosa e acadêmica e também a comunidade civil travaram debates a respeito dessas questões, uma prova clara que a sociedade compreende a importância da escola para um “controle” social maciço principalmente das normas de gênero, SILVA JUNIOR et al (2016, p?) afirma que:

No contexto social, a escola tem se configurado como um espaço de grandiosa importância na normalização e manutenção da heterossexualidade e dos rígidos modelos fixadores dos gêneros masculino e feminino em nossa sociedade.

Caso a escola não se dê conta da gravidade do atual contexto político em que vivemos, dificilmente conseguiremos garantir um espaço fecundo para o debate e combate aos preconceitos e toda forma de violência. Paradoxalmente é ela que possui tanto o poder de contribuir para ratificar e legitimar discursos como o de desconstruir, tendo na ação docente um forte elemento de combate às violências explícitas e veladas, aos preconceitos e estigmas de todas as ordens.

Interseccionalidade de raça/etnia, sexualidade e gênero nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas da sede de Jacobina-BA

O projeto político pedagógico (PPP) se apresenta como documento referencial norteador dos planejamentos da unidade escolar, este é reflexo dos planos municipais de educação, que por sua vez está embasado nos planos estaduais e Nacional. A análise desses documentos apontamos valores e a missão da unidade escolar, sendo de fundamental importância no processo de identidade da escola, pois é a forma pela qual podemos perceber como cada escola trata das questões de diversidade (e se trata) levando em consideração suas peculiaridades, pois a escola tem autonomia para trazer em seus planos assuntos que por

algum motivo não forma contemplados nos documentos de educação, Veiga (2002, p. 19) fala sobre essa construção coletiva e democrática do PPP e sobre autonomia:

Se a escola nutre-se da vivência cotidiana de cada um de seus membros, coparticipantes de sua organização do trabalho pedagógico à administração central, seja o Ministério da Educação, a Secretaria de Educação Estadual ou Municipal, não compete a eles definir um modelo pronto e acabado, mas sim estimular inovações e coordenar as ações pedagógicas planejadas e organizadas pela própria escola. Em outras palavras, as escolas necessitam receber assistência técnica e financeira decidida em conjunto com as instâncias superiores do sistema de ensino.

Ainda sobre o trato com o cotidiano escolar a autora também destaca que: “É preciso entender o projeto político-pedagógico da escola como uma reflexão de seu cotidiano. Para tanto ela precisa de um tempo razoável de reflexão e ação, para se ter um mínimo necessário à consolidação de sua proposta.” (VEIGA, 2002, p.20). É nessa perspectiva que analisaremos a interseccionalidade de raça/etnia, gênero e sexualidade nos PPP de três escolas da rede municipal da cidade de Jacobina-BA, dentre as 11 unidades escolares da sede. Salientamos que a maioria está em processo de atualização e reescrita do seu PP, o que inviabilizou a análise de todas elas. Os PPP analisados foram das respectivas escolas: Colégio Municipal Luís Alberto Dourado de Carvalho; Escola Municipal Professor Carlos Gomes da Silva; Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda- COMUJA (maior colégio municipal de Jacobina, com o maior número de professores e alunos além de apresentar o PPP com atualizações mais recente [2014]).

Colégio Municipal Luís Alberto Dourado de Carvalho

O Projeto Político Pedagógico do Colégio Municipal Luís Alberto Dourado de Carvalho que nos foi fornecido se encontra em “processo de construção/atualização”, porém, é importante frisar que não analisaremos estrutura, valores, ou outros pontos além do que foi proposto, nos deteremos apenas nas questões de raça/etnia, sexualidade e gênero, conforme objetivo da pesquisa anteriormente mencionados.

A palavra sexualidade não aparece em nenhum momento, entretanto, a palavra “sexual” é mencionada duas vezes ao longo das 36 páginas, referindo-se a “educação sexual”, e a “violência sexual”. Com relação ao trato da educação sexual esse tema é apresentado da seguinte forma:

Em relação ao respeito e ao tratamento de conflitos referentes à violência, **educação sexual**, religiosa, indisciplina, existente a preocupação em propor e executar diferentes ações como palestras, reuniões e encontros que visam diminuir essas problemáticas.

Referindo-se a “violência sexual” vale destacar que a mesma é apresentada de forma dissociada das categorias, tais como: gênero, raça/etnia (presença de interseccionalidade) como mostraremos em seguida.

A palavra gênero surge quatro vezes, sendo uma referindo-se a gêneros alimentícios; nos outros três (3) momentos é apresentada nos seguintes fragmentos/contextos, sendo

mencionada juntamente com as questões étnicas no tópico 6 “PRINCÍPIOS EDUCACIONAIS”:

Ao enfatizar o respeito pelas diferenças e diversidade, a escola propõe o combate a todo tipo de discriminação, seja ela de cunho religioso, **étnico**, de **gênero** e cultural.

Na meta de número (5) aparece como plano de ação o desenvolvimento da consciência das diversidades culturais, raciais sociais e de gênero na escola:

Plano de Ação 2014. Meta V: Desenvolver nos alunos a consciência e o pertencimento às diversidades cultural, racial, social e de gênero. Responsáveis: Direção, Coordenação e Professores. Início: Outubro/2014. Término: Novembro/2014

[...]

Possibilitar a discussão e reflexão sobre particularidades pertinentes ao gênero. (Violência sexual, doméstica e Outubro Rosa)

A interseccionalidade se faz presente, tendo em vista que não pode ser admitido o trato de questões complexas (diversidade) como gênero, sexualidade e etnia de forma isolada uma da outra, Piscitelli (2008) ratifica com base em estudos de autores diversa importância deste mecanismo:

No que se refere à relação entre gênero, sexualidade e raça, Butler assume uma posição ambígua. Ela afirma reiteradamente a necessidade de analisar essa relação. Em *Gender Trouble* (1990) alega que gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Essas interseções não poderiam ser hierarquizadas nos termos de alguma condição primária de opressão. Contudo, ela só realiza uma tentativa de análise articulando esse conjunto de diferenças em um capítulo de uma obra posterior, *Body that Matters* (PISCITELLI 1993, p.53).

Por outro lado, no que tange as questões étnicos/raciais este PPP apresenta de forma enfática as questões afro-brasileiras, apresentando a lei que obriga trabalhar com essa temática, estando interseccionado muito mais com questões sociais. Como exemplo, temos o seguinte fragmento do tópico “Ações”:

Realização de evento cultural sobre a “Consciência Negra”, buscando agregar valor e reconhecimento de pertencimento à essa raça no intuito de minimizar as desigualdades e preconceitos para com a mesma;

Foi possível perceber a presença da intersecção dos temas mesmo que de forma tímida, mas não foram apresentados conceitos nem argumentos que dessem consistência à ação, embora possamos perceber que diferentemente dos Planos Nacional, Estadual e Municipal de educação, este PPP não teve receio em abordar as questões tão urgentes de diversidade de Raça/etnia, gênero e sexualidade como temáticas a serem discutidas no contexto escolar, portanto há indícios que a escola em questão considera os temas como necessários no cotidiano escolar como sendo, portanto, função social da escola abordar os mesmos.

Em seguida analisaremos o PP da escola Municipal professor Carlos Silva.

Escola Municipal Professor Carlos Gomes da Silva

A escola está localizada em um bairro periférico da cidade de Jacobina em um quilombo urbano. Percebemos que o trato com a diversidade é sempre enfatizada a cultura negra, o que está de comum acordo com a realidade da unidade escolar. A palavra “diversidade” aparece 13 vezes ao longo das 46 páginas de PPP, sendo que nenhuma das vezes é abordada a diversidade sexual ou identidade de gênero, apenas a diversidade étnica racial, cultural, social e ambiental. A palavra gênero aparece apenas uma vez, entretanto, referindo-se a gêneros alimentícios. A palavra sexualidade não aparece em nenhum momento. Podemos destacar o fragmento do tópico: “História e cultura Afro-brasileira e Africana” onde a questão étnico/racial aparece, totalmente dissociado de outros fatores tais quais gênero e sexualidade:

A diversidade cultural e étnica é tratada no cotidiano escolar deste Estabelecimento, sendo contemplada em todas as Propostas Pedagógicas Curriculares. O respeito à diversidade étnica e cultural é referenciada em nosso estabelecimento, pois, nossos educandos pertencem a diversas etnias, portanto, há uma diversidade de costumes e conseqüentemente uma diferença cultural acentuada.(PPP, ano e p????)

Embora nos cause estranhamento questões como a étnica racial por exemplo, estejádissociada de outros fatores, é o que afirma Piscitelli (2008, p.55) mais uma vez sobre a urgência e a obviedade do mecanismo de intersecção:

A proposta de trabalho com essas categorias é oferecer ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades. É importante destacar que já não se trata da diferença sexual, nem da relação entre gênero e raça ou gênero e sexualidade, mas da diferença, em sentido amplo para dar cabida às interações entre possíveis diferenças presentes em contextos específicos.

As diferenças nesse contexto implicam em ensinar a importância do respeito que se deve ter com as diferenças dos colegas no ambiente escolar, portanto, é de fundamental importância e, esse ensino, deve ser aplicado desde os primeiros anos de escolaridade, pelas seguintes razões: preconceito: julgamento ou ideia preconcebida, a respeito de uma pessoa ou de um povo.

Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda- COMUJA

No título 11 “PRINCÍPIOS EDUCATIVOS” página 22, no item 11, é apresentada a “Diversidade” como um dos 12 valores do Colégio, sendo abordada da seguinte maneira:

11.Diversidade – É a combinação de mais de uma composição étnica, é considerar que pessoas diferentes sejam consideradas como iguais, sem distinção de gênero, crença, cor, raça e padrão social, dentre deste aspecto entra em cena a discriminação que é o tratamento desigual de indivíduos com iguais características baseado no grupo, classe ou categoria social a que eles pertencem e constitui-se num evidente desvio do ideal de igualdade e de oportunidade.

A palavra “diversidade” aparece apenas mais uma vez no decorrer das 36 laudas de

PPP, sendo que a segunda se refere a diversidade de avaliação, a palavra gênero aparece sete (7) vezes ao longo do projeto, “sexualidade” nem uma vez. Entretanto, o plano destaca a questão das pessoas transgêneras abordando de forma interseccional com relação as questões étnicas no seguinte fragmento do item 12.1 “Desafios Contemporâneos”:

Os Desafios Educacionais Contemporâneos: Transgeneridade, Quilombolas, Ciganos, Meio ambiente e Educação Inclusiva devem ser contemplados a partir das dimensões históricas, sociais, políticas e econômicas. Através de leituras, pesquisas, debates e outras estratégias pertinentes, que deverão ser contempladas no Plano de Trabalho Docente, como parte do conteúdo e tentar buscar os fundamentos conceituais, nas dimensões históricas, sociais, políticas e econômicas, suscitando a busca por suportes concretos, dada a compreensão dos mesmos em sua concretude. (PPP, 2014, p, 19)

Ainda neste mesmo item o PPP esclarece os “novos termos” e deixa claro que a escola como ferramenta da sociedade precisa acompanhar a dinâmica social e não pode ser um objeto estático “parado no tempo”, e que o PPP como documento norteador é preciso ser revisitado e atualizado para acompanhar esses processos. São dadas as definições para os termos: **Transgeneridade ou transgenerismo, quilombolas, ciganos, indígenas.**

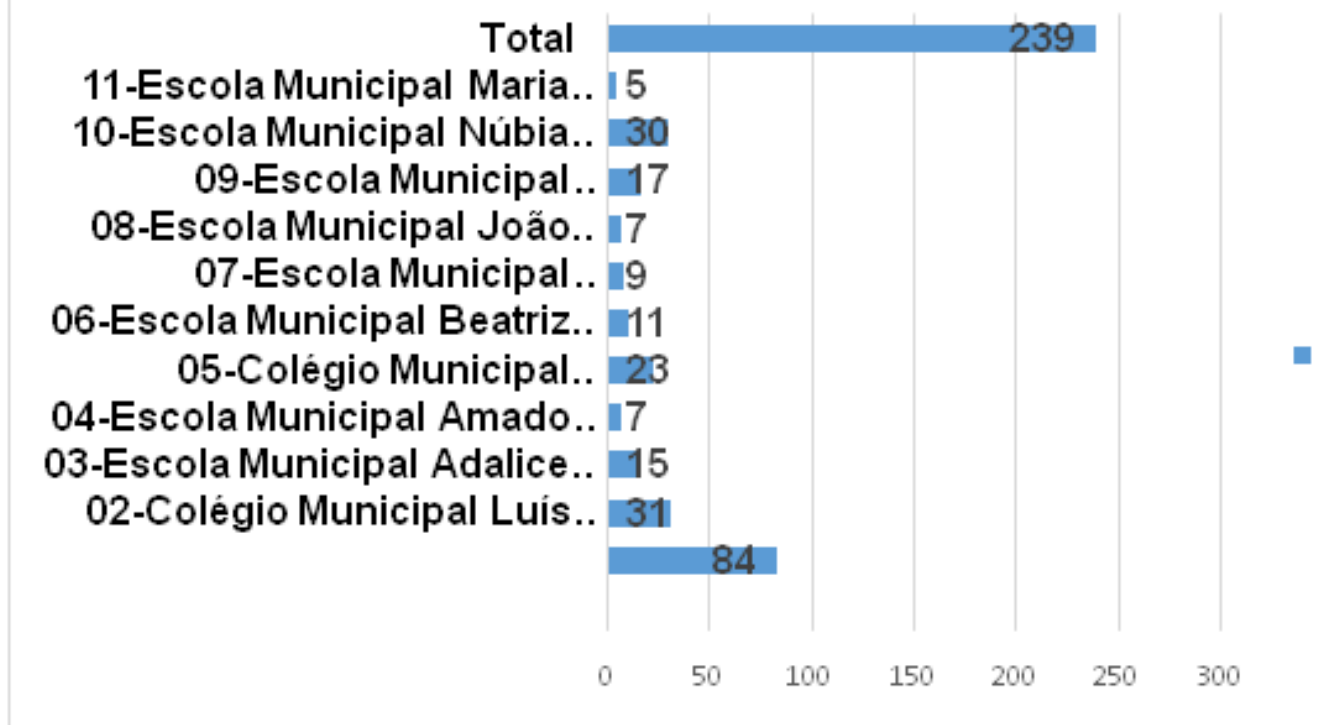
Foi possível perceber que por se tratar de um documento recém atualizado o qual apresenta termos ignorados nos documentos das outras esferas de educação aparece de certa forma integrados, a interseccionalidade de raça/etnia e sexualidade de forma satisfatória.

Dados quantitativos: perfis dos professores da rede municipal na cidade de Jacobina-BA.

Conforme já mencionado, o fato da grande parte das unidades escolares não terem dados organizados e atualizados sobre seus professores (encontrando em processo de organização/atualização) dificultou o alcance de um dos objetivos dessa pesquisa, que seria o levantamento de informações sobre todos os professores das escolas da cidade de Jacobina. Entretanto, duas das onze escolas detinham todos os dados que buscávamos levantar, portanto, sobre essas referidas unidades serão apresentados os resultados, posteriormente, nesse texto. Dados mais gerais que puderam ser fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de Jacobina-BA serão usados para esboçar os perfis profissiográficos[3] dos docentes da cidade, fazendo assim, ainda que de forma não muito aprofundada como seria, se fossem disponibilizados os dados da pesquisa, uma cartografia inicial sobre quem é esse professor e em quais condições ele atua, tendo como base suas formações em exercício, gênero, etnia, considerando nesse bojo o que apresentamos sucintamente nos documentos referências de educação com relação ao trato para com as diversidades. O primeiro gráfico a ser discutido será o quantitativo geral de docente da sede e por escolas:

Gráfico 1- Quantitativo de professores da rede municipal de ensino da cidade de Jacobina-BA (Sede)

Quantitativo de professores da rede municipal de ensino da cidade de Jacobina-BA(Sede)- 2017



Fonte: Elaborado pelo autor baseado nas informações fornecidas pela SEMEC – Jacobina-BA

Neste primeiro gráfico (Gráfico 1) podemos notar que num total de 239 professores 84 (35%) atuam na maior unidade municipal de ensino, o Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda- COMUJA, se juntarmos esta escola com a segunda maior escola em números de docentes teremos cerca de 47% dos professores da sede trabalhando em duas unidades escolares, isso significa dizer, que os outros 53% estão distribuídos nas outras 9 escolas municipais.

Outra informação importante, é que segundo a SEMEC de Jacobina todos os professores são concursados, portanto, não há contratos, entretanto, um convênio efetivado com a Universidade do Estado da Bahia DCH, campus IV/Jacobina visando a utilização de estagiários de 20 horas para suprir necessidades de mão de obra profissional da rede, tais como, professores efetivos que necessitam se afastar por exemplo para realizar formação, licença prêmio etc. Essas lacunas da rede são sanadas pelos licenciandos que assumem efetivamente o papel de professor. Segundo a própria SEMEC, atualmente existem 84 estagiários/conveniados atuando em sala de aula com 20 horas semanais, cujo estágio é remunerado e estes licenciandos atuam nas mais diversas áreas de conhecimento, independente da área de formação que está cursando.

Este dado é um indício de aproximação do licenciando coma profissão futura, familiarizando-se e ocupando-se da docência no processo de formação em que teoria e prática se apresentam como dimensão da mesma realidade, construindo a identidade docente num

processo formativo e auto formativo que o faz refletir sobre os saberes da docência. Por outro lado, se configura como um indício de precarização por não ser uma docência compartilhada pelo docente permanente mais experiente, e sim, atuando como docente sem ainda ter formação para tal, precarizando assim, a mão de obra dos licenciandos que de certo modo estão na rede para resolver o problema de carência de recursos humanos na mesma, atuando sem a devida experiência como regente, sem a parceria e acompanhamento de um profissional experiente que poderia se configurar como um tutor dos licenciandos, junto com os docentes da universidade numa troca mútua, de modo a estreitar os laços entre universidade e educação básica, numa confluência de saberes, realizando a imersão na área num processo de fortalecimento da formação inicial.

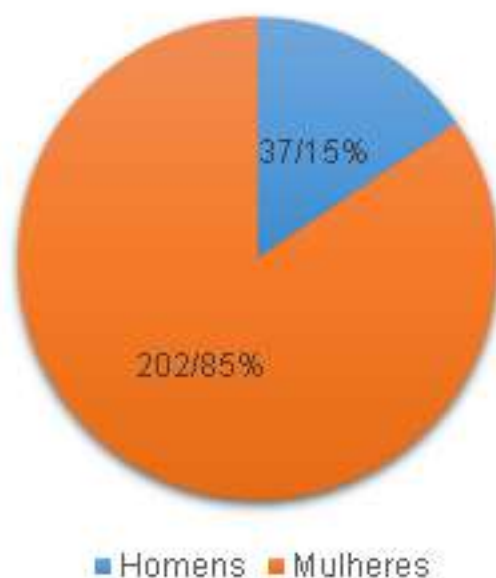
Gráfico 2: Quantitativo de professores por sexo da rede municipal da cidade de Jacobina-BA por escolas (2017)



Fonte: Elaborado pelo autor baseado nas informações fornecidas pela SEMEC – Jacobina-BA

Gráfico 3: Percentual de professores por sexo da rede municipal da cidade de Jacobina-BA (2017)

Percentual de professores por sexo da rede municipal da cidade de Jacobina-BA (2017)



Fonte: Elaborado pelo autor baseado nas informações fornecidas pela SEMEC – Jacobina-BA

Os gráficos 2 e 3 acima apresentados trazem um aspecto interessante do cenário da educação no território do Piemonte da Diamantina (Território[4] de identidade onde está localizado o município de Jacobina-BA) a feminização da docência na educação básica, estudos feitos por RAMOS et al (2017) trazem números sobre o quantitativo de docentes deste território, apresentando o quadro 01 a seguir:

Quadro 1 –Quantitativo docente do território do Piemonte da Diamantina

GÊNERO/ MUNICÍPIO	CAÉM	JACOBINA	MIGUEL CALMON	MIRANGABA	OUROLÂNDIA	SAÚDE	SERROLÂNDIA	UMBURANAS	VÁRZEA NOVA	TOTAL GERAL
TOTAL DE DOCENTE	123	940	288	233	252	152	136	274	147	2.545
TOTAL FEMININO	90	732	238	184	195	114	110	226	103	1.992
TOTAL MASCULINO	33	208	50	49	57	38	26	48	44	553

Fonte: MEC/INEP, 2016.

Ao analisarmos a distribuição dos docentes pelo sexo, identificamos que em todos os municípios do Território de Identidade do Piemonte da

Cód. de Validação: C44E.F97A.2F6A.A98A

Diamantina há uma predominância de docentes do sexo feminino em relação ao sexo masculino. Os dados apontam que 1.992 (78,27%) professores são do sexo feminino e 553 (21,72%) são do sexo masculino. De acordo com dados de Oliveira e Vieira (2010) referente ao gênero, há maioria dos professores da educação básica no Brasil é do sexo feminino (82%) e somente 18% são do sexo masculino. (RAMOS et al. 2017)

Relacionando com o nosso universo de pesquisa que é a zona urbana da cidade de Jacobina, os números macros refletem no micro, pois ao observarmos o município de Jacobina na tabela de RAMOS et al. 2017, podemos notar que o gráfico 2 supracitado traz o quantitativo por sexo dos professores, tendo 3 escolas com o seu quadro docente todo formado por mulheres. Vale salientar que essas docentes atuam no ensino fundamental I, em todas as disciplinas sem divisão por área do conhecimento. As escolas em questão são : Escola Municipal Maria de Gloria e Maria Prima, Escola Municipal Professor Carlos Gomes da Silva e Escola Municipal Beatriz Guerreiro Moreira de Freitas, enquanto que o gráfico 3 apresenta um recorte de toda zona urbana, cujo percentual de 85% dos docentes da cidade de Jacobina são mulheres, ou seja, isso significa dizer que o nosso cenário reflete um panorama geral e histórico a respeito da presença feminina nesta profissão, em que cada vez mais a emergência pelo debate de relações de gênero deve ser efetivada. Outro aspecto a ser refletido é que mesmo no total geral, em que os docentes do ensino fundamental II, trabalham por área específica, ainda assim a predominância segue o dado do Brasil, cujo percentual feminino é maioria.

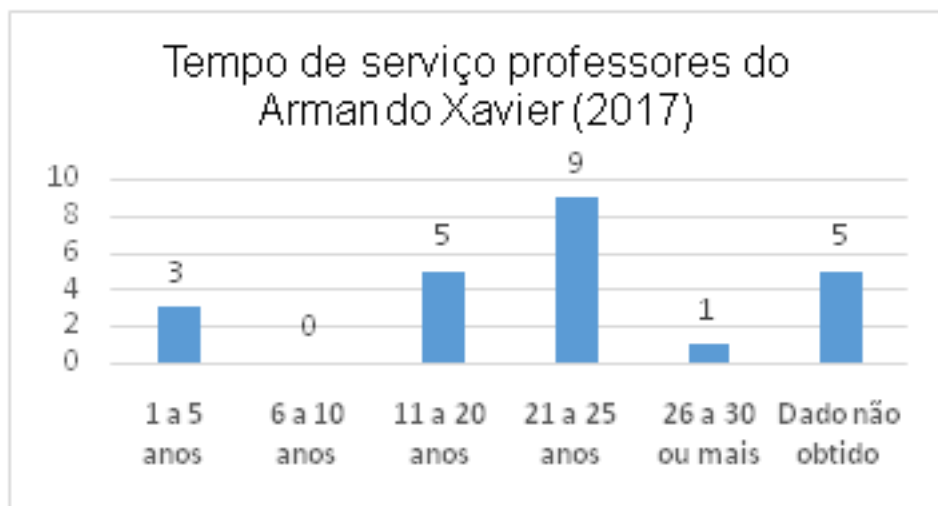
Dados da Escola 05- Colégio Municipal Armando Xavier de Oliveira

Gráfico 4 - Carga horária de cada professor:



Fonte: Elaborado pelo autor baseado nas informações fornecidas pela SEMEC – Jacobina-BA

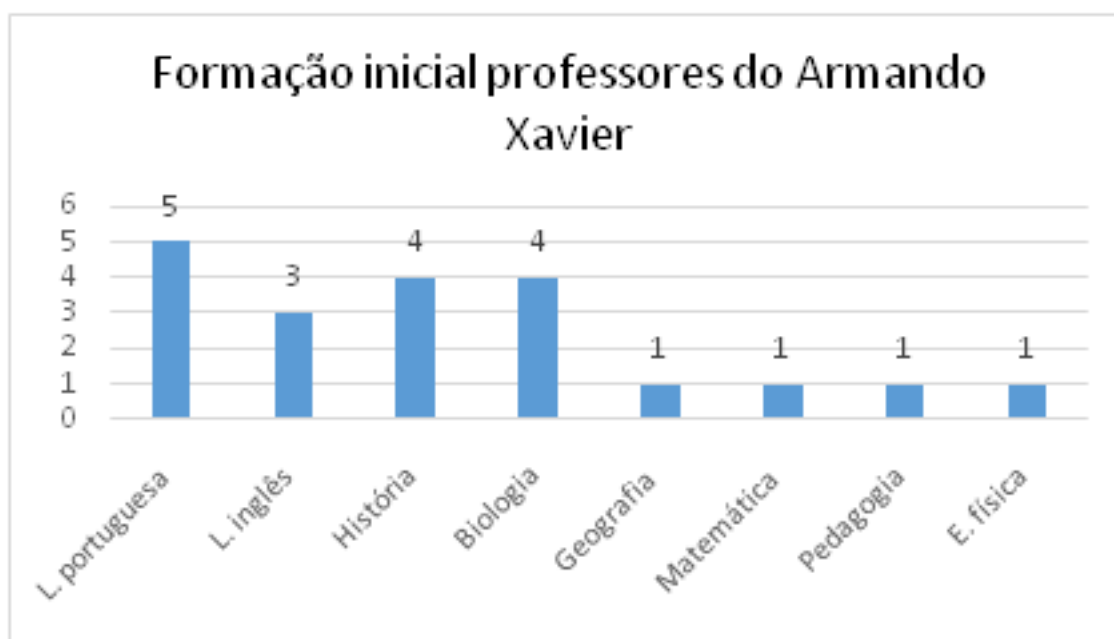
Gráfico – 5 Tempo de serviço de cada professor:



Fonte: Elaborado pelo autor baseado nas informações fornecidas pela secretaria da escola.

Pouco mais da metade (57%) dos professores desta escola possui carga horária de 20 horas, relacionando com o tempo de serviço, os dados apontam, que a maioria possui entre 21 a 25 anos de serviço, o que evidencia uma estabilidade profissional tendo em vista o vínculo empregatício efetivo, além da significativa experiência na docência.

Gráfico – 6 Formação inicial dos docentes:



Fonte: Elaborado pelo autor baseado nas informações fornecidas pela secretaria da escola.

Quadro 1 - Disciplina que atua:

Disciplina que atua	Formados na área	Formados em outra área	Total
Língua portuguesa	3	2	5
Língua inglês	1	0	1
História	2	2	4
Matemática	1	2	3
Geografia	0	5	5
Ciências/ biologia	3	0	3

Cód. de Validação: C44E.F97A.2F6A.A98A

Gerado em 01/08/2017 15:17

Educ. Física	1	1	2
--------------	---	---	---

Fonte: Elaborado pelo autor baseado nas informações fornecidas pela secretaria da escola.

No gráfico que retrata a formação inicial dos professores desta unidade escolar percebe-se um grande número de docentes com formação inicial em Língua Portuguesa (5) seguido das disciplinas de História e Biologia (4), levando em consideração a terceira colocada (língua inglesa com 3 professores formados na área). O quadro demonstra uma fragilidade de docentes formados para atuarem nas respectivas áreas de conhecimento equivalentes à sua formação: Geografia, Educação Física e Matemática, todos com apenas um professor formado na área, além de um pedagogo.

Comparando com o quadro onde é destacado o quantitativo de professores que atuam em determinada área e quantos formados e não formados, inicialmente podemos constatar que a realidade do Aramando Xavier não é diferente da realidade brasileira, cujo quadro é similar, pois para completar carga horária os professores são “obrigados” a trabalhar com outros componentes curriculares. No quadro o Componente de Geografia é o mais afetado, sendo que de um total de 5 professores trabalhando com este componente curricular 5 (todos) não são formados na área. O componente apresenta melhor resultado é Língua Portuguesa em que dos 5 professores trabalhando com esta, 3 possuem formação inicial na área.

Gráfico 7 - Formação em exercício



Fonte: Elaborado pelo autor baseado nas informações fornecidas pela secretaria da escola.

Os documentos referencias no geral apontam que é imprescindível o trato com as diversidades, apesar de em alguns momentos esta discussão ser minimizada, pois quando pensamos em formação de professores em contextos de diversidade precisamos ressaltar a importância da formação continuada para sanar lacunas na formação inicial, Silva Junior et al (2016) afirmam que a lei prevê uma formação inicial adequada e “capacitação em serviço”:

Cód. de Validação: C44E.F97A.2F6A.A98A

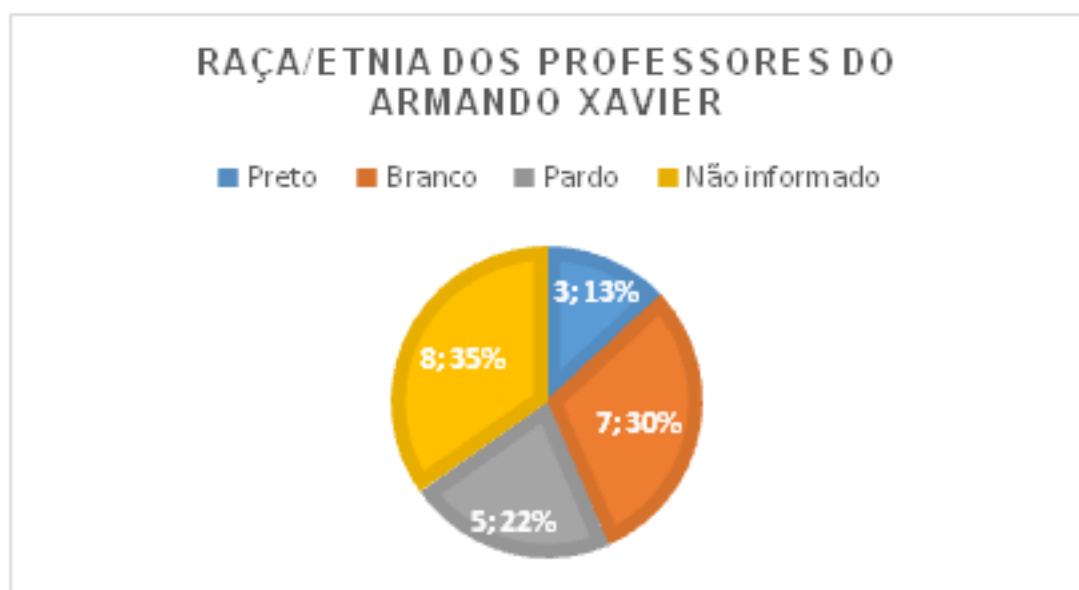
Estas orientações nortearam a lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional (LDBEN), lei nº 9.394/96, no que se refere à formação docente para atuar na Educação Básica, prevendo, como princípio orientador dessa formação a “associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço” e o “aproveitamento da formação e experiências anteriores em instituições de ensino e outras atividades” (BRASIL, 1996, p. 13), após a promulgação da LDBEN foram intensificadas as políticas de formação de professores.

Neste gráfico nota-se que num quadro com 23 professores apenas 4 sinalizaram ter realizado formação em exercício, sendo que 2 em psicopedagogia, 1 em mídias e 1 em Atendimento educacional especializado – AEE, ou seja, 100% dos professores não possuem formação continuada relacionada a diversidades etnicorracial e de gênero ou sexualidade. Este dado por si só já denota a relevância dada pela temática pela rede municipal, o que certamente servirá para traçar novas metas da gestão municipal no tocante à formação em exercício.

Nossa concepção de formação em exercício nesta pesquisa, considera o docente como alguém que está em formação constante e continua a exercer a sua função, o seu posto, o seu cargo. Além da prática de um conjunto de ações com o intuito da melhoria ou aquisição de novos saberes para o exercício da docência; e tomando a docência como espaço formativo do exercício da profissão em um processo de constante formação.

A formação em exercício tem assumido diversos papéis, definidos muitas vezes a partir de pressupostos díspares, como: habilitar leigos, corrigir deficiências da formação inicial, introduzir inovações curriculares, promover a atualização dos docentes, provocar mudanças epistemológicas, favorecer o aprimoramento profissional, promover reflexões sobre a prática, estabelecer elos entre a pesquisa educacional e a escola etc. (CHAPANI; CARVALHO 2009, p. 210-211).

Gráfico 8 – Raça/etnia



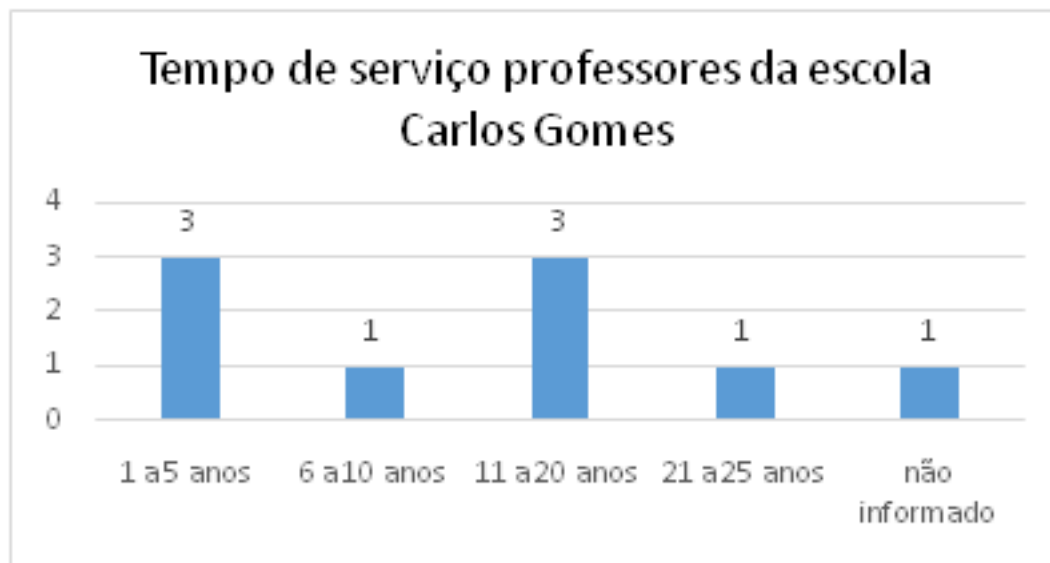
Fonte: Elaborado pelo autor baseado nas informações fornecidas pela secretaria da escola.

No tocante a raça/etnia dos professores, podemos notar um grande número de respostas “em branco” (8) e um número pequeno de professores que se auto declaram pretos, (3) com relação aos que se declaram brancos e pardos, 7 e 5 professores respectivamente. As oito pessoas que não responderam indicam um dado interessante a ser investigado. Não se reconhecem negros? São pardos? Brancos, quais as razões que levaram estes docentes a não assumirem sua raça/etnia?

Dados da escola Municipal Professor Carlos Gomes

Quanto a carga horária num total de 9 professoras, todas possuem 40 horas semanais.

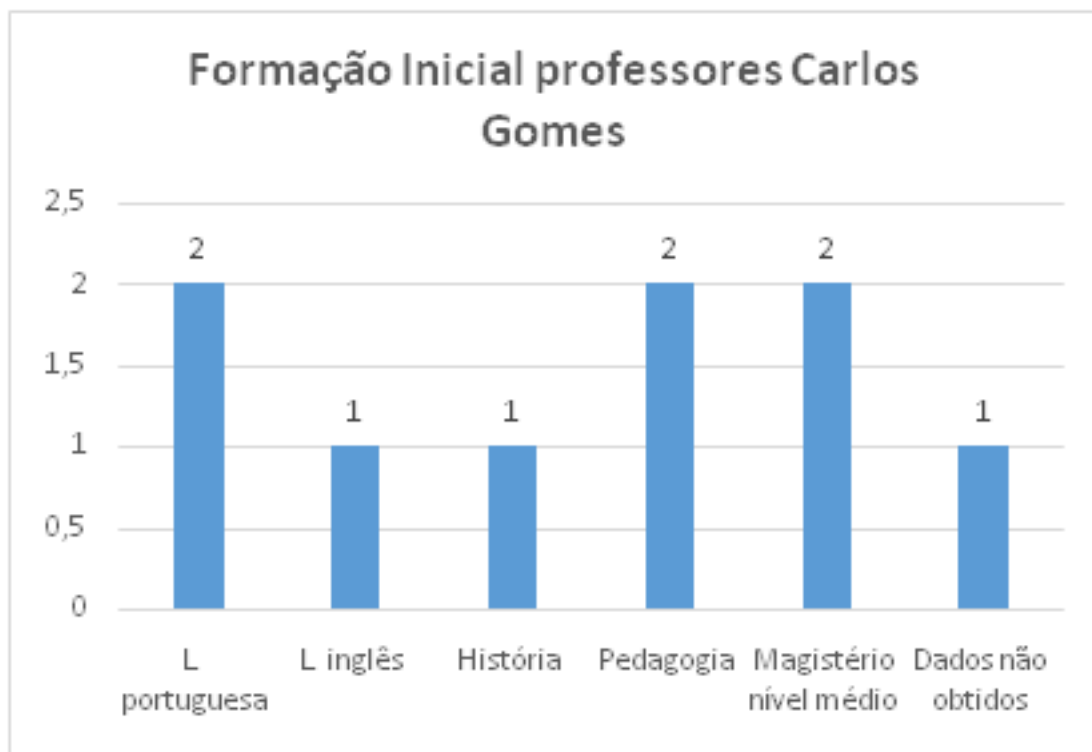
Gráfico – 9 Tempo de serviço:



Fonte: Elaborado pelo autor baseado nas informações fornecidas pela secretaria da escola.

Na escola municipal Professor Carlos Gomes todas as professoras (gráfico 2) são concursadas, sendo que num quadro de 9 docentes 3 possuem tempo de serviço de 1 a 5 anos e 3 de 11 a 20 anos de serviço conforme gráfico 09, o que sinaliza uma experiência na docência considerada significativa em 50% delas.

Gráfico – 10 Formação inicial



Fonte: Elaborado pelo autor baseado nas informações fornecidas pela secretaria da escola.

Mais uma vez o quantitativo de professoras formadas em língua portuguesa aparece como o melhor (duas professoras). Além disso, o gráfico sobre formação inicial traz duas professoras formadas em pedagogia e duas possuindo nível médio/magistério, mas por se tratar de uma unidade escolar que só oferta o fundamental I, todas as professoras trabalham com todas as disciplinas, como já mencionado, com uma carga horária semanal de 40 horas.

Gráfico – 11 Formação em exercício:



Fonte: Elaborado pelo autor baseado nas informações fornecidas pela secretaria da escola.

De um total de 9 docentes apenas 3 informaram ter realizado formação em exercício, sendo duas em Atendimento Educacional Especializado e uma em Alfabetização de surdos.

Gráfico – 12 Raça/etnia



Fonte: Elaborado pelo autor baseado nas informações fornecidas pela secretaria da escola.

No gráfico que traz a raça/etnia dos professores pode ser visualizada uma distribuição “equilibrada”. É importante ressaltar que o colégio Professor Carlos Gomes foi uma das três escolas que teve o Projeto Político Pedagógico analisado neste trabalho, no qual se observou um enfoque maior nas questões étnicos/raciais ligadas à população afro-brasileira, questões de gênero e sexualidade não foram mencionadas. Esta escola também foi uma das 3 da sede municipal que apresentou um quadro de 100% de seu quadro docente composto por mulheres, o que também evidencia a presença feminina como central na docência da rede municipal e da cidade de Jacobina.

[1]O Plano Estadual de Educação da Bahia foi apresentado pelo Fórum Estadual de Educação ao Governo do Estado em 8 de junho de 2015. Aprovado pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia em 4 de maio de 2016 é publicado em 12 de maio de 2016 no Diário Oficial do Estado da Bahia, data do início da sua vigência após sanção pelo Governador Rui Costa.

[2] “Aprova o Plano Municipal de Educação – PME do Município Jacobina, Estado da Bahia, em consonância com a Lei nº 13.005/2014 que trata do Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. ”

[3]A nossa concepção de perfis profissiográficos é baseada na concepção de desenvolvimento

profissional, já que nossa formação é um conjunto de processos que se dá ao longo da profissão, no coletivo e no âmbito pessoal. Na concepção de Monteiro (2007, p.239), “o desenvolvimento profissional é um processo e mesmo que se possam encontrar alguns padrões, não se pode deixar de verificar que alguns indivíduos não atingem a estabilidade da mesma forma que outros, ou que se desestabilizam mais facilmente”. Ressoa, pois, no que concebemos como perfis profissiográficos, por entender que não existe um perfil, já que a identidade profissional é forjada nos processos individuais e coletivos, mas sim perfis, formações distintas, experiências singulares, multiplicidade de referências que nos forma ao longo da vida e constitui nossa identidade profissional.

[4]Os territórios de identidade são a atual forma de regionalização do estado da Bahia, a qual foi implementada em 2007 no governo Jacques Wagner (2007-2010), quando houve a divisão do Estado em territórios de identidade, cuja conceituação de “território” originou-se no Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), tendo sido adotada pela Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia (SEPLAN), inserindo-se os 417 municípios baianos em 27 territórios atualmente, sendo esta divisão relacionada à identidade entre municípios limítrofes e/ou próximos, a partir da especificidade dos arranjos sociais e locais de cada região, nos quais a divisão vem sendo utilizada para a implantação de políticas públicas no âmbito do Estado.

Conclusões:

O fato das escolas municipais da cidade de Jacobina-BA até o momento não terem organizado as informações a respeito dos seus professores fez com que esta pesquisa se apresentasse ainda inconclusiva com relação a uma cartografia inicial dos perfis profissiográficos dos docentes da cidade, entretanto, apesar desses desafios foi possível vislumbrar um esboço factual.

No que diz respeito ao levantamento das interseccionalidades de raça/etnia gênero e sexualidades nos documentos referenciais de educação e PPP de três das 11 (onze) escolas, foi possível perceber que estas questões aparecem no geral de forma ainda tímida ou dissociadas umas das outras (não havendo interseccionalidade), o pensamento fundamentalista e tradicional ainda é um fator de influência na construção/aprovação desses documentos referenciais de educação nas três esferas governamentais. Além disso, foi possível constatar que 85% dos docentes da rede municipal são do sexo feminino, comprovando que a feminização da profissão é um fator que precisa ser levado em consideração principalmente nos debates sobre gênero e seus desdobramentos. A equivalência formativa (professores atuando em área que não é a de sua formação), ainda não é adequada, o que implica uma especial atenção dos gestores municipais neste quesito. Percebemos ainda, que não foi identificada nenhuma formação em exercício relacionada a essas diversidades especificamente nas duas escolas analisadas. Até o momento ainda existe uma distância entre o que discursivamente rezam os documentos referenciais (frágeis no que

tange as diversidades) e a formação docente da cidade de Jacobina-BA.

Os dados levantados, categorizados e analisados apontam que a SEMEC, poderá tomar os mesmos como subsídio para a atuação da sua equipe pedagógica na rede, considerando as potencialidades e lacunas aqui levantadas nesta etapa da pesquisa.

Referências Bibliográficas e outras:

BAHIA, Plano Estadual de Educação. [recurso eletrônico] Disponível em : www.educacao.ba.gov.br. Acesso em 12 de junho de 2017. Salvador: 2014.

BRASIL. Plano Nacional de Educação 2014-2024 [recurso eletrônico] : Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. –Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014.86 p. –(Série legislação ; n. 125)

CARREIRA, Denise. **Gênero e educação**: fortalecendo uma agenda para as políticas educacionais / Denise Carreira... [et al.]. São Paulo: Ação Educativa, Cladem, Ecos, Geledés, Fundação Carlos Chagas. 2016. 248p.

CHAPANI, T. CARVALHO, L, M, O de. Formação de professores de ciências em exercício no estado da Bahia. In. NARDI, R. **Ensino de ciências e matemática I** – Temas sobre formação de professores. (org.). São Paulo, Cultura Acadêmica-UNESP, 2009. p. 2009-223.

COSTA; Jussara Carneiro. TELES; Ivani de Almeida. Quando a diferença exclui e a igualdade condena: aspectos da homofobia no contexto escolar. In: COSTA, Ana Alice Alcântara. RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira. PASSOS, Elizete Silva. (Orgs). **Gênero e diversidades na gestão educacional**. - Salvador : UFBA-NEIM, 2011. p. 91-110. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

LÜDKE. Menga; BOING, Luiz Alberto. Caminhos da profissão e da profissionalidadedocentes. **Educ. Soc.**, Campinas, v.25, n.89, p.1159-1180, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22616.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

MONTEIRO, F. M. A. Narrativas: estratégias investigo-formativas para a compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem profissional da docência. In: SOUZA, Elizeu Clementino; PASSEGI, M. C.(Org).**Pesquisa (auto)biográfica**: cotidiano, imaginário e memória. Natal: EDUFRN; São Paulo, Paulus, 2008.p.237-248.

MOSSI; Marilda Oliveira de; POLETTI; Cristian. Cartografia como estratégia metodológica:inflexões para pesquisas em educação. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p. 185-198, set./dez. 2014.

POCAHY, Fernando Altair. Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-

conceito feminista. In: **Textura**, n.23 p.18-30, jan./jun.2011.

RAMOS. MichaelDaian P.; OLIVEIRA, Rita de C. M; SOUZA, Elizeu Clementino.A FEMINIZAÇÃO DA DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM OLHAR SOBRE O TERRITÓRIO DO PIEMONTE DA DIAMANTINA-BAHIA In: **Anais do III Colóquio Docência e Diversidade na Educação Básica**: diferenças e desigualdades no cotidiano escolar [recurso eletrônico] / coordenado por Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios...[et.al]. --- Salvador: PPGEduc/UNEB; DEDC – I/UNEB/DIVERSO, 2017. 2156 p. il.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO . [recurso eletrônico]. Plano municipal de educação. Disponível em: www.prefeituramunicipaldejacobina.org.br. Acesso em 18 de junho 2017. Jacobina, 2014.

SILVA JUNIOR; Jonas Alves da; FERNANDES; Mônica Pinheiro; FAUSTINO; Sandra Regina de Oliveira. Entre os ditos e os interditos: Representações de professores e professoras do Ensino fundamental sobre gênero e Sexualidade. In: **Caderno de Pesquisa**. São Luís, v. 23, n. 1, jan./abr. 2016.

Souza; Francisco PERAFÁN E. Valencia; Oliveira Humberto. **Território e identidade**. Coleção Políticas e gestão culturais. Secretaria de Cultura, Salvador: 2013. Disponível em: http://www.cultura.pr.gov.br/arquivos/File/territorio_e_identidade.pdf. Acesso em 17 maio 2017.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. 24. ed. Campinas: Papirus, 2008.

ANÁLISE DE DESEMPENHO DO BOLSISTA

Critério	Avaliação
Qualidade do trabalho: Considerar a qualidade do trabalho, tendo em vista as condições oferecidas.	Correspondeu as Expectativas
Desempenho: Esforço revelado para aprender, a partir de indagações e dúvidas apresentadas	Correspondeu as Expectativas
Assiduidade: Cumprimento do plano de trabalho com dedicação e zelo.	Correspondeu as Expectativas
Rendimento: Considerar o cumprimento do plano de trabalho de acordo com os prazos estabelecidos.	Correspondeu as Expectativas

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS, TECNOLÓGICOS OU DE INOVAÇÃO

Evento	Data	Apresentação de Trabalho
Jornada pedagógica Municipal de Jacobina BA	31/01/2017	Sim
XII Encontro Baiano dos Estudantes de Geografia	22/10/2016	Sim
II Formação Pesquisa, Diversidade e Educação Basic	25/11/2016	Não
ATELIÊ DE PESQUISA ? 2ª Edição Tecendo Caminhos	22/09/2016	Não

OBSERVAÇÕES DO ORIENTADOR

ANÁLISE DO DISCENTE EM RELAÇÃO AO PROGRAMA

O Programa proporcionou crescimento profissional e pessoal. O ato de pesquisar é árduo, mas quase sempre satisfatório no final. A Iniciação Científica é uma política de formação significativa ao discente.

PARECER FINAL DO ORIENTADOR

() Aprovado sem modificações Aprovado com modificações () Reprovado

Local: _____

Data: _____

Declaro estar ciente e concordar, para todos os efeitos legais, com as informações contidas neste relatório.

Assinatura do(a) Orientador(a)

Assinatura do(a) Bolsista

Assinatura da Coordenação PIBIC

Bolsa de Iniciação Científica - Cotas Relatório Técnico Final

IDENTIFICAÇÃO

Instituição: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

Nome do bolsista: TAINÉ DOS SANTOS PEREIRA

CPF: 062.483.155-58

Orientador(a): ANA LUCIA GOMES DA SILVA

Período abrangência relatório: 01/08/2016 - 31/07/2017

Título do projeto de pesquisa: (DCHIV-31) PROFESSÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO PIEMONTE DA DIAMANTINA: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas (Importação de 2015 DCHIV-138)

EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

Cronograma de metas e atividades previstas no plano de trabalho

Descrição	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Meta: Levantamento de Dados/Revisão Bibliográfica.												
Atividade: Fichamentos e estudos de textos sobre diversidade e inclusão.	X	X	X	X	X							
Atividade: Realização de diagnóstico estático quanto ao quantitativo de estudantes das escolas municipais com necessidades educacionais especiais e quais são elas.	X	X	X	X								
Meta: Construção dos dados iniciais												
Atividade: Levantamento de dados sobre a formação continuada dos docentes para atuar com a educação inclusiva.						X	X					
Atividade: Realização de mapeamento quanto a presença de práticas pedagógicas inclusivas nas escolas municipais do fundamental I.						X	X	X				
Meta: Construção dos dados												
Atividade: Interpretação e tabulação dos dados obtidos das escolas parceiras da pesquisa.								X	X	X		
Meta: Elaboração e entrega de relatório parcial												
Atividade: Elaboração do relatório parcial com dados da pesquisa											X	X
Atividade: Participação em eventos acadêmico-científicos para apresentação.											X	X
Meta: Levantamento de Dados/Revisão Bibliográfica												
Atividade: Participação nos encontros do grupo de pesquisa Diversidade, formação, educação básica e discursos-DIFEBA	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Meta: Relatório final												
Atividade: Elaboração do relatório final											X	X

Dificuldades encontradas: Falta de uma política institucional que subsidie os IC a apresentarem os trabalhos oriundos da pesquisa realizada.
Falta de sala para o funcionamento do grupo de pesquisa;

Houve alteração no plano de trabalho: Não.

Justificativa da alteração: Não houve necessidade de fazer alterações no plano.

Projeto (Plano de Trabalho)

Resumo (aproximadamente 250 palavras):

O presente subprojeto de pesquisa qualitativa e de caráter exploratório, assim como o projeto ao qual está vinculado “PROFISSÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO PIEMONTE DA DIAMANTINA: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas” coordenado pela professora Ana Lúcia Gomes da Silva vinculado ao grupo de Pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos - DIFEBA, ocupa-se da investigação acerca da profissão docente na Educação Básica da cidade de Jacobina-BA, partindo do princípio de que “todos têm direito a educação de qualidade”. O estudo investigativo objetiva mapear nas escolas municipais o quantitativo de estudantes com necessidades educacionais especiais, identificando-as, além de traçar os perfis profissiográficos dos docentes que atuam na Educação Básica dando ênfase a formação continuada acerca da inclusão. A metodologia adotada fundamenta-se na análise documental, pois pretende-se analisar os principais documentos oficiais (Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Plano Municipal de Educação e o Projeto Político Pedagógico das escolas municipais do Ensino Fundamental I), quanto a presença de deficiência física e intelectual dos estudantes, considerando as práticas inclusivas. Como sustentação teórica, dialogamos com Arroyo (2009), Mantoan (2003), Silva; Aranha (2005), Garcia (2013), para refletirmos acerca do currículo, da inclusão, das práticas pedagógicas e da formação continuada.

Palavras Chave:

Formação de professores; Diversidades ; Inclusão; Educação Básica

Introdução (tema/objetivos/hipóteses/justificativa):

O presente estudo ancorou-se nos pressupostos da pesquisa qualitativa tendo caráter exploratório em sua primeira etapa, seguindo as pretensões do projeto ao qual está vinculado, intitulado de “Profissão docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas”, sendo o mesmo coordenado pela Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Gomes da Silva, vinculado ao grupo de Pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos – DIFEBA. A investigação acerca da profissão docente na Educação Básica da cidade de Jacobina-BA, no subprojeto toma como centralidade, o princípio de que “todos têm direito a educação de qualidade” (BRASIL, 1988).

O estudo investigativo objetivou mapear nas escolas municipais o quantitativo de estudantes com necessidades educacionais especiais, identificando-as, além de traçar os perfis profissiográficos dos docentes que atuam na Educação Básica, dando ênfase a formação continuada acerca da inclusão, de modo a cenarizar aspectos da formação docente na cidade

de Jacobina tendo como recorte a diversidade, tendo como estreitamento temático a inclusão.

A metodologia adotada está fundamentada nos pressupostos da análise documental, a qual se propôs a analisar os principais documentos oficiais que regulamentam a educação jacobinense (Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Plano Municipal de Educação e o Projeto Político Pedagógico das escolas municipais do Ensino Fundamental I), quanto a presença de deficiência física e intelectual dos estudantes, considerando as práticas inclusivas. Como sustentação teórica, dialogamos com Arroyo (2009), Mantoan (2003), Silva; Aranha (2005), Garcia (2013), para refletirmos acerca do currículo, da inclusão, das práticas pedagógicas e da formação continuada.

Diante da estruturação da pesquisa, foi possível compreender o conceito de inclusão proposto por Mendes (2006) e Mantoan (2003) e a partir desse se estabeleceu os padrões de análise das propostas de inclusão da cidade de Jacobina-BA, reconhecendo como inclusão o sistema educacional que prevê educação igualitária e de qualidade a todos os alunos indistintamente, reconhecendo que todos os indivíduos são passíveis de mudanças e seres particulares, respeitando a heterogeneidade da classe de modo a promover estudo de qualidade a todos no mesmo ambiente, sem ações que possam ser caracterizadas como segregação.

Foi possível mapear na cidade 68 alunos com Necessidades Educacionais Especial, sendo eles atendidos em uma das seis Salas de Recursos Multifuncionais dispostas na sede do município, dessa forma são encontrados até o momento do estudo: nove alunos com deficiência física; trinta alunos com deficiência intelectual; quatro com deficiência visual ou baixa visão; onze com surdez; cinco com deficiência múltipla; dois que apresentam síndrome de Heller e sete alunos com transtorno do espectro autista (TEA), estando esses alunos matriculados na rede municipal pública de ensino e frequentantes do AEE.

Com base no conceito de inclusão, também foi possível traçar o conceito de integração, que ainda segundo Mantoan (2003) é o modo educacional que separa os alunos em normal e especial, ofertando o atendimento educacional especializado como meio de auxiliar na educação das crianças especiais. Com esses conceitos estabelecidos e por meios dos relatórios de ações disponibilizados pela Secretaria de Educação da Cidade de Jacobina (SEMEC), foi possível perceber que a educação ofertada na cidade se caracteriza como integrativa, tendo em vista que as ações são direcionadas as Salas de Recursos Multifuncionais onde se realiza o Atendimento Educacional Especializado (AEE), assim como as formações propostas aos profissionais da educação, seguindo o Plano Municipal de Educação (PME) são direcionadas aos professores que trabalham com o AEE.

Dessa forma, há indícios pelos dados levantados, que a cidade se estruturou para oferecer ensino de qualidade aos alunos com NEE, contudo, para isso ainda se estabelece a necessidade da integração, em substituição a inclusão. Esse quadro integrativo necessita de mudanças, porém ainda há uma distância até essa mudança, considerando que ações que podem auxiliar nesse processo não são realizadas, tais como o investimento na formação dos professores das classes regulares, prevendo no PME somente a formação direcionada para os

professores das SRM. Essa ainda é uma lacuna nos documentos oficiais e ações educacionais para a inclusão, prevê formação em exercícios a esses professores, para que dessa forma a qualidade do trabalho seja mais satisfatório e que desse modo a inclusão seja passível de acontecer.

Método (sujeitos/instrumentos/procedimentos):

A pesquisa utilizou como método a análise documental para atender ao objetivo proposta já apresentado. A centralidade foi a análise dos principais documentos oficiais das escolas municipais da cidade de Jacobina quanto a presença da diversidade social, física e intelectual dos estudantes do ensino fundamental I, com foco na inclusão, levando em consideração o conceito básico de inclusão, como o projeto de educação que visa repensar e recriar o modelo educacional através da quebra dos paradigmas vigentes na educação regular. Foi realizado ainda o diagnóstico quanto ao quantitativo de estudantes das escolas municipais com necessidades educativas especiais e quais são elas, bem como mapeamento quanto à presença de práticas pedagógicas inclusivas nas escolas municipais do fundamental I através do estudo exploratório.

Resultados Propostos/Alcançados:

Considerando os objetivos desse estudo, foi realizada a análise do Plano Municipal de Educação (PME), dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) das escolas que realizam o Atendimento Educacional Especializado (AEE), sob o olhar da inclusão, que pode ser conceituado como o ensino ofertado de modo igualitário a todos os alunos, ensino esse de qualidade (Manoan 2004; Mendes 2006).

O PME da cidade de Jacobina tem validade de 2015/2025 sob o projeto de lei Nº 018, de 23 de julho de 2015, contudo o mesmo aponta que pode haver mudanças para atender as necessidades da educação municipal. Como modo de estruturação educacional o mesmo prevê no artigo 2º incisos II - a universalização do atendimento escolar; e no inciso III-, desse mesmo artigo, a superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação. Diante desse pressuposto o município se compromete a prever educação de qualidade a todos sem nenhuma forma de discriminação.

Especificando as necessidades da educação especial no ponto 2.3 Modalidades e desafios educacionais incluindo no primeiro subponto 2.3.1 Educação especial (p.72), reafirmando que legalmente a educação de crianças os alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação deve se dar pela via inclusiva, respeitando as especificidades e garantindo o Atendimento Educacional Especializado, a cidade tem o seguinte quadro de crianças com deficiência.

Tipo de deficiência	Número de alunos
---------------------	------------------

	atendidos pelo AEE na área urbana
Deficiência Física	09
Deficiência Intelectual	30
Deficiência visual ou baixa visão	04
Surdez	11
Deficiência Múltipla	05
Síndrome de Heller	02
Transtorno do espectro autista (TEA)	07
TOTAL	68

Diante desse quadro a Secretaria de Educação apresenta ações para garantir a inclusão, dentre elas estão: a formação mensal dos professores que atendem nas Salas de Recursos Multifuncionais, Atividades Complementares com foco na inclusão e em concordância com o PME disponibilizam o AEE no turno oposto, oferecendo transporte público gratuito para essas crianças. As ações seguem o que o PME estipula, no que se refere a formação profissional percebe-se que ambas seguem a mesma lacuna, a oferta de cursos de formação continuada de curta duração, o que segundo Martins (2015); Moura (2013) não são suficientes para garantir a formação necessária para a inclusão.

Cientes da importância dessa formação o PME garante a oferta dessa formação, contudo explicita que deverão ser voltadas para os professores que atuam ou atuarão nas SRM, excluindo os professores das salas regulares. Ação essa que atrapalha o processo de inclusão, tendo em vista que a lacuna existente na formação inicial no que se refere à diversidade dificulta esse processo.

Essa deficiência encontrada no Plano segue nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas municipais analisados. Foram visitadas seis (06) escolas que realizam o AEE em Jacobina e atendem aos 68 alunos da área urbana que necessitam do atendimento, salientando que os mesmo estão matriculados na rede regular de ensino, dessa forma a escola deve estar estruturada para receber esse aluno diariamente, abaixo segue a tabela com as escolas e o quantitativo de alunos atendidos em cada uma delas.

	Unidade Escola Rede Municipal Área Urbana	Número de alunos atendidos pela SRM 2017
01	Colégio Gilberto Dias de Miranda	14
02	Escola Municipal Armando Xavier de Oliveira (EMAXO)	23
03	Escola Carlos Gomes	10
04	Escola Beatriz Guerreiro	08
05	Escola Luís Alberto	05
06	Escola Núbia Mangabeira	08
	TOTAL	68

Diante dessa tabela realizou-se a ida a campo para conseguir os PPP das escolas, contudo somente três disponibilizaram copia digital e uma permitiu a leitura do mesmo na escola. A escola Beatriz Guerreiro justificou que não entregaria o PPP porque não havia copia impressa e a versão digital não foi encontrada, a escola Luís Alberto Mangabeira justificou que está em

processo de reformulação curricular em conjunto com uma pesquisadora do Mestrado Profissionalizante da Universidade do Estado da Bahia campus IV e que posteriormente iria refazer o PPP da escola em conformidade a essa nova proposta da escola.

Com quatro Projetos para analisar buscou-se utilizar os parâmetros de Veiga (2002) que segue em cinco princípios Igualdade, Qualidade, Gestão Democrática, Liberdade e Valorização do Magistério, considerando os mesmos essenciais para uma escola pública democrática e de qualidade. Ainda segundo Veiga (2002 p. 01) “o projeto político-pedagógico vai além de um simples agrupamento de planos de ensino e de atividades diversas”, um PPP deve aglomerar propostas em metas serem cumpridas em seu período de validação, sendo também adaptáveis as mudanças que possam vir ocorrer isso dá seu caráter de “projeto”, enquanto seu olhar para a escola e os alunos como cidadãos engloba sua parte “política” e **é pedagógico** por estabelecer as ações pedagógicas a serem desenvolvidas na escola (Scavoni 2016).

Diante desses pressupostos foi possível perceber diversas semelhanças na construção dos PPP analisados, no que se refere a igualdade, todas as escolas propõe uma educação igualitária, tendo como fundamento a educação de qualidade a todos os alunos indistintamente de suas dificuldades. Porém houve algumas diferenças na escrita dos Projetos, o apagamento da educação especial na escrita dos mesmos ficou evidente em duas escolas, no Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda- COMUJA e na Escola municipal Armando Xavier de Oliveira-EMAXO, as metas de ambas prevê a igualdade, contudo suas metas não diferenciam ações específicas para a inclusão.

Enquanto isso no PPP do Luís Alberto e da Escola Municipal Carlos Gomes estão pautados nos princípios de igualdade e respeito a todos os envolvidos no processo educacional, entre pais, alunos, professores, gestores e profissionais de apoio buscando em suas metas e organização curricular garantir além do ingresso a permanência de todos os alunos, estabelecendo em suas metas ações exclusivas para a efetivação da educação inclusiva.

A qualidade do ensino a ser ofertado é o segundo ponto de análise e que qualifica um PPP, o COMUJA e o EMAXO mantem em sua estrutura o compromisso com a qualidade de ensino, porém não propõe ações que incluam os alunos da educação especial, todas as ações são voltadas para o ensino regular.

Os princípios que regem a escola Luís Alberto giram em torno da qualidade da educação ofertada aos alunos da instituição. As metas apresentadas são pautadas no desenvolvimento dos alunos, considerando a realidade social dos alunos, tentando adaptar-se ao público, inclusive aos alunos com NEE. Elaborando metas específicas para a educação especial enquanto visa garantir a qualidade do ensino desses alunos. A escola ainda coloca em seu PPP a deficiência da estrutura física da escola, que contém rampas, mas que ainda precisa adaptar os demais ambientes para receber os alunos.

A escola Carlos Gomes também estabelece metas específicas para a educação especial, sendo a única escola que descreve no corpo do texto a opção do AEE no contra turno escolar,

salientando que esse é um atendimento que complementa a sala regular com o objetivo de propiciar maior autonomia aos alunos. Propõe ainda recursos pedagógicos e estruturais que permitam a plena participação dos alunos nas atividades da escola.

A gestão democrática se inicia na elaboração dos PPP por meio da participação dos pais, alunos, professores e direção, para que juntos possam pensar em uma escola melhor. No COMUJA e no Luís Alberto coloca em seu PPP a aproximação entre pais/alunos/escola, contudo na elaboração do Projeto os pais e alunos não participaram, quebrando então desde a projeção das ações a relação entre escola e família, nessa elaboração somente houve contribuições de professores e gestores.

O colégio Luís Alberto coloca a importância da participação de pais e alunos na elaboração das metas e ações a serem desenvolvidas na escola, contudo chama atenção para a não resposta da comunidade ao chamado da escola, deixando a responsabilidade somente para a direção e professores.

Essa é uma atitude comum também na escola Armando Xavier que apesar de ter a assinatura de pais e alunos membros da comissão de elaboração do PPP, relata no corpo do documento as dificuldades de colaboração e trabalho em equipe nessa construção, tendo pouca expressividade das famílias.

A escola Carlos Gomes busca construir autonomia do profissional e do educando, baseado no livre-arbítrio de ação que exige de todos os envolvidos a constante atualização, a abertura e a humildade, e comprometimento de todos para construção de uma escola igualitária, de qualidade e inclusiva.

O COMUJA reafirma o valor da autonomia que a legislação LDB/96 dá a escola e propõe a necessidade de trabalho colaborativo entre a comunidade escolar, tendo pleno controle para elaborar e desenvolver projetos em conjunto com pais e alunos. O PPP do Luís Alberto além dos valores acima propostos, também deixa claro que esse não é um manual de instruções a ser seguido pelos professores, mas sim, um espaço para dialogar com o corpo docente e se flexibilizar de acordo com a demanda da escola e demonstrar aos professores que a abordagem da proposta objetiva situar o corpo docente quanto aos procedimentos essenciais pertinentes ao Projeto Político Pedagógico.

A Escola Municipal Armando Xavier de Oliveira utiliza da liberdade para consultar os pais, alunos e funcionários para realização do PPP dando um questionário para que eles possam dizer o que querem da escola de modo que a instituição possa construir projetos que atendam a necessidade da comunidade escolar.

A importância da formação profissional está diretamente ligada à valorização do magistério. Todas as escolas estão cientes da importância da formação dos professores para a efetivação da inclusão, contudo somente o Luís Alberto traz dentro das metas para a educação especial a proposta de buscar “formação continuada para professores e demais membros da equipe escolar”. A Escola Municipal Armando Xavier de Oliveira retrata que os professores estão desatualizados e reafirma a importância da formação de professores e gestores para a

diversidade, contudo não estabelece metas de formação para os mesmos, mantendo as preocupações sem ações que as solucione.

A Escola Carlos Gomes elaborou um dos melhores PPP baseado na qualidade, igualdade e colaboração para efetivação do ensino de qualidade a todos, contudo, não pauta na sua construção e na sua programação a formação docente, não prevendo cursos de formação em exercício para os professores, apesar de ter a colabora Ana Lucia de Carvalho mestre em educação com estudo focado na inclusão na escola que oferece um curso de formação na área aos professores da escola.

Por fim, temos Projetos Políticos Pedagógicos desatualizados, com ressalva a Escola Carlos Gomes que atualiza-o anualmente, as demais escolas tem seus projetos anteriores a 2016 e que não cumprem as características básicas para um bom projeto que estabeleça metas e compromissos para uma escola igualitária e de qualidade.

Conclusões:

A inclusão não é uma utopia, é um sistema de ensino que busca a igualdade, respeito e colaboração para que dessa forma se construa uma educação de qualidade no ensino público. O que pode ser constatado no ensino na cidade de Jacobina-Bahia por meio dos documentos legais que balizam a educação é que a educação especial se estrutura pela via da integração entre ensino regular e o atendimento educacional especializado no contra turno.

Ao final do estudo foi possível constatar que a cidade de Jacobina-Bahia possui uma quantidade razoável de alunos matriculados na rede pública de ensino com necessidades educacionais especiais e que os mesmos recebem da gestão atendimento quanto as suas especificidades, contudo, reconhecendo que para que a inclusão seja efetiva não se pode separar o aluno da turma e ainda há essa separação na rede. Esses alunos são matriculados ao mesmo tempo em que na classe regular no Ensino Educacional Especializado que ocorre nas Salas de Recursos Multifuncionais com uma professora especialista em educação especial.

Dessa forma, as escolas se encaminham para a inclusão por meio da integração, que se conceitua como o permeio do aluno entre a classe regular e a SRM. A Secretária de Educação do município contém um núcleo específico para a educação especial na perspectiva da inclusão. O mesmo é responsável pelas ações inclusivas na cidade. As responsáveis pelo núcleo e o secretário de educação professor André Sampaio colaboraram com os dados necessários para realização da pesquisa, de modo significativo.

Por fim, a análise de dados nos permitiu ter um cenário inicial mapeado da educação especial na cidade de Jacobina, reconhecendo que o modelo educacional aplicado na cidade é o modelo de integração, apontando a necessidade de integrar os alunos com necessidade educacional especial justificada pela lacuna na formação dos professores das salas regulares quanto a inclusão, assim a parceria entre sala regular e sala de recursos multifuncional ainda é

presente, forte e segundo as responsáveis pelo núcleo de inclusão da cidade tem sido uma parceria produtiva.

Referências Bibliográficas e outras:

BRASIL, Congresso Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União** n. 248, de 23/12/96 – Seção I, p. 27833. Brasília, 1996.

_____, Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

_____. INEP. Censo escolar parcial 2016. Disponível in <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=29/09/2016&jornal=1&pagina=355&totalArquivos=768>> acesso em 20-02-2017.

_____. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2007/2008.

BRASIL, Congresso Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União** n. 248, de 23/12/96 – Seção I, p. 27833. Brasília, 1996.

CARVALHO, A. L. O. F. **Educação inclusiva e seus impactos nas práticas pedagógicas na rede municipal de Jacobina/BA**: Estudo colaborativo na escola professor Carlos Gomes da Silva. Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas –DCH – IV. Jacobina, 2016.

CELLARD, A. **A análise documental**. In. POUPART, J. et al. Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos/tradução de Ana Cristina Nasser. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 295-316.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CORDEIRO, S. M. N. **As representações sociais de professores do ensino fundamental sobre TDAH e medicalização** 23/02/2016 100 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de

Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá Biblioteca Depositária: BCE - Biblioteca Central da UEM.

CORREA, M. A. **Prática pedagógica reflexiva em cursos de formação continuada: um estudo crítico etnográfico** 21/03/2013 127 f. Mestrado em estudos de linguagem Instituição de Ensino: Universidade Federal De Mato Grosso, Cuiabá Biblioteca Depositária: Biblioteca da UFMT. Especial/SEESP, 2010.

FERREIRA, L. S. Educação, paradigmas e tendências: por uma prática educativa alicerçada na reflexão. **OEI – Revista Iberoamericana de Educación**, 2010.

FREITAS, A. de O. **Atuação do Professor de Apoio à Inclusão e os Indicadores de Ensino Colaborativo em Goiás** 14/06/2013 123 f. Mestrado em EDUCAÇÃO - CAMPUS CATALÃO Instituição de Ensino: Universidade Federal De Goiás, Catalão Biblioteca Depositária: UFG.

GARCIA, R, M, C. Políticas para a educação especial e as formas organizativas do trabalho pedagógico. **Revista Brasil**. Ed. Esp., Marília, Set. -Dez. 2006, v.12, n.3, p.299-316.

GARRIDO, G.; SALTORATO, P & MOREIRA, C. A. A. **Reflexões psicanalíticas sobre a resistência à mudança organizacional**. Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, 15(2), abr-jun 2015, pp. 212-223 ISSN 1984-6657 • doi: 10.17652/rpot/2015.2.496.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio**.4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente (GESTRADO) UFMG. Disponível em:<https://www.gestrado.net.br/?pg=dicionario-verbetes&id=10>.

GUNTHER, H. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?** Psic. Teoria e pesquisa. Brasília, mai-ago 2006, vol. 22, n. 2, p. 201-210.

HERRERA, M. A. **A vida na escola estadual fotografada e narrada por crianças com deficiência** 29/03/2016 158 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Prof. Lucio de Souza.

KASSAR, M. C. M. Educação especial na perspectiva da educação inclusiva: desafios da implantação de uma política nacional. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 61-79,

Cód. de Validação: EC8D.3402.7782.DCE7

Gerado em 01/08/2017 15:40

jul./set. 2011. Editora UFPR.

KAUSS, C. T. **Formação de professores e Educação Inclusiva:** representações sociais em construção 30/01/2013 161 f. Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO - PROF JOSE DE SOUZA HERDY, Duque de Caxias Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Euclides da Cunha.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar:** o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

MANTOAN. M. T. E. O direito de ser, sendo diferente, na escola. **Revista CEJ**, Brasília, n. 26, p. 36-44, jul./set. 2004.

MARSYL, B. M.; HAYDÉA, M. M. de S. R. **Ensaio:** aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 489-510, out./dez. 2007.

MARTINS, N. S.de O. **A identidade profissional do professor formador de professores para a educação inclusiva:** formação docente e práticas pedagógicas 03/12/2015 undefined f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA, Porto Velho Biblioteca Depositária: Biblioteca Central Prof. Roberto Duarte Pires.

MARTINS. L. A. R. **Reflexões sobre a formação de professores com vistas à educação inclusiva.** In. O professor e a educação inclusiva: formação, práticas e lugares. Theresinha Guimarães Miranda & Teófilo Alves Galvão Filho, Organizadores. Salvador, EDUFBA, 2012, 491 P.: il.

MEC/SEESP. **Manual de Orientação:** programa de implantação de sala de recursos multifuncionais. [Brasília]: Ministério da Educação/MEC Secretaria de Educação.

MENDES. E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 33 set./dez. 2006.

MIRANDA, A. A. B. Educação especial no brasil: desenvolvimento histórico. **Cadernos de História da Educação** – n. 7 – jan./dez. 2008.

MOURA, L. C. R. de. **A formação do professor de línguas frente a pratica de inclusão ou exclusão.** 24/09/2013 94 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade

Cód. de Validação: EC8D.3402.7782.DCE7

Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo Biblioteca Depositária: sistemas de biblioteca Jalmar Bowden.

NÓVOA, A. **A formação de professores e profissão docente**. In. NÓVOA, A. Os professores e sua formação. Lisboa; Dom Quixote. 1992.

NÓVOA, A. **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. In. Nóvoa, A. Professores Imagens do futuro presente. EDUCA, Lisboa. 2009. Páginas 25-46 ISBN: 978-989-8272-02-7

NOZI, G. S. & VITALIANO, C. R. Formação de professores visando a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: implicações dos saberes recomendados pela produção acadêmica. **VIII encontro da associação brasileira de pesquisadores em educação especial** Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X 2640

NOZI, G. S. **Análise dos saberes docentes recomendados pela produção acadêmica para a inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais** 18/03/2013 180 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA, Londrina Biblioteca Depositária: Central da Universidade Estadual de Londrina.

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. Educação & Sociedade, ano **XXII**, nº 74, Abril/2001.

PINHEIRO, L. V. R. P. Fontes ou recursos de informação: categorias e evolução conceitual. Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia. Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2006.

RODRIGUES, G. N. **Formação e autonomia docente**: desafios à inclusão na educação infantil 07/03/2013 139 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, São Luís Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

SAMPAIO, CT. and SAMPAIO, SMR. **Educação inclusiva**: o professor mediando para a vida [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, 162 p. ISBN 978-85-232-0627-7. Available from SciELO Books. [HIPERLINK] <http://books.scielo.org>

SANTOS, ELIZETE COSTA DOS. **Saberes e Práticas no Processo de Inclusão Escolar no**

município de Teixeira de Freitas - Bahia' 08/03/2016 undefined f. Mestrado em ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, São Mateus Biblioteca Depositária: undefined.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. **Profissão docente na educação básica do Piemonte da Diamantina**: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas. UNEB, Jacobina, 2015.[pesquisa em andamento nos estudos de pós- doutoramento e iniciação científica)

SCAVONI, M. P. P.**Representações sociais de professores sobre inclusão e o projeto político pedagógico**: a escola em movimento 18/02/2016 195 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/MARILIA, Marília Biblioteca Depositária: CAMPUS DE MARILIA.

SILVA, M. Q. S. da; VILELA, M. C. S; OLIVEIRA, B. S. O professor e a educação inclusiva: Desafios e Perspectivas. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas da EDUVALE** - ISSN 1806-6283

SILVA, M. A. da. Qualidade social da educação pública: algumas aproximações. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 29, n. 78, p. 216-226, maio/ago. 2009 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

SILVEIRA, V. C. **O PIBID na formação do professor-supervisor e dos licenciados em história: reflexões e contribuições**. Universidade Federal Do Rio Grande – Furg Pró-Reitoria De Pesquisa E Pós-Graduação – Propesp Instituto De Ciências Humanas E Da Informação – Ichi Programa De Pós-Graduação Em História – Ppgh Mestrado Profissional Em História, Pesquisa E Vivências De Ensino-Aprendizagem. Rio Grande, 2014.

VEIGA, I. P. A. **Projeto político pedagógico da escola**: uma construção possível. 2a edição Papyrus, 2002.

Web Site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/manual_nocoas/representacao.html> Acesso em 21 de março de 2017.

WELKER, G. M.**Transversalidade nas ações da Educação Especial: a realidade dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul** 04/03/2016 undefined f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: undefined.

Cód. de Validação: EC8D.3402.7782.DCE7

Gerado em 01/08/2017 15:40

ANÁLISE DE DESEMPENHO DO BOLSISTA

Critério	Avaliação
Qualidade do trabalho: Considerar a qualidade do trabalho, tendo em vista as condições oferecidas.	Correspondeu as Expectativas
Desempenho: Esforço revelado para aprender, a partir de indagações e dúvidas apresentadas	Correspondeu as Expectativas
Assiduidade: Cumprimento do plano de trabalho com dedicação e zelo.	Correspondeu as Expectativas
Rendimento: Considerar o cumprimento do plano de trabalho de acordo com os prazos estabelecidos.	Correspondeu as Expectativas

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS, TECNOLÓGICOS OU DE INOVAÇÃO

Evento	Data	Apresentação de Trabalho
Pré Jornada de Iniciação Científica da UNEB-DCH IV	26/09/2016	Sim
Jornada pedagógica: a emoção, o exemplo e o cuidar	30/01/2017	Sim
II Colóquio Desleitura em Série	17/05/2017	Não
5º Ateliê de pesquisa- Costurando ideias	07/02/2017	Não
Seminário Perspectivas Interdisciplinares na Educa	28/06/2017	Sim

OBSERVAÇÕES DO ORIENTADOR

Texto revisado pela orientadora.

ANÁLISE DO DISCENTE EM RELAÇÃO AO PROGRAMA

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica teve significativa importância no meu processo de formação acadêmica e profissional, considerando a oportunidade de realizar essa pesquisa, a qual culminou no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), artigos publicados, assim como o convite para publicação em um livro, fez com que fosse possível a aprimoramento da escrita científica, responsabilidade com o trabalho, além de oportunizar a expansão dos conhecimentos acerca da Educação Básica Pública e as políticas de inclusão no Brasil. Além disso, a participação nos Grupo de Pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos (DIFEBA) e no grupo de estudos sobre educação inclusiva e especial, foram ricos momentos de aprendizagem, trocas e reflexões, sobretudo por estabelecer diálogos entre graduação e pós-graduação e os orientadores da IC de modo sistemático.

PARECER FINAL DO ORIENTADOR

Aprovado sem modificações

Aprovado com modificações

Reprovado

Local: _____

Data: _____

Declaro estar ciente e concordar, para todos os efeitos legais, com as informações contidas neste relatório.

Assinatura do(a) Orientador(a)

Assinatura do(a) Bolsista

PARECER DA INSTITUIÇÃO COTISTA

Assinatura da Coordenação PIBIC

Bolsa de Iniciação Científica - Cotas Relatório Técnico Final

IDENTIFICAÇÃO

Instituição: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

Nome do bolsista: FERNANDO MACEDO DA SILVA

CPF: 049.687.955-30

Pedido Nº:

/20

Orientador(a): ANA LUCIA GOMES DA SILVA

Período abrangência relatório: 01/08/2018 - 31/07/2019

Título do projeto de pesquisa: Práticas pedagógicas na Educação Básica de Jacobina – BA em contextos de diversidade: Interseccionalidades e recursos multimídias

EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

Cronograma de metas e atividades previstas no plano de trabalho

Descrição 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

Construção dos dados

Levantamento de material didático pedagógico que se constitui como acervo dos docentes nas suas práticas pedagógicas no trato com a diversidade.	X	X	X									
--	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--	--	--

Levantamento de recursos multimídia tais como: vídeos, filmes, livros que tratem das diversidades nas interseccionalidades de Gênero, raça e sexualidades e apresentar aos docentes.			X	X	X							
--	--	--	---	---	---	--	--	--	--	--	--	--

Elaboração do relatório parcial com os resultados da pesquisa.

Elaboração do relatório parcial.					X	X						
----------------------------------	--	--	--	--	---	---	--	--	--	--	--	--

Entrega do relatório parcial.						X						
-------------------------------	--	--	--	--	--	---	--	--	--	--	--	--

Organização dos dados.

Organização, análise e sistematização dos dados levantados na pesquisa.					X	X	X					
---	--	--	--	--	---	---	---	--	--	--	--	--

Elaboração de artigo com a orientadora da pesquisa.

Elaboração de artigo com a orientadora da pesquisa, para apresentar em eventos acadêmico-científicos da área.								X	X			
---	--	--	--	--	--	--	--	---	---	--	--	--

Elaborar roteiro de escrita do artigo e produzir o texto.								X	X			
---	--	--	--	--	--	--	--	---	---	--	--	--

Elaboração das sequências didáticas.

Definição coletiva dos temas das sequências didáticas.								X				
--	--	--	--	--	--	--	--	---	--	--	--	--

Elaboração coletiva das sequências didáticas com o material levantado.									X	X		
--	--	--	--	--	--	--	--	--	---	---	--	--

Elaboração do relatório final com os resultados da pesquisa.

Elaboração do relatório final.												X	X
--------------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---	---

Entrega do relatório final.													X
-----------------------------	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

Revisão/ Levantamento bibliográfico.

Realização da pesquisa bibliográfica acerca de memorial da profissão docente e demais temáticas do projeto.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Dificuldades encontradas: Falta de infraestrutura para o trabalho com os IC;
Ausência de sala /gabiente para orientação;
Ausência de incentivo para ida e eventos acadêmico-científicos apresentar os resultados oriundos da pesquisa;
Falta de sala para o trabalho do grupo de Pesquisa [solicitação reiterada ao Deptº desde 2014 - estamos em 2019 e ainda não possuímos uma sala para o Difeba e vários outros grupos de pesquisa e estudos do DCH IV.] Fator que tem sido preocupação da gestão. mas não obteve êxito.
Falta de notebook para o grupo de pesquisa e equipe de IC; ausência de publicação dos resultados da pesquisa dos IC pela UNEB, ficando invisibilizada nos Anais apenas, quando poderemos articular com a Eduneb, e publicar os artigos ao memos em formato de e-book.

Houve alteração no plano de trabalho: Não.

Justificativa da alteração: Não houve necessidade de fazer alterações no plano.

Resumo (aproximadamente 250 palavras):

Este estudo intitulado: Práticas pedagógicas na Educação Básica de Jacobina BA em contexto de diversidade: Interseccionalidades e Recursos multimídias, vinculado ao projeto “Educação Básica no território do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas” teve como objetivo realizar levantamento das práticas pedagógicas que constitui o acervo dos professores da Educação Básica de Jacobina-BA no trato com a diversidade, nas interseccionalidades de gênero, raça/etnia e sexualidades. Pretendeu ainda realizar levantamento quantitativo de material multimídia para o trabalho com a diversidade em sala de aula, organizando, categorizando e descrevendo cada um deles. Para tanto o método adotado foi a pesquisa colaborativa haja vista que esta pressupõe a colaboração entre os práticos e os pesquisadores, visando o desenvolvimento de conhecimentos que resultam da contribuição, experiência recíproca dos colaboradores de modo reinvestir nas práticas pedagógicas refletidas coletivamente. Como resultados obtidos foi produzido um inventário de quadro multimídias, elaboração de sequência didática interdisciplinar para o trato com a diversidade numa abordagem interseccional. Além disso, os Ateliês de Pesquisa revelaram se potencialmente significativos, pois nos oportunizou a perceber que as questões da diversidade vem sendo investidas como fator relevante ao se pensar nas práticas pedagógicas, que no cenário atual precisa considerar as pluralidades dos sujeitos-envolvidos no processo de ensino e aprendizagem e nas identidades múltiplas desses sujeitos.

Palavras Chave:

Educação Básica;Práticas pedagógicas;Interseccionalidade;Recursos multimídias ;Diversidades

Introdução (tema/objetivos/hipóteses/justificativa):

O estudo realizado está vinculada a pesquisa intitulada *Educação Básica no território do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas* e nasce do diálogo entre bolsista e orientador considerando a necessidade de realizar o desdobramento do subprojeto realizado anteriormente, intitulado: *Educação Sexual na Educação Básica: formação em exercício* submetido e aprovado pelo edital 010/2016 fomentado pelo Conselho Nacional de Amparo a Pesquisa (CNPq), que teve como objetivos investigar quais os conteúdos referentes à educação sexual apresentavam maior e menor relevância de acordo com docentes e discentes de uma escola de ensino médio na cidade de Jacobina – BA.

Deste modo, nasceu a proposta do atual subprojeto, ao identificarmos nos resultados da pesquisa anterior, os discursos recorrentes do coletivo docente quanto aos desafios postos à

prática pedagógica em contextos de diversidade, considerando que dentre os principais fatores foram apontados: a escassez de recursos, cursos de formação e desconhecimento dos temas. Após esta constatação decidimos investigar as práticas pedagógicas dos professores da Educação Básica de Jacobina-BA, que abordasse a diversidade nas interseccionalidades de gênero, sexualidades e raça/etnia.

A pesquisa teve como principais objetivos levantar, categorizar e organizar os recursos multimídias acerca da referida temática que se constituem como acervo dos professores; realizar levantamento online e bibliográfico de recursos multimídias acerca da temática para a construção de um banco de dados online.

Este estudo toma como centralidade a interseccionalidade de gênero, sexualidades e raça/etnia, pois reconhecemos a interseccionalidade como uma ferramenta necessária para pensarmos a problemática desses marcadores sociais da diferença nas abordagens em sala de aula. O conceito de interseccionalidade foi cunhado por Kimberlé Crenshaw estudiosa afro-estadunidense em 1989, embora a preocupação em estudar como o entrelace das diversas formas de diferenças seja anterior, tendo um de seus pontos iniciais nos anos 1970, tendo como um dos marcos o manifesto de 1977, do *Combahee River Collective*, que foi um movimento de feministas negras e lésbicas atuante ente 1973 e 1980, este coletivo defendia que a luta se articulasse contra as opressões sexual de raça, gênero e demais opressões brotadas do racismo, heterossexismo e exploração de classe social, desta forma Carla Akotirene dialogando com Crenshaw nos aponta:

a interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias além do fracasso do feminismo em contemplar as mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente o movimento negro falha pelo caráter machista. (CRENSHAW apud AKOTIRENE, 2018, p.14).

Éa partir destas premissas que este estudo busca problematizar as práticas pedagógicas que estão inseridas no cotidiano de uma escola no território de identidade do Piemonte da Diamantina, especificamente das práticas que abordem os marcadores supracitados.

Apresentamos a seguir o percurso metodológico desta pesquisa.

Método (sujeitos/instrumentos/procedimentos):

O método adotado nesta pesquisa foi a pesquisa colaborativa, a qual segundo Desgagné (2007) pressupõe que a colaboração entre pesquisadores e docentes práticos[1], emerge da constatação de que há um distanciamento entre o mundo do exercício da docência e o mundo da pesquisa que pretende abordá-lo.

Assim a pesquisa colaborativa é entendida por nós à luz de Desgagné (2007):

uma pesquisa colaborativa supõe a contribuição dos professores em exercício no processo de investigação de um objeto de pesquisa, este freqüentemente enquadrado por um ou mais pesquisadores universitários. Tais professores tornam-se, em algum momento da pesquisa,

Cód. de Validação: CF15.7066.F503.5C89

“co-construtores” do conhecimento que está sendo produzido em relação ao objeto investigado. (DESGAGNÉ, 2007, p. 9)

Compreendemos assim, que os professores ao colaborarem com esta pesquisa constituem uma rede de co-construtores desta investigação ao passo que ao colaborarem com seus saberes, inquietudes, desejos e práticas estão também implicados em uma situação onde refletem, constituem e consideram os desafios e as potencialidades de suas práticas pedagógicas, suas vidas e carreira docente, assim como afirmam Franco e Ghedin (2015, p. 218) que “[...] ao falar de pesquisa-ação, fala-se de uma pesquisa que não se sustenta na epistemologia positivista e pressupõe a integração dialética entre sujeito e sua existência, entre fatos e valores entre pensamento e ação, entre pesquisador e pesquisado”.

O método da pesquisa-ação colaborativa tem então como principal contribuição o auxílio na resolução de problemas e situações que são sustados dentro do processo de investigação, assim o trabalho precisa constituir-se na parceria colaborativa entre pesquisador e colaboradores, desta forma Medeiros (2018) salienta que o pesquisador precisa considerar as concepções que os professores participantes possuem da sua prática e formação, interessando-se pelas reflexões que eles fazem da sua atuação, procurando analisar como eles enfrentam as situações levando em consideração os recursos e os limites que eles apresentam.

O fazer ativo e colaborativo é que deve ser a característica essencial da pesquisa-ação colaborativa este fazer que parte dos/as colaboradores/as como sujeitos e coautores no processo da pesquisa em educação, especificamente em abordagens qualitativas, Medeiros (2018).

Ressaltamos ainda como relevante neste tipo de investigação, o fato de que como aponta Pimentel (2013) as ações não devem ser pensadas apenas pelos pesquisadores, mas em conjunto com, numa ação que possibilite traçar os caminhos e os objetivos refletindo também acerca dos alcances dessa perspectiva em que os saberes dos sujeitos não são hierarquizados, e sim, compartilhados.

Neste sentido esta pesquisa foi construída alicerçada nos pressupostos elencados nesta abordagem colaborativa, considerando as etapas de imersão e da realização dos Ateliês de pesquisa no lócus pesquisado, por ser este um dispositivo que dialoga de modo fecundo com a pesquisa ação colaborativa, por ter como premissa, a formação e auto formação colaborativamente, em que os encontros são tomados como reflexão da epistemologia da prática que como aponta Franco (2015) deve ser crítica para possibilitar perceber como construir, rever, criticar e ressignificar, em processo, tais conhecimentos, para neste movimento colaborativo, intervir e definir estratégias para ressignificar as práticas pedagógicas.

Este estudo foi realizado em três etapas, a saber: na etapa 1 foi realizada uma revisão sistemática nos pressupostos da pesquisa bibliográfica; na etapa 2 ocorreu a imersão em campo para realização dos Ateliês de Pesquisa e na etapa 3 ocorreu a elaboração dos

resultados/produtos da pesquisa.

A revisão sistemática: tema da pesquisa revisitado

A nossa tarefa para a primeira etapa do nosso estudo investigativo foi a revisão sistemática que é conceituada por Sampaio e Mancini (2007) assim:

Uma revisão sistemática, assim como outros tipos de estudo de revisão, é uma forma de pesquisa que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema. Esse tipo de investigação disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada. As revisões sistemáticas são particularmente úteis para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente sobre determinada terapêutica/ intervenção, que podem apresentar resultados conflitantes e/ou coincidentes, bem como identificar temas que necessitam de evidência, auxiliando na orientação para investigações futuras. (SAMPAIO; MANCINI, 2007, p. 84)

Assim posto, nossa revisão foi iniciada utilizando como base o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Delimitamos a revisão da seguinte forma: recorte temporal de 2007 a 2018, níveis de mestrado e doutorado, estado da Bahia, com os descritores profissão docente e diversidade, delimitando as dimensões da diversidade em gênero, raça/etnia e sexualidades. Os resultados da revisão sistemáticas estão devidamente apresentados no item RESULTADOS: O CAMPO EM MOVIMENTO COLABORATIVO.

Quadro de recursos multimídias

Cumprindo com os objetivos da nossa pesquisa, pesquisamos em livros e na internet recursos multimídias com fins à elaboração de quadro com tais recursos para servir de acervo aos professores em suas práticas que contemplem a diversidade, desta forma o quadro foi elaborado com uma lista de filmes, documentários, livros, poemas, músicas e videoclipes.

Cada item contém uma curta sinopse/descrição principais temáticas da diversidade abordadas e sugestão de componentes curriculares[2] a serem contemplados. Salientamos ainda que o quadro será disponibilizado virtualmente no site grupo de pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos (Difeba), o qual poderá ser acessado por todos aqueles que se interessarem.

Imersão em campo: os Ateliês de Pesquisa fiando e tecendo

No trabalho em campo desta pesquisa os momentos foram concebidos em uma dinâmica colaborativa e participativa. O que seria o Ateliê de Pesquisa? Na dinâmica do trabalho em campo, constituímos momentos formativos potentes baseados na confiança, no trabalho em equipe colaborativa. Assim os relatos de práticas pedagógicas, de vidas, de narrativas cotidianas reveladoras de trocas de saberes e experiências únicas, nos possibilitou uma construção coletiva de novos saberes e práticas, que se constituíram como elementos de ressignificação das práticas pedagógicas em debate.

Os Ateliês foram os momentos em que discutimos as práticas pedagógicas, as realidades e dinamismo da escola, considerando o nosso ambiente de estudo, as implicações sociais, relações de força e os interstícios da profissão docente, sempre numa dinâmica de escuta, de reflexão e colaboração.

Nosso entendimento de Ateliê de Pesquisa se estabelece na ideia de um construir em processo, em que pesquisador e colaboradores vão delineando de acordo com os aspectos e as necessidades do coletivo. Como nos aponta Ana Lúcia Silva e Teixeira Filho (2015):

Nossa concepção de Ateliê de pesquisa se alicerça na compreensão de um espaço formativo em que se tece coletivamente, portanto, colaborativamente. É o lugar como espaço-tempo formativo auto formativo, cujo trabalho será produzido por pessoas/profissionais com vontade de criar e, onde se pode experimentar, manipular e produzir produtos resultantes da pesquisa como princípio educativo, cognitivo, formativo, colaborativo e de reflexão/avaliação constante sobre a prática pedagógica. (SILVA & TEIXEIRA FILHO, 2015, p. 353)

Pensando neste espaço potente de formação e autoformação com os profissionais desejosos de construir, experimentar e produzir, estabelecemos uma dinâmica pensada nas categorias principais deste estudo investigativo: os marcadores sociais da diversidade e da diferença gênero, sexualidade e raça, além da inclusão que está inserida no subprojeto parceiro: A Educação Inclusiva na construção da Identidade do sujeito Surdo.

Nossos Ateliês ocorreram de forma quinzenal, exceto em situações pontuais previamente acordadas com o coletivo em que foi necessário realizações semanais. No primeiro Ateliê foi apresentado ao coletivo a proposta de trabalho, as características dos Ateliês e as pesquisas envolvidas neste trabalho maior. Foi um momento em que docentes puderam questionar e sugerir, assim os acordos foram feitos em relação às datas e cronograma.

Os critérios para a participação dos professores foram: aqueles que estivessem em efetiva regência de classe e desejassem colaborar por livre adesão. Foi convidada também coordenação pedagógica para a parceria. Inicialmente formou-se um grupo com 20 docentes interessados nos “Ciclos de Formação” a serem realizados através dos Ateliês de Pesquisa. Posteriormente, houve a participação de somente 09 colaboradoras, do sexo feminino, a saber: 01 docente do Fundamental I; 06 docentes do Fundamental II; 01 coordenadora pedagógica; 01 profissional atuante na administração escolar que procurou a equipe de pesquisadores/as informando seu interesse na formação). Assim seguimos, compreendendo a disponibilidade e vontade dos docentes em participar. As colaboradoras serão apresentadas por nomes fictícios, por questões éticas de preservação de confidencialidade, conforme Resolução 510/2016.

Aos sujeitos colaboradores da pesquisa, professores atuantes no ensino fundamental na escola pesquisada apresentamos vídeos, músicas, livros, filmes e textos científicos e literários como suporte para as discussões, além de dinâmicas como forma de tornar o ambiente afetivo e prazeroso. Para refletirmos os dados levantados em Ateliê é relevante destacar o uso do dispositivo utilizado para o registro da reflexão escrita individual, o diário de bordo, distribuído

para todos os sujeitos envolvidos na pesquisa.

O diário de bordo foi o dispositivo que os envolvidos dispunham para fazer suas reflexões acerca dos Ateliês, das suas práticas, dos materiais apresentados e demais questões que poderiam surgir no momento do Ateliê ou posteriormente e que de algum modo tenha provocado a reflexão do docente.

[1] Docentes no exercício exclusivo da docência. O autor utiliza este termo para diferenciar o docente do pesquisador, o investigador acadêmico que estudará a prática docente.

[2] Os componentes curriculares são sugestões, pois entendemos que os temas devem ser tratados de forma interdisciplinar como papel da escola e do currículo.

Resultados Propostos/Alcançados:

Apresentamos agora os resultados desta pesquisa, começando pelos resultados concernentes à etapa da Revisão sistemática:

Foram mapeadas 14 pesquisas nas dimensões elencadas conforme quadro 1:

Quadro 1: Pesquisas levantadas em revisão sistemática

Nº	Autor (a)	Título	UES	Ano
01	Karina Nery Embirussu	Formação Docente e Concepção de Gênero: Um Estudo sobre Processos identitários de egressas da Faculdade de Educação da Bahia	UFBA	2007
02	Eronilda Maria Góis de Carvalho	Cuidado, relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: Um estudo de professoras e professores da pré-escola pública	UFBA	2007
03	Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus	De como tornar-se o que se é: Narrativas implicadas sobre a questão étnico-racial, a formação docente e as políticas para a equidade.	UFBA	2007
04	Nanci Helena Rebouças Franco	Educação e Diversidade Étnico-Cultural: Concepções Elaboradas Por Estudantes no Âmbito da Escola Municipal Helena Magalhães	UFBA	2008
05	Tatiane de Lucena Lima	Identidades, Currículo e Formação Docente: Um estudo sobre implicações de gênero em Práticas Educativas de estudantes de Pedagogia	UFBA	2008
06	Rita de Cássia Costa Moreira	Sinais de gênero nas diferentes linguagens que tecem o discurso na escola	UFBA	2008
07	Sílvia Karla Almeida Dos Santos	O Gênero e a Sexualidade na Escola: um estudo com docentes do Instituto de Educação Gastão Guimaráes em Feira de Santana – BA	UNEB	2010
08	Rita de Cássia Magalhães de Oliveira	Tessituras das Diversidades: cultura(s) no cotidiano da escola de um território rural-quilombola	UNEB	2014
09	Dinalva de Jesus Santana Macêdo	Educação em Comunidades Quilombolas do Território de Identidade do Velho Chico/BA: indagações acerca do diálogo entre as escolas e as comunidades locais.	UNEB	2015
10	Mario Lopes dos Santos Neto	As ressonâncias de uma reparação tardia: um estudo sobre as experiências docentes diante do ensino de história e cultura afro e das relações étnico-raciais na comunidade do Curuzú, Salvador (BA)	UFBA	2015

11	Cleiton Santos Nunes	Temáticas emergentes das práticas curriculares do ensino fundamental da educação de pessoas jovens, adultas e idosas	UESB	2016
12	José Miranda Oliveira Junior	As práticas pedagógicas para a diversidade sexual nas escolas estaduais de Vitória da Conquista – BA	UESB	2017
13	Anderson Santana de Souza	A presença do docente do gênero masculino no contexto de escolarização de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental	UESB	2018
14	Joana Maria Leôncio Nuñez	Nas teias da Diversidade: experiências (auto)formativas dos(as) Professores(as) Supervisores(as) do PIBID/ UNEB	UNEB	2018

Fonte: Elaboração dos autores (2019)

O quadro destas quatorze pesquisas nos possibilitou a inferência de dados, como data (anos) das pesquisas, instituições, sexo das/os pesquisadoras/es e dimensões pesquisadas, estes dados serão apresentados a seguir:

A seguir apresentamos demais aspectos da revisão sistemática nos quadros a seguir:

Quadro 2: Pesquisas por dimensões da diversidade

Dimensões	Gênero	Raça/etnia	Sexualidades	Interseccional
Quantidade	05	05	1	3

Fonte: Elaboração dos autores (2019)

Ao analisarmos os quadros, percebemos que 05 delas se voltaram para a dimensão de raça/etnia, 05 para gênero 02 para sexualidades e 03 abordaram as categorias de forma interseccional abordando gênero e sexualidades e gênero com outras dimensões, a saber: raça, classe, sexualidade etc. Este resultado nos leva a inferir que as pesquisas com a temática de gênero e raça são em maior ocorrência enquanto a temática da sexualidade apenas uma ocorrência, devido ao tema sexualidade ser de fato ainda interdito e cercado de tabus e crenças, e mitos de diversas ordens, inclusive a religiosa. Além disso, é um tema delicado que expõe o sujeito, pois como aponta Louro (2001),

A (s) sexualidade(s) e o gênero estão, mais do que nunca, no Centro dos discursos; estão a deixar o silêncio e o segredo e, por bem ou por mal, estão a provocar ruído, a fazer barulho e a fazer falar (LOURO, 2001, p. 38)

Deste modo esta escassez de estudos da sexualidade na interface com a profissão docente expõe este quadro de um cenário que está marcado pelos discursos que transitam antagonicamente, entendemos e percebemos a emergência da temática e sobretudo consideramos também os espinhos que são suscitados pelos tabus, crenças e mitos.

Quadro 3: pesquisas por ano com os temas gênero, raça/etnia e sexualidade

2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
3	3	0	1	0	0	0	1	2	1	1	2

Fonte: elaborado pelos autores (2019)

Em relação aos anos das pesquisas percebemos lacunas que indicam continuidades e descontinuidades de estudos nestas temáticas, percebemos os dois primeiros anos do recorte com 3 pesquisas cada, no ano posterior 2009, nenhuma pesquisa como também os anos de 2011, 2012 e 2013, um cenário com 3 pesquisas é percebido novamente em 2015, os anos de 2010, 2014 e 2017, por fim 2018 aparece com duas pesquisas.

Quadro 4: O tema em estudo por instituição

UESB	UFBA	UNEB
3	7	4

Fonte: elaboração dos autores (2019)

No que diz respeito à instituição de produção das pesquisas encontramos um cenário de destaque para a Universidade Federal da Bahia (UFBA), com 7 pesquisas, logo após temos a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Universidade do Sudoeste da Bahia (UESB) com 4 e 3 pesquisas respectivamente.

Quadro 5: Sexo dos pesquisadores

Feminino	Masculino
10	4

Fonte: elaborado pelos autores (2019)

Concernente ao sexo dos pesquisadores, o cenário nos diz que foram as mulheres que mais pesquisaram a temática com 10 estudos; seguidas dos homens com 4 estudos, o que nos possibilita inferir que há uma preocupação investigativa maior por parte das mulheres nas questões referentes às temáticas de gênero, sexualidades e raça/etnia, como também faz-se necessário destacar que dois dos três estudos que possibilitam uma abordagem interseccional foram realizados por mulheres.

Deste modo nos interrogamos: O que dizem essas pesquisas? Percebemos que estas pesquisas ao abordar as questões de gênero e sexualidade implicadas com a profissão docente, tomam as questões a partir da problematização das concepções de gênero, dos papéis de gênero, da sexualidade entendida como diversa, das questões étnico-raciais que são tomadas para pensar as culturas africanas, afro-brasileiras e as questões da negritude na

Cód. de Validação: CF15.7066.F503.5C89

escola e na sociedade e tem como ponto emergente a lei 10.639/03, a as pesquisas vislumbram as questões a partir da necessidade de reflexão e reinvenção das práticas pedagógicas como forma de ressignificar os papéis de gênero, estigmas e preconceitos perpassando a formação e o exercício da docência, da relevância de tais temáticas para a formação docente como forma de tornar o contexto docente e as práticas menos hegemônicas.

As pesquisas que abordam as dimensões interseccionalizadas entre si e demais marcadores como raça/etnia e classe abordam ampliar o debate de modo relevante, pois é constatável a preocupação com novas práticas de formação e construção do conhecimento de modo a romper com as hierarquizações das formas de opressão. Pensemos então que, estes professores pesquisadores que buscam e apontam novos caminhos para o saber contribuem para reverter práticas hegemônicas e excludentes e na reversão de formas de opressão, construindo cenários possíveis de entender a diversidade e a diferença como naturais, desnaturalizando o machismo, a homofobia, racismo e todas as formas de opressão.

Estes resultados dialogam e contribuem com o nosso estudo, pois este se revela relevante a ser realizado na Bahia, por ainda termos resultados incipientes, contribui para melhor aprofundamento do tema estudado, amplia os resultados e diálogos com a área da educação na interface com a diversidade, considerando que a mesma seja tomada como princípio educativo e reflexivo da formação docente e conseqüentemente das práticas pedagógicas. Sendo a nossa original neste aspecto, por realizar este estudo na cidade de Jacobina no território do Piemonte, enquanto os outros estudos foram realizados em outros territórios a maioria na região metropolitana de Salvador, Portal do Sertão, Velho Chico e Sudoeste Baiano. Nosso estudo realizado na UNEB, que ainda possui poucos estudos ampliará assim os resultados conforme podemos verificar nos resultados a seguir

Apresentamos então, o quadro de recursos multimídias das diversidades. O quadro apresenta recursos como filmes, músicas, livros etc. que abordem as temáticas da diversidade tendo como foco as dimensões de gênero, sexualidades e raça/etnia.

Quadro 6: Recursos multimídias para a Diversidade

Filme	Principais contribuições	Temáticas abordadas	Componentes curriculares
Shrek Ficção (Andrew Adamson, EUA 2001)	Contribui para trabalhar o tema do preconceito, questionando imagens pré-concebidas e padrões de beleza dominantes. Um ogro (Shrek) salva a princesa e acaba por conquistá-la. O filme joga, todo o tempo, com as expectativas da plateia: a princesa transforma-se em ogra; o dragão é uma fêmea sensível e o grande vilão é de estatura reduzida.	Raça e etnia, Gênero	História Educação Artística Língua Portuguesa
A encantadora de baleias Ficção (Niki Caro, Nova Zelândia/ Alemanha, 2002)	Trata-se de um filme que discute a sobrevivência cultural de uma comunidade maori, por meio da figura de uma menina que deseja participar de tradições somente reservadas aos meninos. O avô dela busca um sucessor para que a cultura do grupo não se perca, no entanto, é nela que vão ser encontradas as qualidades necessárias para isso. O tema que serve como base ao filme é a interpenetração das culturas e os processos de modificação das tradições.	Raça e etnia, Gênero	História Geografia Ciências Educação Artística Língua Portuguesa
Camelos também choram Documentário (Bryan Basuren Davaa e Luigi Falorni, Alemanha/ Mongólia, 2003)	Possibilita um estudo abrangente acerca da diversidade, contribuindo ainda que indiretamente, para a produção da escrita de si e de projetos pedagógicos. Trata-se de um documentário que remete para a alteridade e desnaturaliza o estranhamento do outro, pois apresenta um modo de vida bastante diverso do ocidental, vivido por uma comunidade que reside no deserto de Gobi, no sul da Mongólia, numa relação ainda bem inte-	Raça e etnia	História Geografia Ciências Educação Artística Língua Portuguesa
Mentes perigosas Ficção (John Smith, EUA, 1995)	O filme narra a história de uma professora que trabalha com uma turma de alunos tidos como "difíceis". A história coloca em questão como a escola constrói as imagens acerca dos negros e dos hispânicos nos EUA, sugerindo a reflexão sobre práticas ocorridas também no Brasil.	Raça e etnia Memória	História Geografia Língua Portuguesa
Os incríveis Ficção (Brad Bird, EUA, 2003)	O filme permite discutir o que significa ser diferente em contraste com a assim considerada "normalidade" social. Uma família de super-heróis procura viver de modo "integrado", em um subúrbio americano. Desse modo devem abandonar/esconder as qualidades que os tornam especiais.	Raça e etnia Gênero	Ciências Educação Artística Língua Portuguesa

Música	Principais contribuições	Temáticas abordadas	Componentes Curriculares
Óculos Intérprete: Paralamas do Sucesso, Composição: Herbert Vianna, 1984)	A música evidencia os sentimentos de um homem que usa óculos e sente-se discriminado por isso. O material permite, portanto, analisar práticas de distinção e desigualdade social pautadas em características físicas.	Gênero e sexualidade	Educação Artística Língua Portuguesa
Lourinha bombril Intérprete: Paralamas do Sucesso, Composição: Diego Blanco/ Bahiano, 1986)	Traz como tema a miscigenação brasileira, permitindo relativizar os "rótulos e identidades".	Gênero e sexualidade	História Geografia Educação Artística Língua Portuguesa
Índios Intérprete: Legião Urbana, Composição: Renato Russo, 1986	Crítica situações de desigualdade, remetendo para a história das relações entre indígenas e brancos no Brasil.	Raça e etnia	História Geografia Educação Artística Língua Portuguesa
Blues da piedade Intérprete: Cazuza, composição: Roberto Frejat e Cazuza, 1988	Sugere que é preciso estimular atitudes de tolerância com relação aos outros.	Multiplicidades	História Geografia Educação Artística Língua Portuguesa
Amor de Índio Intérprete: Beto Guedes, Composição: Beto Guedes/ Ronaldo Bastos, 1978	A música retrata formas de relação com a natureza e com a vida, próprias dos indígenas e que contrastam com o ritmo da sociedade industrial.	Raça e etnia	História Geografia Educação Artística Língua Portuguesa
De toda cor Intérprete: Renato Luciano e outros, Compositor Renato Luciano	A música exalta a diversidade, em seus versos explora as cores os sabores fazendo referências a diversidade dos sujeitos.	Raça e etnia, gênero, sexualidade, geração etc.	Todas

Obra	Principais contribuições	Temáticas abordadas	Componentes curriculares
Como é por dentro outra pessoa Poema Fernando Pessoa, 1934	O poema coloca a questão dos limites que temos na nossa percepção do outro, permitindo relativizar opiniões preconceituosas que talvez sejam formadas a respeito dos demais. Pode ser encontrado em https://www.insite.com.br/art/pessoa/coligidas/809.html	Raça e Etnia	Educação Artística Língua Portuguesa
A terra dos meninos pelados Ficção Graciliano Ramos, 1945	A história retrata as experiências de um menino numa terra onde todos eram diferentes dele. O livro narra também suas vivências numa terra onde todos eram iguais a ele.	Raça e Etnia Multiplicidades	Ciências Educação Artística Língua Portuguesa
Resíduo de poema Poema In: A rosa do povo, de Carlos Drummond de Andrade, 1945	O poema oferece subsídios para discutir as relações entre o passado e o presente, mostrando como a situação atual e composta de inúmeras outras anteriores, compondo múltiplas experiências pessoais e sociais.	Histórias de vida	Educação Artística Língua Portuguesa
Memórias de uma menina católica Autobiografia Mary Mc Carthy, 1957	A autora relata suas experiências após a morte de seus pais num acidente: a vida com os tios, o internato de freiras. Enfim, como vai descobrindo o mundo e a si mesma.	Histórias de vida Gênero e sexualidade	Educação Artística Língua Portuguesa
Diário de Davi Romance Silvano Sulzart	O livro o Diário de Davi: preconceito racial, homofobia e bullying na escola – aborda o bullying, a obesidade infantil, o preconceito racial, o cyberbullying, o bullying homofóbico e a inclusão escolar, de forma objetiva, tomando como base a Lei 13.185, que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying), em todo o território nacional. Davi, em uma narrativa envolvente e singela, conta suas dores e dilemas.	Histórias de vida Sexualidade, Bullying, homofobia, gordofobia, racismo Outras temáticas além do gênero, aparecem, tais como: empoderamento feminino, relações amorosas, educação.	Educação Artística Língua Portuguesa História etc.

Filmes	Principais contribuições	Temáticas abordadas além de gênero	Componentes Curriculares
<p>O sorriso de Mo-nalisa</p> <p>Ficção</p> <p>(Mike Newell, EUA, 2003)</p>	<p>Relata o episódio de uma profes-sora feminista cujas ideias não são aceitas por suas alunas, que pretendem formar, no futuro, uma família e assumir os papéis de esposas e mães. A história coloca em pauta uma série de discus-sões acerca das possibilidades e escolhas das mulheres em dife-rentes momentos e lugares. Cer-tamente, as meninas podem trazer elementos importantes às discussões promovidas pelos professores, pois elas vivenciam esse tipo de questão em seu dia a dia.</p>	<p>Raça e Etnia</p>	<p>História</p> <p>Educação Artística</p> <p>Língua Portuguesa</p>
<p>Billy Elliot</p> <p>Ficção</p> <p>(Stephen Daldry, Grã-Betanha, 1999)</p>	<p>Relata a descoberta, por um me-nino, de seu gosto pelo bailet e os preconceitos que ele enfrenta a partir dessa escolha, por parte de sua família e amigos. Sua luta para poder seguir a carreira de bailarino e a descoberta de sua homossexualidade constitui uma história que traz elementos para discutir os papéis sociais e sexu-ais.</p>	<p>Histórias de vida</p> <p>Sexualidade</p>	<p>História</p> <p>Geografia</p> <p>Educação Artística</p> <p>Língua Portuguesa</p>
<p>Kinsey, vamos falar de sexo</p> <p>Ficção</p> <p>(Bill Condon, EUA, 2004)</p>	<p>O filme parte de perguntas relati-vas à sexualidade que podem ser retomadas nas discussões em classe relativas ao estudo do corpo humano, as relações entre homens e mulheres ao longo da história ou às imagens do mascu-lino e feminino na literatura ou na pintura, gerando-se a partir daí, produções escritas dos alunos.</p>	<p>Raça e Etnia</p>	<p>História</p> <p>Geografia</p> <p>Educação Artística</p> <p>Língua Portuguesa</p>
<p>O closet</p> <p>Ficção</p> <p>(Francis Veber, França, 2001)</p>	<p>É uma comedia que ironiza a moda do "politicamente correto": um homem com quem todos anti-patizam e que foi deixado por sua mulher torna-se popular e obtém benefícios a partir de um mal-entendido em seu trabalho, quan-do todos passam a pensar que ele é gay.</p>		<p>Educação Artística</p> <p>Língua Portuguesa</p>
<p>Por que os ho-mens não passam a ferro?</p> <p>Documentário</p> <p>Capítulos I e II – Grandes séries – GNT, 1997</p>	<p>O documentário mostra as dife-renças biológicas entre o cérebro de homens e mulheres explican-do como estas diferenças deter-minam habilidades e comporta-mentos distintos. Na primeira parte, o trabalho evidencia como meninos e meninas aprendem de forma desigual; na segunda parte, são evidenciadas as diferentes carreiras profissionais que os homens e as mulheres costumam exercer.</p>		<p>História</p> <p>Geografia</p> <p>Ciências</p> <p>Educação Artística</p> <p>Língua Portuguesa</p>

A convidada	Romance escrito em ponto de vista de uma mulher, que vive uma relação aberta com um homem. Vai tudo bem, até que ele inicia uma relação com uma mulher mais jovem, o que a faz sentir se ameaçada.		Educação Artística Língua Portuguesa
Romance			
Simone de Beauvoir, 1943			

Fonte: Adaptado do artigo “A diversidade e o trabalho escolar”: a atualidade de uma proposta pedagógica, de Cynthia Pereira de Sousa, que pode ser encontrado no livro *Políticas, Práticas e Formação na Educação Básica*, organizado por Jane Adriana V. P. Rios, EDUFBA, 2015. p.137-160.

Filmes e vídeos	Sinopse	Temática	Componentes Curriculares
XXY Ficção (Lúcia Puenzo, Espanha, França, Argentina, 2007)	O filme narra a história de Alex, um adolescente que nasceu com ambas as características sexuais. Tentando fugir dos médicos que desejam corrigir a ambiguidade genital da criança, seus pais a levam para um vilarejo no Uruguai.	Gênero, sexualidade – intersexualidade.	Língua Portuguesa, Ciências, História, Educação Artística
Orações para Bobby Drama/ Baseado em história real (Russel MulCahy, EUA, 2009)	Um telefilme que relata a história real da vida e do legado de Bobby Griffith, um jovem gay que se suicidou em 1983 devido ao fanatismo religioso e à homofobia de sua família. O filme expõe de maneira contundente a confusão e drama vivido por Bobby a não ser aceito pela família, principalmente sua mãe, que só após morte do filho toma consciência da sua homofobia.	Sexualidade	Língua Portuguesa, Ciências, História, Educação Artística
Tomboy Ficção (Céline Sciamma, França, 2011)	Laurie, uma menina de 10 anos com dificuldades de socializar, se faz passar por garoto para fazer amizade com as crianças da vizinhança, mas sua crescente conexão com a amiga Lisa acaba gerando uma crise de identidade.	Gênero, sexualidade - transexualidade	Língua Portuguesa, Ciências, História, Educação Artística
De gravata e unha pintada Documentário (Miriam Chnaiderma, Brasil, 2015)	Um mundo onde a sexualidade é reinventada. Transsexuais, transgêneros, adeptos do cross-dressing e entusiastas debatem sobre a construção individual do próprio corpo.	Gênero, sexualidade - transexualidade	Língua Portuguesa, Ciências, História, Educação Artística

Minha vida em cor de rosa Ficção (Alain Berliner, França, Bélgica, Reino Unido, 1997)	O filme narra a história do pequeno Ludovic, que imagina que deveria ter nascido menina. O filme expõe os preconceitos que a personagem principal e seus familiares enfrentam em relação a sua identidade de gênero.	Gênero, sexualidade - transexualidade	Língua Portuguesa, Ciências, História, Educação Artística
Vista a minha pele Curta/ ficção (Joel Zito Araújo, Dandara, 2008)	Partindo do conteúdo do filme "Vista Minha Pele", de direção de Joel Zito Araújo & Dandara, que é uma história invertida da realidade brasileira, onde os negros são a classe dominante e os brancos são os dominados. Os brancos foram os escravizados, e os países europeus são subdesenvolvidos enquanto os países da África são desenvolvidos.	Raça e Etnia, Racismo	Língua Portuguesa, Ciências, História, Educação Artística
Mãos talentosas Ficção (Thomas Carter, Estados Unidos, 2009)	Narra a história de Bem Carson que enfrentou a pobreza e o preconceito, sempre levou uma vida desmotivada, já que tirava notas baixas e não tinha perspectivas de um grande futuro. O que ele e os que estavam ao redor não esperavam era que ele se tornaria um neurocirurgião de fama mundial.	Raça e Etnia, Racismo, Desigualdade social	Língua Portuguesa, Ciências, História, Educação Artística
Preciosa – Uma história de Esperança Ficção (Lee Daniels, EUA, 2010)	O filme aborda a história de Preciosa. Grávida de seu próprio pai pela segunda vez, a jovem de 16 anos, não sabe ler nem escrever e sofre abuso constante nas mãos de sua mãe. O filme trata das questões de racismo, desigualdade, além de tratar de outras diversidades presentes na classe em que Preciosa estuda.	Raça e Etnia, Gênero, Desigualdade social.	Língua Portuguesa, História, Educação Artística
Entre os muros da escola Ficção (Laurent Cantent, França, 2008)	François Marin trabalha como professor de língua francesa em uma escola, localizada na periferia de Paris. Ele e seus colegas de ensino buscam apoio mútuo na difícil tarefa de fazer com que os alunos aprendam algo ao longo do ano letivo. Marin tem na escola alunos problemáticos, violência, tensões étnicas entre os alunos, o que testa sua paciência e, mais importante, sua determinação como um educador	Raça e Etnia, Racismo, Desigualdade social	Língua Portuguesa, História, Geografia, Educação Artística
The light Videoclipe (Benoît Pétré, Holly Siz, França, 2014)	O videoclipe da música The Light da artista HollySiz, que expõe o drama de um menino que não se adapta aos brinquedos e roupas convencionais aos meninos, ele usa vestidos, porém a não aceitação de seu pai e os conflitos na escola acabam o deixando deprimido, com um final surpreendente o videoclipe é uma ótima oportunidade para a discussão da transgêneridade na infância e os papéis de gênero.	Gênero, transgêneridade, relações familiares, bullying	Língua Portuguesa, Educação Artística, Língua Inglesa

A Sociedade dos poetas mortos Ficção (Peter Weier, EUA, 1989)	O longa-metragem norte-americano conta a história de um professor de poesia que dribla os valores tradicionais e conservadores da escola onde trabalha e motiva seus alunos a contestarem e serem livres pensadores.		Todos
Escritores da Liberdade Ficção (Richard La Gravenese, EUA, 2007)	Em um contexto social problemático e violento, uma jovem professora que trabalha em um bairro periférico nos Estados Unidos ensina seus alunos valores de tolerância e disciplina, promovendo uma reforma educacional na comunidade.	Gênero, raça/etnia, classe social, bullying	Todos
A educação proibida Documentário (German Doin, Argentina, 2012)	Através de 45 experiências educativas fora dos padrões tradicionais, que foram analisadas em 90 entrevistas com pessoas de oito países diferentes, o documentário A Educação Proibida se propõe a questionar as lógicas da escolarização moderna e a forma de entender a educação. Além de apresentar vias alternativas para como crianças e adolescentes estão sendo educados, o filme demonstra as falhas do modelo de educação vigente, que produz cidadãos doutrinados pelo sistema e que proíbe qualquer ato que não esteja conforme a norma estabelecida por ele		Todos

<p>Cultura Negra – Resistência e identidade</p> <p>Documentário</p> <p>(Ricardo Malta, Brasil, 2009)</p>	<p>O documentário, produzido pela da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR) e do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP), organizações sociais que combatem a intolerância religiosa e buscam por maior visibilidade da cultura negra. Um dos objetivos do vídeo é contribuir com o debate entorno da Lei nº10639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e a inclusão, no calendário escolar, do dia 20 de novembro como Dia da Consciência Negra.</p>	<p>Raça/etnia, racismo, intolerância religiosa, culturas negras</p>	<p>Língua portuguesa, Educação Artística, História</p>
<p>Olhos azuis</p> <p>Documentário</p> <p>(Jane Elliot, EUA, 1968)</p>	<p>O documentário mostra como foi o trabalho desenvolvido pela educadora norte-americana Jane Elliot, que realizou atividades de conscientização tanto com crianças quanto com adultos brancos, em 1968. O vídeo mostra o processo de conscientização realizado durante as oficinas, no qual os brancos poderiam sentir a discriminação sofrida por negros.</p>	<p>Raça/etnia, racismo</p>	<p>Língua portuguesa, História</p>
<p>Ao mestre com carinho</p> <p>Ficção</p> <p>(James Clavell, EUA, 1967)</p>	<p>Um engenheiro desempregado começa a lecionar em uma escola pública da periferia de Londres, formada por estudantes rebeldes e racistas. Aos poucos, ganha a confiança, amizade e respeito dos alunos.</p>	<p>Raça/ racismo</p>	<p>Todas</p>

<p>Encontrando Forrester</p> <p>Ficção</p> <p>(Gus Van Sant, EUA, 2000)</p>	<p>O filme trata sobre a história de Jamal, um adolescente do Bronx que vai estudar em uma escola de elite de Manhattan (EUA), mas continua sofrendo discriminação e preconceito por conta de sua cor. Com a ida, conhece o talentoso escritor William Forrester, que percebe seu talento para a escrita e o incentiva a prosseguir nessa área.</p>	<p>Raça, racismo, classe social</p>	<p>Todas</p>
<p>Sarafina – o som da liberdade</p> <p>Ficção</p> <p>(Darel Roodt, África do Sul, 1992)</p>	<p>O filme conta a história de uma professora sul-africana que não aceita ver seus estudantes se sentindo diminuídos. Em um processo educativo permanente, ela ensina seus alunos negros a lutarem por seus direitos e compreenderem a sociedade em que vivem, não esquecendo que podem diariamente transformá-la.</p>	<p>Raça, racismo, classe social, histórias de vidas</p>	<p>Todas</p>
<p>Alguém falou de Racismo</p> <p>Documentário</p> <p>(Daniel Caetano, Brasil, 2002)</p>	<p>O filme mistura trechos documentais e ficcionais para contar a história de um professor que decide provocar seus estudantes a pensarem sobre o preconceito racial e a construção da sociedade brasileira que sistematicamente segregou negros e brancos.</p>	<p>Racismo, sociedade brasileira, classe social</p>	<p>Todas</p>

Fonte: Elaboração dos autores (2019)

Os atelies de pesquisa e a emergência das práticas interseccionais

Os Atelies de Pesquisa iniciados em 05 de junho de 2019 estão sendo realizados no Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda, ou Comuja, como é conhecido em Jacobina, quinzenalmente exceto em oportunidades excepcionais, às quartas-feiras no horário das Atividades Complementares (AC) dos professores.

Nos Ateliês de Pesquisa, nós pesquisadores e colaboradores tecemos coletivamente ideias, ações e os caminhos deste estudo, sempre fazendo uso de vídeos, dinâmicas, músicas como forma de iniciar as atividades de forma afetiva, dinâmica e não hierarquizada. Deste modo como afirma Ana Lúcia G. Silva (2019) “[...] os participantes do Ateliê, se *autorregulem* num *espaço-tempo* onde os encontros acontecem, por propiciar experimentações acerca da profissão docente em contextos de diversidade.

Deste modo, nos cabe ressaltar que as práticas pedagógicas e as diversidades foram o foco central dos Ateliês de pesquisa. Falamos e refletimos acerca da inclusão, de gênero, sexualidade, raça/etnia e tantas outras dimensões da diferença, sempre em um movimento de escuta, de reflexão e de respeito pela fala, lugar do outro. Em um dos Ateliês, mais especificamente, o Ateliê realizado no dia 10 de julho, o qual abordamos a interseccionalidade

como uma forma de refletirmos coletivamente as práticas pedagógicas e percebermos como a diversidade se presentifica na sala de aula e no contexto da escola narrativas e reflexões potentes foram tomadas para pensar tais questões.

Ao iniciarmos a abordagem do texto elencado para o Ateliê, o qual aborda a interseccionalidade, cinema e sala de aula, ao discutirmos a presença de personagens negros, LGBTQ+ nas produções audiovisuais algumas considerações pertinentes foram emergindo do coletivo, no início da discussão uma das participantes, a professora Jasmin reflete o seguinte:

Hoje eu tenho uma dificuldade na área de Língua portuguesa, embora eu seja graduada... pelo afastamento da área, né? Mas eu me lembro que para trabalhar na escola mesmo, no fundamental I a gente sempre tinha os mesmos textos, né? Menina bonita do laço de fita... aquela coisa toda do estereótipo pra se tratar essas questões de africanidade, de identidade negra, quer dizer, os mesmos contos, as mesmas músicas e tal, hoje Mauricio (de Souza) já pode ser uma referencia, novos textos e novos contextos para que a gente esteja atenta pra esse olhar, porque muitas vezes a gente faz essa prática docente sem muita reflexão, né? Por que que se está sempre se tratando dessa questão? Não é só porque é bonitinha, não é só porque é um personagem novo, mas tem todo um discurso por trás disso.

A reflexão suscitada reflete acerca dos estereótipos que já foram e ainda são empregados em recursos que muitas vezes são utilizados nas prática pedagógicas tendendo a reforçar esses estereótipos. Acionamos Bhabha (2003) considerando o poder que o estereótipo tem de atuar como “modo de representação complexo, ambivalente e contraditório” (p.123). O estereótipo ele molda, cria um padrão representacional, como uma realidade que estigmatiza, oprime e segrega. É possível perceber a inquietação e expectativa de que este cenário mude por meio da inserção de novos personagens e novos contextos.

A preocupação com o tratamento das temáticas com as crianças também foi apontada, problematizando dentro de um perspectiva para que as crianças reconheçam e saibam que as pessoas são diferentes e diversas, como percebemos na fala da professora Lírio :

Tem muitos temas que até nas formações a gente consegue observar isso, fica dizendo: “oh a partir de tal idade é mais adequado, eu acho que tal idade não é bom para trabalhar isso”e hoje eu fico pensando isso aí, porque o correto seria inserir a desde a primeira idade para que a criança já cresça sabendo que existe uma gama, né? dessa diversidade.

Outra professora pondera a questão considerando a necessidade de se pensar na metodologia e na forma como os temas são abordados:

O que a gente tem que ter preocupação na verdade, é a metodologia que vai se utilizar, a forma de abordagem que você vai utilizar, não é que o tema tenha uma idade específica, não seja algo assim...

As discussões suscitadas em relação à homossexualidade, impelem nas falas do coletivo a defesa de que estas temáticas estejam presentes nas práticas pedagógicas para práticas mais inclusivas e menos hegemônicas, assim a professora Jasmin faz a seguinte reflexão:

A escola não pode fazer de conta que essas discussões não estão postas, que não fazem parte do dia a dia e a gente tem que falar é, no máximo possível numa linguagem que eles entendam e sem tendência obviamente, que eu fico preocupada mais com essa questão.

Notamos nesta narrativa uma concepção de uma escola que precisa romper com o não falar da homossexualidade na escola, o omitir, fazer de conta que não existe, mas percebemos sobretudo que há ainda uma certa preocupação em relação a abordar de forma não tendenciosa. Trazemos então, Louro (1997) que considera que é preciso questionar o que ensinamos e como ensinamos, tendo cuidado para os sentidos que atribuímos ao que ensinamos sem desconsiderar a singularidade dos que aprendem. “Temos de estar atentas/os, sobretudo, para nossa linguagem, procurando perceber o sexismo, o racismo e o etnocentrismo que ela frequentemente carrega e institui.” (LOURO, 1997, p. 64).

Tem relevância também não esquecer o fato de que a retiradas das temáticas de gênero e sexualidade dos planos de educação entre os anos de 2015 e 2016 e também o projeto Escola Sem Partido são fatores que contribuem à essa preocupação, pois são formas que grupos conservadores encontraram de lutar contra o que erroneamente chamam de ideologia de gênero.

No decorrer da discussão do texto, momento em que se discutia as representações de expressões de gênero não binárias no cinema, uma das professoras lançou para o coletivo a seguinte narrativa:

Eu participei em Brasília da Conferência Nacional de Direitos Humanos, eu até já falei aqui a vocês... o eixo que eu tava participando era sobre os deficientes e tinha os LGBT, os deficientes, candomblé e aí teve um depoimento que eu achei muito fantástico... uma pessoa favelada, termo da pessoa, essa fala não é minha. “Sou preto favelado, pobre, deficiente e gay... o que é que me espera? Vocês não têm noção”

A potência desta fala, emergiu nos participantes o a compreensão da interseccionalidade posta no dia a dia, a sobreposição dos marcadores da diferença, uma outra professora fez a seguinte reflexão:

“É por isso que tem a discussão, a questão da identidade, né? Nós não temos uma identidade... não é uma, são múltiplas e fragmentadas.”

As reflexões feitas apontam justamente para o reconhecimento da interseccionalidade na sua possibilidade de identificar as avenidas identitárias, quando o coletivo reconhece que esses marcadores diz dessa impossibilidade de enxergar as identidades como únicas, reconhece também que a interseccionalidade “trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.” (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Questões que falam de representatividade e respeito acionadas em ateliê posterior também foram apresentadas e refletidas à luz da interseccionalidade, considerando a seguinte fala de uma professora ao relatar o fato de um aluno que praticou bullying com uma colega:

E ele afirmou na minha frente, e eu disse: você tem noção? Pelo menos você sabe que racismo no Brasil é crime? Você pode responder legalmente... e ele disse “ah eu fiz racismo com ela mesmo, eu fiz mesmo” ... aí falei da questão do sexismo dele, o que era o machismo, ele denegrindo a identidade dela, de mulher também da questão de gênero.

Momento em que uma outra professora reflete e afirma:

“Foram várias discriminação que essa aluna sofreu, né? Racismo, machismo...”

Entender, pois, a interseccionalidade como uma aliada da educação no trato das questões da diversidade e da diferença é pensar também nas nossas práticas, nos nossos discursos, a escola como campo privilegiado de construção de conhecimentos e novas práticas possui esse lugar mesmo da inquietude, do não conformismo e é deste ambiente que deve surgir essas novas maneiras e possibilidades de entender a diversidade na perspectiva da diferença, interseccionalidade e escola caminhando juntas na desconstrução dos discursos e relações de poder opressores criando, como aponta PocaHy:

estratégias epistemológicas na reversibilidade das formas de dominação e hierarquização social, acionando argumentos políticos, sociais e culturais que se articulam na definição da episteme do mundo – na definição complexa das relações de saber-poder (POCAHY, 2011, p. 20).

Assim dito, consideramos que o passo inicial já foi dado para que esses sujeitos colaboradores, todas mulheres professoras, preocupadas com suas práticas pedagógicas e sua formação profissional, apontaram que o fazer docente precisa efetivamente se inserir nesta realidade diversa, cuja escola seja voltada para o reconhecimento e valorização das pluralidades, da não omissão e efetivação de práticas que desafiem as relações de saber poder, enfrentando um sistema normativo, ainda marcado pelo racismo, sexismo, machismo, homolesbotransfobia e todas as formas de opressão.

As reflexões postas pelas professoras em seus diários de bordo, corrobora com os resultados percebidos neste estudo, no sentido em que sinaliza uma compreensão da importância dos temas da diversidade na educação como relevante, necessária e urgente como podemos perceber na reflexão de Dália sobre como ela pensava as questões da diversidade antes e depois dos Ateliês de Pesquisa:

Abordar sobre as diversidades de gênero sempre foi um tabu para mim lidar e fugia das discussões de gênero e sexualidade.

Diante dos contextos das diversidades sempre tratei sobre as de ordem cultural, porém fugia das discussões sobre gênero por receio de não saber lidar com o assunto.

Mas sempre soube que pais, educadores e sociedade juntos, precisam orientar seus filhos e alunos sobre o respeito à diversidade no ambiente escolar, por meio da convivência em harmonia com as diferenças de gênero, de raça, religião ou comportamento.

E depois do ateliê vi a grande necessidade de trabalhar diariamente sobre as diversidades, por ser tão gritante alguns comportamentos recorrentes em nossa sociedade que têm causado

muito sofrimento tanto à vítima quanto a quem os pratica.

A fala de Dália marca mesmo este lugar da professora que refletiu os saberes, as práticas e nesse movimento percebe a urgência das temáticas da diversidade na escola e fora dela, uma reflexão que expõe receio de abordar as temáticas de gênero e sexualidade frutos das crenças e tabus que rodeiam as temáticas em momento anterior aos Ateliês de Pesquisa, porém é mesmo o Ateliê que causou nesta professora esse deslocamento, pois agora reflete sua prática individual e coletiva, acionando outros sujeitos seja dentro do contexto escolar, seja fora dele para investir as temáticas da diversidade em suas práticas, reconhecendo e valorizando as pluralidades.

Conclusões:

Durante a efetivação da pesquisa estivemos envolvidos com as questões da diversidade e da diferença, na realização da revisão sistemática, escrita de artigos e participação do grupo de pesquisa Difeba.

Desde a realização da Revisão sistemática, em contato com as pesquisas realizadas a nível de mestrado e doutorado, percebemos que as questões da diversidade tem inquietado e demandado uma quantidade de esforços para empreender novas práticas e contextos educacionais que não apenas reconheça as dimensões da diversidades, mas que as contemple, que as tire da omissão e as oportunize protagonismo.

Percebemos que a interseccionalidade aparece neste aspecto oferecendo suporte analítico e de reflexão para pensar a sobreposição dos diversos marcadores da diferença tendo na educação uma importante aliada para a deslegitimação de discursos e práticas que oprimem e estigmatizam os sujeitos que não fazem parte do padrão, da norma instituídos a partir das relações de poder pelas quais os mecanismos opressores são sustados.

Assim, a elaboração do quadro de recursos multimídias para as diversidades constitui-se como um suporte e uma estratégias com a finalidade de possibilitar ampliar o acervo aos professores para ancorar suas práticas pedagógicas discutindo as questões de raça/etnia, gênero, sexualidade e demais dimensões.

Os Ateliês de pesquisa realizados sob a perspectiva colaborativa, com um coletivo de professoras interessadas em aprender e compartilhar saberes, nos oportunizou a perceber que as questões da diversidade vem sendo investidas como fator relevante ao se pensar nas práticas pedagógicas, que no cenário atual precisa considerar as pluralidades dos sujeitos-envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, nas identidades múltiplas desses sujeitos que demandam reflexão e ação na construção de uma epistemologia da reversão dos sistemas opressores e contemplação das diferenças como cenário possível para uma educação diversa e inclusiva.

Referências Bibliográficas e outras:

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.

BHABHA, Homi K. **O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses.**

COMBAHEE RIVER COLLECTIVE STATEMENT. **All the Women are White, All the Blacks are Men, But Some of us are Brave.** In: HULL, Gloria; BELL, Patricia Scott;

Conselho Nacional de Saúde. (2016).**Resolução nº 510/2016.** Recuperado em 13 de agosto de 2018, de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>;

COUTINHO, Eduardo F. (org.). Tradução de Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Rocco, 2011

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. **Stanford Law Review** 43(6), 1991, p. 1241–99.

DESGAGNÉ, Serge. O conceito de pesquisa colaborativa: A ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. Université Laval, Québec-Canadá. Tradução Adir Luiz Ferreira Margarete Vale Sousa Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, maio/ago. 2007.

FRANCO, Maria Amélia Santoro.**Práticas pedagógicas de ensinar-aprender:**por entre resistências e resignações. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pósmoderna.** Petropolis- RJ: Vozes, 1997.

MEDEIROS, Marleide Alves de Oliveira. **Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Identidade:** desafios e implicações nas práticas pedagógicas. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação e Diversidade) – Departamento de Ciências Humanas IV da Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2018.

POCAHY, Fernando Altair. Interseccionalidade e educação: cartografias de uma prática-conceito feminista. **Textura.** jan./jun. 2011, n.23, p. 18-30.

PIMENTEL, Suzana Couto. Desafios da Pesquisa Colaborativa na Construção de uma Escola Inclusiva In: PIMENTEL, Susana Couto et al. (org.) **Universidade e Escola na Construção de Práticas Inclusivas.** Cruz das Almas: Editora da UFRB, 2013.

SILVA, Ana Lúcia Gomes. **O Método Cartográfico na pesquisa em educação: Ateliê de Pesquisa como dispositivo formativo e auto formativo** [no prelo]. 2019

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; FILHO; Roberto Santos Teixeira. A Abordagem da educação sexual nos livros didáticos de biologia. *Anais do II Colóquio Docência e Diversidade Na Educação Básica: políticas, práticas e formação*, p.345-360 19 a 21 de maio de 2015. ISSN: 2358-0151

SMITH, Barbara (Eds.), Nova Iorque: **The Feminist Press.** 1982 [1977].

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS, TECNOLÓGICOS OU DE INOVAÇÃO

Evento	Data	Apresentação de
I Seminário de Educação e Debates Contemporâneos:	13/09/2018	Não
Bancas de Mestrado no programa de pós- graduação	01/08/2019	Não

ANÁLISE DE DESEMPENHO DO BOLSISTA

Critério	Avaliação
Qualidade do trabalho: Considerar a qualidade do trabalho, tendo em vista as condições oferecidas.	Acima das Expectativas
Desempenho: Esforço revelado para aprender, a partir de indagações e duvidas apresentadas	Correspondeu as Expectativas
Assiduidade: Cumprimento do plano de trabalho com dedicação e zelo.	Correspondeu as Expectativas
Rendimento: Considerar o cumprimento do plano de trabalho de acordo com os prazos estabelecidos.	Correspondeu as Expectativas

OBSERVAÇÕES DO ORIENTADOR

O bolsista de IC Fernando Macedo demonstrou ao longo do processo de pesquisa crescimento na escrita a análise dos dados e desempenhou com zelo e responsabilidade cada etapa da pesquisa. Destaco ainda que melhorou a timidez ao apresentar os resultados da pesquisa nos grupos de pesquisa e estudo e nos eventos acadêmico- científicos. Estabeleceu um ótimo relacionamento com os membros da equipe de pesquisa, atento e solidário nas atividades solicitadas em grupo, além de demonstrar maior clareza na escrita do gênero acadêmico-científico , elaborando resumos e artigos em co autoria com a orientadora para apresentar em eventos da área.

Quanto ao cumprimento de prazos o fez conforme metas estabelecidas, deixando de cumprir os mesmos raramente e com justificativa, quando isso acontecia.

Também ressalto a importância da atuação constante do IC em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED) e com o grupo de Pesquisa Difeba, por possibilitar uma rica formação e articulação de graduandos com pós-graduandos fruto da ação colaborativa da equipe Difeba.

Elogiável a implicação que o estudante desenvolveu com a temática, bem como é elogiável sua escuta sensível, deixando-se orientar, atento às sugestões e modificações sugeridas e realizadas pela orientadora. Este fato resultou na escolha do tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) , que se desdobrou a partir dos estudos da IC ao longo de três anos como bolsista IC, no qual atuei também como orientadora e me orgulho do resultado final do TCC deste futuro docente, fruto dessa itinerância da iniciação à docência. Deste modo, destaco a contribuição substancial da Iniciação Científica (IC) para a formação de professores-pesquisadores.

AVALIAÇÃO DO ALUNO EM RELAÇÃO AO PIBIC

O programa de Iniciação Científica da UNEB me oportunizou experiências importantes e relevantes para minha

formação. Tenho imensa gratidão ao programa e as instituições fomentadoras dos projetos de pesquisa que fui bolsista, CNPq e FAPESB. Avalio o programa como uma política relevante e necessária para formação de novos pesquisadores, mas também a considero e tomo o lugar da fala da permanência na universidade, pois o programa por meio das bolsas foi preponderante para que eu conseguisse permanecer no meu curso e estar em vias de integralização. Neste edital 026/2018 o qual fui contemplado com a bolsa fomentada pela FAPESB não tive problemas com atraso de bolsas entre outros. Mas ainda acredito que as bolsas ainda carecem de reajustes, tendo o cenário financeiro, econômico, político e social atual marcado por oscilações e transformações muito rápidas. Considero também a participação em eventos científico-acadêmicos que para participação do bolsista necessita de uma bolsa com valor capaz de suprir despesas de inscrição, alimentação e demais despesas em tais eventos, embora considere também as perdas em políticas educacionais que estamos passando dado o atual cenário político-governamental. Gostaria de ressaltar ainda, que o Sonic carece de melhorias, dado que precisa acompanhar os avanços tecnológicos tornando-se mais eficaz no que diz respeito à anexação dos relatórios tendo em vista os problemas enfrentados todos anos nesta etapa final. Também ressalto a importância da atuação da IC em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED) e com o grupo de Pesquisa Difeba, por nos possibilitar esta rica formação e articulação de graduandos com pós-graduandos fruto da ação da minha orientadora e equipe Difeba.

PARECER FINAL DO ORIENTADOR

() Aprovado sem modificações

Aprovado com modificações

() Reprovado

Local: _____

Data _____

Declaro estar ciente e concordar, para todos os efeitos legais, com as informações contidas neste relatório.

Assinatura do(a) Orientador(a)

Assinatura do(a) Bolsista

PARECER DA INSTITUIÇÃO COTISTA

Assinatura da Coordenação PIBIC

Bolsa de Iniciação Científica Relatório Técnico Final

IDENTIFICAÇÃO

Instituição: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

Nome do bolsista: ADINA NUNES RIOS

CPF: 857.845.665-39

Orientador(a): ANA LUCIA GOMES DA SILVA

Período abrangência relatório: 01/08/2018 - 31/07/2019

Título do projeto de pesquisa: A Educação Inclusiva na construção da identidade dos sujeitos surdos.

EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

Cronograma de metas e atividades previstas no plano de trabalho

Descrição 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

Construção dos dados

Realizar levantamento de material didático pedagógico disponível para a elaboração de atividades específicas de aprendizagem.	X	X										
Identificar as ações voltadas à educação inclusiva adotadas nas escolas municipais;		X	X									
Mapear o quantitativo de docentes em atuação, com conhecimento da LIBRAS e/ou alguma formação específica para atender à demanda;			X	X								

Organização dos dados

Organização e análise dos dados levantados na pesquisa de campo;						X						
--	--	--	--	--	--	---	--	--	--	--	--	--

Elaboração do relatório parcial

Elaboração do relatório parcial com os resultados da pesquisa;									X			
Entrega do relatório parcial									X			

Sistematização de dados

Organização, análise e sistematização dos dados levantados na pesquisa;									X	X	X	
---	--	--	--	--	--	--	--	--	---	---	---	--

Elaboração do relatório final

Elaboração do relatório final com os resultados da pesquisa;											X	X	X	X
Entrega do relatório final														X

Elaboração de artigo com a orientadora da pesquisa

Participação em eventos e publicação com a orientadora responsável pela pesquisa;											X	X	X	X	X	X
---	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---	---	---	---	---	---

Levantamento bibliográfico

Revisão e levantamento bibliográfico a cerca da temática para conhecer os estudos realizados e as contribuições para a pesquisa em questão.	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	---

Dificuldades encontradas:

Falta de infraestrutura para o trabalho com os IC;

Ausência de sala /gabinete para orientação;

Ausência de incentivo para ida e eventos acadêmico-científicos apresentar os resultados oriundos da pesquisa;

Falta de sala para o trabalho do grupo de Pesquisa [solicitação reiterada ao depto desde 2014- estamos em 2019 e ainda não possuímos uma sala para o Difeba e vários outros grupos de pesquisa e estudos do DCH IV.

Falta de notebook para o grupo de pesquisa e equipe de IC;

Ausência de publicação dos resultados da pesquisa dos IC pela UNEB, ficando invisibilizada nos Anais apenas, quando poderemos articular com a Eduneb, e publicar os artigos ao menos em formato de e-book.

Houve alteração no plano de trabalho: Não.

Justificativa da alteração: Não houve necessidade de fazer alterações no plano.

Resumo (aproximadamente 250 palavras):

A presente pesquisa teve como objeto de estudo as práticas pedagógicas docentes. O objetivo central do estudo investigativo foi compreender quais as principais contribuições apresentadas pela prática pedagógica docente e suas influências no processo da construção identitária dos sujeitos no contexto da surdez, tendo como espaço investigativo uma escola da rede pública municipal da cidade de Jacobina/Bahia. Objetiva, identificar as ações voltadas à Educação Inclusiva adotadas na escola parceira e suas implicações na construção identitária dos estudantes. Também tem como objetivo realizar o levantamento das abordagens didático-pedagógicas utilizadas para subsidiar o coletivo docente na elaboração de atividades específicas da aprendizagem linguística do estudante surdo. Dada a sua característica e objetivos pretendidos, o método adotado fundamenta-se no método cartográfico, considerando que a cartografia em educação segue e traça linhas, elos e conexões que compõem seus mais diversos espaços. Fazer a cartografia é, pois, a arte de construir um mapa sempre inacabado, aberto, composto por diferentes linhas. Os dispositivos de pesquisa utilizados foram: a observação participante, a pesquisa bibliográfica e os Ateliês de Pesquisa.

Palavras Chave:

Educação Inclusiva;Prática Pedagógica;Surdos;Identidade;Diversidade

Introdução (tema/objetivos/hipóteses/justificativa):

A escola historicamente se caracterizou como instituição reprodutora de políticas e práticas educacionais que privilegiam determinados grupos sociais,legitimando a exclusão de indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores (MIRANDA, 2008). Objetivando romper com essa estrutura tradicional e excludente, foram construídas políticas inclusivas para pessoas consideradas com deficiência, sendo aquelas “que tem impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental ou sensorial que, em interação com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola ena sociedade” (BRASIL, 2008).

No contexto da educação brasileira, somente em 1961 o atendimento educacional para as pessoas com deficiência passou a ser fundamentado pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 4.024/61, que aponta o direito dos “excepcionais” à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino.

Já em 1999, o Decreto nº 3.298, que regulamenta a Lei nº 7.853/89, ao dispor sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, define a educação especial como uma modalidade transversal a todos os níveis e modalidades de ensino, enfatizando a atuação complementar da educação especial ao ensino regular.

Em 2003, é implementado pelo MEC o *Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade*, para promover um amplo processo de formação de gestores e educadores nos municípios brasileiros para a garantia do direito de acesso de todos à escolarização, à oferta do atendimento educacional especializado e à garantia da acessibilidade, transformando, dessa forma, os sistemas de ensino em sistemas educacionais inclusivos.

1. Nessa perspectiva, segundo a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), a Educação Inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis. De acordo com o documento:

Ao reconhecer que as dificuldades enfrentadas nos sistemas de ensino evidenciam a necessidade de confrontar as práticas discriminatórias e criar alternativas para superá-las, a educação inclusiva assume espaço central no debate acerca da sociedade contemporânea e do papel da escola na superação da lógica da exclusão. A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os estudantes tenham suas especificidades atendidas. (BRASIL, 2008).

Em 2012, a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do espectro Autista é criada pela Lei nº 12.764. Esta lei em seu artigo 7º, veda a recusa de matrícula à pessoas com qualquer tipo de deficiência e estabelece punição para o gestor escolar que pratique esse ato discriminatório.

Quanto à constituição de políticas nacionais para abordagens específicas com alunos surdos, só se concretizam a partir do início dos anos 2000, com a consolidação das principais leis e decretos. A lei nº 10.436/2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras como meio legal de comunicação e expressão, determinando que sejam garantidas formas institucionalizadas de apoiar seu uso e difusão, bem como a inclusão da disciplina de Libras como parte integrante do currículo nos cursos de formação de professores e de fonoaudiologia.

O decreto nº 5.626/2005, regulamenta a lei nº 10.436/2002, visa o acesso à escola aos estudantes surdos, dispõe sobre a inclusão da Libras como disciplina curricular, a formação e a certificação de professor de Libras, instrutor e tradutor/intérprete de Libras, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua para estudantes surdos e a organização da educação bilíngue no ensino regular.

Nessa perspectiva, o subprojeto de pesquisa “A Educação Inclusiva na construção da identidade dos Sujeitos Surdos”, foi submetido ao edital 026/2018 de iniciação científica, como parte do projeto da Profª. Drª. Ana Lúcia Gomes da Silva, intitulado “Profissão docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas”, ambos vinculados ao grupo de Pesquisa Diversidade, Formação, Educação Básica e Discursos –DIFEBA.

Tendo como objetivo geral do subprojeto, compreender quais as principais contribuições da

prática pedagógica docente na construção da identidade dos sujeitos surdos numa escola da rede pública municipal de ensino de Jacobina/Bahia. Como objetivos específicos foram definidos: Identificar as ações voltadas à educação inclusiva adotada na escola lócus do estudo, após observação no espaço escolar, numa perspectiva cartográfica; Identificar as ações voltadas à Educação Inclusiva adotadas na escola parceira e suas implicações na construção identitária dos estudantes; Realizar levantamento das abordagens didático-pedagógicas utilizadas para subsidiar o coletivo docente na elaboração de atividades específicas da aprendizagem linguística do estudante surdo.

O presente texto tem, portanto, o objetivo de organizar e expor os resultados alcançados pelo estudo investigativo realizado no decorrer de 12 meses de pesquisa. Este relatório foi organizado da seguinte forma: O primeiro tópico situa o território em que se insere o objeto de estudo; O segundo descreve todo o percurso metodológico desenvolvido no decorrer da pesquisa, expondo as especificidades do método e os dispositivos adotados para estudar o objeto desta pesquisa (revisão sistemática, Ateliê de Pesquisa e diários de bordo), além de apresentar o lócus e os colaboradores; Por fim, é feita a cartografia do território escolar habitado através dos Ateliês de Pesquisa, na interface com a teoria sistematizada na fase inicial, através das categorias estruturantes desta pesquisa.

1. SURDEZ, DIFERENÇAS E IDENTIDADES: TERRITÓRIO EM QUE SE LOCALIZA O OBJETO DE ESTUDO

Faz-se necessário demarcar qual concepção de surdez é adotada neste estudo, que é a concepção teórica dos estudos culturais sobre identidade e diferenças, que compreendem os sujeitos surdos dentro de uma visão cultural completa, considerando a sua língua, as suas identidades e sua cultura. Ao contrário da visão clínica, que compreende o surdo apenas como deficiente. Desse modo, a diversidade, a diferença e a identidade são tomadas como fatos da vida social, resultados produzidos a partir da diferença. Na perspectiva de Silva (2000):

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais. (SILVA, p. 76)

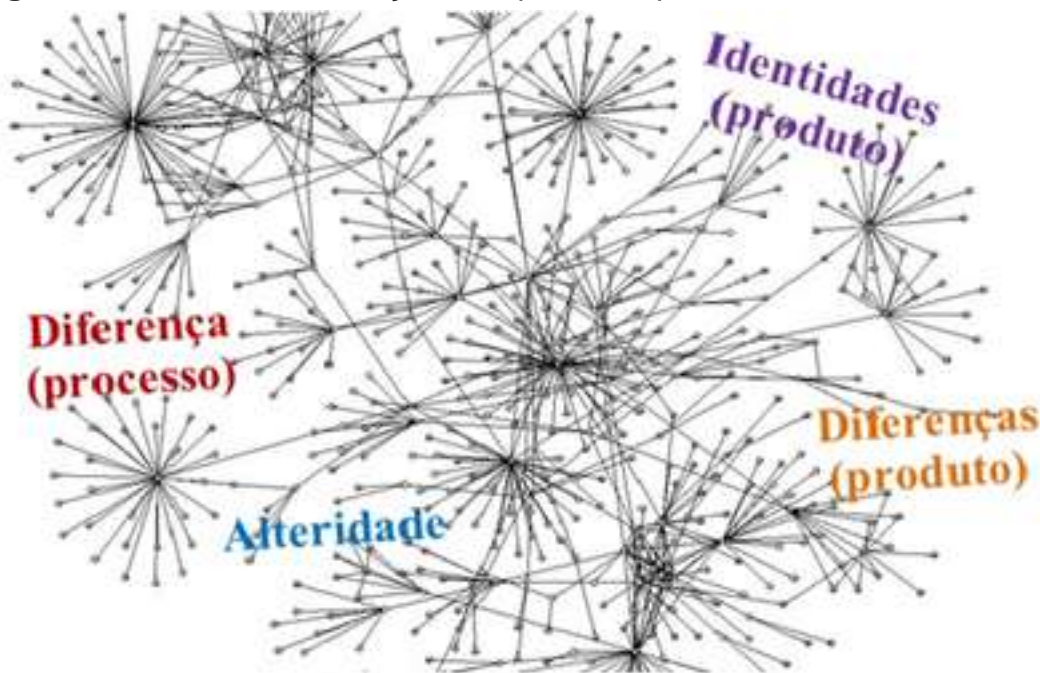
Em uma perspectiva rizomática, tecendo as pistas trazidas pelos estudos culturais acerca da identidade e das diferenças, é possível perceber que: Quando tomamos a identidade como processo e as diferenças como produto derivado desse processo, passam a existir classificações, hierarquizações e práticas de exclusão e silenciamento, construídas a partir das relações de poder (figura 1). Porém, quando tomamos a diferença como processo e a identidade como produto derivado da diferença, não existem classificações criando hierarquias, mas sim, o encontro entre o “eu” e a alteridade - aquilo que é do outro - (figura 2).

Figura 1 -A identidade como processo produtor das diferenças:



Fonte: Elaboração da autora. (2019).

Figura 2 –Rizoma da diferença como processo produtor de identidades e diferenças:



Fonte: Elaboração da autora. (2019).

Assim, nossa filiação teórica acerca das identidades surdas é ancorada na perspectiva das diferenças, entendida como processo de construção histórica, social e cultural das identidades, no plural como sugere Perlin (1998), autora surda. Identidades essas, que se constituem em meio às relações de poder e ao crescimento das desigualdades de várias ordens, entre elas, provocadas pela existência do “poder ouvinte”. (PERLIN, 1998, p. 18).

A existência de representações da identidade hegemônica (ouvinte) sempre se faz presente e

interfere no diferente. Neste sentido, diante da representação predominantemente presente da identidade ouvinte, a identidade surda é levada a ser vista como uma identidade subalterna. Em uma concepção de alteridade, o surdo não é visto de forma subalterna, mas como um sujeito político que se constitui a partir das representações sobre a sua diferença. A identidade surda precisa, no entanto, ser procurada na diferença, para além de um conceito redutor, o da subordinação. Precisa, por exemplo, ser procurada numa concepção de diferença e de resistência. (PERLIN, p. 22)

Método (sujeitos/instrumentos/procedimentos):

2. PERCURSO METODOLÓGICO:

Para alcançar os objetivos elencados na introdução, esta pesquisa utilizou o método Cartográfico, segundo o que propõe a cartografia social que é vista como linguagem e que visa a uma “Cartografia da Realidade” (WOOD, 1978) e uma “Cartografia Social” (PAULSTON; LIEBMAN, 1994) na sociedade brasileira.

Desse modo, a cartografia social dialoga com o método cartográfico ao buscar compreender as práticas pedagógicas dos professores, seus desafios, limites e potencialidades, visto que essas práticas são elaboradas em contextos marcados pela produção de subjetividades marcadas pelas relações e jogos de poder. Esse procedimento proposto caracteriza-se como uma configuração textual híbrida, semiótica, cujos sentidos vão sendo cartografados pelos sujeitos da pesquisa e pesquisadores(as) envolvidos(as). Para a cartografia social: “Com o resultado dessa interação é possível mapear conceitos sociais como: problemas ambientais, situação de conflitos, transporte escolar, trabalho, lazer, histórias de vida, entre outros”. (LIMA; COSTA, 2012, p. 85).

Nesse sentido, o mapa é visto como abertura e produção situada num contexto de diversidade, cuja interação com o coletivo gera os significados construídos pelo grupo. Mapear, pois, o espaço vivido, produzir subjetividades, ao habitar o território escolar na segunda etapa da pesquisa. Território nessa concepção da cartografia é espaço de tensões, jogos de poder, de conflitos, um espaço heterogêneo, tensionado, em que não há fronteiras rígidas, pois tudo se constrói no processo.

Destarte, os instrumentos metodológicos utilizados em diálogo com o método cartográfico e com os objetivos desta pesquisa, foram os seguintes:

- 1.Revisão sistemática;
- 2.Ateliê de Pesquisa;
- 3.Diário de bordo.

Resultados Propostos/Alcançados:

2.1 REVISÃO SISTEMÁTICA: TRAJETO PARA CONHECER E CARTOGRAFAR AS PISTAS SOBRE O OBJETO DE PESQUISA

A revisão sistemática consiste em uma forma de pesquisa metódica, que utiliza como fonte de dados a literatura sobre o tema delimitado. Esse tipo de estudo permite ao pesquisador/a descobrir novos rumos para a investigação, mediante a análise do material levantado durante o processo de revisão. Para cumprir com a meta inicial de realizar pesquisa bibliográfica sobre o tema do presente subprojeto, foram elaboradas revisões sistemáticas. Que serão apresentadas a seguir:

- **CARTOGRAFIAS INICIAIS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO SURDO:**

A primeira revisão realizou mapeamento de pesquisas oriundas de universidades públicas estaduais da Bahia, que dialogam com a temática das práticas pedagógicas docentes no contexto da educação inclusiva, afim de compreender quais as contribuições dessas práticas no processo de construção da identidade dos sujeitos surdos. A produção foi submetida à coletânea *Série Ações afirmativas: educação e direitos humanos*, v. 1, que deverá ser publicada ainda em 2019, pela Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB.

O processo de levantamento de dados foi realizado em duas etapas. Na primeira foram utilizadas bases de dados de grande abrangência: Google Acadêmico e o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Na segunda, foram mapeados os portais específicos das universidades públicas estaduais da Bahia, em busca de trabalhos que se propõem a tratar do tema, realizando uma aproximação com as discussões já propostas no território baiano.

A busca de dados utilizou os seguintes critérios de inclusão: idioma português, recorte temporal de dez anos conforme recomenda a literatura (2008 a 2018), observando as pesquisas produzidas nas universidades estaduais da Bahia. Por fim, foram selecionados das bases de dados o total de 21 trabalhos. Como critérios de exclusão foram definidos: trabalhos que não tratassem das práticas pedagógicas e identidade surda, não estivessem em língua portuguesa nem no recorte temporal mencionado, nem fossem relacionados à educação básica. Todos os resultados obtidos nesta fase da pesquisa serão descritos a seguir.

QUADRO 1 – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Oito pesquisas foram organizadas no Quadro 1, sendo elas: três monografias (UNEB) e cinco dissertações de mestrado (duas da UEFS e três da UNEB). Nesses trabalhos as abordagens foram de caráter qualitativo.

No Brasil, a temática do saber docente para a prática pedagógica voltada às crianças com NEE na escola regular ganhou relevância somente nos últimos anos, como afirma Silva (2014) – em dissertação rastreada no processo de revisão sistemática nas bases de dados da Capes. Silva (2014, p. 13) utiliza o conceito de **alunos com necessidades educativas especiais**

referindo-se “à pessoa que possui alguma particularidade que a difere de seus pares demandando um tratamento especial”.

Após levantamento de pesquisas realizado por Silva(2014), no banco de teses e dissertações da Capes, com relação ao período de 1997 a 2013, foi constatado que os estudos sobre a educação inclusiva estão tomando lugar em meio às produções acadêmico-científicas, mas poucos se dedicam à temática com o intuito de “constituir reflexões que possibilitem uma(re)leitura do atual momento histórico e de rupturas na reorganização escolar em favor da diversidade” (SILVA, 2014, p. 21). Esse dado reafirma a relevância da pesquisa realizada por Silva.

Para se discutir as práticas pedagógicas, não só no contexto da educação especial, mas também no ensino regular na modalidade inclusiva, é importante reconhecer que o saber docente não se dá somente pela formação inicial, mas por meio de uma formação em continuidade, marcada por uma transversalidade, como afirma Pimenta (2005). Sendo assim, Silva (2014) afirma que para o exercício da docência, no contexto da inclusão, é necessário haver a flexibilização curricular e didática, aceitando as diferenças dos alunos; a adequação do docente e da escola aos diferentes ritmos de aprendizagens; e a compreensão das dificuldades e potencialidades dos alunos.

Para Ferreira (2016) – dissertação rastreada no processo de revisão sistemática nas bases de dados da Capes –, a presença do aluno com deficiência no espaço escolar faz com que surjam discussões a respeito de várias esferas da formação. Os professores questionam a sua formação para o exercício docente, a ausência de materiais específicos que correspondam às necessidades dos alunos interfere no trabalho em sala de aula. Nesse sentido, a autora lança uma questão norteadora: “quais os indicativos para que possamos considerar uma prática pedagógica realmente inclusiva?”(FERREIRA, 2016, p. 66), afirmando que não é possível analisar, de maneira cartesiana, se a prática pedagógica é ou não inclusiva.

[...] a inclusão educacional é composta de diversas frentes de ação, como o acesso, a permanência e a aprendizagem do aluno, a formação, a prática e a sensibilização do professor, o espaço físico adaptado e sensibilizado para conviver com a diferença, entre outros aspectos. É importante que a inclusão seja compreendida além da questão da deficiência, como um direito social. (FERREIRA, 2016, p. 67).

De acordo com Ferreira (2016, p. 67), inspirada nos estudos de Fontes (2009), “ainda não se pode falar de uma prática pedagógica inclusiva em nossas escolas”, portanto, utilizamos a expressão educação na perspectiva da inclusão, por compreender que inclusão está como uma das metas ainda a ser alcançada. Ferreira reflete que a noção de fracasso escolar está atrelada a um sistema de ensino historicamente engessado, que segue determinações e interesses políticos e econômicos. Desse modo, a formação do professor para a prática, em qualquer que seja a modalidade, não é a única questão a impactar o ensino e a aprendizagem.

Nesse sentido, os resultados observados nessas pesquisas apontam para um distanciamento entre o que se preconiza, via diretrizes para educação especial na perspectiva da inclusão, e o

que é realizado nas salas de aula, particularmente as de ensino regular: os alunos acabam sendo integrados, mas não incluídos nas propostas pedagógicas. A prática ainda vem sendo, no geral, desenvolvida de maneira descontextualizada em relação às especificidades dos alunos, assim, acaba por transferir a falta de resultados positivos para o aluno com deficiência, passando a prevalecer a imagem de que a deficiência está no sujeito e não no sistema. Este é mais um desafio para a profissão docente e as dimensões que a constituem, dentre elas a prática e os recursos metodológicos voltados ao contexto da surdez, da qual trataremos a seguir no tema 2.

QUADRO 2 – RECURSOS METODOLÓGICOS

O Quadro 2 é formado por seis pesquisas, sendo elas: uma monografia (UNEB) e cinco dissertações (duas da UNEB, uma da UEFS, uma da UESB e uma da UESC). As abordagens utilizadas foram de caráter qualitativo em todas elas.

Pereira (2014) – em dissertação rastreada no processo de revisão sistemática nas bases de dados da UEFS – se propõe a investigar se a prática pedagógica do docente, ao utilizar estratégias específicas de ensino com ênfase nas representações gráficas como desenhos, ilustrações, sinais em Libras, pode contribuir para a aprendizagem da escrita em língua portuguesa em alunos surdos no contexto da educação inclusiva. Pereira (2014, p. 12) utiliza a expressão inclusão ao contrário para descrever os aspectos que a levaram a realizar a pesquisa: “Inclusão ao contrário, o que ocorre muitas vezes na sala de aula inclusiva, onde há mais surdos do que ouvintes, com as aulas ocorrendo de modo inadequado, sem material humano e didático apropriados, além da ausência de professores com formação adequada para atuarem com alunos surdos”.

A pesquisa utiliza Pereira (2014) para comparar a atual educação à educação especial, que é compreendida como o tipo de educação que marginaliza, provoca abandono, repetência e não respeita as especificidades que cada aluno possui nesse espaço. Os resultados apontam que estratégias específicas fundamentadas em uma pedagogia visual para alunos surdos são apropriadas para estabelecer uma prática fecunda para aprendizagem desses sujeitos. No entanto, defende que “ainda não há, no contexto educacional atual, estruturas física, humana e pedagógica capazes de proporcionar condições favoráveis à uma educação de qualidade e acessível aos alunos surdos, respeitando suas especificidades” (PEREIRA, 2014, p. 13).

Na mesma perspectiva, Fraga (2014) – em monografia para obtenção do título de mestre pela UESB, encontrada na revisão de literatura na base de dados *Google Acadêmico* – apresenta o estudo de caso que analisa a forma como o multiletramento favorece os alunos surdos na aprendizagem da língua portuguesa escrita. Segundo Fraga, vários levantamentos têm indicado que, a partir da oficialização da Libras torna-se crescente o número de inserção de pessoas surdas no sistema regular de ensino. Porém, esse espaço escolar, agora inclusivo, vem reproduzindo práticas, discursos e crenças oralistas e grafocêntricos no que tange à relação entre educação, escrita e poder. Nesse sentido, a escrita passa a representar um

instrumento normalizador dos alunos:

Defendo aqui um posicionamento contrário às escolas regulares de ensino que adotam o letramento autônomo como objetivo principal e tentam fazer da escrita a voz que falta ao surdo. A escrita, quando tomada pela sociedade como símbolo de racionalidade, de desenvolvimento das habilidades cognitivas, concorre para a desvalorização e a descaracterização da pessoa surda, da sua cultura e da sua língua (mais) natural, ou seja, a língua de sinais. (FRAGA, 2014, p. 12).

Nesse ponto, Fraga afirma que a educação voltada para os surdos deve ser articulada com base nas suas particularidades e potencial, baseada na perspectiva de uma pedagogia visual: a abordagem indicada deve priorizar o multiletramento por meio da exploração dos textos multimodais e recursos tecnológicos variados. Conquanto os trabalhos apresentados avancem no sentido de apontar os fundamentos de uma prática pedagógica fundada em uma pedagogia visual, não salientam que práticas pedagógicas inclusivas para alunos com surdez devem garantir o ensino de alunos surdos em sua primeira língua, a Libras, considerando a língua portuguesa como segunda língua.

Os resultados dessas pesquisas dão conta que o maior desafio para os professores na abordagem inclusiva com alunos surdos ocorre pelo desconhecimento da Libras e ausência de intérpretes nas escolas. Isso aponta a desresponsabilização que atores educacionais assumem diante da inclusão do aluno surdo, movimento este focalizado na figura do intérprete como agente exclusivo da inclusão. Salientamos que a falta de comunicação entre aluno e docente implica diretamente no processo de ensino e de aprendizagem e, conseqüentemente na constituição identitária desses sujeitos na escola.

QUADRO 3 - FORMAÇÃO DOCENTE EM CONTEXTO DE DIVERSIDADE

O quadro 3 é formado por cinco estudos, sendo eles: três monografias (UNEB) e duas dissertações (UEFS). Entre os trabalhos, as abordagens e os métodos utilizados foram de pesquisa qualitativa, com procedimentos de estudo de caso e pesquisa documental.

Pereira (2017) – em monografia para a obtenção do título de graduação, rastreada na base de dados da UNEB –, toma como objeto de estudo a diversidade com ênfase no ensino inclusivo na cidade de Jacobina. A pesquisa investiga através dos documentos oficiais das escolas municipais da localidade a presença da diversidade física e intelectual no ensino fundamental. Sendo assim, discute a importância da formação inicial docente com ênfase na diversidade encontrada nos espaços educacionais, em contraponto com as perspectivas educacionais pautadas na homogeneidade.

Pereira afirma que o processo formativo é fundamental para que o profissional encare o processo de inclusão. Entretanto, a formação precisa estar aliada à formação em exercício, ou seja, a concretização de prática pedagógica inclusiva se dá somente por meio do diálogo entre a teoria e a prática, “transformando o conhecimento científico acerca do assunto em conhecimento prático reflexivo” (PEREIRA, 2017, p. 44), num processo de profissionalização

Cód. de Validação: 9B31.05EA.8FF8.C6AD

Gerado em 14/08/2019 07:36

docente.

Duboc (2002) – em dissertação para a obtenção do título de mestre, rastreada na base de dados da UEFS – trata da formação de professores que atuam em classes com alunos surdos nas escolas estaduais de Feira de Santana. A pesquisa compreende a formação do educador como processo que supera a noção de formação definitiva e passa a valorizar a prática docente como espaço de formação, por isso, “ao se voltar para as necessidades dos alunos ele [o professor] vai se apropriando dos conhecimentos acerca dessas necessidades tornando-se cada vez mais autônomo e capaz de intervir nas situações que defronta, no seu dia a dia de sala de aula”. (DUBOC, 2002, p. 31).

QUADRO 4 – CULTURA E IDENTIDADE SURDA

O Quadro 4, apresenta duas pesquisas que tomam como objeto de estudo as relações entre o contexto escolar, literatura surda, cultura surda, identidade e a visibilidade desses artefatos no espaço da escola. No nosso estudo, a identidade surda é a centralidade. Entre as 21 pesquisas analisadas, encontramos 16 estudos que utilizam temáticas relacionadas à surdez – como as práticas pedagógicas, letramento, ensino de língua portuguesa, desenvolvimento da escrita e aquisição do português como segunda língua –, mas apenas duas delas se dedicam ao tema da identidade do sujeito surdo ou dos artefatos da cultura surda, o que comprova a lacuna com o tema e a sua importância no cenário baiano.

Moura (2018) – em monografia para a obtenção do título de graduação, rastreada na base de dados da Uneb –, busca compreender como a Literatura Surda entremeia as questões de identidade, língua e cultura surda. “Os resultados apontam para a contribuição aos estudos literários, que conferem uma centralidade aos sujeitos surdos, além de colaborar com a educação de surdos e com o ensino de Literatura Surda na educação básica por colocar em evidência a LIBRAS” (2018, p. 10). Dessa forma, a pesquisa além de levar em consideração a materialidade das experiências surdas, considera a representação das potencialidades linguísticas, culturais e identitárias expressas na produção literária surda.

Rodrigues (2018) – em dissertação para a obtenção do título de mestre, rastreada na base de dados da UEFS –, analisa como a escola percebe e considera as diferentes culturas, especificamente a cultura surda, e busca contribuir no processo de afirmação de suas especificidades culturais nas práticas educativas. Os resultados indicaram que:

Os artefatos culturais dos surdos, como a língua de sinais, a experiência visual e as artes visuais, de forma geral, não são contemplados pela escola pesquisada. Desse modo, o primeiro artefato, a língua de sinais, é contemplado parcialmente, sendo utilizado apenas pelos estudantes surdos e pelos tradutores e intérpretes da língua de sinais da escola. O segundo artefato é contemplado em alguns projetos desenvolvidos pela escola, mas não faz parte das práticas de todos os docentes pesquisados. Já o terceiro artefato, somente é inserido nas atividades extraclasses da instituição escolar. (RODRIGUES, 2018, p. 9).

Deste modo, podemos inferir que, a cultura surda e as questões identitárias da comunidade

surda, ainda possuem pouca visibilidade nos territórios escolares. Por isso, torna-se fundamental a adoção de medidas para a afirmação desses artefatos culturais na escola, e, sobretudo, para garantir a permanência do povo surdo.

• CARTOGRAFIA DAS PRODUÇÕES SOBRE PROFISSÃO DOCENTE EM CONTEXTOS DE DIVERSIDADE NA BAHIA

Esta revisão tem como objeto de estudo as produções sobre a profissão docente em contexto de diversidade, objetivando rastrear as principais contribuições das pesquisas sobre a profissão docente no período de 2007 a 2018 com ênfase na Educação e Diversidade e suas dimensões (gênero, sexualidade, geração, inclusão, classe social, raça-etnia), identificando os métodos, dispositivos utilizados e resultados obtidos a fim de atualizar e apresentar as dimensões da diversidade mais pesquisadas na área da educação, em especial do estado da Bahia. A produção foi submetida à **Revista do Centro de Educação da UFSM – Universidade Federal de Santa Maria**, devendo ser publicada, se aceita, em 2019.

O mapeamento foi realizado no período de outubro de 2018 a abril de 2019. Foram cartografados 34 trabalhos referentes ao período delimitado, sendo 26 dissertações e 08 teses. O levantamento de dados foi realizado através do dispositivo de revisão sistemática, utilizando como base de dados o *Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES*. Os termos de busca delimitados foram “*Diversidade*” e “*Profissão Docente*”. A busca utilizou os seguintes critérios de inclusão: idioma português, recorte temporal de doze anos (2007 a 2018), observando as pesquisas nas áreas do conhecimento: Ciências Humanas e Educação, produzidas no estado da Bahia, nível de mestrado e doutorado. O recorte temporal de dez anos, como indica a literatura, foi expandido para doze anos, por compreendermos que poderiam existir pesquisas relevantes para este estudo nos anos iniciais do recorte.

INCLUSÃO

A produção se dedicou à 06 dimensões da Diversidade (gênero, sexualidade, geração, inclusão, classe social, raça-etnia), porém, aqui serão apresentados apenas os resultados referentes à *inclusão* [1]. A dimensão esteve presente em 12 pesquisas, das 34 que formam o corpo de análise do estudo, resultantes dos dois termos de busca.

Ao analisar quantitativamente os resultados, foi possível perceber as seguintes especificidades com relação às pesquisas: No que diz respeito aos níveis das publicações, 09 foram produzidas em mestrados e 03 em doutorados. Na maioria das pesquisas, a discussão central sobre docência esteve alinhada à perspectiva da inclusão: 09 pesquisas abordaram “saberes docentes”, “formação docente”, “prática pedagógica”, “mediação” e “docência”.

Identificamos, ainda, que no cenário da cartografia empreendida, 12 dos 34 trabalhos mapeados correspondem à categoria *inclusão*, o que equivale a 35% das pesquisas levantadas. Este dado nos faz inferir que este tema tem demandado os programas de pós-

graduação, sobretudo, a partir de 2014, quando na Bahia aparecem os Mestrados Profissionais em educação.

A maior abrangência de pesquisas foi identificada no nível de mestrado, sendo 09 dos 12 estudos, enquanto o nível de doutorado corresponde a 03 estudos; Com relação aos anos de produção, foi percebida uma elevação no número de produções do ano de 2014 (2 pesquisas) para 2015 (5 pesquisas), sendo este último o ano em que mais se produziu pesquisas sobre inclusão entre as produções cartografadas; Entre as 12 pesquisas que formaram o corpus de análise desta dimensão, o maior quantitativo de produção foi identificado na Universidade Federal da Bahia – UFBA, com a produção de 04 dissertações e 02 teses, através do Programa de Pós-Graduação em Educação, nos anos de 2015, 2017 e 2018.

Quadro 1 -Pesquisas cartografadas referentes à dimensão inclusão:

Nº	AUTOR (A)	TÍTULO	IES	ANO
01	Simone Santos Barbosa	Educar na Diferença: Imagens e Concepções Docentes sobre o Processo de Letramento do Surdo na Educação de Jovens e Adultos	UNEB	2009
02	Adarita Souza da Silva	Os Saberes docentes para prática pedagógica de alunos com Necessidades Educativas Especiais na educação regular	UEFS	2014
03	Nicoleta Mendes de Mattos	Inclusão e Docência: a percepção dos professores sobre o medo e o preconceito no cotidiano escolar	UNEB	2014
04	Emmanuelle Félix dos Santos	O ensino de Libras na formação do professor: um estudo de caso nas licenciaturas da Universidade Estadual de Feira de Santana	UEFS	2015
05	Alexandra da Silva Santos	Educação inclusiva: contribuições da fisioterapia na formação docente	UFBA	2015
06	Amanda Oliveira dos Santos	Diferentes olhares e o mesmo foco: as concepções dos professores e o comportamento de altas habilidades/superdotação'	UFBA	2015
07	Debora Cerqueira de Souza	Mediação pedagógica no processo de avaliação da aprendizagem: possibilidades na inclusão escolar de estudantes com diagnóstico de TDAH	UFBA	2015
08	Suzana Alves Nogueira	Práticas pedagógicas de professores de alunos com deficiência intelectual ou múltipla: trocas relacionais e afetivas no núcleo de estudos de formação docente da APAE de Feira de Santana – BA	UFBA	2015
09	Barbara Mercedes	Prática pedagógica em educação especial: inclusão de aluno com	UEFS	2010

Cód. de Validação: 9B31.05EA.8FF8.C6AD

	Santiago	deficiência Feira de Santana – BA		1 6
1 0	Andreia Rêgo da Silva	Política de diversidade e inclusão para pessoas com deficiência no Instituto Federal Baiano – Campus Guanambi	UNE B	2 0 1 7
1 1	Miriam Monica Loiola da Cruz	Educação inclusiva e ludicidade: uma análise em contexto do ensino fundamental II	UFB A	2 0 1 7
1 2	Taiane Abreu Machado	Estratégias e ações para a educação especial na Bahia: um estudo da formação continuada docente	UFB A	2 0 1 8

Fonte: Elaboração da autora(2019).

• CARTOGRAFIA DAS PRODUÇÕES SOBRE IDENTIDADES SURDAS NO CAMPUS IV DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

O estudo teve como objetivo principal cartografar estudos que tivessem como foco a temática da Identidade surda e da surdez, e que fossem produzidos no campus IV, departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, situado no município de Jacobina/Bahia, a fim de compreender quais aspectos e dimensões têm sido estudadas no *lócus* e qual tratamento tem sido dado ao tema. Objetivou ainda, realizar mapeamento de quais outras perspectivas aparecem nas pesquisas, além da perspectiva identitária.

As bases de dados utilizadas para a revisão sistemática foram o *Repositório Institucional Saber Aberto*, *Base de Monografias* disponível na biblioteca do campus IV e acervo de dissertações disponível no site do *Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade – MPED*. Foram utilizados os termos de busca “Identidade Surda” e “Surdos”. A busca de dados utilizou os seguintes critérios de inclusão: idioma português, recorte temporal de doze anos [2007 a 2018], observando-se as produções de todos os cursos ofertados no DCH campus IV, nos níveis de graduação e pós- graduação *stricto sensu* - mestrado.

Os resultados da revisão sistemática realizada apontaram, em caráter geral, que há escassez de pesquisas que tratem especificamente da temática identitária das pessoas surdas, no campus IV da Universidade do Estado da Bahia. No decorrer de doze anos [2007 a 2018], o total de 07 produções deram atenção ao tema da surdez, destas, apenas 02 trataram das perspectivas culturais e identitárias. Todas as pesquisas foram sistematizadas no quadro abaixo:

Quadro 2 -Pesquisas produzidas na UNEB campus IV sobre surdez:

Nº	AUTOR (A)	TÍTULO	CURSO/NÍVEL	ANO
0 1	Itanna Ribeiro de Oliveira e Viviane Santos Nunes	Fatores que impedem a inclusão de alunos surdos no sistema regular de ensino nas escolas municipais no município de Jacobina, Bahia - Desafio	Graduação Geografia	2008

Cód. de Validação: 9B31.05EA.8FF8.C6AD

		para uma educação inclusiva		
02	Diana Reis e Marta Rocha	Inclusão de alunos surdos e o ensino de Língua Portuguesa como L2	Graduação Letras Vern.	2017
03	Naiara da Silva Dias dos Santos	O ensino de História para surdos na Educação Bilíngue: Um Estudo de Caso no Centro Educacional Sons do Silêncio (CESS) em Salvador/BA	Graduação História	2017
04	Thaiane Nilo Teixeira e Ticiane Silva de Oliveira	Educação Inclusiva e o ensino da Geografia para alunos Surdos no ensino fundamental II: desafios e possibilidades nas escolas municipais da cidade de Jacobina-Ba	Graduação Geografia	2017
05	Pascoal Eron Santos de Souza	Surdos e a aquisição do Português como segunda língua: O uso de dispositivos móveis em uma perspectiva Pedagógica	Mestrado MPED	2017
06	Maynara Costa de Campos Moura	Das bocas às mãos mexedeiras: marcas culturais e identitária na Literatura Surda	Graduação Letras Vern.	2018
07	Daniel Neves dos Santos Neto	A Educação em perspectiva Inclusiva: implicações discursivas na construção da educação de surdos em uma escola pública estadual de Jacobina/BA	MestradoMPE D	2018

Fonte: Elaboração da autora (2019).

A lacuna identificada aponta a importância de se investir em pesquisas com o tema da surdez, com foco na constituição da *Identidade dos Surdos* como sujeitos de uma comunidade constituída de costumes, língua e singularidades que devem ser levadas em consideração. O que, ao mesmo tempo, demonstra a relevância deste estudo para a comunidade acadêmica do *campus IV e para a área em questão*.

2.2 PERCURSO INICIAL PARA A CONSTRUÇÃO DOS ATELIÊS DE PESQUISA:

Visando apresentar a proposta de elaboração dos Ciclos de Formação à uma instituição de ensino da educação básica do município de Jacobina, com o objetivo de obter adesão por parte da gestão, docentes e comunidade escolar, foi realizada reunião em 26 de outubro de 2018, na Escola Municipal Núbia Maria Mangabeira Guerra, localizada no bairro Jacobina III.

A escolha da escola se deu, por compreendermos que a citada instituição já havia sido mapeada pela pesquisa de conclusão de curso de Taine Pereira (2017), com dados sistematizados sobre as escolas que possuem alunos com deficiência, quantificando os atendimentos nas salas de recursos multifuncionais, de acordo com cada instituição. O primeiro contato com a escola e o corpo gestor foi permeado por desencontro de informações, pois a gestora, por razões justificadas, não se encontrava na escola para a reunião e os coordenadores pedagógicos disseram não ter conhecimento da proposta e do intuito da reunião. Estavam presentes professores, coordenadores, orientadora e bolsistas de iniciação científica responsáveis por seus respectivos subprojetos, além da professora indicada pela

secretaria municipal de educação, representando a gestão do referido órgão.

Em 13 de março de 2019, foi realizada reunião entre a orientadora do presente subprojeto de pesquisa, Ana Lúcia Gomes da Silva, bolsistas, o então secretário municipal de Educação, André Sampaio, e coordenadoras. Na oportunidade, foi definido que a proposta de elaboração dos Ciclos de Formação sobre a Profissão Docente em contextos de Diversidade seria apresentada ao corpo gestor do Colégio Gilberto Dias de Miranda – COMUJA.

Em 20 de março de 2019, realizou-se reunião com coordenadoras pedagógicas da unidade escolar, professores, orientadora e bolsistas, onde foram apresentados o projeto guarda-chuva, “Profissão Docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas”[2], seguido pelos subprojetos de pesquisa “A Educação Inclusiva na construção da Identidade do sujeito Surdo” e “Prática pedagógica em contextos de diversidade: Interseccionalidades e recursos multimídias”. Na ocasião, estiveram presentes 11 docentes de distintas áreas do conhecimento e 03 coordenadoras.

Os docentes, compreendendo a relevância e necessidade dos ciclos formativos e Ateliês de Pesquisa, sinalizaram aderência à proposta, que foi planejada/organizada de acordo com os horários da Atividade Complementar - AC disponibilizados pela coordenação escolar, considerando a disponibilidade de tempo dos/as colaboradores/as. A construção do cronograma com as temáticas a serem abordadas se deu através das emergências apontadas pelos docentes, que sinalizaram quais temas eram de seu interesse dentro da perspectiva da diversidade. As temáticas mais sugeridas foram “Educação Inclusiva” e “Alfabetização e Letramento”, conforme quadro abaixo:

Quadro 3 -Sinalização dos docentes sobre as temáticas de interesse:

TEMÁTICA SUGERIDA	QUANTIDADE
Alfabetização, letramento e multiletramento	8
Educação Inclusiva	7
Formação de professores	1
Gênero e Sexualidade	1

Fonte: Elaboração da autora (2019).

Em 03 de abril de 2019, realizou-se nova reunião para apresentação do cronograma à coordenação pedagógica, propondo que em cada encontro fosse discutida uma temática levantada pelos próprios docentes. Em 05 de junho foram iniciados os Ateliês de Pesquisa e estes, tiveram seu cronograma revisto por algumas vezes, em virtude da dinâmica escolar e demandas que diziam respeito ao pedagógico, exigindo assim, a participação dos docentes e coordenadoras pedagógicas. Deste modo, o último encontro ficou para a data de 28 de agosto de 2019, não mais na primeira quinzena de agosto.

Quadro 4 -Cronograma com temáticas dos ciclos:

CICLO	TEMÁTICA
1º e 2º 05/06 e 12/06	- Apresentação do cronograma de formação; - Metodologia dos ciclos; Tema: Formação na/com a Diversidade para uma escola inclusiva.
3º 03/07	Tema: Práticas Pedagógicas no contexto da diferença Formação Docente para a Diversidade: Outros sujeitos, outras práticas pedagógicas.
4º 10/07	Tema: Interseccionalidades de gênero, raça e sexualidade
5º 24/07	Tema: Multiletramentos e letramento científico na Educação Básica
6º 07/08	Tema: Relações étnico-racial
7º 14/08	Elaboração de Sequências Didáticas - Levando em consideração todos os temas debatidos nos Ateliês de Pesquisa;
8º 28/08	Tema: Docência e diversidade: cartografias em aberto Encerramento e avaliação da etapa 1/ Planejamento da etapa 2

Fonte: Elaboração dos pesquisadores e colaboradores (2019).

Devido à necessidade e compromisso em elaborar o presente relatório Final de Pesquisa até a data de 15/08/2019, e termos alterado o cronograma dos Ateliês, conforme já sinalizado anteriormente, os resultados do último Ateliê, previsto para ser realizado no início de agosto, será realizado em 28/08. Deste modo, os resultados serão apresentados na Jornada de Iniciação Científica em Salvador- BA em outubro do corrente ano.

2.3 O LÓCUS, A PESQUISA E OS COLABORADORES

Nosso lócus dos Ciclos de Formação foi o Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda, situado no bairro Félix Tomaz, em Jacobina, cidade localizada no território do Piemonte da Diamantina, interior da Bahia. A instituição é responsável pela educação básica, abrangendo a Educação Infantil, o Ensino Fundamental I e II, e a Educação de Jovens e Adultos, funcionando nos turnos matutino, vespertino e noturno.

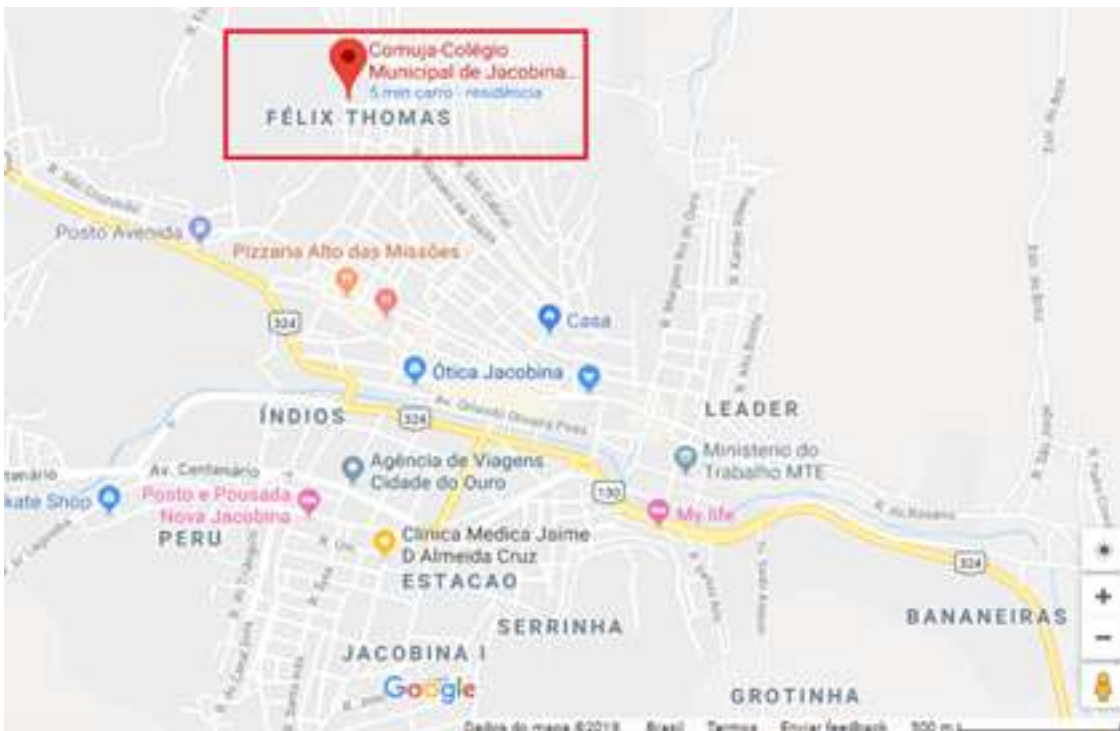
A seguir, apresentamos fotografias e a localização (através do recurso *google maps*) concernentes ao lócus de pesquisa:

Figura 3 -Imagem da entrada do Colégio:



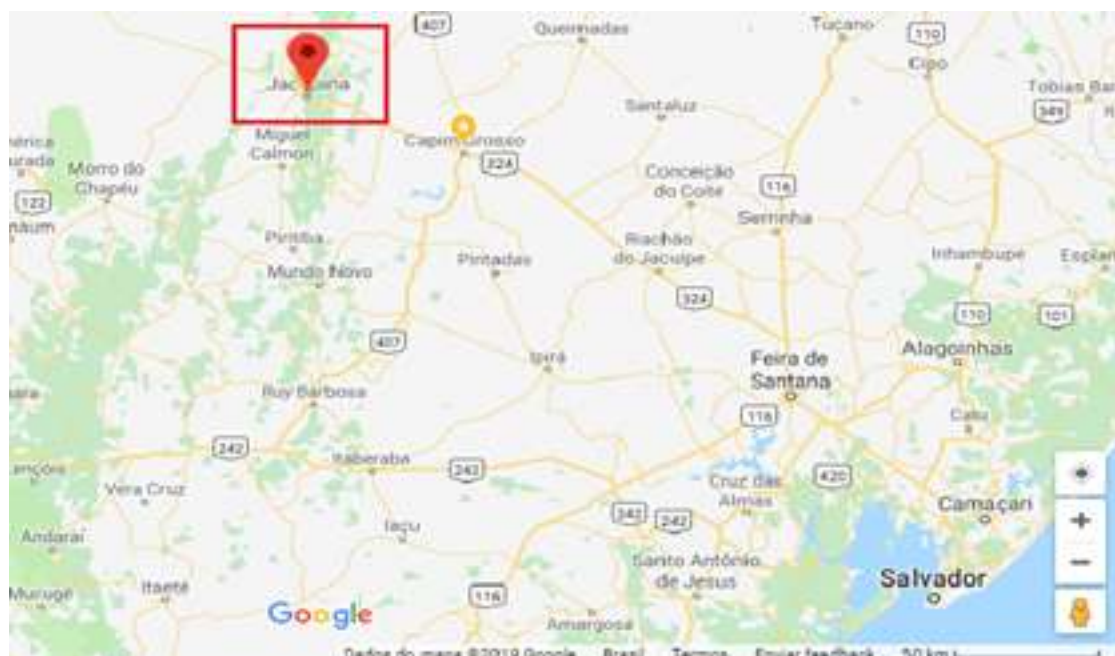
Fonte: Bahia Acontece (2019).

Figura 4 -Localização do Colégio no município de Jacobina:



Fonte: Google Maps (2019).

Figura 5 -Localização do município de Jacobina no estado da Bahia:



Fonte: Google Maps (2019).

Os critérios para a participação dos professores foram: aqueles que estivessem em efetiva regência de classe e desejassem colaborar por livre adesão. Foi convidada também coordenação pedagógica para a parceria. Inicialmente formou-se um grupo com 20 docentes interessados nos “Ciclos de Formação” a serem realizados através dos Ateliês de Pesquisa. Posteriormente, houve a participação de somente 09 colaboradoras, do sexo feminino, a saber: 01 docente do Fundamental I; 06 docentes do Fundamental II; 01 coordenadora pedagógica; 01 profissional atuante na administração escolar que procurou a equipe de pesquisadores/as informando seu interesse na formação). Assim seguimos, compreendendo a disponibilidade e vontade dos docentes em participar. As colaboradoras serão apresentadas por nomes fictícios, por questões éticas de preservação de confidencialidade, conforme Resolução 510/2016.

Quadro 4 - Colaboradores/as da Pesquisa:

Nº	NOME	FORMAÇÃO ACADÊMICA	ATUAÇÃO	TEMPO DE DOCÊNCIA
01	Ana	História	História/ Religião	
02	Carol	Letras Vern.	Artes/ Ed. Física	24 anos
03	Dalva	História	História/ Religião	24 anos
04	Maria	Letras Inglês	Inglês/Artes	10 anos
05	Joana	História	História/ Religião	
06	Fabiana	Geografia	Administração	

07	Diana		Fundamental I	
08	Daniel a		Coordenação	
09	Julia	Letras Vern.	Ciências	17 anos

Fonte: Elaboração dos autores (2019).

É importante destacar que as colaboradoras Marleide Medeiros e Jaqueline Valois Rios – também tiveram seus nomes ocultos - constituíram-se na pesquisa também como mediadoras, juntamente com os pesquisadores no 5º e 6º Ateliê, por isso, serão marcadas em determinados pontos do texto, em função de suas respectivas contribuições.

Medeiros (2018), em Dissertação intitulada “Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e identidade: desafios e implicações nas práticas pedagógicas”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade - MPED, da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, em Jacobina/Bahia, realizou diagnóstico da aplicabilidade da lei 10.639/03 para o ensino da História e Cultura Afro-brasileira, buscando fomentar as discussões para elaboração de uma proposta de Ciclos de Formação contínua, com respeito à temática étnico-racial.

A pesquisa possui relevância para este estudo, devido ao lócus de sua realização, o Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda, e a um dos dispositivos de construção de dados utilizados: o Ateliê de Pesquisa. O estudo realizou análise do Projeto Político-Pedagógico, planos pedagógicos e os livros didáticos, evidenciando que, não contemplam as especificidades de uma educação antirracista e para a diversidade cultural dos/as estudantes.

De acordo com a pesquisa, a escola apresenta em seu PPP princípios educativos baseados na formação integral dos alunos, compromisso não apenas com aspectos do processo de ensino-aprendizagem, mas com o desenvolvimento de valores. “Dentre os valores destacados no documento estão: respeito pelo outro, solidariedade, ajuda mútua, responsabilidade, inclusão e sustentabilidade” (p. 55):

Este princípio contempla a busca por uma educação que atenda às diferenças e desigualdades, presentes no espaço escolar do COMUJA cujo enfoque é muito importante para a escola, seu ambiente e sua comunidade, uma vez que o espaço escolar deve ser palco de discussões e debates dos diversos temas que permeiam a diversidade e suas implicações. A educação deve contribuir na construção e reconhecimento da identidade negra, e na superação das discriminações decorrentes dos mais variados tipos de preconceitos. Todavia, o documento apenas cita, sem contemplar em seu plano de ação, propostas para efetivação deste ensino para a compreensão e valorização às diversidades. (MEDEIROS, 2018, p. 55)

Sena (2018), em Dissertação intitulada “*Textos no contexto de ciências: Letramento científico em pauta*”, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade - MPED, da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas – Campus IV, em Jacobina/Bahia, buscou compreender a problemática em torno das práticas docentes na área

de Ciências da Natureza e as implicações destas no processo de letramento científico dos/as estudantes nos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9ºano).

O estudo também possui relevância, devido ao lócus de sua realização, o Colégio Municipal Gilberto Dias de Miranda. A dissertação se propôs a:

“Oportunizar ao grupo de professores/as de Ciências da Natureza, do Colégio Municipal Gilberto Dias Miranda, momentos de análise das próprias práticas docentes e, através desta perspectiva colaborativa, desencadear processos de reflexão-ação-reflexão capazes de transformar o fazer didático-pedagógico no ensino e aprendizagem da mencionada área de conhecimento.” (SENA, 2018, p. 28).

[1] A professora Ana Lúcia Gomes, coordenadora da pesquisa, explicitou que a referida pesquisa tem como projeto guarda-chuva a pesquisa Profissão docente na Bahia, coordenado pela docente Jane Rios.

[2] Esta e as demais categorias serão incorporadas ao Relatório final de Pesquisa da orientadora de Iniciação Científica (IC), por se tratar da profissão docente em contexto de diversidade, objeto de estudo da pesquisa mais ampla.

Conclusões:

3. ATELIÊ DE PESQUISA: HABITANDO O TERRITÓRIO ESCOLAR

Na segunda fase da pesquisa, foi o momento de habitar, de fato, o território escolar em que transitam as diferenças, foi utilizado o Ateliê de Pesquisa como dispositivo de intervenção e construção de dados. O objetivo do dispositivo consiste em estabelecer um diálogo entre a pesquisadora e a equipe colaboradora, de forma que sejam priorizadas as principais características que fundamentam sistemicamente e metodologicamente o funcionamento do Ateliê de Pesquisa, segundo Medeiros (2018, p. 63): Atuar de modo rizomático, ligando a subjetividade a situações que surjam em campo, no contato com o coletivo; Compor o território e possibilitar a intervenção com o coletivo; Mapear as conexões, marcas, relações, como elementos que se estabelecem entre os encontros; Saber o que mais se repete nos discursos dos docentes sobre suas práticas pedagógicas; Incitar leituras e entrecruzar linhas e pontos, para que sejam reconectados ou desconectados. Perceber que as multiplicidades se fazem presentes na realidade e precisam ser observadas.

O dispositivo permite a compreensão do tecer e “costurar” coletivamente. É um espaço formativo e auto formativo que alimenta a pesquisa e a reflexão das práticas, simultaneamente.

O Ateliê de Pesquisa:

é lugar como espaço-tempo formativo auto formativo, cujo trabalho será produzido por pessoas/profissionais com vontade de criar e, onde se pode experimentar, manipular e

produzir produtos resultantes da pesquisa como princípio educativo, cognitivo, formativo, colaborativo e de reflexão/avaliação constante sobre a prática pedagógica. (MEDEIROS, 2018, p. 65).

Dessa forma, com a intenção de cartografar as pistas sobre as reflexões, discursos e práticas pedagógicas no que tange ao contexto da Educação Inclusiva, os Ateliês foram espaços de construção e desconstrução coletiva e colaborativa, promovendo os debates e reflexões não só sobre as especificidades dos alunos surdos, mas sobre os contextos de diferença que levam em conta as discussões de raça/etnia, gênero, sexualidade, multiletramentos, alfabetização e aprendizagem.

Esta narrativa é, pois, resultado dos registros dos diários de bordo e dos áudios gravados, que compõe, portanto, esta narrativa polifônica tecida a várias mãos, como nos ensina a concepção que alicerça os Ateliês de Pesquisa aqui explicitada nesta cartografia em aberto. A presente narrativa cartográfica deverá ser socializada no Ateliê de 28 de agosto de 2019, para contribuições e validação do coletivo.

Tomamos narrativa cartográfica, considerando o que nos ensina o método cartográfico sobre a política da narratividade como sendo uma forma de narrar que se adequa às características do método cartográfico, ou seja, que expresse processos de mudanças. O texto expõe duas políticas de narratividade: o método extensivista, que se utiliza das redundâncias e da análise estrutural do discurso, e o método intensivista, com um procedimento narrativo de desmontagem e uma análise expressiva do discurso dos sujeitos. (BORGES, 2016, p.103).

Na nossa escolha, narramos de modo intensivista, em que os discursos expressados pelos sujeitos são apresentados num ir e vir próprio das idas e vindas em distintos pontos de vistas emergentes nos Ateliês de Pesquisa. Utilizamos como método e procedimento de análise do cultivo dos dados em campo, o próprio método, já que as narrativas se põem em diálogo com os conceitos estruturantes do nosso estudo, quais sejam: ethos da confiança territorialidade, desterritorialidade e reterritorialidade como sendo ancoradas na perspectiva do rizoma, por ser este, da ordem do mapa em aberto, dos pontos e nós da rede, que não há um início e fim determinados, mas estes se entrecruzam.

3.1 DIALOGANDO E TECENDO SABERES SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Em 05 de junho de 2019 ocorreu o primeiro Ateliê de Pesquisa, com a temática geral de Educação Inclusiva. O encontro contou com a participação de 08 colaboradoras e 01 participante da comunidade externa, sendo conduzido pela aluna bolsista de Iniciação Científica (IC), Ádina Rios, responsável pelo subprojeto de pesquisa *A Educação Inclusiva na construção da identidade dos Sujeitos Surdos*, de interesse do presente relatório final. Inicialmente foi apresentada toda a estrutura dos ateliês, cronograma, carga-horária, metodologia de uso dos diários de bordo e certificação, bem como reapresentação do projeto e subprojetos que ancoram os “Ciclos de Formação”.

Iniciou-se fazendo contextualização sobre as diferenças no espaço da sala de aula, como

Cód. de Validação: 9B31.05EA.8FF8.C6AD

Gerado em 14/08/2019 07:36

espaço de heterogeneidades. Compreendendo que a educação foi historicamente marcada por preconceitos, discriminações e silenciamentos, marcas percebidas como herança do processo de colonização. Desse modo, a escola moderna continua por aceitar e repetir esses ideais, buscando ter como alunos sujeitos sociais que correspondam às heranças europeias, na tentativa de se constituir um espaço escolar homogêneo, com sujeitos homens, brancos, burgueses, heterossexuais, católicos e que correspondam aos ideais de normalidade.

Nessa perspectiva, o aluno torna-se um objeto que deverá ser silenciado e normalizado. “Sujeitos do campo, quilombolas, indígenas, povos da floresta, do movimento feminista, negro, de orientação sexual, pró-teto, moradia, pró-escola/universidade, bem como as pessoas com deficiência, sempre foram invisibilizadas pela pedagogia”. (ARROYO, 2012).

Foi traçada discussão sobre as definições de “educação especial” e “educação inclusiva”. Sendo que a Educação Especial não possui o papel de incluir a criança na sociedade, por ser aplicada fora do contexto da educação regular. Enquanto a Educação Inclusiva alia a educação regular com a educação especial, desse modo, para que não haja o comprometimento do rendimento escolar dessas crianças, é necessária a estruturação física da escola e a capacitação dos professores para lidar com esses alunos, de forma que suas especificidades sejam respeitadas e não sejam excluídas dos processos de aprendizagem.

Foi explanada a diferença dos conceitos de *Inclusão* e *Integração*. Compreendendo que, integração origina-se do verbo integrar, que significa formar, coordenar ou combinar num todo unificado, e, que, portanto, compreende-se a integração como processo de unificação de um todo, promovendo a construção de uma sala de aula homogênea. Inclusão, do verbo incluir, significa compreender, fazer parte, participar, ou seja, objetiva a participação do sujeito com todas as suas particularidades na sala de aula. No momento dessa reflexão, uma das colaboradoras cita que: “(supressão do nome da aluna) está integrada, mas não está incluída!”, referindo-se a uma aluna surda que cursa o 8º ano do ensino fundamental II.

Ao fazer a seguinte indagação: “A minha prática pedagógica inclui ou integra os meus alunos?”, foram obtidas as seguintes respostas: “A minha integra”, “a escola integra o aluno...”. Neste ponto, as professoras fizeram questionamentos sobre as limitações da sua formação para atuar no contexto da educação inclusiva. Aqui, a pesquisadora, no papel de refletir sobre as pistas em conjunto com a teoria, propõe um diálogo com a questão lançada por Ferreira (2016, p. 66): “quais os indicativos para que possamos considerar uma prática pedagógica realmente inclusiva?”. Os próprios docentes responderam a essa questão ao perceber que o papel de incluir não cabe somente ao professor, mas ao agente de portaria, à equipe de coordenação, aos funcionários em geral, e, sobretudo, à estrutura física da escola.

De acordo com Ferreira (2016, p. 67), inspirada nos estudos de Fontes (2009), “ainda não se pode falar de uma prática pedagógica inclusiva em nossas escolas”, portanto, utilizamos a expressão educação na perspectiva da inclusão, por compreender que inclusão está como uma das metas ainda a ser alcançada.

A prática ainda vem sendo, no geral, desenvolvida de maneira descontextualizada em relação

às especificidades dos alunos, assim, acaba por transferir a falta de resultados positivos para o aluno com deficiência, passando a prevalecer a imagem de que a deficiência está no sujeito e não no sistema. Desse modo, os alunos acabam sendo integrados, mas não incluídos nas propostas pedagógicas, como foi relatado na fala da colaboradora.

No decorrer do encontro houve dificuldades com o manejo dos aparelhos multimídias da escola, o que impossibilitou a conclusão do primeiro ciclo. Portanto, o coletivo presente decidiu que na data seguinte seria dada continuidade à discussão da temática da Educação Inclusiva.

Figura 6 – Grupo de docentes/colaboradoras no 1º Ateliê de Pesquisa:



Fonte: Registro da autora (2019).

3.1 A DIVERSIDADE CARTOGRAFADA: PISTAS INICIAIS

Desse modo, em 12 de junho de 2019 ocorreu o segundo Ateliê de Pesquisa, que contou com a participação de 15 pessoas, entre elas: 08 docentes; 02 coordenadoras; 02 orientandos de Iniciação Científica, Fernando Macedo e Ádina Rios; orientadora Ana Lúcia Gomes da Silva; além da graduanda Renata Saane de Souza Cruz (IC 2019-2010) e da mestranda do programa de Educação e Diversidade - MPED, Laís Oliveira Abreu, como relatora colaboradora, que registrou no diário de bordo sua narrativa do Ateliê.

Para estimular o diálogo sobre as diferenças no ambiente escolar, a bolsista de IC, pesquisadora e mediadora do Ateliê de Pesquisa, Ádina Nunes, propôs uma atividade pedagógica onde cada participante faria um desenho a partir dos comandos que por ela seriam ditados. Os comandos dados foram os seguintes:

- Cada um deve procurar fazer o desenho da melhor forma possível;
- Não devem olhar os desenhos das pessoas ao lado;
- Desenhar sem pressa.

Em seguida, os comandos para a construção da narrativa:

- Desenhe uma cabeça grande e redonda;
- Desenhe um corpo pequeno e todo peludo;
- Desenhe braços finos grandes;
- Desenhe pés grandes e arredondados;
- Desenhe um olho só, no meio da cabeça;
- Desenhe um nariz pequeno com narinas quadradas;
- Desenhe uma boca grande e dentes falhados;
- Desenhe orelhas grandes.

Por fim, todos(as) são direcionados a mostrar seus desenhos aos colegas. Com o seguinte questionamento: “O que foi possível perceber?”. Foram obtidas as seguintes respostas: “Apesar de serem os mesmos comandos, os desenhos foram diferentes”, “e nem todo mundo seguiu o comando...”.

Percebeu-se que apesar de os comandos terem sido os mesmos para todo o grupo, os desenhos criados eram completamente diferentes uns dos outros. Daí evidencia-se a subjetividade como sistema complexo que se materializa no indivíduo conforme as relações estabelecidas no seu modo de existência e estilo de vida, modos e maneiras de ver e sentir. Nossa concepção de subjetividade se filia aos estudos da filosofia da diferença e método cartográfico, proposto por Deleuze e Guattari, aos quais vem sendo utilizados em pesquisas de campo voltadas para o estudo da subjetividade. Para Pelbart, (2000), entende-se por subjetividade:

Um sistema complexo e heterogêneo, composto pelo indivíduo e pelas inúmeras relações que ele estabelece. Ela é construída histórica e socialmente e diz respeito à constituição de modos de existência e estilos de vida. Assim, a subjetividade não se configura como algo abstrato, mas trata-se da vida, mais precisamente, das formas de vida, das maneiras de sentir, de amar, de perceber, de imaginar, de sonhar, de fazer, mas também de habitar, de vestir-se, de se embelezar, de fruir, etc. (PELBART, 2000, p. 37).

Observou-se também que apesar dos comandos serem iguais, nem todas seguiram conforme era ditado, o que não significa que não tenham realizado a atividade. Isso mostra o potencial transgressor do ser humano, apontando que mesmo quando indivíduos seguem caminhos diversos, é possível alcançar horizontes de novas possibilidades, novos caminhos. A construção é rizomática, desterritorializante, inacabada, sempre em construção...

A partir desta atividade, dialogou-se sobre as vivências na diversidade e diferenças na sala de aula. Sobre autonomia, subjetividades, construção do pensamento crítico-reflexivo etc. Observou-se que às vezes são propostas atividades “pedagógicas” autoritárias, que tolhem a criatividade dos e das discentes, o que pode gerar insegurança quanto aos seus potenciais de criar algo novo e acreditar em si. Durante o processo, dúvidas surgiam. Algumas queriam anotar os comandos para depois desenhar o que se solicitava; outras ficavam em dúvida se estava fazendo certo e pedia auxílio às colegas; outras riam e faziam críticas, zombando da

sua própria produção.

Constataram-se as preocupações acerca do “estar fazendo certo”, o medo de errar, a exigência de perfeição, a insegurança por não ter um molde, um formato pré-estabelecido, uma fórmula exata. Evidencia-se a fragilidade com relação à autoconfiança, a capacidade de acreditar e valorizar a sua produção e suas percepções sobre si, sobre as coisas, a vida e o mundo. Foram tecidas várias analogias acerca das práticas desenvolvidas no cotidiano da escola que reproduz crenças e padrões de conhecimento como únicos, esgotáveis, universalizantes, produzindo desigualdades e hierarquias.

Abaixo constam algumas produções resultantes da atividade aqui descrita:

Figura 7 – Ilustração do diário de bordo de Maria (nome fictício):



Fonte: registro da autora (2019).

Figura 8 – Ilustração do diário de bordo de Carol (nome fictício):

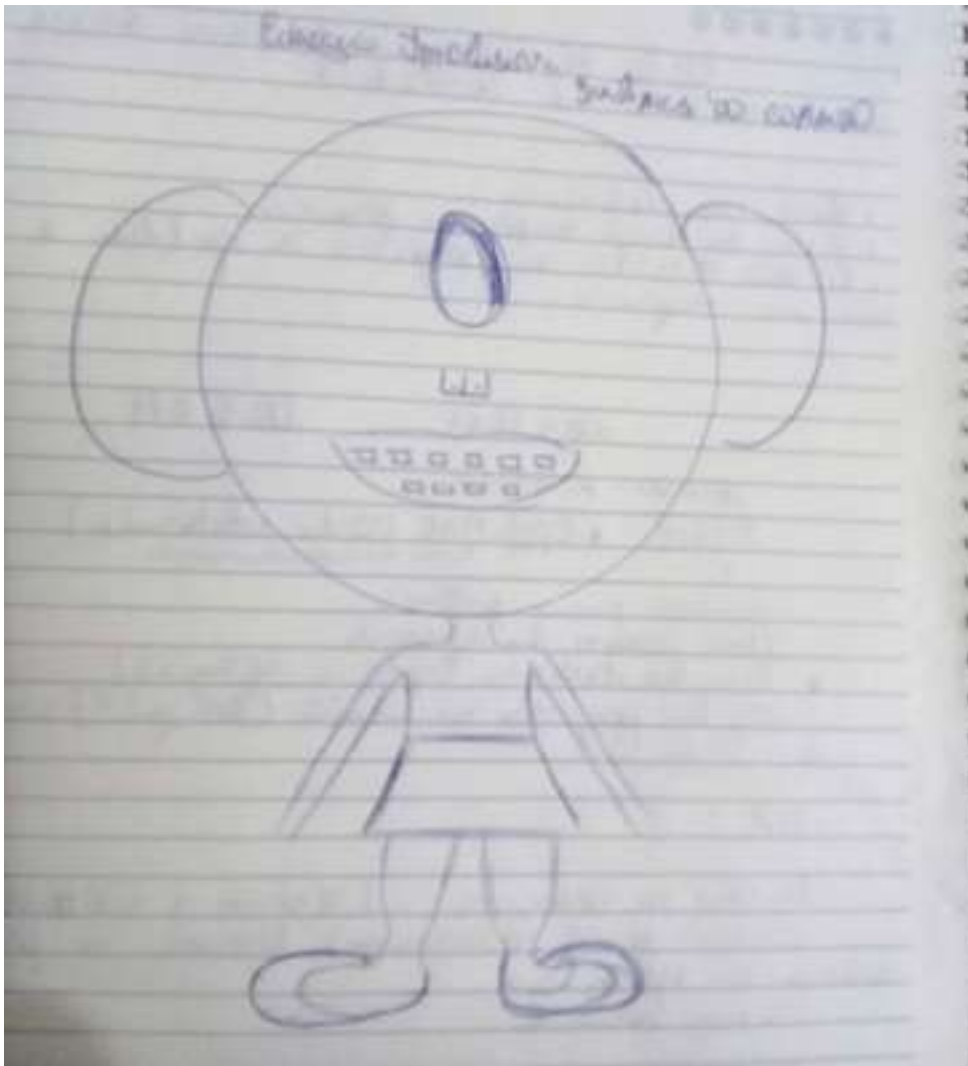


autora (2019).

Fonte: registro da

Figura 9 – Ilustração do diário de bordo de Ana (nome fictício):







Fonte: registro da autora

(2019).

O mote para ampliarmos o debate se deu a partir do curta-metragem “O presente”, que instigou a discussão sobre a condição de vida da pessoa com deficiência e educação inclusiva. No vídeo exibido um cachorrinho com uma das patas quebradas foi o presente recebido por um menino que tinha a mesma deficiência locomotora numa das pernas. O cachorrinho insistentemente tentou interagir com o seu dono – que, sentado no sofá, jogava videogame – mas custou para despertar a sua atenção. A partir disto, tencionou-se: “Aluno com deficiência faz algo pra chamar nossa atenção em sala de aula? Querem se aparecer, ou não damos conta de entender as suas singularidades? E talvez aquele menino não fosse condicionado a não se mover por ser deficiente... será que ele não foi condicionado a estar naquela situação?”.

Após a exibição, debateu-se sobre as condições de vida da pessoa com deficiência. Questionou-se sobre as dificuldades que atravessam a inserção social e educativa em razão de uma série de equívocos da sociedade acerca do respeito e condições que marcam singularidades da pessoa que tem deficiência. Narraram sobre a importância da representatividade para que a pessoa com deficiência seja de fato incluída pedagogicamente considerando a sua diferença. Levando em conta que diferença não significa inferioridade.

Falou-se da importância da educação inclusiva e das dificuldades que atravessam a garantia

integral deste direito. A educação inclusiva requer estrutura, formação e todas as condições necessárias para a sua exequibilidade. Arguiu-se que a formação não deve ser assegurada apenas para professores e professoras, e sim a todos os agentes da educação, considerando que as relações dentro dos espaços escolares não se restringem a professor X aluno.

São muitos os desafios que rodeiam o tema. Garantir educação inclusiva requer vontade e articulação do coletivo de sujeitos da educação, disposição para desterritorializar dos preconceitos que excluem e segregam a pessoa com deficiência da/na sociedade e da/na escola.

3.3 CONCEPÇÃO DOS ATELIÊS DE PESQUISA: O COLETIVO DOCENTE NA TESSITURA DO ‘CON-FIAR’

Ainda na data de 12 de junho de 2019, a orientadora e mediadora do Ateliê, professora-pesquisadora Ana Lúcia Gomes, iniciou sua narrativa acerca da concepção que alicerça os Ateliês de Pesquisa, dialogando com o coletivo, inspirada nos estudos da Filosofia da Diferença (Deleuze e Guattari), explicitando que “os Ateliês têm como base a construção do *ethos da confiança* entre o coletivo envolvido criando-se afetos para articulação das diferenças. Para entender melhor a confiança, refletiu o verbo confiar a partir da separação do vocábulo em duas partes (Con-fiar) para fins de compreender as tessituras que o envolvem.” (Diário de bordo, e registro de vídeo - Laís Abreu 11.06.19).

Explicitaremos cada uma dessas partes, que não estão dissociadas, mas compartilhadas, dialogando com os autores (SADE, FERRAZ e ROCHA, 2013), considerando como referência o texto intitulado: “O ethos da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir”.

Segundo (SADE, FERRAZ e ROCHA, 2013, p. 283) “O ethos da confiança tem o sentido de abertura ao plano da experiência e de aumento da potência de agir. [...] encontramos na palavra confiança – con-fiar – fiar com, tecer com, composição e criação com o outro/outrem”. Assim, “CON” vem do tecer junto, do fazer coletivo, de um ethos que advém de uma ética que exige atitude, intervenção. Intervenção que constitui a docência como prática social de engajamento. Engajamento que é pautado na construção de afetos. Os afetos criam laços que desbravam o potencial da fala e da escuta. Fala-se com quem confia e sabe ouvir. O “CON” alia-se ao “FIAR”.

O “FIAR” é da ordem da multiplicidade, do fazer coletivo... vem da fiança estabelecida com o outro, que não envolve dinheiro, mas empatia. São pactuados, contratos tácitos, criam-se redes de afetos e assim se constrói o plano comum e heterogêneo, por meio de fios que se interconectam e se coletivizam na experiência transversalizada. Fiar é do compartilhar. É compartilhar a experiência. É da ordem do rizoma – o não linear.

Para (SADE, FERRAZ e ROCHA, 2013, p. 284) “[...] a confiança diz respeito tanto ao regime afetivo de articulação quanto à abertura para as transformações decorrentes dessa articulação”. Articulando regimes de afetos, os Ateliês potencializam que pensemos e nos

interroguemos sobre como operar nos Ateliês, considerando as subjetividades, as diferenças, enfim nos perguntar: Como fazer para articular as diferenças? Isto é, sair da ordem da queixa para construir alternativas, transformar.

Levando-se em conta que não se tem resposta imediata e que a construção emerge dos planos da indignação, reflexão, ação, incerteza e da urgência, as mediadoras dos Ateliês, buscaram romper fronteiras evidenciando que produção do conhecimento e ação são indissociáveis, contudo, não há fórmula prescrita.

É preciso confiar na potência dos encontros (SADE, FERRAZ e ROCHA, 2013, p. 294), pois esta potência fecunda a ordem cartográfica que compõe: agenciamentos, subjetividades, corpos, vidas e o desejo da transformação, a vontade da transgressão. Ateliê desterritorializa em várias ordens, sobretudo, no que diz respeito ao próprio conceito de pesquisa articulada na diferença. Encerrou afirmando: “Nossas questões de pesquisa são tecidos com vida. Vida pulsante de estudantes, docentes, comunidade escolar que compõe o território existencial da escola”. (Diário de bordo e registro de vídeo - Laís Abreu 11.06.19).

Figura 10 – Mediação da Professora Ana Lúcia Gomes:



Registro da autora (2019).

Fonte: Fonte:

3.4 TECENDO OS FIOS ENTRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA E AS PRÁTICAS

Continuando as reflexões do Ateliê de Pesquisa de 12 de junho de 2019, ao nos deslocarmos para o debate iniciado no primeiro Ateliê, em 05 de junho de 2019, no que tange à concretização de uma Educação Inclusiva. A bolsista-pesquisadora e mediadora, Ádina Nunes, fez o questionamento: “Será que é necessário somente a formação do professor?”. Em resposta, uma das colaboradoras refletiu: “Não só o professor, todos os agentes de educação. Porque a educação não se resume à professor/aluno”.

Ao falarmos em uma Educação Inclusiva, que não apenas integre os alunos deficientes - ou todo aquele que de alguma forma está inserido no campo das diferenças, seja por etnia/raça, classe, gênero ou sexualidade -, deve-se perceber as várias perspectivas inseridas nesse contexto, como, por exemplo, a estrutura física do ambiente escolar. Nesse ponto do debate, a fala de uma das professoras relacionou a aparência da escola com a de um presídio, o que se torna ponto para fundamental reflexão.

A professora-pesquisadora Ana Lúcia refletiu que a mudança pode ser feita de dentro da escola para fora, com os/as docentes refletindo sobre suas práticas, afinal, de nada valeria uma escola colorida, se as práticas pedagógicas não acolhessem as diferenças. “E se eu quebrar os muros da escola e continuar com a mesma prática?”, “Eu não descolonizando o pensamento, não vou (res)significar minhas práticas pedagógicas”.

Nesse contexto, trouxemos a discussão sobre a educação inclusiva no contexto da surdez, discutindo os pontos marcantes para que a prática pedagógica possa acolher e contribuir para a constituição da identidade desse sujeito, respeitando suas diferenças, ao invés de integrá-lo com uma prática que homogeneiza e exclui.

Figura 11 – Grupo de docentes/colaboradoras no 2º Ateliê de Pesquisa:



Fonte: Autora (2019).

Os desdobramentos dos Ateliês de Pesquisa, envolvendo a elaboração das Sequências Didáticas e das cartografias finais, programadas para as datas de 14/08 e 28/08, serão expostas na Jornada de Iniciação Científica, de 15 a 17 de outubro de 2019, devido a impossibilidade de finalizar os ateliês antes da entrega deste relatório, conforme já explicitado neste texto.

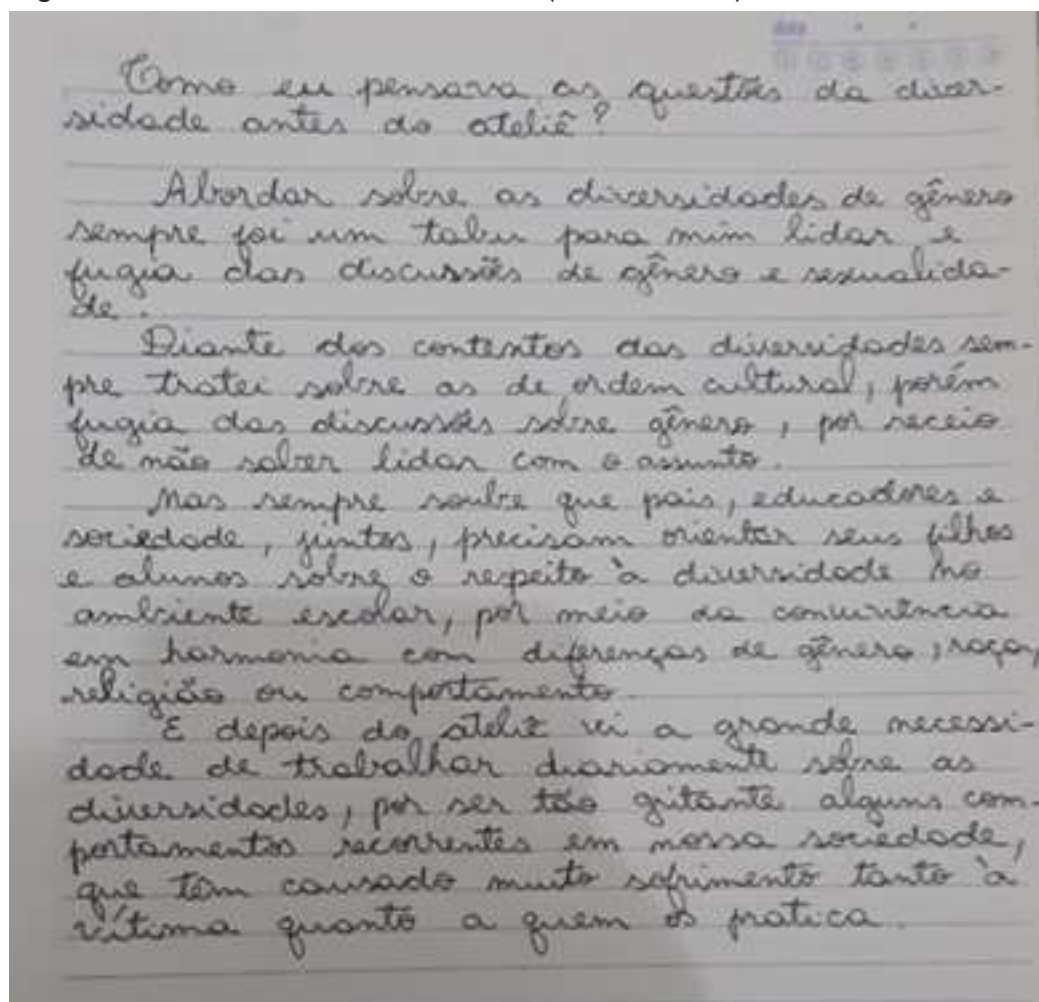
3.5 DIÁRIO DE BORDO: CARTOGRAFIA DAS REFLEXÕES PRODUZIDAS

O diário de bordo foi o dispositivo adotado para colher as pistas e reflexões tecidas pelas

colaboradoras durante e após os Ateliês. No Ateliê de 07 de agosto de 2019, foi solicitado às participantes que construíssem de forma escrita um relato respondendo a seguinte indagação: **Como eu pensava as questões da diversidade antes do ateliê? Como eu penso as questões da diversidade agora?**

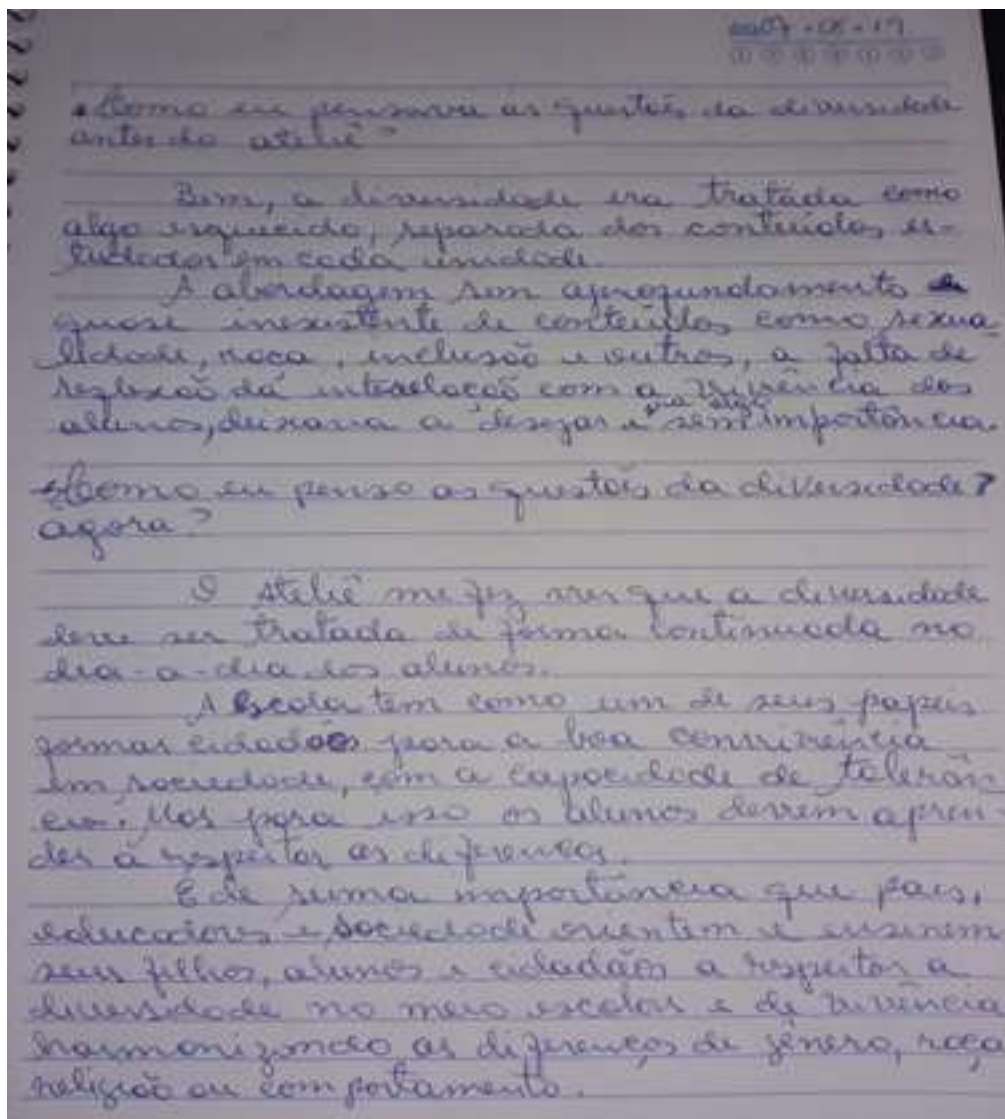
Algumas narrativas serão identificadas a seguir:

Figura 12 – Diário de bordo de Diana (nome fictício):



Fonte: Registro da autora (2019).

Figura 13 – Diário de bordo de Dalva (nome fictício):



Fonte: Registro da

autora (2019).

Devido aos desencontros e mudanças no cronograma, algumas colaboradoras precisaram enviar as reflexões por outros meios (e-mail e whatsapp), por isso, 03 reflexões serão transcritas abaixo:

Diário de bordo de Daniela (nome fictício):

“1 – COMO EU PENSAVA AS QUESTÕES DA DIVERSIDADE ANTES DO ATELIÊ? Sempre pensei na diversidade como lutas de classes, afinal de contas ainda temos e vivenciamos com resquícios de uma sociedade patriarcal, que definia culturalmente comportamentos padrão para homens e mulheres, não teria com ser diferente nas questões de heterossexualidade, pois sempre que pessoas ou situações não se encaixam em padrões pré-determinados a tendência é serem excluídas. Muito mais complexo e polêmico é trabalhar sobre a diversidade de gênero na escola, assim, como a diversidade religiosa. A grande questão é que ao tentar combater o preconceito, acabávamos criando em alguns casos situações tempestuosas e até perpetuando o bullying, uma vez que acabávamos cedendo a questões mais tradicionais e as ameaças dos pais mais conservadores. Infelizmente, “brincadeiras” de mau gosto, que desmerecem os colegas, que expõe suas pessoas e causam danos emocionais devastadores ainda fazem parte do contexto de vida em que estamos inseridos. A todo tempo aquele que é

tido como “diferente” acaba tendo suas vidas expostas.

2 – COMO EU PENSO AS QUESTÕES DE DIVERSIDADE AGORA? Com muito mais embasamento teórico, com maiores esclarecimentos a respeito, e discutindo com os colegas de forma a problematizar sobre as questões que se apresentam. E o principal: Mostrar aos mais conservadores que a ideia não é promover a erotização entre os alunos, ou incentivar sobre suas escolhas sexuais, tampouco induzir a um comportamento que se diz incomum, ao contrário, é trabalhar a problemática da diversidade de gênero na escola atuando sobre os mecanismos sociais que transformam as diferenças em desigualdades. Por isso, o papel do professor é tão significativo, pois, faz-se necessário entender, para só em seguida estabelecer novas práticas. Não há dúvidas de que um dos principais desafios da nossa contemporaneidade é viver e conviver em um ambiente de diversidade.” (Diário de bordo – Daniela – 13.08.19).

Diário de bordo de Julia (nome fictício):

“Acreditava ser uma pauta já conhecida pelos/as docentes, considerando a visibilidade que este termo vem galgando em muitos espaços formais e não formais de ensino, promovidos principalmente nas redes sociais, nos meios midiáticos e, sobretudo, coma as muitas pesquisas já produzidas e publicizadas. Todavia, diante das discussões travadas e dos contundentes relatos dos/as participantes dos encontros, ficou evidente que essa temática ainda nos é muito cara, pois as questões raciais e de gênero, só para exemplificar, aparentemente, permanecem às margens dos currículos escolares, isto é, não têm configurado nos planejamentos didático-pedagógicos., tampouco nas práticas educativas.

Diante das questões emergidas no grupo de formação, creio ser necessário aprofundarmos as leituras, debates e a construção de planejamentos de ensino voltados a essa problemática. Razão pela qual pesquisas colaborativas com os/as atores//atrizes do âmbito educativo se fazem indispensáveis.

Penso que minha prática docente tenha que promover espaços de reflexão onde os/as discentes tenham "vez" e "voz", problematizem suas experiências e expectativas como cidadãos/cidadãs críticos e atuantes, percebendo que somos pessoas e não rótulos, possuidores/as da liberdade de escolher como desejamos ser e não nos adequarmos aos modelos padrões de uma sociedade sexista, patriarcal, racista, hétero-normativa etc. Penso, ainda, que quanto mais estudo sobre diversidade, mais engrosso o couro das vozes que têm quebrado as correntes e amarras do silenciamento constantemente a nós imposto.” (Diário de bordo – Julia – 13.08.19).

Diário de bordo de Ana (nome fictício):

“Antes do Ciclo de Formação através dos Ateliês 2019, pensava diversidade como algo amplo, que faz referência direta a pessoas deficientes, gêneros, pluralidade étnica e cultural e ainda

diversidade social que constituem o espaço escolar. Após o ateliê essa visão continua, porém com um desafio, efetivar um trabalho voltado para essa diversidade, em que os estudantes sejam incluídos no processo de aprendizagem reconhecendo as suas particularidades no fazer pedagógico do professor. Nesse contexto, emerge a necessidade do trabalho voltado para o letramento científico, valorizando as diversas formas de aprender dos educandos, do uso mais apropriado das novas tecnologias, do domínio de novas linguagens e pensando, sobretudo em uma “educação menor” que apresentará resultados mais significativos para o estudante e a comunidade escolar como todo.” (Diário de bordo – Ana – 13.08.19).

Um ponto central a ser observado nas reflexões tecidas pelas docentes, de modo geral, é que ao descrever como viam as questões da diversidade antes dos Ateliês, disseram que as questões sobre inclusão, gênero, sexualidade, raciais, etc, eram esquecidas ou tratadas sem aprofundamento: “ficou evidente que essa temática ainda nos é muito cara, pois as questões raciais e de gênero, só para exemplificar, aparentemente, permanecem às margens dos currículos escolares, isto é, não têm configurado nos planejamentos didático-pedagógicos, tampouco nas práticas educativas.” (Diário de bordo – Julia – 13.08.19). Desse modo, a diversidade não era tomada como princípio formativo, compreendendo que as multiplicidades de identidades e diferenças formam o espaço escolar e precisam ser provocados e discutidos de forma diária e contextualizada com os alunos.

As narrativas fazem emergir que, mesmo as professoras que antes dos Ateliês já possuíam uma visão que compreendia a diversidade, em suas práticas pedagógicas diárias possuíam diversas dificuldades e tratar essas questões de forma didática: “porém, com um desafio, efetivar um trabalho voltado para essa diversidade, em que os estudantes fossem incluídos no processo de aprendizagem reconhecendo as suas particularidades no fazer pedagógico do professor” (Diário de bordo – Ana – 13.08.19).

Uma das docentes relata o seguinte: “A grande questão é que ao tentar combater o preconceito, acabávamos criando em alguns casos situações tempestuosas e até perpetuando o bullying, uma vez que acabávamos cedendo a questões mais tradicionais e as ameaças dos pais mais conservadores” (Diário de bordo – Daniela – 13.08.19), dessa forma, percebemos que o trato da diversidade deve ser pensado de forma que não se resume apenas às práticas pedagógicas, mas inclua os planejamentos didático-pedagógicos, e, sobretudo, os currículos escolares.

Referências Bibliográficas e outras:

ALCÂNTARA, Ramon. *Formação na diversidade: processos de subjetivação e identitários em sala de aula*. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; FELDFEBER, Myriam; SOUZA, Elizeu Clementino. **Educação, trabalho docente e justiça social: desafios para uma inclusão democrática**. Belo Horizonte, Editora Unika, 2015, 198 p.

ARROYO, M. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BORGES, Túlio Marcus Trevisan. A pesquisa como habitação de territórios existenciais: contribuições do método da cartografia. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 43, 2º sem. de 2016, pp. 101-104.

BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2007/2008.

DUBOC, Maria José Oliveira. **A formação do professor e a inclusão do aluno surdo em escolas estaduais de Feira de Santana**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2002.

FERREIRA, Bárbara Mercedes Santiago. **Prática pedagógica em educação especial: inclusão de aluno com deficiência**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

FRAGA, Moanna. **Eventos e práticas de (multi)letramento de alunos surdos em uma escola pública do interior do nordeste brasileiro**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Sudoeste Baiano, Vitória da Conquista, 2014.

FONTES, Rejane de Souza. **Ensino colaborativo: uma proposta de educação inclusiva**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2009.

LIMA, Marcos Vinícius da Costa; COSTA, Solange Maria Gayoso da. Cartografia social das crianças e adolescentes ribeirinhas/quilombolas da Amazônia. **Revista Geografares**, Vitória, n. 12, p. 76-113, jul. 2012.

MIRANDA, A. A. B. Educação especial no Brasil: desenvolvimento histórico. **Cadernos de História da Educação** – n. 7 – jan./dez. 2008.

MOURA, Maynara. **Das bocas às mãos mexedeiras: marcas culturais e identitárias da literatura surda**. 2018. Monografia (Licenciatura em Letras Vernáculas) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2018.

MEDEIROS, Marleide Alves de Oliveira. **Ensino de História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Identidade: desafios e implicações nas Práticas pedagógicas**. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2018.

O PRESENTE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bWINJVmc6Xg>. Acesso em: 10 de agosto de 2019.

PAULSTON, Rolland; LIEBMAN, Martin. The Promise of Critical Social Cartography. **La Educación**, Washington, DC, n. 119, 1994. Disponível em: <http://www.iacd.oas.org/La%20Educa%20119/pauls.htm>. Acesso em: 4 out. 2017.

PEREIRA, Rita de Cássia de Sena Prado. **As representações gráficas como recurso metodológico em situações de sala de aula com alunos surdos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade) – Universidade Estadual de Feira de

Santana, Feira de Santana, 2014.

PEREIRA, Taine S. **Formação de professores para o ensino inclusivo: diversidade em foco.** 2017. Monografia (Graduação em licenciatura plena em Letras língua inglesa e literaturas) – Universidade do Estado da Bahia, Jacobina, 2017.

PELBART, P. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea.** São Paulo: Iluminuras, 2000.

PERLIN, Gladis. Histórias de vida surda: Identidades em questão. 1998. 93f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 1998.

RODRIGUES, Isis. **A (in)visibilidade da cultura surda no contexto escolar do Centro Territorial de Educação Profissional Piemonte do Paraguaçu I de Itaberaba-Bahia.** 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

SADE, Christian. FERRAZ, Gustavo Cruz. ROCHA, Jerusa Machado. O ethos da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25 – n. 2, p. 281-298, Maio/Ago. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-02922013000200005&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso: 07 jul, 2019.

SOUZA, Elmara Pereira de; OLIVEIRA, Eduardo David de. Educação (a distância) desterritorializada: uma proposta para a formação de docentes *online*. In: *Novas Tecnologias na Educação. V. 11 Nº 1, julho, 2013.* CINTED-UFRGS. Acesso em 03 jul.2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença, In: _____; HALL, Stuart; Woodward, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Adarita Souza da. **Os saberes docentes para a prática pedagógica de alunos com necessidades educativas especiais na escola regular.** 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 2005.

SENA, Jaqueline Valois Rios. Textos no contexto de Ciências: letramento científico em pauta. 2018, 165 fls. Relatório Final de Pesquisa (Mestrado Profissional em Educação e Diversidade) – Universidade Estadual da Bahia. Jacobina-Bahia.

WOOD, Denis. Introducing the Cartography of Reality. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. (org.). *Humanistic Geography. Prospects and Problems.* Chicago: Maaroufa Press, 1978.

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS, TECNOLÓGICOS OU DE INOVAÇÃO

Evento	Data	Apresentação de
Encontro Nacional dos Estudantes de Letras - ENEL	21/07/2018	Sim
XX Encontro Regional de Estudantes de Letras/EREL	16/04/2019	Sim
Seminário Educação e Debates Contemporâneos	19/09/2018	Não
II Setembro Azul - A pessoa Surda...	19/09/2018	Não
I Simpósio Estadual Estadual de Letras	06/07/2018	Sim
Oficina Formativa para Iniciação Científica	21/11/2018	Não
III Pré Jornada de Iniciação Científica	09/10/2018	Sim
Oficina: Que Papo é Esse de Literatura Surda?	15/11/2018	Não

ANÁLISE DE DESEMPENHO DO BOLSISTA

Critério	Avaliação
Qualidade do trabalho: Considerar a qualidade do trabalho, tendo em vista as condições oferecidas.	Acima das Expectativas
Desempenho: Esforço revelado para aprender, a partir de indagações e dúvidas apresentadas	Acima das Expectativas
Assiduidade: Cumprimento do plano de trabalho com dedicação e zelo.	Acima das Expectativas

OBSERVAÇÕES DO ORIENTADOR

Elogiável a implicação que a estudante desenvolveu com a temática, bem como é elogiável sua escuta sensível, deixando-se orientar, atenta às sugestões e modificações sugeridas e realizadas pela orientadora. Destacou-se em todas as atividades realizadas, foi assídua, comprometida, estudiosa, crítica, com excelente iniciativa para levantar eventos da área, participar e produzir tanto e com tanta qualidade, em apenas um ano de iniciação científica. (IC), em co autoria com a orientadora e equipe de pesquisa. Superou as expectativas. Parabéns!!!

ANÁLISE DO DISCENTE EM RELAÇÃO AO PROGRAMA

O Programa de Iniciação Científica possibilita de muitas formas que os alunos de graduação tenham contato com questões referentes à tríade: ensino, pesquisa e extensão, de forma que sejam desenvolvidas ainda na fase da graduação, habilidades e conhecimentos necessários para o ingresso nos programas de pós graduação, bem como, para uma formação docente efetivamente centrada na concepção de professor-pesquisador. Além disso, proporciona, a depender do orientador, a articulação efetiva entre graduação e pós- graduação através do Grupo de pesquisa, contato e atividades conjuntas com estudantes da pos- graduação e graduação, possibilitando a escrita coletiva e aprendizagens em rede colaborativa. Neste sentido, destaco que o grupo de pesquisa Difeba, liderado por minha orientadora cumpre muito bem este papel. Gostaria que as agendas de aula me permitisse participar mais do Difeba.

PARECER FINAL DO ORIENTADOR

() Aprovado sem modificações

Aprovado com modificações

() Reprovado

Local: _____

Data _____

Declaro estar ciente e concordar, para todos os efeitos legais, com as informações contidas neste relatório.

Assinatura do(a) Orientador(a)

Assinatura do(a) Bolsista

PARECER DA INSTITUIÇÃO

Assinatura da Coordenação PIBIC

Bolsa de Iniciação Científica - Cotas Relatório Técnico Final

IDENTIFICAÇÃO

Instituição: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

Nome do bolsista: ADINA NUNES RIOS

CPF: 857.845.665-39

Pedido Nº:

/20

Orientador(a): ANA LUCIA GOMES DA SILVA

Período abrangência relatório: 01/08/2019 - 31/07/2020

Título do projeto de pesquisa: Interseccionalidade no entrelace da surdez e sexualidade: o experimento das cartografias corporais na Educação Básica de Jacobina/Bahia

EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

Cronograma de metas e atividades previstas no plano de trabalho

Descrição	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Análise de dados da pesquisa												
Realizar levantamento de material didático-pedagógico disponível para a elaboração de atividades específicas de aprendizagem.	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
Revisão sistemática da literatura do tema de investigação	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
Revisão/Levantamento Bibliográfico	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
Produzir cartografia das pesquisas sobre surdez e sexualidade, considerando as instituições públicas do Estado da Bahia (2010-2018);	X	X	X	X	X	X		X		X	X	X
Realização da revisão sistemática do tema de estudo	X	X	X	X		X	X	X	X			
Realizar levantamento de material didático-pedagógico disponível para a elaboração de atividades específicas de aprendizagem.						X	X	X				
Escrita e apresentação do relatório parcial da pesquisa						X						
Mapeamento das atividades pedagógicas realizadas nas sala de AEE							X	X				
Organização e análise dos dados levantados na pesquisa de campo.							X	X	X	X	X	
Realização dos Aetliês de pesquisa								X	X			
Organização, transcrição e análise dos dados								X	X	X		
Elaboração e apresentação do relatório final da pesquisa											X	X
Relatório parcial da pesquisa												
Elaboração e apresentação do relatório da pesquisa						X						
Participação em eventos e publicação com a orientadora.						X	X	X	X	X	X	X
Revisão/Levantamento Bibliográfico												
Produzir cartografia das pesquisas sobre surdez e sexualidade, considerando as instituições públicas do Estado da Bahia (2010-2018);	X	X	X	X	X	X	X	X				
Realização da revisão sistemática do tema investigado	X	X	X	X	X	X	X	X	X			

Dificuldades encontradas: Infraestrutura da Universidade; falta de recursos e incentivos institucional para

subsidiar eventos e publicações; contexto pandêmico iniciado em março de 2020.

Houve alteração no plano de trabalho: Não.

Justificativa da alteração: Não houve necessidade de fazer alterações no plano.

Resumo (aproximadamente 250 palavras):

A presente pesquisa, vinculada ao projeto “Profissão Docente no território do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas”, tem como objeto de estudo a interseccionalidade entre as categorias surdez e sexualidade, diante da construção da identidade surda em contextos educativos. O objetivo central do estudo é compreender quais as principais contribuições da prática pedagógica dos docentes da Educação Básica do ensino fundamental do município de Jacobina/Bahia, acerca dos sentidos construídos pelos sujeitos surdos para a dimensão sexualidade e suas implicações nas produções de identidades e afetos. Dados os objetivos, o método fundamenta-se na cartografia, inspirado nos estudos de Deleuze e Guattari (1995), como abordagem que não segue regras preestabelecidas, mas pistas que emergem no campo, onde o pesquisador cria sua trajetória na medida em que tem contato com os dados produzidos. A fim de elaborar as cartografias das práticas pedagógicas docentes e atingir o objetivo central mencionado, foram utilizados como dispositivos: a revisão sistemática, para mapear as produções que versam sobre o tema no território das universidades públicas da região Nordeste; e os Ateliês de Pesquisa Online, adaptados ao contexto de isolamento social causado pela epidemia de covid-19.

Palavras Chave:

Interseccionalidade; Surdez; Sexualidade; Educação Básica

Introdução (tema/objetivos/hipóteses/justificativa):

De acordo com a pesquisadora e feminista negra Akotirene (2019, p. 18), o conceito de interseccionalidade foi pensado e construído historicamente por mulheres negras que tinham suas reivindicações invisibilizadas pelo movimento feminista pautado somente nas/pelas mulheres brancas e pelo movimento negro que focava nos homens. O referido conceito criado em 1989 pela intelectual Kimberlé Crenshaw, feminista negra estadunidense, demarca as avenidas identitárias em que mulheres negras são atravessadas diversas vezes pelas estruturas de raça, classe e gênero, como propõe a teórica Carla Akotirene (2019).

Segundo Kimberlé Crenshaw, a Interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro. (AKOTIRENE, 2019, p. 19)

Akotirene (2019) insere a deficiência e a discussão sobre capacitismo no debate, considerando que o feminismo negro dialoga concomitantemente com essas avenidas identitárias e colisões múltiplas. “O letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por lésbicas,

gays, bissexuais e transexuais, (LGBT), pessoas deficientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadoras.” (p. 23). Considerando que “preconceitos de cor, geração e capacidade física, aperfeiçoam opressões antinegros e antimulheres” (AKOTIRENE, 2019, p. 35), uma vez que a matriz colonial moderna produz a ideia de Outros, a partir da construção de uma identidade central: cisheteropatriarcal, branca, cristã e capacitista.

A teoria interseccional como prática metodológica, provoca articulação entre os marcadores identitários produzidos pela matriz de opressão e que são acionados diversas vezes nas experiências de negros, mulheres e deficientes. “A interseccionalidade se refere ao que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças, depois de enxergá-las como identidades”, de acordo com Akotirene (2019, p. 46). Portanto, do ponto de vista desse instrumento teórico-metodológico, é inútil hierarquizar os sofrimentos causados por essas opressões, pois todos estão relacionados e alimentam a mesma estrutura:

Sendo assim, não apenas o racismo precisa ser encarado como um problema das feministas brancas, mas também o capacitismo como problema das feministas negras cada vez que ignoramos as mulheres negras que vivem a condição de marca física ou gerada pelos trânsitos das opressões modernas coloniais: sofrendo o racismo por serem negras, discriminadas por serem deficientes. (AKOTIRENE, 2019, p. 45).

Nessa perspectiva, o presente subprojeto de pesquisa, intitulado “Interseccionalidade no entrelace da surdez e sexualidade: o experimento das cartografias corporais na Educação Básica de Jacobina/Bahia”, vinculado ao projeto “Profissão docente no território do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas” e coordenado pela Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Gomes da Silva, ambos vinculados ao grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos Formação na Educação Básica e Superior (DIFEBA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), foi aprovado pelo edital 014/2019 e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

A pesquisa tem como principais categorias teóricas de estudo a Interseccionalidade entre a surdez e a sexualidade, diante da construção da identidade Surda em contextos educativos. O objetivo central do estudo é compreender quais as principais contribuições da prática pedagógica dos docentes da Educação Básica do ensino fundamental do município de Jacobina/Bahia, acerca dos sentidos construídos pelos sujeitos surdos para a dimensão sexualidade e suas implicações nas produções de identidades e afetos.

O presente relatório tem, portanto, o objetivo de organizar e expor os resultados alcançados pelo estudo investigativo realizado no decorrer de 12 meses de pesquisa. Para dar conta das categorias teóricas e dos objetivos propostos, considerando o contexto nacional e mundial causado pela pandemia de covid-19, o presente estudo investigativo foi desenvolvido em duas fases: a primeira cumpriu com os objetivos iniciais de pesquisa bibliográfica, investigou e produziu um mapeamento das produções elaboradas sobre a temática na Região Nordeste, com o intuito de conhecer as contribuições e lacunas dos estudos já existentes; a segunda foi adaptada à realidade em contexto de pandemia do Covid 19[1], considerando o isolamento social, e foi elaborada através dos dispositivos de Ateliê de Pesquisa Online e Diários de

Bordo, utilizando a plataforma *google meet*[2] para dialogar com os/as professores/as da Educação Básica.

[1] O coronavírus apareceu pela primeira vez na China em 2019. Responsável pelo surgimento de uma infecção respiratória que se espalhou por todo o mundo matando milhões de pessoas. A doença pode variar desde uma simples gripe até complicações muito graves, colocando a vida em risco. Para saber mais, consultar: <https://www.tuasaude.com/coronavirus/>. Acesso em 19 jul. 2020.

[2] Plataforma digital do gmail que propicia a profissionais diversos, a realização de reuniões online, web conferências, tanto pelo computador quanto por dispositivos móveis. Conecta profissionais em *home office*, empresas, escolas e outras organizações e podem transmitir reuniões ao vivo gratuitamente. Para saber mais, Cf. https://www.youtube.com/watch?v=dxomMM97_To. Acesso em 18 jul. 2020.

Método (sujeitos/instrumentos/procedimentos):

O percurso metodológico adotou o método da cartografia, com ênfase no dispositivo de Ateliê de Pesquisa online e no uso dos Diários de Bordo, considerando os efeitos sociais provocados pela pandemia do covid-19 e pelo isolamento social, além do dispositivo de revisão sistemática, mapeando quantitativamente os estudos produzidos na região nordeste, identificando os métodos, dispositivos utilizados e resultados obtidos a fim de discutir as potencialidades, lacunas, proximidades e distanciamentos dos estudos realizados no território estabelecido.

A cartografia como método, a partir das perspectivas pós-críticas, deixa de existir apenas como cartografia tradicional e/ou cartesiana, ligada à geografia e que busca resultados precisos, sustentados em estatísticas e dados matemáticos, tornando-se a cartografia social, que foi impulsionada pelos estudos de Deleuze e Guattari (2011), que se debruçam sobre as subjetividades que emergem no território. No caso dessa pesquisa, falamos sobre o território escolar.

Silva, Costa e Pereira (2018), defendem que, assim como Bauman (2002) afirma que as configurações dos ideais de sociedade transitaram da modernidade para a modernidade líquida, a configuração epistêmica das ciências humanas passou por transformações e por isso transitaram para “paradigmas pós-críticos como o da cartografia social, que se preocupa com os movimentos e a diversidade da configuração dos espaços sociais de maneira fluida” (p. 18).

O movimento cartográfico, como método de pesquisa, não possui receita pronta ou obrigatoriedade de seguir esquemas, mas sim as pistas que emergem em contato com o campo. Não significa que o pesquisador não terá uma direção para seguir, as pistas orientam o percurso metodológico.

Nesse sentido, as pistas são importantes porque servem de encaixos no andamento da

pesquisa e oportunizam o estabelecimento de trajetórias. Outra consideração importante, no que tange a esse método, é que não há coleta de dados como nas abordagens tradicionais, mas, sim, uma produção deles. Parte-se do pressuposto que a coleta de dados implica em algo que já está pronto para ser transposto. Já a construção ou produção permite e oportuniza uma maturação mediante distintas e complementares ações, como territorialização, desterritorialização e, conseqüentemente, uma reterritorialização, constituídas pelos constantes movimentos dos sujeitos e dos fenômenos a serem cartografados. (SILVA; COSTA e PEREIRA, 2018, p. 19).

Neste ponto, faz-se necessário justificar que, por conta da pandemia e das medidas de isolamento social, não foi possível realizar as observações das aulas e do território escolar a fim de elaborar as cartografias corporais dos/as estudantes, conforme objetivo específico do presente subprojeto.

O TRAJETO DA PESQUISA:

1ª fase:

O trajeto da pesquisa foi traçado em duas fases: na primeira, foi produzida revisão sistemática acerca das produções que dialogam sobre o tema da Interseccionalidade entre surdez e sexualidade, observando as teses e dissertações produzidas nas universidades públicas estaduais e federais do Estado da Bahia, com recorte de 2010 a 2019.

Na fase inicial também se participou de eventos acadêmicos a fim de socializar os estudos iniciados com o subprojeto anterior, intitulado “A Educação Inclusiva na construção da identidade dos Sujeitos Surdos”[1], além de divulgar e dialogar com outros(as) pesquisadores(as) sobre a temática de interesse do presente relatório técnico final.

Abaixo segue quadro sistematizando as participações em eventos[2] acadêmicos:

QUADRO 1 – EVENTOS ACADÊMICOS:

Evento	Ano	Modalidade	Link do evento:
SEMET	2019	Apresentação Oral	http://conferencia.uneb.br/index.php/semet/SEMET/about
EBEL	2019	Apresentação Oral	https://ebeluefs.wixsite.com/2019
SINJUVE	Agendado para outubro de 2020	Apresentação Oral e publicação em anais	https://www.even3.com.br/sinjuve/
ENEL	Cancelado	Apresentação Oral	https://enel2020.wixsite.com/enel

Fonte: Elaboração da autora (2020).

DIÁLOGO COM OS RESULTADOS DA REVISÃO SISTEMÁTICA:

Foram mapeadas 07 pesquisas, sendo que, 04 tratam da dimensão “deficiência”, que não é a abordagem teórica tomada por esse estudo, como já debatido anteriormente. Por isso, esta análise toma como corpus apenas 03 estudos que dialogaram com o tema da interseccionalidade entre as dimensões de gênero e sexualidade considerando as pessoas

Cód. de Validação: 9B31.05EA.8FF8.C6AD

surdas, produzidos em dois estados da região nordeste: Bahia e Sergipe.

Abaixo as pesquisas serão sistematizadas em 02 quadros diferentes, de acordo com os anos de produção, entre aquelas que utilizam uma abordagem teórica considerando a “surdez” e àquelas que consideram a categoria “deficiência”, nosso foco está nos estudos que tratam da surdez:

QUADRO 2 – PESQUISAS QUE CRUZAM SURDEZ E SEXUALIDADE:

Nº	AUTOR (A)	TÍTULO	NÍVEL	UES	ANO
01	Valéria Maria Azevedo Guimarães	Representações sociais sobre a sexualidade: um estudo com discentes surdos	Dissertação	UFS	2019
02	Jessica Akemi Kawano Ribeiro	A lesbianidade e a surdez	Artigo	UFBA	2017
03	Keli Krause	Feminismos Surdos, deficiências e políticas públicas	Artigo	Anais do evento Enlaçando Sexualidades	2017

Fonte: Elaboração das autoras (2020).

QUADRO 3 – PESQUISAS QUE CRUZAM DEFICIÊNCIA E SEXUALIDADE:

Nº	AUTOR (A)	TÍTULO	NÍVEL	UES	ANO
04	Táisa Caldas Dantas, Jackeline Susann Souza Silva e Maria Eulina Pessoa de Carvalho	Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamento	Artigo	UFPB	2013
05	Cristiane Martins Reis	Novos olhares, novos caminhos: as concepções e as práticas da sexualidade das Pessoas com deficiência física	Monografia	UFBA	2014
06	Louise Lima Storni Rocha e Andrea Moraes Alves	Ativismos e a produção de novos discursos sobre a sexualidade de pessoas com deficiência	Artigo	Anais do evento Desfazendo gênero (UFBA)	
07	Débora Araújo Leal e Delvanês Araújo Leal.	O descortinar da deficiência e a educação sexual: Vivências de uma escola pública em Feira de Santana /BA	Artigo	Anais do evento Enlaçando Sexualidades	2017

Fonte: Elaboração das autoras (2020).

O quadro 1, se refere às pesquisas que debatem diretamente a surdez: A dissertação (01) aborda as dimensões sexualidade e surdez; O artigo (02) se debruça sobre o conceito de

Cód. de Validação: 9B31.05EA.8FF8.C6AD

interseccionalidade para tratar das dimensões sexualidade, gênero, surdez, feminismo e lesbianidade; Por fim, o artigo (03), utiliza os marcadores de gênero, raça, feminismo surdo, interseccionalidade e também de deficiência.

Todos os 07 trabalhos encontrados foram produzidos por mulheres. Não foi possível realizar análise detalhada de seus percursos metodológicos, visto que foi mapeada apenas 01 dissertação. Com relação ao território em que as produções mapeadas foram produzidas, constata-se a escassez de pesquisas que discutam a temática nas plataformas investigadas e de acordo com os critérios estabelecidos nesse estudo, o que sugere uma lacuna na produção acadêmica que dialogue com a Interseccionalidade das categorias surdez e sexualidade na região Nordeste, e, sobretudo, no estado da Bahia.

A primeira pesquisa, única dissertação mapeada, intitulada “Representações sociais sobre a sexualidade: um estudo com discentes surdos”, de autoria de Valéria Maria Azevedo Guimarães, ano de 2019, busca compreender as representações sociais que os discentes surdos possuem sobre a sexualidade e como essas representações influenciam suas ações. O estudo utilizou como base teórica a Teoria das Representações Sociais, permitindo a compreensão dos aspectos históricos, culturais e políticos que cercam e formam o sujeito surdo, acessando o conhecimento proveniente do senso comum sobre a sexualidade.

Guimarães (2019) elabora dois capítulos estruturados com revisões sistemáticas, no capítulo 1, sobre as representações sociais e a surdez, com recorte de 1990 a 2017, em cinco bancos de dados: SciELO, PePSIC, LILACS, PsycINFO e Scopus; no capítulo 2, abordou a sexualidade e surdez, com o recorte de 2000 a 2017, utilizando as bases de dados: SciELO, PePSIC, LILACS, PsycINFO e Scopus. O capítulo 3 foi estruturado a partir da entrevista com 10 jovens surdos. Segundo a autora, o estudo constatou a escassez de produções referentes às representações sociais, surdez e sexualidade.

A segunda produção identificada, artigo intitulado “A lesbianidade e a surdez”, de autoria de Jessica Akemi Kawano Ribeiro, publicado em 2017, na revista *PERIÓDICUS* - Revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades, da Universidade Federal da Bahia – UFBA, aborda a vivência da mulher surda e lésbica. Utiliza o conceito de interseccionalidade e identidade para pensar a formação identitária da mulher, surda e lésbica. A respeito da Interseccionalidade como categoria teórica, a autora afirma:

A análise interseccional ressalta que as mulheres não são de todo iguais, mas se diferem em suas experiências e necessidades a depender dos grupos sociais, econômicos, raciais, étnicos ou culturais a que pertencem. Dessa forma, não pode a mulher surda e lésbica ser tomada da mesma forma que a mulher ouvinte ou heterossexual, visto que as suas peculiaridades a tornam mais vulnerável a um sistema patriarcal, lesbofóbico e ouvintista. (RIBEIRO, 2017, p. 180)

A autora enfatiza que aos poucos surgem pesquisas que se debruçam sobre questões como sexualidade e afetividade de pessoas consideradas deficientes, como é o caso das pessoas surdas. Porém, tais pesquisas ainda são construídas sobre discursos tradicionais e

heteronormativos, abordando a sexualidade entre homem e mulher. Desse modo, as mulheres surdas e lésbicas são colocadas ainda mais à margem.

Ribeiro (2017) conclui que a conquista da autonomia das mulheres depende cada vez mais do processo de inclusão das mulheres dos mais diferentes grupos, raças, classes sociais e regiões ao feminismo, como forma de construir-se e proteger-se, ao invés de “limitá-lo à mulher branca, heterossexual, classe média-alta, cristã e não portadora de necessidades especiais” (RIBEIRO, 2017, p. 189).

A terceira produção mapeada, artigo denominado “Feminismos Surdos, deficiências e políticas públicas”, da autoria de Keli Krause, publicado nos Anais do Seminário Internacional Enlaçando Gênero. O estudo utiliza a interseccionalidade para articular os marcadores de gênero e raça, para mulheres surdas e com deficiências, objetivando mostrar as inúmeras formas de violências vividas pelas mulheres surdas e por mulheres ouvintes e deficientes. O estudo, através de pesquisa bibliográfica, constata a ausência de produções acadêmicas relacionadas ao tema do feminismo surdo e da violência contra a mulher surda.

A pesquisadora Krause (2017), debate a associação da surdez à deficiência, trazendo os processos colonialistas que invisibilizam a mulher surda e suas questões culturais e linguísticas:

A mulher surda é comparada à mulher deficiente. Muitas vezes a sociedade continua com a educação colonialista sobre a mulher surda sem noção de sua diferença. No momento em que somos chamadas de deficientes, somos comparadas às mulheres ouvintes. Essa é uma representação que assume aspectos de discriminação, de nossa língua e cultura, pelo completo desconhecimento do valor linguístico que a língua de sinais possui e também pelo completo desconhecimento da significação do ser mulher surda, ou seja, ser uma pessoa que entende o mundo pelos olhos e necessita de informação em sua língua visual. (PERLIN e VILHAVA, 2016, p. 6 apud KRAUSE, 2017, p. 03).

A pesquisa realiza revisão de literatura sobre a violência doméstica contra a mulher surda e constata que, segundo McQuiller Williams e Porter (2010 apud KRAUSE, 2017): “Mulheres surdas têm 1,5 vezes mais chances de ser vítima de assédio sexual, agressão sexual, abuso psicológico e abuso físico do que as ouvintes”. É necessário considerar os marcadores de gênero, de surdez e de raça, que vão interferir nas experiências vividas por essas mulheres e provocar múltiplas vulnerabilidades.

CONCLUSÕES:

A teoria interseccional como prática teórico-metodológica foi utilizada como lente para provocar a ler e realizar a análise dos dados destacando como os marcadores identitários se articulam e são acionados nas relações de poder que marcam as experiências de mulheres, surdas, lésbicas, negras e pobres. Considerando que é inútil hierarquizar ou comparar os sofrimentos causados por essas opressões, como propõe Carla Akotirene (2019, p. 43), abaixo estão relacionadas as categorias que são centrais nas produções mapeadas e que se tornam foco neste estudo:

QUADRO 4 – DIMENSÕES DAS PESQUISAS MEPEADAS:

PESQUISA	DIMENSÕES
Representações sociais sobre a sexualidade: um estudo com discentes surdos	Sexualidade Surdez
A lesbianidade e a surdez	Interseccionalidade Sexualidade Surdez Feminismo Gênero Lesbianidade
Feminismos Surdos, deficiências e políticas públicas	Feminismo Surdo Interseccionalidade Deficiência

Fonte: Elaboração das autoras (2020).

Entre esses 03 estudos, a abordagem tomada para surdez foi a de diferença cultural e linguística, do ponto de vista social. No entanto, é possível perceber a presença de 04 textos que não possuem o recorte de surdez, mas abrangem a temática da deficiência. Essa relação tem fundamental importância teórica, já que é necessário se trabalhar as concepções de deficiência para que se compreenda as diversas abordagens teóricas e como elas se relacionam com a surdez e com a sexualidade. A visão da sociedade de modo geral sobre as pessoas com deficiência ou pessoas surdas, carrega o rótulo da incapacidade, e, por isso, invisibiliza a sexualidade desses sujeitos, não os reconhecendo como homem/mulher. Como afirmam os autores:

Reconhecer a identidade de gênero e a capacidade de desenvolvimento integral da pessoa com deficiência significa abrir espaços para o protagonismo e empoderamento nas suas escolhas de vida, na sexualidade e na busca por oportunidades educacionais e ocupacionais. (DANTAS; SILVA; CARVALHO, 2013, p. 01).

Deste modo, o desafio que ainda se apresenta nas práticas pedagógicas convergem para o aspecto do desenvolvimento integral dos sujeitos, em especial dos sujeitos surdos e/ou com deficiências, que ainda lutam pelo não apagamento da sua sexualidade e seu protagonismo, de modo a existir no mundo com dignidade, ocupando na sociedade seu lugar como pessoa e profissional.

A autora Guimarães (2019, p. 55) aborda a relação estabelecida entre os estudos sobre surdez e os estudos sobre o tema da deficiência, que pode acontecer por influência do modelo médico, que identifica a surdez como uma deficiência e dá argumentos para o discurso capacitista, sobretudo aos ouvintes. Com relação à escassez de estudos constatada, a autora sugere:

Salienta-se que, mesmo havendo estudos acerca das representações sociais e sexualidade, percebe-se a escassez quando associados à surdez. Este fato pode ocorrer por conta do

desconhecimento acerca da cultura surda, da Língua Brasileira de Sinais, de instrumentos adaptados para a cultura surda e, também, por tratar-se de uma minoria social. Adicionalmente, através das revisões sistemáticas, evidenciou-se a inexistência de pesquisas no Brasil que reúnam as temáticas das representações sociais, sexualidade e surdez. (GUIMARÃES, 2019, p. 12)

Por fim, levando em conta a intersecção do marcador “lesbianidade”, que emergiu nas pesquisas investigadas, considera-se, por empatia e posicionamento político, ético e epistemológico, o pensamento da feminista negra Akotirene (2019), que declara através de Audre Lorde:

Qualquer ataque contra pessoas negras é uma questão lésbica e gay, porque eu e milhares de outras mulheres negras somos parte da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão de negros, porque milhares de lésbicas e gays são negros. Não existe hierarquia de opressão. Eu não posso me dar ao luxo de lutar contra uma forma de opressão apenas. Não posso me permitir acreditar que ser livre de intolerância é um direito de um grupo particular. (AKOTIRENE, 2019, p. 43).

Reafirmando a necessidade política e a relevância teórica de pesquisas que questionem o padrão cisheteropatriarcal, branco e capacitista, através de pedagogias antirracistas e que rompam com a lógica colonialista, que silencia, exclui e apaga os corpos e sua diversidade de expressões.

2ª fase:

Na segunda fase, foram realizados os Ateliês de Pesquisa através do formato de Ciclos de Formação, com os/as docentes da Educação Básica. Considerando o atual contexto provocado pela epidemia de covid-19 e respeitando as medidas de isolamento social necessárias para a redução do número de contágios, os Ateliês ocorreram de modo online, através da plataforma *google meet*. As cartografias finais[3] foram organizadas e socializadas através da plataforma *Padlet* [4], como é possível visualizar nas imagens abaixo:

IMAGEM 1 – ATELIÊ DE PESQUISA ONLINE:



Fonte: Elaboração da autora e orientadora da pesquisa (2020).

IMAGEM 2 – ATELIÊ DE PESQUISA ONLINE:



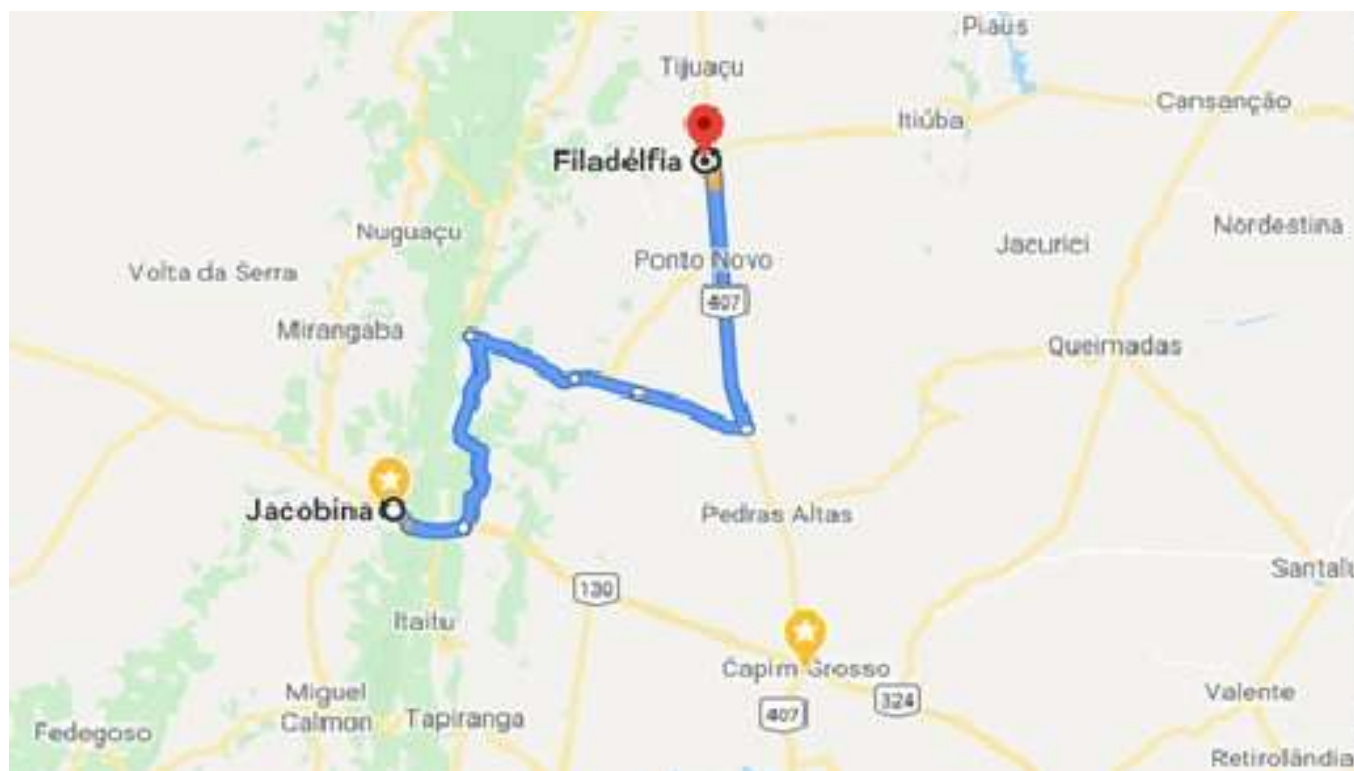
Fonte: Elaboração da autora (2020).

Devido ao encurtamento de distâncias proporcionado pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDICs, a pesquisa pôde contar com a participação e colaboração de professoras que atuam na Educação Básica de cidades circunvizinhas à Jacobina, como Capim Grosso e Filadélfia.

IMAGEM 3 – MAPA DA REGIÃO CIRCUNVIZINHA À JACOBINA:

Cód. de Validação: 9B31.05EA.8FF8.C6AD

Gerado em 27/08/2020 15:34



Fonte: Google maps (2020).

Os ateliês foram produzidos colaborativamente com a bolsista Renata Saane de Souza Cruz, responsável pelo subprojeto denominado “Gênero e formação docente: cartografias da prática pedagógica do professor de História em contextos de diversidade na Educação Básica de Jacobina-BA”, aprovado também pelo edital 014/2019. A seguir, o cronograma com as datas de elaboração e temáticas abordadas nos Ateliês de Pesquisa:

QUADRO 5 – CRONOGRAMA DOS ATELIÊS:

01/07 4h	Tema 1: A formação docente e as intersecções dos sujeitos surdos na sala de aula *Solicitar a produção de narrativa no diário de bordo sobre o tema discutido para 08/07.
08/07 4h	Socialização da escrita sobre tema 1 Escrita das narrativas com questões norteadoras;
15/07 4h	Tema 2: Formação docente e a abordagem de gênero na educação básica *Solicitar a produção de narrativa no diário de bordo sobre o tema discutido para 22/07.
22/07 4h	Socialização da escrita sobre tema 2 Escrita das narrativas com questões norteadoras definidas pelo coletivo;
29/07 4h	Tema 3: Educação e Diversidade *Solicitar a produção de narrativa no diário de bordo sobre o tema discutido para 05/08.
05/08 4h	Socialização da escrita sobre tema 3 Início da produção das cartografias online;
12/08 4h	Encerramento: Apresentação das cartografias.

[1] Aprovado através do edital 026/2018 de Iniciação Científica, também vinculado ao projeto “Educação Básica no território do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas” e orientado pela Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Gomes da Silva.

[2] Alguns eventos foram cancelados e/ou remarcados ou transformados em modalidade virtual, devido à pandemia e o isolamento que se iniciou no mês de março de 2020.

[3] Em virtude da impossibilidade de realizar as observações participantes das aulas das docentes na escola parceira, programadas para abril e maio de 2020, em razão do contexto pandêmico, as cartografias corporais com os/as estudantes surdos/as não foram elaboradas, nem o registro das observações presenciais. Foi possível elaborar apenas as cartografias das docentes através dos ateliês online, além dos registros do diário de bordo das bolsistas de cada ateliê.

[4] A plataforma *Padlet* permite a criação de inúmeros painéis interativos, conforme a especificidade de cada atividade desenvolvida. Para consultar o conjunto das cartografias finais dos Ateliês de Pesquisa, acessar o link: <https://padlet.com/adinarios/c37520n28e10i86c>. Acesso em 21 ago. 2020.

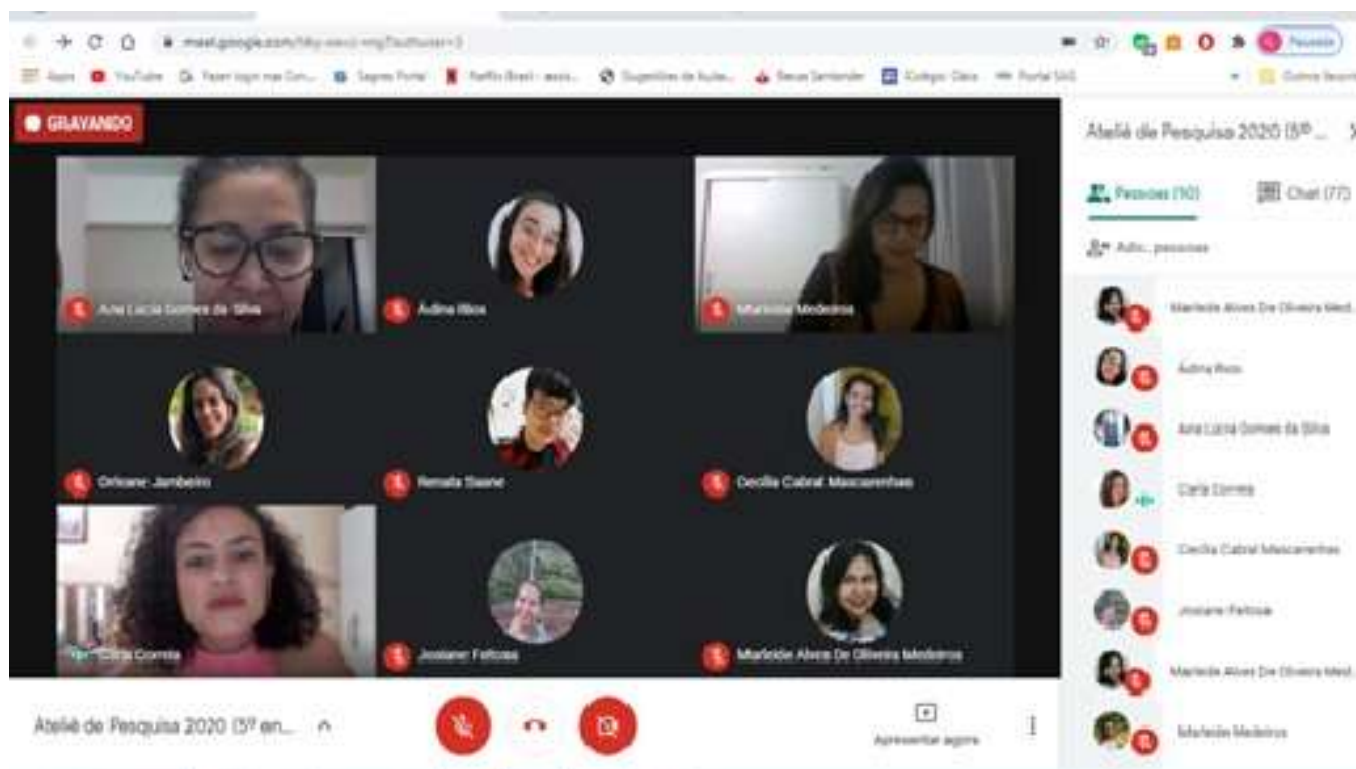
Resultados Propostos/Alcançados:

Os principais resultados e que são foco desta narrativa, emergiram do dispositivo de Ateliê de Pesquisa e Diários de Bordo. Conforme sugere Silva (2019):

Os Ateliês de Pesquisa como dispositivo de construção de dados, se configuram como espaço de troca de experiências formativo-emancipatório, pois é possível articular vivências, saberes e ações que colaborativamente produzem transformações, contribuindo para o empoderamento dos sujeitos. Eles se caracterizam como espaço-tempo dos interstícios, ou seja, como pequenos espaços vazios, fazendo materializar as singularidades nos encontros formativos e auto formativos dos Ateliês de pesquisa como potentes para o agir do coletivo. (SILVA, 2019, p. 456)

Os ateliês foram operacionalizados durante o percurso metodológico devido à sua abordagem aberta, onde os principais elementos a emergir são a prática da escuta entre os sujeitos participantes e a possibilidade de reflexão, a partir das experiências vivenciadas na prática. No momento em que o coletivo levanta questionamentos ou problematizações, os sujeitos têm a possibilidade de refletir sobre determinadas situações que podem ter vivido no contexto da sala de aula, mas que antes dos Ateliês poderiam não ter sido problematizadas.

IMAGEM 4 – ATELIÊ DE PESQUISA ONLINE:



Fonte: Registro da autora (2020).

Essa narrativa toma como ponto central os Ateliês realizados em 01/07/2020 e 08/07/2020, que abordaram o tema 1: A formação docente e as intersecções dos sujeitos surdos na sala de aula. Foram indicados vídeos e textos para que as docentes colaboradoras fizessem a leitura com antecedência. Inicialmente, a professora Dr^a. Ana Lúcia Gomes, orientadora dos subprojetos em questão, abordou acerca riqueza e o potencial formativo e autoformativo dos Ateliês, e do método cartográfico, como potente gerador de afeto e afetação. Sendo o afeto, do verbo afetar, de afecto, deslocar, afectar o outro, fazer mover, o princípio que possibilita a realização dos Ateliês, sobretudo no atual contexto de pandemia. Deixou como reflexão o seguinte questionamento: “Quais afetos nós vamos apresentar das nossas práticas pedagógicas em contexto de diversidade a partir das cartografias?”.

A pesquisa realizada objetivou cartografar as práticas pedagógicas, pela lente da diversidade, mas com atenção em um elemento central, que é a surdez. Propondo o seguinte questionamento: Como eu olho para a mulher surda e percebo que além de ser mulher, ela tem uma sexualidade, um gênero, tem um corpo através do qual ela se expressa?! E na expressão desse corpo ela não é só mulher, ela pode ser uma mulher hétero, lésbica etc. Como nós, professores, podemos ler esse aluno/aluna sem olhar pela lente epistemológica da contribuição desse conceito, para ler o conjunto de opressões que as mulheres sofrem, sobretudo se forem negras, nordestinas e lésbicas. “Essa performatividade de corpos que a escola não quer que se apresente, mas não tem escola que cercei. Os corpos vão continuar expressando-se.” (Ana Lúcia, 01/07).

Após a mediadora do Ateliê perguntar se alguém conhecia o conceito de Interseccionalidade, uma das falas que emergiu foi sobre umas das participantes só ter conhecido e tido contato com o conceito já na pós graduação:

– “Eu vivia essas questões, mas não tinha essa conceituação, essa consciência, por ser mulher, rural, morar em comunidade quilombola, minha mãe ser negra, professora... A gente convive com todas essas conexões, mas não conhecia o conceito, de como isso na sociedade nos posiciona e nos toma como pessoa, como sujeito do mundo, como profissional, como mãe... como isso nos atravessa em diversas situações e diversos contextos. Não apenas como uma forma de conceituar, mas uma forma de sentir, de se localizar no mundo” (Professora).

IMAGEM 5 – ATELIÊ DE PESQUISA ONLINE:



Fonte: Registro da autora e orientadora da pesquisa (2020).

Foi exposto um vídeo com a temática “O que é Feminismo Interseccional?”, da filósofa Djamila Ribeiro. A partir do que é discutido pela autora, cada docente foi provocada a pensar em qual é o seu lugar de fala, ou seja, quais lugares sociais ocupam, considerando que cada indivíduo parte de pontos diferentes e mesmo aquele que é atingido por uma determinada forma de opressão, pode oprimir um indivíduo que pertence a outro grupo. Por isso, é necessário perceber as diferenças e nomear as opressões vividas por cada lugar.

No contexto atual da pandemia e que grande parte da população está isolada, são perceptíveis as consequências dessa privação, o que é potencializado ainda mais no caso das pessoas surdas, população historicamente silenciada e privada dos direitos mais básicos, invisibilizadas principalmente pela diferença linguística entre os sujeitos surdos e os ouvintes que não compreendem a LIBRAS. As pessoas surdas que carregam também os marcadores de gênero, classe e raça, vivem um processo de desumanização, quando os sujeitos deixam de ter um nome, uma identidade e passam a ser homogeneizados, como se todas as pessoas surdas, pobres e negras fossem iguais.

O conceito de Interseccionalidade quando levado para a sala de aula, permite que o/a docente passe a perceber e trabalhar todas as diferenças que estão naquele território, compreendendo

Cód. de Validação: 9B31.05EA.8FF8.C6AD

as estruturas que se relacionam, sem separá-las ou hierarquizá-las. Para isso, é necessário pensar a sala de aula como um lugar de problematizar as opressões e, sobretudo, se questionar: Como a minha prática pedagógica pode influenciar na superação dessas desigualdades?

A partir das reflexões iniciadas pela mediadora, uma professora deu o exemplo de uma aluna surda que recebia a ajuda dos colegas na sala de aula para desenvolver as atividades e se comunicar com os professores. A docente se questionou: Será que se ela fosse uma criança negra, ela receberia ajuda dos colegas? / “Se ela fosse pobre e os pais analfabetos?”. A partir do diálogo sobre o tema, a professora em questão conseguiu identificar a presença desses marcadores em uma de suas experiências vividas na sala de aula.

Uma docente refletiu que muitas vezes se sente na prática solo, ou seja, sozinha, na solidão, disse que sobre o tema da sexualidade foi buscar na BNCC após leitura dos textos indicados, porque muitos docentes dizem não ter formação ou conhecimento:

– “Nos PCN conceituam orientação sexual. Vem trazendo a ideia de que a educação sexual a família já faz, de modo consciente ou inconsciente. Mas a orientação sexual precisa estar presente na escola, porque é questão de gênero, porque as discussões sobre feminismo precisam estar pautadas, as questões da diversidade que tanto a gente está falando e que são temas transversais. Mas se são transversais, por que ainda continuamos com esses discursos? Será que realmente é falta de formação?” (Professora).

Prof^a Ana Lúcia, sobre os discursos do não saber, citou Arroyo (2012), se os sujeitos são outros, as práticas pedagógicas devem ser outras, que respondam e correspondam às demandas desses sujeitos. O discurso do não saber lidar com a diversidade e com os desafios ou o não querer se posicionar diante dessas questões, pode ser uma forma de ocultar a insegurança e o próprio preconceito.

– “O outro ter que estar invisível aos meus olhos para não me incomodar, pra que eu não precise lidar com a questão dele, que é a discriminação, é um pensamento também muito colonizado. Um pensamento de ver/ouvir e enxergar só aqueles que são os meus pares, que é da mesma religião, mesma classe, mesma cor, mesma sexualidade. É uma forma de ocultar a própria discriminação, é a sua mente que ainda é colonizada e você não se sente confortável para construir uma educação anticolonial, antirracista e anticapacitismo” (Professora).

No segundo encontro, em 08/07/2020, houve a socialização das narrativas produzidas a partir do debate iniciado em 01/07/2020 a respeito da interseccionalidade entre as categorias surdez e sexualidade. No início foi reproduzido um vídeo que reflete sobre o uso do diário de bordo como ferramenta metodológica nas pesquisas e em sala de aula como dispositivo que possibilita e contribui para a reflexão da prática.

Uma docente narrou a experiência com o uso de diário desde a infância e outra experiência com o diário virtual na pós-graduação:

– “Não era só subjetivo, não era só falar de si. Mas o quanto você pode construir pedagogicamente. Você pode construir um processo educativo através do diário. Ao se colocar

para o outro, você permite que o outro afete você com as experiências dele” (Professora). A partir das leituras das narrativas escritas pelas docentes, ficou perceptível o quanto a escrita no diário de bordo torna consciente muitas práticas que estão no inconsciente e vem à tona no registro do diário.

– “A gente pode carregar esses desconhecimentos, mas a partir do momento que a gente dá importância à fala do outro e permite que o outro fale, a gente constrói, o outro se refaz, o outro se cura, mas também nós nos teorizamos, nos potencializamos e através do diário de bordo conseguimos criar esse ambiente onde todos possam se instrumentalizar”. (Professora).

Sobre os alunos com deficiência e/ou surdos, uma professora refletiu que mesmo com o auxílio do AEE – Atendimento Educativo Especializado, às vezes possuem dificuldades no trato com esses alunos. “As vezes a gente não encara, não busca, porque dentro de um universo de 20 alunos nós vamos ter 1 estudante surdo, com problemas de visão, e aí muitas vezes a gente vai excluindo, fechando nossos olhos, a escola não tem uma proposta... Mas quando a gente estuda e reflete, busca e analisa, ouve o colega, então a gente vai tentar mudar nossa prática e entender que aquela única criança tem sim todo um valor e a gente não pode educar pela normatização e excluir. Então a gente precisa da reflexão e da ação.” (Professora).

O processo de formação da identidade, segundo o que propõe os estudos culturais, a partir de Tomaz Tadeu da Silva e Stuart Hall, também foi refletido no momento de socialização das escritas. “A minha identidade é quem define a diferença, quando eu me identifico, sou eu, e a diferença é o outro”. (Professora)

– “É por isso que a gente precisa enfrentar todo esse sistema e pensar nisso dentro da escola, porque a escola faz parte da sociedade e nós fazemos parte da escola. E se a gente não discutir, não trazer um texto, não conversar, quer seja na sala dos professores, a gente não vai nem pensar em como estamos fazendo e em como devemos fazer para ter uma escola inclusiva”. (Professora).

As reflexões tecidas a respeito da prática e da ação durante os Ateliês, compreendem a docência como uma prática social, e, por isso, pede intervenção. Pede que o professor interfira, principalmente levando em conta os contextos em que a diversidade sofre tentativas de silenciamento.

Conclusões:

DIÁRIO DE BORDO: CARTOGRAFIAS DAS PRÁTICAS

O diário de bordo é um importante recurso pedagógico, epistemológico e metodológico, por isso, foi um dos dispositivos utilizados em diálogo com o método da cartografia para narrar as reflexões tecidas durante os Ateliês. Narrativas essas, que possuem o potencial de transformar os sujeitos que narram e refletem (e que refletem e narram), como pontuam Santos e Caputo (2018, p. 07): “No tipo de narrativa dos diários, a linguagem joga sempre com o/a narrador/a, colocando/a mesmo em perigo, arrastando/a num processo de formação em que geralmente

se sai modificado/a, transformado/a”.

Por fim, para refletirmos sobre as principais pistas que emergem deste subprojeto de pesquisa, é necessário trazer as narrativas escritas pelas docentes colaboradoras dos Ateliês de Pesquisa, através do dispositivo de Diário de Bordo. A partir dessas narrativas foi possível perceber as contribuições dos Ateliês enquanto dispositivo formativo e autoformativo e produzir coletivamente as cartografias finais.

“A narrativa dos diários nos mostra que formação se dá em conjunto, em dispersão, semelhante ao jogo da rede que se lança ao mar, sem certeza do que virá, mas com a convicção de que o ato é potência mobilizadora ao alcance de algo que se espera, se deseja. Há terapia envolvida no processo! Mas como não haveria de ter? Temos o enredo de vários motivos importantes, como: narrativa de si, dos outros, mobilização de saberes, de afetos, ethos etc.” (SANTOS e CAPUTO, 2018, p. 12).

Devido ao contexto social pandêmico em que as principais interfaces são as tecnologias de informação e comunicação, as docentes puderam escolher quais delas iriam utilizar para a produção e socialização das suas escritas: texto via *whatsapp*, e-mail, fotografia do caderno, fotografia de cartazes, vídeo e nuvem de palavras[1], de forma que as diferentes abordagens compõem este relato final em que as narrativas foram registradas como textos multimodais e hipertextuais.

A partir das reflexões produzidas no diário de bordo da Prof^a Ana Lúcia Gomes, pesquisadora e orientadora dos subprojetos, foram organizadas pistas para orientar a criação das narrativas cartográficas, considerando as especificidades do método da cartografia e do dispositivo de diário de bordo. Tais pistas são importantes norteadoras, pois orientam o percurso a ser tomado diante dos diversos caminhos que são criadas com o coletivo, considerando que pesquisar é: “ir conectando-se com a dispersão dos acontecimentos em suas múltiplas direções, cartografando os movimentos que ali se afirmam; é abrir-se para o inusitado, desviar-se, surpreender e desconhecer [...]” (ARAGÃO, BARROS e OLIVEIRA, 2005, p. 25).

PISTAS PARA A PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS

Diário de bordo da Prof^a Ana Lúcia Gomes da Silva (orientadora):

Lidamos com o território escolar que por excelência é movente, dinâmico.

Ao lidar com territórios que são moventes, cabe ao cartógrafo o exercício de uma sensibilidade plural. O saber do cartógrafo é sempre um saber multi/implicado, frágil e um tanto provisório;

Desenhar, pintar, fotografar, bailar, cantar, fazer vídeos, musicar, fazer poemas, fazer mapas, poderão ser escolhas para elaborar sua cartografia de uma prática pedagógica em contexto de diversidade;

Cartografar é estar, e não olhar de fora-estar de corpo e mente implicado no fazer como produção do conhecimento;

Inseparabilidade entre conhecer e fazer; pesquisar e intervir: toda cartografia é um conhecer-fazendo; um acontecimento acontecimentalizando;

Perceber o diverso como possibilidade de aumentar o mundo, de ser responsável por ele, aumenta as potências em exprimir sentidos, imagens e poesia. Desejamos investigar produções de subjetividades situadas em contextos menores, locais, que em conjunto com pesquisadores, estudantes, docentes-pesquisadores/as em formação, no território escolar, possam ser lançados outros olhares e sentidos sobre diversidades de ambiente;

Mais do que mapear os percursos, procure cartografar ações, rememorar o espaço, as sensações, os sentidos emergentes. As variadas linguagens da experiência pedagógica registrada através dos multiletramentos, textos multimodais, é sempre bem-vinda.

O cartógrafo em movimento - Cartografar é da ordem do narrar - Na narrativa se aplicam também arte-manhas e abre-se espaço para desvios múltiplos. Para Michel de Certeau (2009, p. 141), a “narrativização das práticas seria uma maneira de fazer textual, com seus procedimentos e táticas próprios”. Neste procedimento escritural, construção de “um discurso em histórias”, assume-se a entrada em campo da ficção. Mesmo assim, ainda que se assumam uma abertura para a ficção, é preciso levar em consideração uma certa “política da narratividade” (BARROS; PASSOS, 2010) que diz respeito a um ethos da pesquisa, uma tomada de posição nessa narrativa, que deve colocar-se em relação às políticas em jogo no contexto mais amplo da pesquisa – políticas urbanas, políticas sociais, políticas de subjetivação, etc. – que colocam em disputa os variados sujeitos, seus interesses e as formas de utilização do espaço (neste caso) a escola. É neste sentido em que a produção de narrativas se coloca não apenas como “problema teórico, mas também como problema político”. (BARROS; PASSOS, 2010, p. 151).

No primeiro encontro, foi solicitado que as docentes fizessem uma reflexão a partir dos textos e vídeos discutidos, considerando as seguintes questões norteadoras:

- Como você percebe a intersecção no espaço escolar em que atua?**
- Você já analisou quantos e quais marcadores atravessam seus alunos?**
- E você, por quais marcadores sociais é atravessado(a)?**

As narrativas produzidas serão identificadas a seguir:

IMAGEM 6 – Diário de Bordo de Dalva (Nome fictício):

Fonte: Elaboração das docentes (2020).

IMAGEM 8 – NUVEM DE PALAVRAS:



Fonte: Elaboração das docentes (2020).

As nuvens de palavras sintetizam a concepção das docentes à respeito dos Ciclos de Formação e os sentidos dos Ateliês de pesquisa, em que o coletivo de modo autoral refletiu suas práticas pedagógicas em contextos de diversidade, sendo conforme apontam as palavras em destaque, o acolhimento, a formação, a cartografia e o *ethos* da confiança, como as mais citadas pelo coletivo. Na nuvem 6, supracitada a formação, o respeito, a construção, cartografia e identidade, marcam as reflexões dos sentidos atribuídos à formação e a participação nos Ateliês.

1º Diário de bordo de Daniela (nome fictício):

Nas turmas de ensino fundamental, em que leciono, apresentam com todas as outras escolas, a diversidade em suas salas de aula, por meio do universo de alunos e alunas assim como os/as demais funcionários e docentes, que constituem a Escola.

As turmas do vespertino, em sua grande maioria são negros/as e pardos/as, alguns oriundos de distritos, povoados e vilarejos que compõem a nossa cidade, ou de bairros periféricos e adjacentes ao próprio colégio.

Dessa forma temos prioritariamente dois marcadores sociais preponderantes, raça e classe, além desses, temos as questões de gênero, temos os/as estudantes que apresentam alguns tipos de deficiência, seja ela cognitiva ou motora. Já tive um aluno surdo, mas neste ano não tínhamos nas turmas de 6 ano.

A diferença está presente assim também como a desigualdade, o que se torna evidente no momento dos entrecruzamentos e das interseccionalidades, por isso temos que discutir e tensionar também sobre o racismo como sistema de opressão e dominação estrutural

Sou mulher, hétero, casada, mãe, professora, estudante\pesquisadora.

A sociedade patriarcal nos coloca em situação de desigualdade, discriminações e **opressão**, por isso temos que enfrentar discursos e posturas machistas cotidianamente e lutar por respeito e equidade de direitos. (Diário de Bordo, Daniela, 08/07/2020).

2º Diário de bordo de Daniela (nome fictício):

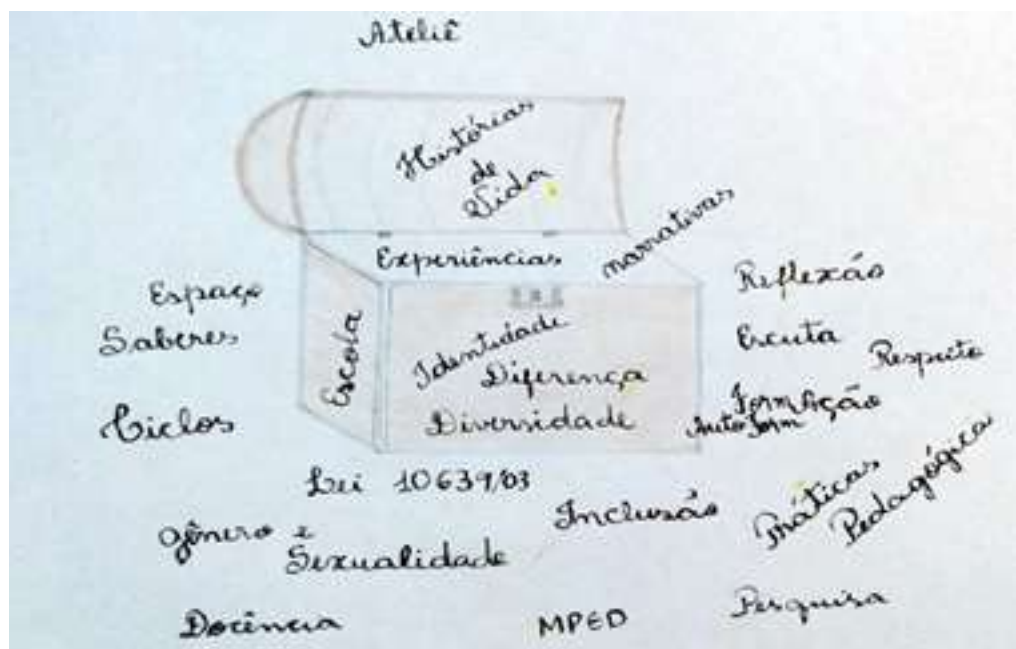
Formação, Prática e Reflexão

Vou começar falando **de formação**...em minha graduação não estudei componentes para a Docência e Diversidade, as questões de gênero e relações étnicos raciais não faziam parte dos debates acadêmicos na formação de professores na década de 90. Então, falando de minha **prática** no ensino de História, acerca dos temas específicos, que é a abordagem sobre gênero, acontecia intuitivamente sempre procurando destacar, de alguma forma a presença figura feminina na história, já que sempre foi invisibilizada. Por exemplo: ao trabalhar Era Vargas, procurava abordar a conquista do voto feminino, a Primeira Guerra, a participação da mulher na Guerra, na escolha e análise de filmes, projeto de cinema e história

No Ensino Fundamental era mais difícil ainda, desenvolver discussões de gênero, atualmente, já trabalhamos com textos, complementares com discussões de acontecimentos atuais, que envolvem discriminação, opressão e violência de gênero, fazendo links com a história. No colégio de Ensino Médio, por meio de fóruns, é possível abordar temas mais amplos, como feminismo, feminicídio, violência de gênero, gênero e sexualidade, envolvendo outros componentes curriculares. Mas enfrentamos muitos desafios, à exemplo, das reações resistentes dos alunos(homens).

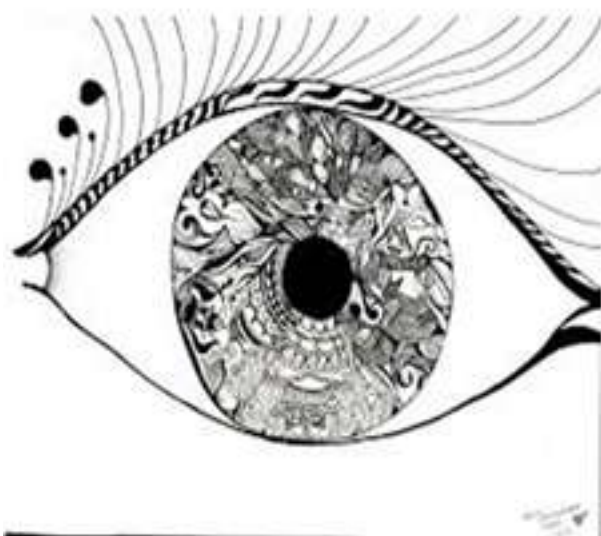
Após o mestrado, já elaboro algumas atividades, com vídeos, textos, as vezes dentro de um projeto ou nas aulas das unidades. É algo que precisa **ser refletido**, debatido, tencionado e posto em nossos planejamentos e em nossas práticas pedagógicas.

IMAGEM 9 – Cartografia de Daniela (Nome fictício):



Fonte: Registro da Autora (2020).

IMAGENS 10, 11 e 12 – Cartografia de Paty (Nome fictício):



Essa imagem representa a mudança que o ciclo de formação trouxe para minha vida. O ethos da confiança no ateliê de pesquisa desse ciclo de formação, possibilitou enxergar as Diversidades e Potencializar as diversas formas de Linguagens, Criticidade e Criatividade. Estar na docência é reconhecer o papel do ofício e fazer a diferença na vida do outro a partir da pedagogia do Amor. Cartografar é sentir, tocar e ver o outro na sua singularidade.



Ciclos de Formação:
Profissão Docente em
contextos de Diversidade



“Aprendo contigo mas você pensa que eu aprendi com tuas lições, pois não foi, aprendi o que você nem sonhava em me ensinar” (p.177).

(Poema do livro dos prazeres de Clarice Lispector de 1960)



Na certeza de que os ciclos de formação trouxe nova performance de olhar e enxergar o outro na sua singularidade fui surpreendida com um relato de uma aluno conforme imagem. Em uma atividade remota o aluno confessou ser bissexual e pude dar apoio através de áudio e mostrar acessibilidade para lhe passar confiança e credibilidade. Essa atitude só foi possível pós os ciclos de formação onde aprendi muito sobre as diferenças de Raça, Gênero, Sexualidade e Diversidade.

F o n t e :

Registro da Autora (2020).

IMAGEM 13 – Cartografia de Amanda e Fernanda (Nomes fictícios):



Fonte: Registro da Autora (2020).

[1] As nuvens de palavras foram elaboradas utilizando o *wordle* que é uma ferramenta online que permite a criação de nuvens de palavras, ou formas compostas de palavras, a partir de algum texto. Pra saber mais consultar: <http://www.wordle.net/create>.

Referências Bibliográficas e outras:

ARAGÃO, Elisabeth Maria; BARROS, Maria Elisabeth Barros de; OLIVEIRA, Sonia Pinto de. Falando de metodologia de pesquisa. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, ano 5, N.2, 2005.

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo: Pólen. p. 14, 2019.

BAUMAN, Zigmund. Desa(os educacionais da modernidade líquida. Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n. 148, 2002.

BARROS, Regina B.; PASSOS, Eduardo. Por uma política da narratividade. In: ESCÓSSIA,

Liliana da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

CERTEAU, Michel De. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 16. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2009.

DANTAS, Taísa; SILVA, Jackeline; CARVALHO, Maria Eulina. Entrelace entre gênero, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamento. Anais da 36ª Reunião Nacional da ANPEd. Goiânia-GO. 2013.

DELUEZE, Gilles; GUATTARI, F. Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia. Tradução Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, v. 5, 1997.

GUIMARÃES, Valéria. Representações sociais sobre a sexualidade: um estudo com discentes surdos (Dissertação). Programa de Pós-graduação em Psicologia (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2019.

KRAUSE, Keli. Feminismos surdos, deficiências e políticas públicas. Anais do V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. 2017.

RIBEIRO, Jessica. A lesbianidade e a surdez. Revista de estudos interdisciplinares em gêneros e sexualidades. v. 1. n. 7. ISSN: 2358-0844. Universidade Federal da Bahia – UFBA, Salvador, Bahia. p. 179-191. 2017.

SANTOS, Edméa. CAPUTO, Stela Guedes. Diário de Pesquisa na cibercultura: Narrativas multirreferenciais com os cotidianos. Rio de Janeiro: Omodê, 2018.

SILVA, Ana Lúcia Gomes. COSTA, Váldina Gonçalves. PEREIRA, Diego Carlos. Formação de professores/as pesquisadores/as: contribuições e implicações do método cartográfico para as pesquisas em educação. Revista de Educação, Ciência e Cultura. v. 23, n. 2. ISSN: 22236-6377. Canoas, 2018.

SILVA, Ana Lúcia Gomes. O método cartográfico na Pesquisa em Educação: Ateliê de Pesquisa como dispositivo formativo e auto formativo. Anais da IV Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação. vol. 4, nº. 1. Salvador, 2019.

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS, TECNOLÓGICOS OU DE INOVAÇÃO

Evento	Data	Apresentação de
Encontro Baiano dos Estudantes de Letras EBEL	23/11/2019	Sim
II Sem de Multiletramentos, Educação e Tecnologias	15/08/2019	Sim
IV Jornada Ibero-Americana de Pesquisas	06/09/2019	Sim
Curso de Extensão "Feministas por Herança"	10/10/2019	Não
A(R)TELIÊ: O ARTEAR DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO	11/09/2019	Não
IV Pré-Jornada de Iniciação Científica	17/09/2019	Sim

ANÁLISE DE DESEMPENHO DO BOLSISTA

Critério	Avaliação
Qualidade do trabalho: Considerar a qualidade do trabalho, tendo em vista as condições oferecidas.	Correspondeu as Expectativas
Desempenho: Esforço revelado para aprender, a partir de indagações e dúvidas apresentadas	Acima das Expectativas
Assiduidade: Cumprimento do plano de trabalho com dedicação e zelo.	Correspondeu as Expectativas
Rendimento: Considerar o cumprimento do plano de trabalho de acordo com os prazos estabelecidos.	Correspondeu as Expectativas

OBSERVAÇÕES DO ORIENTADOR

Pesquisa relevante; gerou uma quantidade expressiva de dados, que em virtude do encerramento da mesma ter sido em agosto, por conta do contexto pandêmico, o prazo para escrita e análise ficou extremamente curto, portanto, a decisão foi sintetizar, a fim de cumprirmos os prazos e aproveitar os dados que poderão ser ainda analisados para futuras publicações.

Destaco ainda que de 2015- 2020, atuei como orientadora e publiquei com todos os bolsistas de IC, a despeito dados desafios encontrados.

Retornar a bolsista para rever as imagens. Elas não aparecem no relatório. Deu problema e aparecem em branco os espaços das imagens.

AVALIAÇÃO DO ALUNO EM RELAÇÃO AO PIBIC

O programa de Iniciação Científica é um grande incentivador da pesquisa acadêmica e científica no cenário das universidades brasileiras, sobretudo no atual contexto social e político vivenciado no Brasil, em que os desmontes e ataques às instituições públicas de educação e agências de fomento à pesquisa são diários, a partir da produção de fake news e questionamentos que colocam em risco a produção de conhecimento científico. O PIBIC tem se configurado historicamente como um programa possibilitador da inseparabilidade entre ensino e pesquisa, enquanto aspectos fundamentais a serem vivenciados no decorrer da graduação, se tratando de cursos de licenciatura. Contribui diretamente para a quebra da dicotomia entre ensinar x pesquisar e para a construção de experiências do(a) aluno(a) graduando(a) em produção e publicação de artigos, participação e apresentação em eventos, além de contribuir para o crescimento profissional, afeta diretamente o desenvolvimento pessoal, político, cultural e ético dos estudantes que participam do programa.

PARECER FINAL DO ORIENTADOR

Cód. de Validação: 9B31.05EA.8FF8.C6AD

Gerado em 27/08/2020 15:34

() Aprovado sem modificações

Aprovado com modificações

() Reprovado

Local: _____

Data _____

Declaro estar ciente e concordar, para todos os efeitos legais, com as informações contidas neste relatório.

Assinatura do(a) Orientador(a)

Assinatura do(a) Bolsista

PARECER DA INSTITUIÇÃO COTISTA

Assinatura da Coordenação PIBIC

Bolsa de Iniciação Científica - Cotas Relatório Técnico Final

IDENTIFICAÇÃO

Instituição: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

Nome do bolsista: RENATA SAANE DE SOUZA CRUZ

CPF: 860.296.935-06

Pedido Nº:

/20

Orientador(a): ANA LUCIA GOMES DA SILVA

Período abrangência relatório: 01/08/2019 - 31/07/2020

Título do projeto de pesquisa: Gênero e formação docente: cartografias da prática pedagógica do professor de História em contextos de diversidade na Educação Básica de Jacobina-BA

EXECUÇÃO DAS ATIVIDADES

Cronograma de metas e atividades previstas no plano de trabalho

Descrição	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Construção de dados												
Mapear recursos didáticos utilizados nas práticas dos professores/as ao abordar a temática de gênero nas aulas de história (vídeos, textos, filmes, charges, etc)	X	X	X	X								
Revisão/Pesquisa Bibliográfica	X	X	X	X	X	X	X	X	X			
Realização da revisão sistemática do tema investigado	X	X	X	X	X	X		X				
Produzir cartografia das produções sobre gênero e o ensino de História, observando as produções dos programas de pós-graduação das instituições públicas do Estado da Bahia (2009-2019)								X	X	X	X	
Elaboração de artigo com a orientadora								X	X	X	X	X
Participação em eventos da área								X	X	X	X	X
Elaboração de relatório parcial												
Organização e análise dos dados parciais levantados na pesquisa						X	X					
Entrega de relatório parcial							X					
Elaboração de relatório final												
Organização e análise dos dados finais da pesquisa										X	X	X
Entrega de relatório final												X

Dificuldades encontradas: Quanto a: infraestrutura para as orientações; falta de incentivo a apoio para participar de eventos e publicar os resultados da pesquisa. Deveria realizar um E-book digital com os resultados, em parceria com a editora da Uneb- Eduneb.

Houve alteração no plano de trabalho: Não.

Justificativa da alteração: Não houve necessidade de fazer alterações no plano.

Resumo (aproximadamente 250 palavras):

O presente estudo investigativo toma como objeto de estudo as práticas pedagógicas nas aulas de História da Educação Básica, com ênfase no ensino fundamental 2, considerando a abordagem de gênero em contextos de diversidade e suas implicações para a reflexividade da/na prática, utilizando como espaço investigativo uma escola parceira da Educação Básica da cidade de Jacobina-Bahia. O objetivo central é analisar como o ensino da disciplina de História pode contribuir para uma prática emancipatória docente orientada por ações que considerem a equidade de gênero uma ação formativa. Os objetivos específicos buscam compreender como as práticas pedagógicas dos docentes de história contribuem para a construção do pensamento crítico-reflexivo dos estudantes, em contexto de diversidade, através do mapeamento das atividades que são realizadas em sala de aula. Para tanto, é adotado o método cartográfico, considerando as implicações e contribuições da cartografia para as pesquisas em educação, a fim de problematizar os discursos sobre os processos da formação docente em História. Os dispositivos de coleta de dados utilizados foram: Ateliês de Pesquisa On-line e os diários de bordo. As narrativas e cartografias das práticas pedagógicas apontaram como resultados centrais que, a complexidade do contexto educacional se configura nas vivências e ações dos sujeitos em suas realidades; assim como em assegurar o investimento na formação docente, considerando as demandas dos indivíduos, cujos marcadores sociais de gênero interpelam os sujeitos e fazem emergir outros de modo interseccionado, tais como raça, classe, sexualidade, que emergiram de modo desafiador nas narrativas cartográficas das docentes.

Palavras Chave:

Gênero;Práticas pedagógicas;Ensino de História;Professor/a de História;Educação Básica

Introdução (tema/objetivos/hipóteses/justificativa):

Nas últimas décadas, a História como área de conhecimento sofreu importantes mudanças e reavaliações teóricas e metodológicas, incorporando novas abordagens, fontes e problemas, proporcionados a partir das renovações epistemológicas proposta pela Escola dos Annales, evidenciada pela História Cultural.

[...] a Escola dos Annales tinha como propósito a quebra de paradigmas instituídos, preocupando-se em analisar as estruturas e as transformações sociais. Neste sentido, as minorias e os grupos sociais excluídos das produções historiográficas, como as mulheres, puderam ser avaliados enquanto atores sociais. (FELIZARDO, 2018, p.23).

Deste modo, sujeitos e temáticas que por muito tempo foram invisibilizados pela historiografia, como: negros, trabalhadores rurais, mulheres, homossexuais, entre outros, recebem um novo

olhar no âmbito das Ciências Humanas. Neste sentido, o ensino de história surge como campo fundamental para a ampliação dos novos debates, ancorado a temas transversais que emergem no tecido social e exigem uma ampla reflexão no ambiente escolar.

Amparada nessas reflexões, esta produção toma como objeto de estudo as práticas pedagógicas nas aulas de História da Educação Básica em contextos de diversidade, considerando a abordagem de gênero e suas implicações para a reflexividade da/na prática. Ademais, este trabalho emerge da seguinte indagação: Como o ensino do componente curricular de História pode contribuir para uma prática emancipatória orientada por ações que considerem a equidade de gênero uma ação formativa?

Inicialmente cumpre-nos apresentar a concepção de prática pedagógica que ancora nosso estudo e sua importância para as aprendizagens dos estudantes. Neste ponto, Alves (2002) aponta que a formação docente precisa ser compreendida em um contexto plural, considerando os desafios da profissão, as experiências e os saberes da prática, produzidos e reinventados cotidianamente. São esses saberes que se incorporam à formação e auto formação do/da professor/a, quem compõem a sua prática pedagógica e que [...] “impulsionam o docente a buscar novas formas de ensinar, levando-se em conta neste conjunto os saberes da didática e dos conteúdos a serem ensinados” (RIOS; SILVA; SALVADORI, 2019, p. 82).

Abordar a temática de gênero no âmbito educacional, com ênfase no ensino de história requer, além de planejamento, conhecimento acerca dos processos sócio-históricos que envolvem as conquistas e lutas das mulheres. Ademais, exige do/da docente os saberes construídos durante a sua formação inicial, continuada e em exercício, que permitam a efetivação de ações pedagógicas dinâmicas, pautadas na perspectiva da diversidade e da heterogeneidade que compõe a sala de aula.

Nessa escola em que os sujeitos da diversidade habitam e requerem que acionemos o conjunto das dimensões que compõem a profissão docente, a fim de incluir a todos e todas de modo a assegurar as aprendizagens, considerando as diferenças, as pessoas com necessidades educativas especiais, as questões de gênero, sexualidade, raça/etnia como marcadores sociais dos sujeitos sócio-históricos concretos. (RIOS; SILVA; SALVADORI, 2019, p. 85).

Neste sentido, o subprojeto de pesquisa “Gênero e formação docente: cartografias da prática pedagógica do professor de História em contextos de diversidade na Educação Básica de Jacobina/Bahia”, foi submetido ao edital 014/2019, de modo a integrar a pesquisa: “Profissão docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas”, coordenado pela professora Dr^a. Ana Lúcia Gomes da Silva, ambos vinculados ao grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior – DIFEBA.

Assim, o objetivo central deste estudo é analisar como o ensino da disciplina de História pode contribuir para uma prática emancipatória docente orientada por ações que considere a equidade de gênero uma ação formativa. Como objetivos específicos, buscou-se: mapear os

recursos didáticos utilizados nas práticas dos professores/as ao abordar a temática de gênero nas aulas de história (vídeos, textos, filmes, charges etc); Analisar de que forma os recursos e discursos utilizados tecem diálogos sobre a representação feminina no espaço-tempo da história; Produzir cartografia das produções sobre gênero e o ensino de História, observando as produções dos programas de pós-graduação das instituições públicas do Estado da Bahia que ofertam Mestrados Profissionais em Educação, cujo recorte temporal será 2009-2019, e por fim cartografar coletivamente as práticas pedagógicas em contextos de diversidade, com ênfase nas questões de gênero, nas experiências sociais e nas ações que perpassam suas trajetórias docentes.

Ademais, o presente trabalho possui significativa relevância para as pesquisas nas áreas de Educação, Ensino de História e Gênero, pois toma como objeto de estudo a prática pedagógica do docente de História, buscando investigar como as abordagens de gênero na interface com o ensino de história contribuem para a reflexividade da/na prática dos docentes como sujeitos sócio-históricos que atuam na Educação Básica.

Com isso, o atual estudo objetiva-se organizar e apresentar os resultados obtidos através da pesquisa investigativa realizada no decorrer de 12 meses da iniciação científica. Assim, este relatório foi organizado em duas etapas: a primeira cumpre com os primeiros objetivos iniciais de pesquisa bibliográfica, onde foi realizado o mapeamento das produções existentes a respeito da temática na Bahia, a fim de conhecer as contribuições e lacunas das pesquisas já produzidas. Considerando o contexto de pandemia do Covid 19[1], a segunda etapa precisou ser adaptada para modalidade on-line devido às recomendações de isolamento social, e foi elaborada por meio dos dispositivos de Ateliê de Pesquisa On-line e Diário de Bordo, através da plataforma Google Meet[2]. As cartografias finais dos Ateliês foram organizadas no aplicativo Padlet[3].

[1]O coronavírus surgiu pela primeira vez na China em 2019. Responsável pelo surgimento de uma infecção respiratória espalhou-se por todo o mundo matando milhões de pessoas. A doença pode variar desde uma simples gripe até complicações muito graves, colocando a vida em risco. Para saber mais, consultar: <https://www.tuasaude.com/coronavirus/>. Acesso em 21.08.2020.

[2]Plataforma digital do g-mail que propicia a profissionais diversos, a realização de reuniões online, web conferências, tanto pelo computador quanto por dispositivos móveis. Conecta profissionais em *home office*, empresas, escolas e outras organizações e podem transmitir reuniões ao vivo gratuitamente. Para saber mais, Cf. https://www.youtube.com/watch?v=dxomMM97_To. Acesso em 21 ago.2020.

[3]A plataforma Padlet permite a criação de inúmeros painéis interativos, conforme a especificidade de cada atividade desenvolvida. Para consultar o conjunto das cartografias finais dos Ateliês de Pesquisa, acessar o link: <https://padlet.com/adinarios/c37520n28e10i86c>. Acesso em 21 ago. 2020.

Método (sujeitos/instrumentos/procedimentos):

Para dar conta do objetivo proposto, esta pesquisa utilizou o método cartográfico, inspirado pelos estudos de Deleuze; Guattari (2011), Kastrup; Passos (2013), com ênfase na produção de cartografias sobre gênero e formação docente em História, a fim de mapear os acontecimentos e os processos sociais, tendo em vista a habitação do território escolar em que é possível acompanhar processos de produção de subjetividade e multiplicidade. Considerando que o método “permite-nos interrogarmos sobre a especificidade, a particularidade e a contingência de suas existências no cotidiano escolar” (SILVA, et al, 2018, p. 15), a cartografia oportuniza experimentações e transformações que contribuem para a emancipação da pesquisa.

Deste modo, dialogamos com Oliveira e Paraíso (2012), ao afirmarem que a cartografia embora não seja um método fixo e enquadrado, não é uma desordem, ela parte de algo preexistente — sobretudo, das paixões, dos encontros, do amor pelo que se toca e pelo que se vê, pelos afetamento entre os sujeitos. Na cartografia “recria-se o material que lhe é disponível, embarcando o cartógrafo em uma linha que o toca, seus movimentos fazem transbordar as opiniões correntes, seus traços intensivos rompem o pensamento para construir novas composições mundanas para a educação” (OLIVEIRA e PARAÍSO, 2012, p. 34).

Ademais, dialogando com a cartografia, foram utilizados como dispositivos para a construção de dados:

1. Revisão sistemática;
2. Ateliê de Pesquisa;
3. Diário de bordo/de pesquisa;

1ª etapa:

2.1 REVISÃO SISTEMÁTICA

A revisão sistemática é uma ferramenta rigorosa que possibilita identificar e analisar pesquisas já produzidas sobre determinado assunto, apontando novas perspectivas investigativas no campo da ciência. “Trata-se de um tipo de investigação focada em questão bem definida, que visa identificar, selecionar, avaliar e sintetizar as evidências relevantes disponíveis” (GALVÃO; PEREIRA, 2014, p. 183), além disto, permite ao pesquisador/a descobrir novos caminhos para a investigação, por meio da análise do material levantado durante o processo de revisão.

No sentido de alcançar a meta inicial deste subprojeto, que consiste na pesquisa bibliográfica, foi realizada a revisão sistemática de modo a levantar as pesquisas, selecionar considerando os critérios estabelecidos, analisar e apresentar os dados obtidos nos estudos, os quais serão descritos na revisão a seguir:

·GÊNERO E ENSINO DE HISTÓRIA: CARTOGRAFIAS INICIAIS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE HISTÓRIA EM CONTEXTOS DE DIVERSIDADE

Para mapear estudos sobre gênero e ensino de História, foram considerados os programas de

pós-graduação das instituições públicas do Estado da Bahia que ofertam Mestrados Profissionais em Educação, a fim de elaborar cartografia das pesquisas produzidas para propor novos debates a partir de inquietações que dialoguem com a temática, e, portanto, buscar caminhos que possam se distinguir da cartografia tradicional, na perspectiva de estudar o objeto de forma mais subjetiva.

Assim, para o processo de levantamento das pesquisas foi utilizado como base de dados o *Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES*, tendo como termo de busca “Gênero e Ensino de História”. A investigação se deu considerando os seguintes critérios de inclusão: idioma português, recorte temporal de dez anos (2009-2018), área do conhecimento: Ciências Humanas e Educação, observando as pesquisas que foram produzidas em universidades do estado da Bahia.

Por considerar os resultados insuficientes, foi feita uma segunda tentativa na base de dados do *Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA*, programa oferecido em rede nacional e liderado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, utilizando como termo de busca “Gênero”.

QUADRO 1: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES

Pesquisas	Autor (a)	Ano	Nível	Instituição
Currículo de História do Ensino Médio: A prática do professor	Eleuza Diana Almeida Tavares	2015	Mestrado	UESB
As Práticas Pedagógicas para a Diversidade Sexual nas escolas estaduais de Vitória da Conquista - BA	José Miranda Oliveira Júnior	2017	Mestrado	UESB

Fonte: elaboração da autora (2020)

Em 10 de novembro de 2019, foi feita a busca com o termo “Gênero e Ensino de História”, considerando os critérios de inclusão já descritos. Após a aplicação dos filtros: mestrado (tipo), 2009 a 2018 (anos), Ciências Humanas (grande área do conhecimento), Educação (área do conhecimento), Educação (área de avaliação), Educação (área de concentração), notou-se que a base de dados não disponibiliza filtro para delimitar o Estado, deste modo, foram indicadas as universidades localizadas no território de interesse deste levantamento, o estado da Bahia, observando as pesquisas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. O resultado geral foi de 112 pesquisas, porém, apenas 02 delas dialogam com os critérios propostos.

QUADRO 2: Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA

Pesquisas	Autor (a)	Ano	Nível	Instituição
A mulher negra na EJA: Reflexões sobre ensino de história e consciência histórica	Eline de Oliveira Santos	2018	Mestrado	UNEB
As mulheres na história dos				

Cód. de Validação: 313A.5E14.233F.9E0E

Gerado em 26/08/2020 18:56

livros didáticos de História de Ensino Fundamental II das escolas municipais de Cruz das Almas/Ba	Sara Menezes Felizardo	2018	Mestrado	UNEB
---	------------------------	------	----------	------

Fonte: elaboração da autora (2020)

Considerando os resultados insuficientes para a análise deste estudo, no dia 02 de dezembro de 2019, foi realizada busca na base de dados do Mestrado Profissional em Ensino de História – PROFHISTÓRIA, coordenado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cuja oferta é realizada em rede com outras universidades. Por se tratar de uma base específica ao Ensino de História, foi utilizado apenas o termo “Gênero” e o recorte temporal de 10 anos. O único filtro oferecido pela base foi a “Categoria”, sendo selecionada a opção “livre”. O resultado geral disponibilizado pela base foi de 17 pesquisas, porém, apenas 02 foram produzidas no território baiano, na Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Após a leitura do título e do resumo, constatou-se que ambas dialogam com os critérios propostos.

ARTICULANDO OS DADOS: ANÁLISE DAS PRODUÇÕES

Ao analisar os estudos levantados, constataram-se as seguintes especificidades: foram mapeadas 02 pesquisas desenvolvidas no âmbito da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e 02 na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), somando 04 pesquisas produzidas em território baiano. Observa-se que, dentro deste número, 03 produções elencadas foram desenvolvidas por mulheres e 01 por homem, evidenciando o crescimento da produção científica das mulheres com relação ao tema e recorte investigado.

No que diz respeito aos anos de produção, não foram identificadas pesquisas em sete anos do recorte estabelecido (2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014 e 2016), somente nos seguintes anos: 2015 (01 pesquisa), 2017 (01 pesquisa) e 2018 (02 pesquisas). No tocante aos níveis das publicações, todas foram produzidas em mestrado. Ademais, considerando o território investigado pelas pesquisas mapeadas, observa-se que as 04 produções tomaram como locus de investigação o território da Bahia.

Com relação aos métodos utilizados nas pesquisas, nota-se que 01 (uma) delas adota a Análise de Conteúdo, 01 (uma) trabalha com a Didática da História, 01 (uma) utilizou a Sociologia Compreensiva e com abordagem qualitativa e 01 (uma) realizou Análise Documental, além das experiências em sala de aula. No que tange às dimensões de interesse desta análise, 01 pesquisa está dentro do recorte de Gênero, 01 no recorte de Ensino de História e 02 (duas) abrangem as duas dimensões, Gênero e Ensino de História.

A dissertação “Currículo de história do Ensino Médio: a prática do professor”, produzida por Eleuza Diana Almeida Tavares – UESB, em 2015, discute a prática docente do professor de história, investigando “como se dá a efetivação do currículo de história, forjado nas relações entre a vida do professor, sua formação inicial e os documentos reguladores do Ensino Médio do Estado da Bahia” (TAVARES, 2015, p. 08). Apesar de não salientar debates acerca das questões de gênero e dar ênfase ao currículo de história, a pesquisa apresenta indagações

relevantes sobre o ensino de história. Segundo Tavares (2015):

Os professores organizam o ensino de História a partir dos conteúdos distribuídos em cronologia linear, buscando estabelecer relações entre o presente e o passado, tendo como horizonte de expectativa a formação humanista do aluno capaz de promover a cidadania, entendida como o compromisso ético com a sociedade dos indivíduos. Esse é o ethos que sustenta a finalidade da disciplina História [...]. (TAVARES, 2015, p. 133).

A segunda pesquisa mapeada, intitulada “As práticas pedagógicas para a diversidade sexual nas Escolas Estaduais de Vitória da Conquista - BA”, produzida por José Miranda Oliveira Júnior - UESB, em 2017, tem como objetivo central discutir sobre as questões que envolvem as temáticas de gênero e diversidade no âmbito de ensino, assim como, a efetividade desses conteúdos na prática pedagógica.

Apesar de não tratar especificamente sobre as práticas docentes no ensino de história, o estudo produzido por Oliveira Junior (2017), apresenta significativa relevância sobre as abordagens de gênero, buscando compreender os melindres que as temáticas ainda suscitam na ação pedagógica. A partir da narrativa de três alunos transexuais, a pesquisa também visa compreender:

[...] as vivências e convivências no ambiente escolar de estudantes que transgridem os “enquadramentos” da normatividade compulsória ao assumirem suas identidades de gênero, buscando além da aplicabilidade de uso de nome social e banheiro de acordo com a sua identificação, o direito de serem livres e respeitados como qualquer cidadão. (OLIVEIRA, 2017, p. 08).

A dissertação “A mulher negra na EJA: reflexões sobre ensino de história e consciência histórica”, elaborada por Eline de Oliveira Santos - UNEB, ano de 2018, tem como principal objetivo investigar as contribuições do ensino de história para a construção da consciência histórica de gênero e raça de mulheres negras, “ao desnaturalizar as relações hierarquizadas de gênero tecidas historicamente” (SANTOS, 2018, p. 09).

A pesquisa se atenta ainda para os debates interseccionais que evidenciam os marcadores sociais de exclusão para descrever sobre as múltiplas opressões e discriminações que, historicamente, vulnerabilizam as mulheres negras. Neste sentido, as abordagens de gênero atrelado ao ensino de história, assunto de interesse desta análise, são contempladas de forma bastante pertinente nesta produção, além da ênfase nas questões de raça, pois segundo Santos (2018):

Investigar esses novos sujeitos, buscar conhecer suas motivações e aflições, anseios, especificidades, é imperativo para a construção de uma educação socialmente comprometida. Que seja antirracista antissexista e que contribua para a construção de novos olhares sobre a população negra, especialmente sobre a mulher negra. O ensino de História, desde o seu nascimento no século XIX, até as últimas décadas do século XX, ignorou, silenciou ou abordou de forma rasa e apressada os grupos socialmente desfavorecidos. (SANTOS, 2018, p. 14).

A quarta e última dissertação analisada, intitulada “As mulheres na História dos livros didáticos

Cód. de Validação: 313A.5E14.233F.9E0E

Gerado em 26/08/2020 18:56

de história de Ensino Fundamental II das escolas municipais de Cruz das Almas/BA”, produzida por Sara Menezes Felizardo - UNEB, ano de 2018, tem como objetivo central analisar como a história das mulheres é apresentada nos livros didáticos de História, com ênfase no Ensino Fundamental II. Para isso, Felizardo (2018) analisa a coleção de História “Sociedade e Cidadania”, de Alfredo Boulos Junior (2015).

Buscou-se compreender “como as relações de gênero são construídas e de que maneira refletem na disciplina e no livro didático de História” (FELIZARDO, 2018, p. 06). Ademais, objetivou-se também analisar de que forma a participação das mulheres são apresentadas nos diferentes processos históricos, identificados no livro didático. A partir disso, segundo Felizardo (2018), foi possível perceber que:

[...] na história apresentada nos livros didáticos as mulheres majoritariamente ainda aparecem à margem e de forma descontextualiza, afastadas do texto principal, ou seja, as mulheres ainda não são devidamente representadas nos livros didáticos como sujeito histórico. (FELIZARDO, 2018, p. 6).

Os dados levantados a partir deste estudo inicial sinalizam para a invisibilidade feminina como sujeito histórico e são apresentadas de modo pontual, cujos estereótipos ainda marcam a apresentação das mulheres no livro didático, quanto a: caracterização ligada às emoções, natureza maternal, profissões do cuidado, dentre outras.

Ao tomar os resultados centrais das pesquisas foi possível evidenciar alguns aspectos relacionados à temática de interesse deste estudo. As pesquisas mapeadas apontam possibilidades e subsídios relevantes para o ensino de história, reafirmando a necessidade de práticas emancipatórias docentes que considerem a equidade de gênero uma ação formativa.

A dissertação “A mulher negra na EJA: reflexões sobre ensino de história e consciência histórica” traz ainda como diferencial, o recorte de raça para o debate, além de adotar “a perspectiva interseccional dos marcadores sociais da exclusão” (SANTOS, 2018, p. 09), que propõe entender como as diferentes categorias sociais (gênero, raça, classe, sexualidade etc) se encontram inter-relacionadas e de que forma esses marcadores se estruturam na vida dos sujeitos produzindo desigualdades e injustiças.

Ademais, a partir do dispositivo de revisão sistemática, foi possível perceber de modo mais amplo o cenário baiano das pesquisas em educação acerca do tema proposto neste estudo, às contribuições que os estudos vêm trazendo, como também, as lacunas ainda existentes nas investigações dentro dos programas de mestrados da Bahia.

Conforme dados apresentados, observa-se que, as pesquisas realizadas, tomam os desafios e aportes que atravessam os debates e construções de práticas pedagógicas que levam em consideração as abordagens de gênero no exercício da docência. Além disso, apontam avanços, lacunas e perspectivas significativas para os estudos de Ensino de História no entrelace com a diversidade.

No que diz respeito às ações pedagógicas dos docentes, é importante pensar, de que forma as práticas dos professores tecem diálogos sobre a representação feminina no espaço-tempo da

história. Na maior parte das pesquisas, foi possível notar que, as discussões sobre as relações de gênero ainda são uma realidade que precisa ser disseminada no espaço escolar.

Os materiais didáticos disponibilizados aos professores para o ensino de história, mais precisamente o livro didático, contribuem, historicamente, para a invisibilidade social imposta pela sociedade às mulheres, sobretudo, as mulheres negras. “Haja vista que, suas vidas são historicamente atravessadas por eixos de opressões, os quais atuam de forma interseccional e delimitam seu lugar nos setores marginalizados da sociedade” (SANTOS, 2018, p. 111).

Diante destas lacunas, faz-se necessário pensar o ensino de história e a ação docente como fator social para construção do saber em sala de aula, visando fornecer subsídios teóricos para as desconstruções acerca das relações hierárquicas de gênero.

Contudo, os resultados que surgem no emergir destes dados indicam que as produções analisadas apresentam discussões relevantes para os estudos de gênero e ensino de história, porém, a partir do mapeamento realizado neste trabalho, evidencia-se a escassez de pesquisas sobre a temática. Logo, reafirma-se a importância deste estudo, no sentido de contribuir para os debates que inter cruzam as dimensões de gênero e ensino de história, a partir dos desdobramentos, lacunas e potencialidades que atravessam a ação docente em contexto de diversidade, com ênfase no ensino fundamental na rede básica de ensino.

2ª etapa:

2.2 ATELIÊ DE PESQUISA: PERCURSO INICIAL

Para a segunda fase da pesquisa, utilizamos como dispositivo para a construção de dados os Ateliês de Pesquisa através dos Ciclos de Formação, com o intuito de favorecer a análise da dinâmica das práticas pedagógicas, que se configuram nas vivências, ações e narrativas dos/das docentes, considerando as diversidades e diferenças do território escolar. Como discorre Ana Lúcia Gomes da Silva (2019):

Os Ateliês de Pesquisa como dispositivo de construção de dados, se configuram como espaço de troca de experiências formativo-emancipatório, pois é possível articular vivências, saberes e ações que colaborativamente produzem transformações, contribuindo para o empoderamento dos sujeitos. Eles se caracterizam como espaço-tempo dos interstícios, ou seja, como pequenos espaços vazios, fazendo materializar as singularidades nos encontros formativos e auto formativos dos Ateliês de pesquisa como potentes para o agir do coletivo. (SILVA, 2019, p. 456).

Com o objetivo de conseguirmos adesão de docentes da educação básica que atua no Ensino fundamental I e II para a formação através dos Ciclos onde seriam realizados os Ateliês de pesquisa, visando à participação das professoras e professores que atendessem aos critérios estabelecidos, quais sejam: ser docente efetivo da rede municipal; ter pelo menos 03 anos de experiência na docência, ter carga horária disponível para estar nas reuniões às quartas-feiras semanalmente das 19 às 22h, via plataforma *meet*, nos meses de julho e agosto, foi divulgado

nas redes sociais (instagram, grupos de *whatsapp*, *e-mails* etc) um *card* convidando a comunidade escolar e externa para participar da formação.

Imagem 1: Card utilizado para divulgação dos Ateliês de Pesquisa:



Fonte: elaboração da autora e orientadora (2020)

Após a ampla divulgação convidativa, solicitamos que os/as participantes enviassem seus dados pessoais (nome completo, e-mail, número para contato), e em seguida formamos um grupo na plataforma do *Whatsapp* com todas/os professoras/es e colaboradoras/es com intuito de facilitar a comunicação e socializar todas as informações no decorrer dos Ateliês.

Imagem 2: Grupo formado na plataforma do Whatsapp



Descrição

Grupo de pesquisa colaborativa entre Universidade e Educação Básica através da participação de bolsistas de iniciação científica; docentes, gestores, coordenação pedagógica e parceria do grupo de pesquisa Difeba .

Fonte: registro da autora e orientadora (2020)

Frente a atual situação de pandemia do novo coronavírus (COVID-19) no nosso país e as diversas orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), os encontros para realização dos Ateliês de Pesquisa aconteceram, pela primeira vez, na modalidade on-line. Com isso, enviamos para as/os professoras/es interessadas/os em participar todas as informações sobre a plataforma on-line *Google Meet*, que seria utilizada, como também, nosso cronograma com a carga horária, datas e temas:

Quadro 3: Cronograma dos encontros on-lines

01/07 4h	Tema 1: A formação docente e as intersecções dos sujeitos surdos na sala de aula *Solicitar a produção de narrativa no diário de bordo sobre o tema discutido para 08/07.
08/07 4h	Socialização da escrita sobre tema 1. Escrita das narrativas com questões norteadoras elaboradas pelo coletivo;
15/07 4h	Tema 2: Formação docente e a abordagem de gênero na educação básica *Solicitar a produção de narrativa no diário de bordo sobre o tema discutido para 22/07.
22/07 4h	Socialização da escrita sobre tema 2. Escrita das narrativas com questões norteadoras;
29/07 4h	Tema 3: Educação e Diversidade *Solicitar a produção de narrativa no diário de bordo sobre o tema discutido para 05/08.
05/08 4h	Socialização da escrita sobre tema 3; Início da produção das cartografias online.
12/08 4h	Encerramento: Apresentação das cartografias.

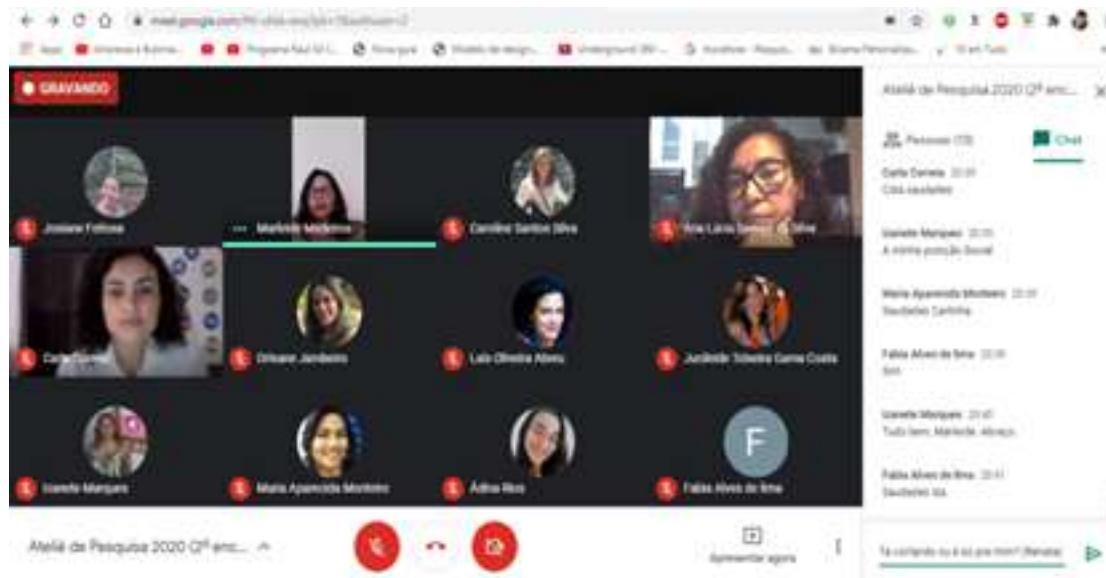
Fonte: elaboração da autora e orientadora (2020)

Como consta no cronograma apresentado os Ateliês foram construídos em conjunto com os dois subprojetos de iniciação científica, “Interseccionalidade no entrelace da surdez e sexualidade: o experimento das cartografias corporais na Educação Básica de Jacobina/Bahia” e “Gênero e formação docente: cartografias da prática pedagógica do professor de História em contextos de diversidade na Educação Básica de Jacobina/Bahia”, ambos da mesma orientadora, e também, coordenadora do projeto guarda chuva “Profissão Docente na Educação Básica do Piemonte da Diamantina: formação, contextos de diversidade e práticas pedagógicas”.

Assim, é importante frisar que este trabalho toma como foco as narrativas do tema 2, que tratam das abordagens de gênero na educação básica, temática de interesse deste estudo. Logo, serão aqui considerados, principalmente, os encontros dos dias 15/07/2020 e 22/07/2020.

Sobre a plataforma digital utilizada para os ciclos de formação, por questões de praticidade, escolhemos a plataforma *Google Meet*, pois, ela permite o agendamento dos encontros on-line de forma fácil, tanto pelo computador quanto por dispositivos móveis, como também, disponibiliza o link para que outras pessoas tenham acesso de forma rápida. Ademais, possibilita a gravação da reunião e interação via chat.

Imagem 3: encontro pela plataforma Google Meet



Fonte: registro da autora e orientadora (2020)

2.3 DIÁRIO DE BORDO:

O diário de bordo é um importante recurso pedagógico, epistemológico e metodológico, por isso, foi um dos dispositivos utilizados em diálogo com o método da cartografia para narrar às reflexões tecidas durante os Ateliês. Narrativas essas, que possuem o potencial de transformar os sujeitos que narram e refletem como pontua Rangel (2018, p.7): “No tipo de narrativa dos diários, a linguagem joga sempre com o/a narrador/a, colocando/a mesmo em perigo, arrastando/a num processo de formação em que geralmente se sai modificado/a, transformado/a.”.

A narrativa dos diários nos mostra que formação se dá em conjunto, em dispersão, semelhante ao jogo da rede que se lança ao mar, sem certeza do que virá, mas com a convicção de que o ato é potência mobilizadora ao alcance de algo que se espera, se deseja. Há terapia envolvida no processo! Mas como não haveria de ter? Temos o enredo de vários motivos importantes, como: narrativa de si, dos outros, mobilização de saberes, de afetos, ethos etc. (RANGEL, 2018, p. 12).

Neste sentido, com o propósito de cartografar as pistas sobre as reflexões e discursos a respeito das experiências e práticas pedagógicas no que se referem às abordagens de gênero em contextos de diversidade, os Ateliês foram espaços de construção, desconstrução, troca, aprendizagens e afetamentos coletivos e colaborativos, promovendo debates insurgentes, não apenas sobre gênero, mas também, raça/etnia, sexualidade, diferenças e interseccionalidades.

Portanto, esta narrativa é resultado dos registros dos encontros gravados, assim como, os

diários de bordo tecidos e fiados pelo coletivo. A cada ateliê, as narrativas eram realizadas considerando as experiências das docentes em contexto de diversidade, em que apontavam os desafios, descreviam suas práticas, suas angústias suas limitações diante das dimensões da diversidade, nas questões de gênero, raça, sexualidades, classe social que os atravessam no território da escola.

Considerando que as cartografias a serem elaboradas pelas docentes deveriam apresentar a experiência eleita de uma prática de pesquisa para socializarmos no último dia da formação, no último Ateliê de Pesquisa. Deste modo, a orientadora e coordenadora da pesquisa elaborou e socializou no grupo do *WhatsApp* pistas orientadoras para que as docentes pudessem compreender a concepção da cartografia e seus princípios, conforme apresentado a seguir:

Narrativas cartográficas das práticas pedagógicas: exercícios de experimentações transgressoras[1]

Caros/as colegas,

No dia 05.08.2020 no nosso Ateliê de pesquisa on line iremos elaborar nossa cartografia da prática pedagógica em contexto de diversidade, e para tal, vamos elencar alguns apontamentos-pistas para que possa realizar suas escolhas.

·**Lidamos com o território escolar que por excelência é movente, dinâmico,**

Ao lidar com territórios que são moventes, cabe ao cartógrafo o exercício de uma sensibilidade plural. O saber do cartógrafo é sempre um saber multi/implicado, frágil e um tanto provisório;

·**Desenhar, pintar, fotografar, bailar, cantar, fazer vídeos, musicar, fazer poemas, fazer mapas,** poderão ser escolhas para elaborar sua cartografia de uma prática pedagógica em contexto de diversidade;

·**Cartografar é estar, e não olhar de fora-** estar de corpo e mente implicado no fazer como produção do conhecimento;

·**Inseparabilidade entre conhecer e fazer;** pesquisar e intervir: toda cartografia é um conhecer-fazendo; um acontecimento acontecimentalizando;

·**Perceber o diverso como possibilidade de aumentar o mundo,** de ser responsável por ele, aumenta as potências em exprimir sentidos, **imagens e poesia.** Desejamos investigar produções de subjetividades situadas em contextos menores, locais, que em conjunto com pesquisadores, estudantes, docentes-pesquisadores/as em formação, no território escolar, possam ser lançados outros **olhares e sentidos sobre diversidades de ambiente;**

Mais do que mapear os percursos, procure cartografar ações, rememorar o espaço, as sensações, os sentidos emergentes. As variadas linguagens da experiência pedagógica registrada através dos multiletramentos, textos multimodais, é sempre bem-vinda.

O cartógrafo em movimento - **Cartografar é da ordem do narrar** - Na narrativa se aplicam também *arte-manhas* e abre-se espaço para desvios múltiplos. Para Michel de Certeau (2009, p. 141), a “narrativização das práticas seria uma ‘maneira de fazer’ textual, com seus

procedimentos e táticas próprios”. Neste procedimento escritural, construção de “um discurso em histórias”, assume-se a entrada em campo da ficção. Mesmo assim, ainda que se assuma uma abertura para a ficção, é preciso levar em consideração uma certa “política da narratividade” (BARROS; PASSOS, 2010) que diz respeito a um *ethos* da pesquisa, **uma tomada de posição nessa narrativa**, que deve colocar-se em relação às políticas em jogo no contexto mais amplo da pesquisa – políticas urbanas, políticas sociais, políticas de subjetivação, etc. – **que colocam em disputa os variados sujeitos, seus interesses e as formas de utilização do espaço** (neste caso) a escola. É neste sentido em que a **produção de narrativas se coloca não apenas como “problema teórico, mas também como problema político”**. (BARROS; PASSOS, 2010, p. 151).

Referências

BARROS, Regina B.; PASSOS, Eduardo. *Por uma política da narratividade*. In: ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e*

produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

CERTEAU, Michel De. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 16. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2009.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

[1] Elaboração Ana Lúcia Gomes da Silva para o coletivo de docentes participantes da pesquisa. Salvador- BA, 03.08.20.

Resultados Propostos/Alcançados:

No dia 15 de Julho de 2020, foi realizado o 3º encontro do Ateliê de Pesquisa, tendo como tema central “Formação docente e abordagem de gênero na sala de aula”, temática que aqui nos interessa. Devido à pandemia, optamos por não restringir o debate para o ensino de história, considerando a pouca adesão de docentes da área e que, apenas duas docentes de história participaram.

O encontro contou com a participação da orientadora deste subprojeto, Ana Lúcia Gomes da Silva, como também, bolsistas, professoras da rede básica e superior, coordenadoras pedagógicas, mestrandas do MPED (Mestrado profissional em educação e diversidade) de Jacobina-Bahia e graduandas da UNEB (Universidade do estado da Bahia), campus IV, que atuam também na educação básica.

Além disso, foram sugeridos, antecipadamente, dois textos para nortear a discussão: “Gênero na sala de aula: a questão do desempenho escolar” de Marília Pinto de Carvalho e “Nós não

consentimos: violência contra as mulheres em uma sociedade racista” de Angela Davis. Para mais, foi disponibilizado também, um vídeo curto sobre “Diversidade de gêneros”.

Inicialmente, após os breves agradecimentos e saudações, foi apresentado de forma sucinta, o subprojeto de pesquisa “Gênero e formação docente: cartografias da prática pedagógica do professor de História em contextos de diversidade na Educação Básica de Jacobina/Bahia”, com o intuito de justificar a escolha do tema e a relevância do Ateliê para a pesquisa em questão. Posteriormente, sinalizamos sobre como seria dinâmica e organização para falas, perguntas, contribuições etc.

Iniciamos o debate com a contextualização histórica do conceito de gênero, que contou com a participação da professora Caroline Santos Silva[1], contribuindo para o aprofundamento teórico do conceito. Para tal, foi apresentado através de slide, elaborado pela mesma, trazendo uma discussão geral sobre as “ondas no feminismo” e seus desdobramentos.

Imagem 4: Apresentação de slide da professora convidada



Fonte: registro da autora e orientadora (2020)

A professora Caroline trouxe para a discursão uma série de elementos, como: o avanço dos movimentos sociais que reivindicavam os direitos das mulheres; as transformações no campo teórico e epistemológico no que tange o conceito de gênero, assim como, as lacunas a respeito das mulheres na História, principalmente, mulheres negras, que questionavam o movimento feminista, como é possível observar na fala da professora: — “A década de 1960 e 1970 é também uma década de outros movimentos sociais, como o movimento negro e LGBT, que também vinham se articulando. Essas mulheres negras vão começar a questionar que o feminismo não estava incluindo suas pautas no movimento, há coisas que eram possíveis agregar, mas tem outras que essa discursão que as mulheres brancas estavam colocando, não dava conta das demandas das mulheres negras”.

Desde modo, por compreender as injustiças que estas mulheres sofreram ao longo da história, enfatizamos a relevância da inseparabilidade do debate de gênero e raça neste estudo. Para isso, nos inspiramos no conceito da interseccionalidade, que “surge da crítica feminista negra às leis antidiscriminação subscrita às vítimas do racismo patriarcal” (AKOTIRENE, 2019, p. 18), que se propõe a entender como as diferentes categorias sociais (gênero, raça, classe, sexualidade etc) se encontram inter-relacionadas e de que forma esses marcadores se estruturam na vida dos sujeitos produzindo desigualdades e injustiças.

“A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (AKOTIRENE, 2019, p. 19), estruturas em que as mulheres negras são atingidas repetidas vezes “pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.” (AKOTIRENE, 2019, p. 19).

Nesta perspectiva, a professora Caroline destaca que: — “Hoje a gente se refere a ‘feminismos’ no plural, que é onde há uma diversidade, uma interseccionalidade, pois existe uma série de grupos que vão surgindo em torno de diferentes demandas indenitárias e subjetivas”.

No que diz respeito à compressão do conceito de gênero, ao citar Joan Scott, Caroline enfatizou que: — “Gênero é uma categoria relacional, que reconhece a diferença entre homens e mulheres, mas que também reconhece que essa diferença é historicamente, socialmente e culturalmente construída. E assim como ela foi construída, ela pode ser desconstruída”.

Neste sentido, como bem evidenciou Scott (1995, p. 86), “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e [...] é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Relações estas que foram sendo construídas ao longo do tempo, em diversas sociedades, atribuindo papéis sociais de gênero aos sexos, e por consequência, distinguindo mulheres de homens.

Para uma compreensão mais ampla sobre o conceito de gênero, Louro (1995) aponta que:

[...] exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são “generificadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a idéia de formação, socialização ou educação dos sujeitos. (LOURO, 1995, p. 103).

Desta maneira, podemos perceber que as construções de gênero imbricadas no cotidiano escolar, nas relações interpessoais, na educação familiar, assim como, nas demais instituições políticas e sociais das diferentes sociedades, perpassam por toda uma moldura normativa, que produzem desigualdades e reverberam-se em pequenos e grandes aspectos da vida, como: o

que vestir, posturas frente aos relacionamentos, expressão dos corpos, profissão a seguir, entre outras questões.

Ademais, a partir das discussões de gênero fortaleceram-se muitas produções e teorias comprometidas a pensar sobre as sexualidades, e que de alguma maneira, ajudam a produzir um alargamento do debate de gênero e o reconhecimento das identidades, que estão para além deste binarismo que atravessa a nossa história, pensados pelas noções do ser homem e ser mulher, atrelado a ideia da sexualidade ancorada no modelo cisheteronormativo.

A orientadora deste subprojeto, Ana Lúcia Gomes da Silva, conclui a contextualização iniciada pontuando os elementos cruciais tecidos pela professora Caroline Santos. Ela percebe os saltos que o debate de gênero teve ao longo da história, o que ela vai chamar de “guinadas epistemológicas”, ou seja, — “o conjunto de teorias que nos ajudam a ler e compreender os contextos, ler as mulheres e suas lutas” (Orientadora).

Outro ponto que ela chama atenção é para as lacunas a respeito da história das mulheres e para a escassez nas fontes históricas, pois estes sujeitos foram apagados da história, assim, para se falar e traçar uma trajetória sobre as mulheres, todas as pesquisas se deparavam com dificuldades e validavam-se a partir cadernos, diários, objetos, sobretudo, documentos pessoais.

Para mais, Ana Lúcia reforçou a narrativa sobre os feminismos (no plural) e o quanto a luta avançou, principalmente, a luta das mulheres negras: — “A gente chega à contemporaneidade com o Feminismos Plurais[2] e vamos vendo como as mulheres negras perceberam que o feminismo branco, sobretudo, da academia, não dava conta de falar sobre elas, porque o feminismo não nasce na academia, é um movimento de luta política histórica de mulheres. Portanto, quem forja os movimentos sociais é a militância, essencialmente, das mulheres negras, mulheres do campo, mulheres idosas, quilombolas, sapatão, entre outras. [...] Com o salto dos Estudos Culturais, para pensar outros sujeitos, outras narrativas, foi possível reivindicar que sujeitos de direitos pudessem dizer sobre si e por si”.

No que tange a inserção do debate de gênero na sala de aula, Raquel (professora) ressalta sobre as dificuldades que professoras e professores encontram no ensino e na aprendizagem, a respeito das limitações e lacunas da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Tais (professora) comenta a fala anterior e enfatiza que os alunos estão inseridos nesse modelo patriarcal, e a discussão de gênero no currículo é fundamental para que o tema seja tratado de forma direta e responsável, no sentido de quebrar desigualdades e violências de gênero, começando pela educação escolar.

Em seguida, Júlia (professora) trouxe uma narrativa sobre sua afilhada, menina trans, que era perseguida e vítima de uma série de preconceitos dentro da escola em que ela estudava. Ela narra que quando os meninos demonstravam algum interesse por ela, eles a tratavam como um objeto descartável, ou seja, o fato de desejá-la era lido como um favor que eles estavam fazendo para essa jovem.

— “Homens e mulheres oprimidos, sendo objetos. Opressão que vai sendo reproduzida, e

quando esse indivíduo oprimido tenta reagir de alguma forma, ele é machucado ainda mais, é lembrado do seu lugar. Assim como nós mulher, quando tentamos nos colocar, somos lembradas do nosso lugar” (Tais).

A professora Tais ainda compartilhou angústias sobre um relacionamento abusivo do seu passado, sobre traumas e processos de cura, pois o Ateliê nos afeta, e somos afetadas pelas trocas a partir das experiências narradas e pelo movimento de empatia construído ao longo dos ciclos, que nos permite acolher e con(fiar), como nos ensinam Sade et al (2013) sobre o *ethos* da confiança na pesquisa cartográfica:

O *ethos* da confiança, no sentido pragmático com o qual trabalhamos, possibilita performatizar e ressaltar a inseparabilidade dos aspectos éticos e metodológicos na pesquisa cartográfica. A construção do dispositivo de pesquisa no método cartográfico tem como objetivo operar movimentos de alterização que abram caminho para redistribuições e novas configurações nas capacidades de ação e intervenção. Isso é importante não só no que diz respeito aos resultados da pesquisa, mas também (indissociavelmente) no que concerne ao próprio processo de realização desta. Os participantes da pesquisa não são apenas o alvo passivo das intervenções do pesquisador. A mudança de nomenclatura, já que falamos em participante e não mais em sujeito (anônimo) de pesquisa, não é gratuita, pois implica que o dispositivo com o qual se trabalha abra espaço para que este possa indicar quais as questões importantes a serem colocadas para ele, podendo, então, assumir um lugar de coautoria na produção de conhecimento. Dessa forma, o encaminhamento dos problemas trabalhados deve responder não só aos interesses do pesquisador, mas também ser capaz de tornar os participantes interessados e confiantes no processo, permitindo que assumam voz e participação. (SADE et al, 2013, p. 294).

Ao retomar a discussão sobre gênero na sala de aula, a professora Caroline falou sobre a sua experiência, atualmente na Educação Básica, com a disciplina de História. Ela discorre que estava trabalhando com a turma a respeito do processo de instituição do Estado brasileiro e ficou muito surpresa quando se deparou com o livro didático, pois primeiras páginas do capítulo do referido assunto eram todas sobre a história das mulheres no Brasil.

— “Estava falando sobre Joana D’Arc e sobre algumas mulheres na História que se vestiram de homens para lutar nas guerras. Um aluno perguntou se elas eram “sapatão”, e em seguida, uma aluna falou que ela tinha duas mães. Esse é o momento que você para e pensa sobre a necessidade de falar sobre o tema, e como trabalhar essas temáticas no Ensino de História” (Caroline). Com isso, ela chama atenção para as práticas pedagógicas e as possibilidades de burlar as normas e transgredir o que está posto no currículo nacional.

A orientadora Ana Lúcia reafirma a importância de transpor o currículo e ressalta que as professoras/es fazem isso cotidianamente. — “Educar para além do prescrito, para além de uma narrativa homogeneizadora de documentos e legislações. Nós fazemos as revoluções silenciosas em sala de aula, com práticas pedagógicas que são transgressoras”.

Deste modo, refletir sobre gênero no currículo, sobretudo, para o ensino de história é de suma

importância para que se possam traçar rotas de superação das opressões e desigualdades existentes na contemporaneidade e que permeiam o âmbito da escola. Santos (2018) reforça:

A escola, dessa forma, necessita em caráter de urgência, trazer para si a responsabilidade de incorporar em seu currículo as discussões relacionadas às questões de gênero. Discutir gênero na educação é extremamente necessário, pois, auxilia na desconstrução de preconceitos e estereótipos, além de significar um importante passo na busca por equidade entre os sujeitos que se fazem presentes no espaço escolar. A problematização das relações de gênero pode aguçar olhares e sensibilidades para compreender, sem hierarquizar as diferenças existentes dentro da escola. (SANTOS, 2018, p. 26-27).

No 4º encontro, mais precisamente dia 22 de julho de 2020, foi realizada a socialização das narrativas considerando o debate anterior sobre gênero na sala de aula. As professoras colaboradoras teceram reflexões importantes sobre as práticas e experiências pedagógicas, percebendo a relevância dos Ateliês para sua formação.

Assim, no movimento de olhar para as práticas de forma individual, a professora Júlia iniciou o debate falando sobre as dificuldades de trabalhar gênero na sala de aula, sobretudo com crianças, por falta de formação a respeito do tema.

Desta maneira, quando surgiam situações e perguntas, como, por exemplo: — “Pró, porque o meu pai bate na minha mãe” (Júlia), ela não sabia como explicar o porquê isso acontecia. A forma que ela encontrou para tratar sobre a temática foi através da história e da literatura naquele momento, — “até porque não aparece essa abordagem no currículo, e quando aparece são aspectos mais voltados para o biológico, corpo de menina e corpo de menino”.

Outra experiência que ela trouxe para a discussão foi a respeito das perguntas sobre sexo que emergem na sala de aula. Para conseguir dialogar com os alunos/as, ela elaborou uma dinâmica com caixa de perguntas anônimas, aberta para qualquer dúvida que eles tivessem. A professora narra que houve perguntas como: — “O que acontece se uma menina se relacionar com um homem casado? O que acontece se um menino se relacionar com outro menino?”. Ela chama atenção para a importância do diálogo consciente e responsável para com esses alunos/as, no sentido de orientar, pois essa aluna (que possivelmente fez a pergunta), adolescente, poderia até mesmo estar sofrendo abuso por parte de um homem adulto.

Em seguida, as professoras ressaltaram a importância de chamar os homens para o debate, pois falar de gênero não é só falar de mulheres, é uma categoria relacional, em que ambos precisam estar nesse processo de des(construção) das desigualdades. — “É no movimento coletivo e colaborativo que a gente se faz, e para isso, precisamos convidar os homens e mulheres para vir junto, para educar as crianças e nos reeducarmos” (Orientadora).

Ana Lúcia ainda enfatiza sobre a adesão para participar dos Ateliês, considerando a ampla divulgação em toda comunidade escolar e externa, convidando principalmente professores e professoras da Educação Básica, e nenhum homem aderiu à participação na pesquisa.

Após isso, a professora Paula trouxe também algumas experiências e reflexões como docente de história. Discorreu a respeito das lacunas na sua formação a respeito das abordagens de

gênero, e que ao olhar para sua prática no passado, percebe que em muitos momentos lidou com a temática de forma muito intuitiva a partir dos conteúdos que eram trabalhados em sala.

— “Por exemplo, se eu fosse trabalhar com Era Vargas, dentro deste contexto a gente podia abordar a luta pelo voto feminino, apesar dos poucos textos e livros, era possível fazer um destaque maior sobre isso. Se estudássemos sobre a Primeira Guerra Mundial, podíamos falar sobre a participação das mulheres na guerra e como elas se lançaram ao mercado de trabalho. Dentro destas perspectivas que eu conseguia trabalhar sobre gênero na disciplina de história” (Paula).

Além disto, ela narrou que hoje existem mais possibilidades, o cenário de pesquisas são mais amplas, e com isso, há mais recursos para se trabalhar na sala de aula, através de filmes, documentários, pequenos textos, notícias, músicas, além dos projetos que são realizados na escola.

No que diz respeito aos recursos didáticos utilizados nas práticas das professoras ao abordar a temática de gênero na sala de aula, essencialmente, nas aulas de história, devido ao atual contexto pandêmico, não foi possível realizar as observações presenciais como planejado. Logo, o mapeamento se deu a partir das narrativas das professoras no decorrer dos Ateliês. Abaixo, segue o quadro com os principais recursos identificados através das narrativas ao longo dos Ateliês realizados pelas docentes:

Quadro 4: Recursos didáticos mais utilizados pelas professoras

Recursos citados	Ensino de História
Filmes	x
Livro didático	x
Literatura	x
Jornais	x
Dinâmicas	
Músicas	x

Fonte: elaboração da autora (2020)

[1] Possui graduação em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (2008), mestrado em História pela Universidade Federal da Bahia (2011) e doutorado em História da UFSC pela Universidade Federal de Santa Catarina (2017). Atualmente é professora substituta da Universidade do Estado da Bahia. Tem experiência na área de História, com ênfase em Estudos relacionados à História da Medicina, Mulher e literatura, Literatura infantil. Também compõe o GT de gênero- ANPUH/BA.

[2]A Coleção Feminismos Plurais, coordenada por Djamilia Ribeiro, tem como objetivo à disseminação de conteúdo crítico e reflexivo produzido por pessoas negras, sobretudo mulheres, a preço acessível e linguagem didática, como forma de construir instrumentais para compreender a realidade e debates profundos no país.

Conclusões:

DIÁRIO DE BORDO: CARTOGRAFIAS DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

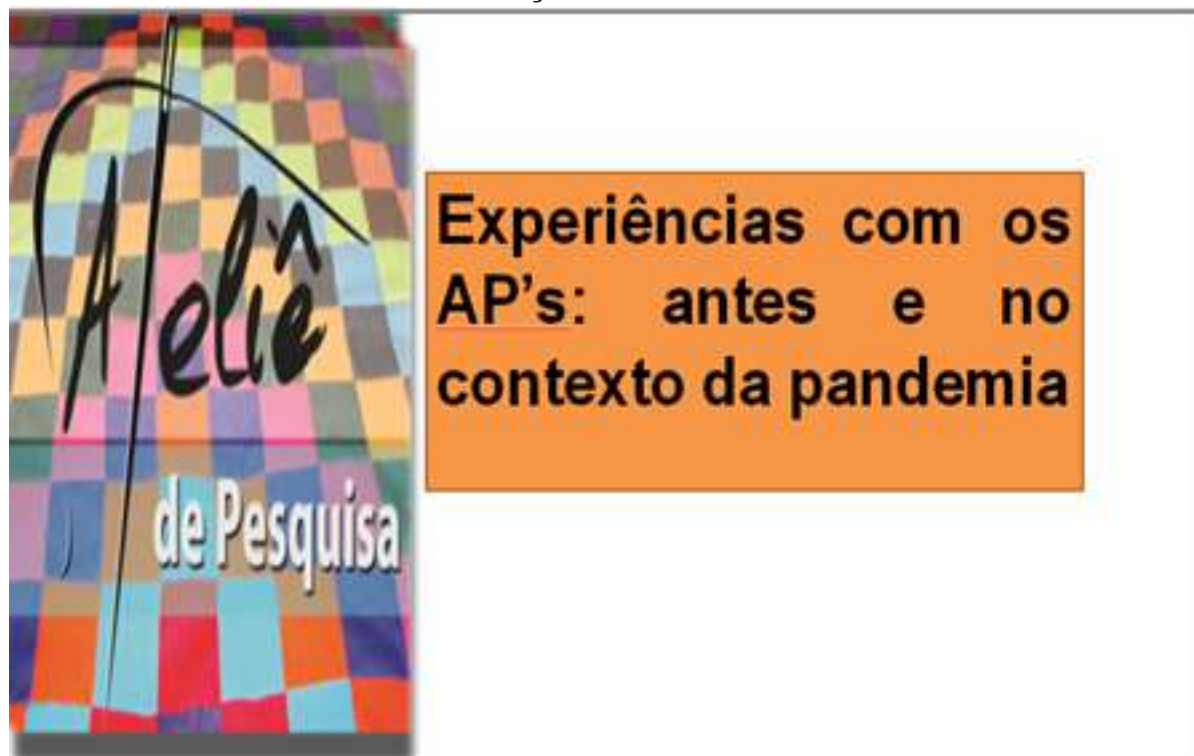
Assim, com o intuito de refletirmos sobre as principais pistas que emergem deste estudo investigativo, é necessário trazer as narrativas escritas pelas docentes colaboradoras dos Ateliês de Pesquisa, através do dispositivo de Diário de Bordo. A partir dessas narrativas foi possível perceber as contribuições dos Ateliês como dispositivo formativo e auto formativo.

A partir das reflexões produzidas no diário de bordo da Profª Ana Lúcia Gomes, pesquisadora e orientadora dos subprojetos, foram organizadas pistas para orientar a criação das narrativas cartográficas, considerando as especificidades do método da cartografia e do dispositivo de diário de bordo. Tais pistas são importantes norteadoras, pois orientam o percurso a ser tomado diante dos diversos caminhos que são criadas com o coletivo, considerando que pesquisar é: “ir conectando-se com a dispersão dos acontecimentos em suas múltiplas direções, cartografando os movimentos que ali se afirmam; é abrir-se para o inusitado, desviar-se, surpreender e desconhecer [...]” (ARAGÃO, BARROS e OLIVEIRA, 2005, p. 25).

PISTAS PARA A PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS


Diário de bordo da Profª Ana Lúcia Gomes da Silva (orientadora):

IMAGEM 5: PISTAS PARA PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS:



Fonte: elaboração da orientadora (2020)

IMAGEM 6: PISTAS PARA PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS:




O que temos aprendido com os Ateliês?

- Novos modos de habitar a docência – movimento de estar-se docente **sempre em devir**;
- Implicações das identidades docente para o seu desenvolvimento profissional;
- Condições de trabalho;
- Dimensão política da docência;

Fonte: elaboração da orientadora (2020)

IMAGEM 7: PISTAS PARA PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS:



- As práticas pedagógicas no contexto escolar – **escola como locus da formação**;
- **Universidade e educação básica** em rede colaborativa na tessitura da formação docente;
- As práticas pedagógicas requerem **ações interventivas** pois a docência é uma prática social;

Fonte: elaboração da orientadora (2020)

IMAGEM 8: PISTAS PARA PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS:



- Requer das docentes ação verdadeiramente educativa, cujas aprendizagens e ensinagens visem uma formação integral e integrada de seres humanos, a fim de contribuir para serem menos dóceis e disciplinados; como sujeitos de direito que se expressam com suas diferenças;

Fonte: elaboração da orientadora (2020)

IMAGEM 9: PISTAS PARA PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS:



- Imersão na experiência - **Narrar sua prática e realizar a reflexividade da mesma;**
- **Sair de si** para vivenciar a experiência **com o outro num movimento colaborativo** em que a **circularidade** seja a centralidade;
- **Pesquisa-intervenção** com um mergulho na experiência das docentes e nas demandas da escola;
- Plano **coletivo** heterogêneo;
- Respostas à pluralidade;

Fonte: elaboração da orientadora (2020)

IMAGEM 10: PISTAS PARA PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS:



- Experiência que transcende para a reflexão da prática – conhecimento pedagógico da prática e os saberes docentes;
- Mobiliza, transforma, relendo a narrativa para **observar o que a prática está comunicando**; quais aprendizagens suscitaram; [quais contornos teóricos ajudaram na reflexão?]
- Escrita autoral – teoria encarnada e implicada na experiência relatada- **o que fiz, o que posso alterar**, na minha prática;

Fonte: elaboração da orientadora (2020)

IMAGEM 11: PISTAS PARA PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS:



Ao trabalhar com a **diversidade** somos interpelados a mobilizar **diferentes competências** que envolvem:

-  Saberes;
-  Cognição;
-  Criatividade;
-  Sensibilidade;
-  Afetividade;

Fonte: elaboração da orientadora (2020)

IMAGEM 12: PISTAS PARA PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS:



Fonte: elaboração da orientadora (2020)

Nesta perspectiva, as narrativas e reflexões tecidas pelas docentes no decorrer dos Ateliês, possibilitam o diálogo entre o dispositivo do Diário de Bordo e o método da cartografia. Desta forma, no terceiro encontro foi solicitado que as professoras realizassem a escrita do diário a partir das discussões, textos e vídeos. Para isso, foram sugeridas algumas questões norteadoras:

- **Quais eram suas percepções sobre a abordagem de gênero na sala de aula antes do Ateliê de pesquisa? E após o Ateliê?**
- **Por que é importante falar sobre gênero?**
- **Como sua prática pedagógica contribui para a liberdade dos gêneros em sala de aula?**

Além disto, devido à situação pandêmica já citada e, levando em consideração as diversas possibilidades tecnológicas que podem ser utilizadas como ferramenta de construção de trabalhos, informação, comunicação etc, as professoras puderam escolher por quais meios elas iriam utilizar para a produção e socialização das suas escritas: fotografias de cartazes, textos via e-mail ou *whatsapp*, vídeos, nuvem de palavras[1], entre outros.

As narrativas elaboradas serão apresentadas a seguir:

[1]As nuvens de palavras foram elaboradas utilizando o *wordle* que é uma ferramenta online que permite a criação de nuvens de palavras, ou formas compostas de palavras, a partir de algum texto. Pra saber mais consultar: <http://www.wordle.net/create>.

IMAGEM 13 – NUVEM DE PALAVRAS:



Fonte: Elaboração das docentes (2020).

As nuvens de palavras são uma sintetização das professoras colaboradoras da pesquisa em relação aos Ciclos de Formação e os sentidos dos Ateliês de pesquisa, no qual o coletivo de modo autoral refletiram suas práticas pedagógicas em contextos de diversidade, como indicam as palavras em destaque, o respeito, o acolhimento, a cartografia e o o ethos da confiança, como as mais citadas pelas docentes.

IMAGEM 14 – NUVEM DE PALAVRAS:



Fonte: Elaboração das docentes (2020).

1º Diário de bordo de Paula (nome fictício):

Formação, Prática e Reflexão

Vou começar falando **de formação**...em minha graduação não estudei componentes para a

Cód. de Validação: 313A.5E14.233F.9E0E

Docência e Diversidade, as questões de gênero e relações étnico raciais não faziam parte dos debates acadêmicos na formação de professores na década de 90. Então, falando de minha **prática** no ensino de História, acerca dos temas específicos, que é a abordagem sobre gênero, acontecia intuitivamente sempre procurando destacar, de alguma forma a presença figura feminina na história, já que sempre foi invisibilizada. Por exemplo: ao trabalhar Era Vargas, procurava abordar a conquista do voto feminino, a Primeira Guerra, a participação da mulher na Guerra, na escolha e análise de filmes, projeto de cinema e história

No Ensino Fundamental era mais difícil ainda, desenvolver discussões de gênero, atualmente, já trabalhamos com textos, complementares com discussões de acontecimentos atuais, que envolvem discriminação, opressão e violência de gênero, fazendo links com a história. No colégio de Ensino Médio, por meio de fóruns, é possível abordar temas mais amplos, como feminismo, feminicídio, violência de gênero, gênero e sexualidade, envolvendo outros componentes curriculares. Mas enfrentamos muitos desafios, à exemplo, das reações resistentes dos alunos(homens).

Após o mestrado, já elaboro algumas atividades, com vídeos, textos, as vezes dentro de um projeto ou nas aulas das unidades. É algo que precisa **ser refletido**, debatido, tencionado e posto em nossos planejamentos e em nossas práticas pedagógicas.

IMAGEM 15 – Cartografia de Paula (Nome fictício):



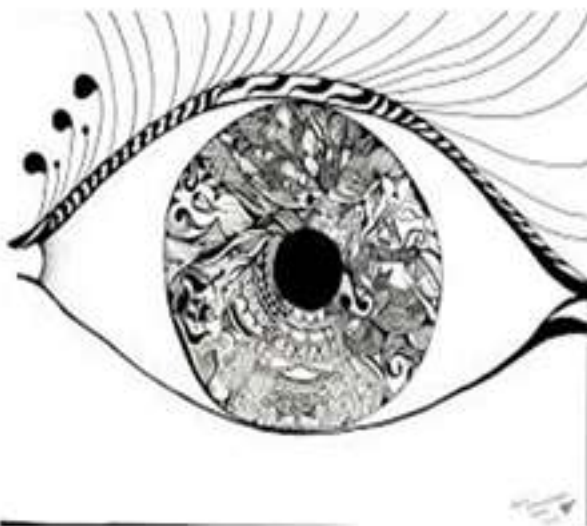
Fonte: Registro da Autora (2020).

IMAGEM 16 – Cartografia de Raquel (Nome fictício):



Fonte: Registro da Autora (2020).

IMAGENS 17, 18 e 19 – Cartografia de Rita (Nome fictício):



Essa imagem representa a mudança que o ciclo de formação trouxe para minha vida. O ethos da confiança no ateliê de pesquisa desse ciclo de formação, possibilitou enxergar as Diversidades e Potencializar as diversas formas de Linguagens, Criticidade e Criatividade. Estar na docência é reconhecer o papel do ofício e fazer a diferença na vida do outro a partir da pedagogia do Amor. Cartografar é sentir, tocar e ver o outro na sua singularidade.



Ciclos de Formação:
Profissão Docente em
contextos de Diversidade



“Aprendo contigo mas você pensa que eu aprendi com tuas lições, pois não foi, aprendi o que você nem sonhava em me ensinar” (p.177).

(Poema do livro dos prazeres de Clarice Lispector de 1960)

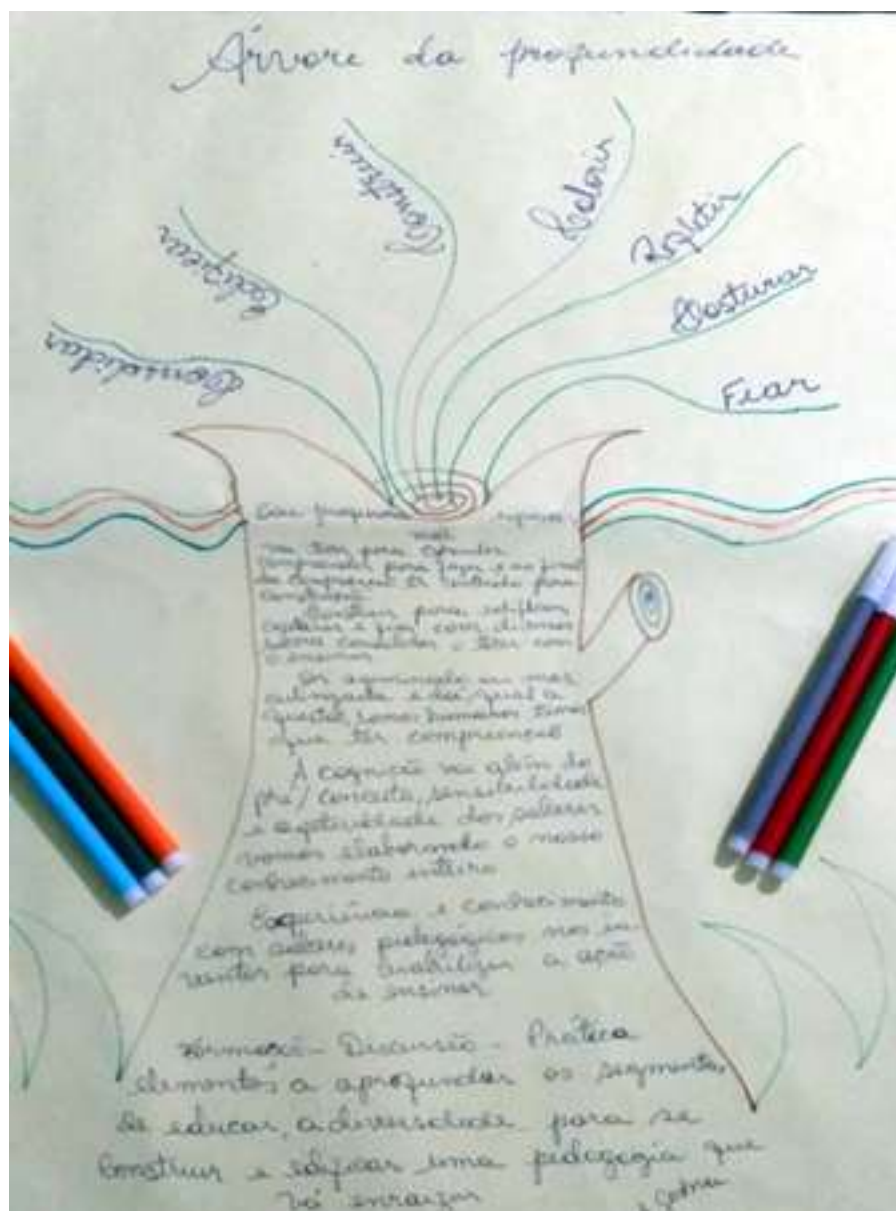


Na certeza de que os ciclos de formação trouxe nova performance de olhar e enxergar o outro na sua singularidade fui surpreendida com um relato de uma aluno conforme imagem. Em uma atividade remota o aluno confessou ser bissexual e pude dar apoio através de áudio e mostrar acessibilidade para lhe passar confiança e credibilidade. Essa atitude só foi possível pós os ciclos de formação onde aprendi muito sobre as diferenças de Raça, Gênero, Sexualidade e Diversidade.

F

Fonte: Registro da Autora (2020).

IMAGEM 20 – Cartografia de Tássia e Tamires (Nomes fictícios):



Fonte: Registro da Autora (2020).

[1]As nuvens de palavras foram elaboradas utilizando o *wordle* que é uma ferramenta online que permite a criação de nuvens de palavras, ou formas compostas de palavras, a partir de algum texto. Pra saber mais consultar: <http://www.wordle.net/create>.

Referências Bibliográficas e outras:

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

ALVES, Nilda. **A experiência da diversidade no cotidiano e suas consequências na formação de professores.** In: VICTORIO FILHO, Aldo; MONTEIRO, Solange. (org.). Cultura e conhecimento de professores. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 13-30.

ARAGÃO, Elisabeth Maria; BARROS, Maria Elisabeth Barros de; OLIVEIRA, Sonia Pinto de. Cód. de Validação: 313A.5E14.233F.9E0E

- Falando de metodologia de pesquisa.** Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, ano 5, N.2, 2005.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, vol.1. São Paulo: Editora 34, 2011, 2 ed. 128 p.
- FELIZARDO, Sara Menezes. **As mulheres na História dos livros didáticos de história de Ensino Fundamental II das escolas municipais de Cruz das Almas/BA.** 2018. 126f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018.
- GALVÃO, T.F; PEREIRA, M. G. **Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração.** Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 23, p. 183-184, 2014.
- KASTRUP, Virgínia; PASSOS Eduardo. **Cartografar é traçar um plano comum.** *Fractal. Revista de psicologia.* V. 25- n 2.p. 263-280. Maio/agosto. 2013.
- LOURO, G. **Gênero, História e Educação: construção e desconstrução.** Educação e Realidade. Vol.20 (2), jul/dez. 1995 p. 101-132.
- OLIVEIRA, Thiago Ranniery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. **Mapas, danças, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação.** *Pro-Posições.* v. 23, n. 3 (69) .P. 159-178 set./dez. 2012 175
- RIOS, Ádina Nunes; SILVA, Ana Lúcia Gomes; SALVADORI, Juliana. Cartografias iniciais da prática Pedagógica no processo de construção Identitária do sujeito surdo. In: MARAUX, Amélia Tereza; OLIVEIRA, Iris Verena; SILVA, Marta Enéas (org.). Série **Ações afirmativas: educação e direitos humanos: Diferenças e práticas formativas.** v. 1. Salvador: EDUNEB, 2019. ISBN: 978-85-85813-31-4.
- SADE, Christian;FERRAZ, Gustavo CruzandROCHA, Jerusa Machado.**O ethos da confiança na pesquisa cartográfica:experiência compartilhada e aumento da potência de agir.***Fractal, Rev. Psicol.* 2013, vol.25, n.2, p.281-298.
- SANTOS, Edméa. CAPUTO, Stela Guedes. **Diário de Pesquisa na cibercultura: Narrativas multirreferenciais com os cotidianos.** Rio de Janeiro: Omodê, 2018.
- SANTOS, Eline de Oliveira. **A mulher negra na EJA: reflexões sobre ensino de história e consciência histórica.** 2018. 165f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.
- SILVA, Ana Lúcia Gomes da; COSTA, Váldina Gonçalves da; PEREIRA, Diego Carlos. **Formação de professores/as- pesquisadores/as: contribuições e implicações do método cartográfico para as pesquisas em educação.** *Revista de Educação, Ciência e Cultura.* Programa de Pós-graduação em Educação do Rio Grande do Sul. Canoas, RS: Editora

UNILASALLE, 2018.

TAVARES, Eleuza Diana Almeida. ***Currículo de história do ensino médio: a prática do professor***. 2015. 156f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista - BA, 2015.

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CIENTÍFICOS, TECNOLÓGICOS OU DE INOVAÇÃO

Evento	Data	Apresentação de
SEMET	14/08/2019	Sim
EBEL	14/11/2019	Sim

ANÁLISE DE DESEMPENHO DO BOLSISTA

Critério	Avaliação
Qualidade do trabalho: Considerar a qualidade do trabalho, tendo em vista as condições oferecidas.	Acima das Expectativas
Desempenho: Esforço revelado para aprender, a partir de indagações e dúvidas apresentadas	Correspondeu as Expectativas
Assiduidade: Cumprimento do plano de trabalho com dedicação e zelo.	Correspondeu as Expectativas
Rendimento: Considerar o cumprimento do plano de trabalho de acordo com os prazos estabelecidos.	Correspondeu as Expectativas

OBSERVAÇÕES DO ORIENTADOR

De modo geral demonstrou ao longo do processo de pesquisa melhoria na escrita a análise dos dados. Destaco ainda que melhorou a timidez ao final do percurso entre orientadora e equipe de colaboradoras da pesquisa, dando um salto qualitativo quanto às argumentações e reflexões teórico-metodológicas no coletivo, nas realizações dos Ateliês de Pesquisa. Ao ser solicitado pelo grupo era sempre solidária nas atividades realizadas. Precisa demonstrar maior interesse e para participação em eventos e no grupo de pesquisa Difeba.

AVALIAÇÃO DO ALUNO EM RELAÇÃO AO PIBIC

Excelente!

PARECER FINAL DO ORIENTADOR

() Aprovado sem modificações Aprovado com modificações () Reprovado

Local: _____

Data: _____

Declaro estar ciente e concordar, para todos os efeitos legais, com as informações contidas neste relatório.

Assinatura do(a) Orientador(a)

Assinatura do(a) Bolsista

Assinatura da Coordenação PIBIC